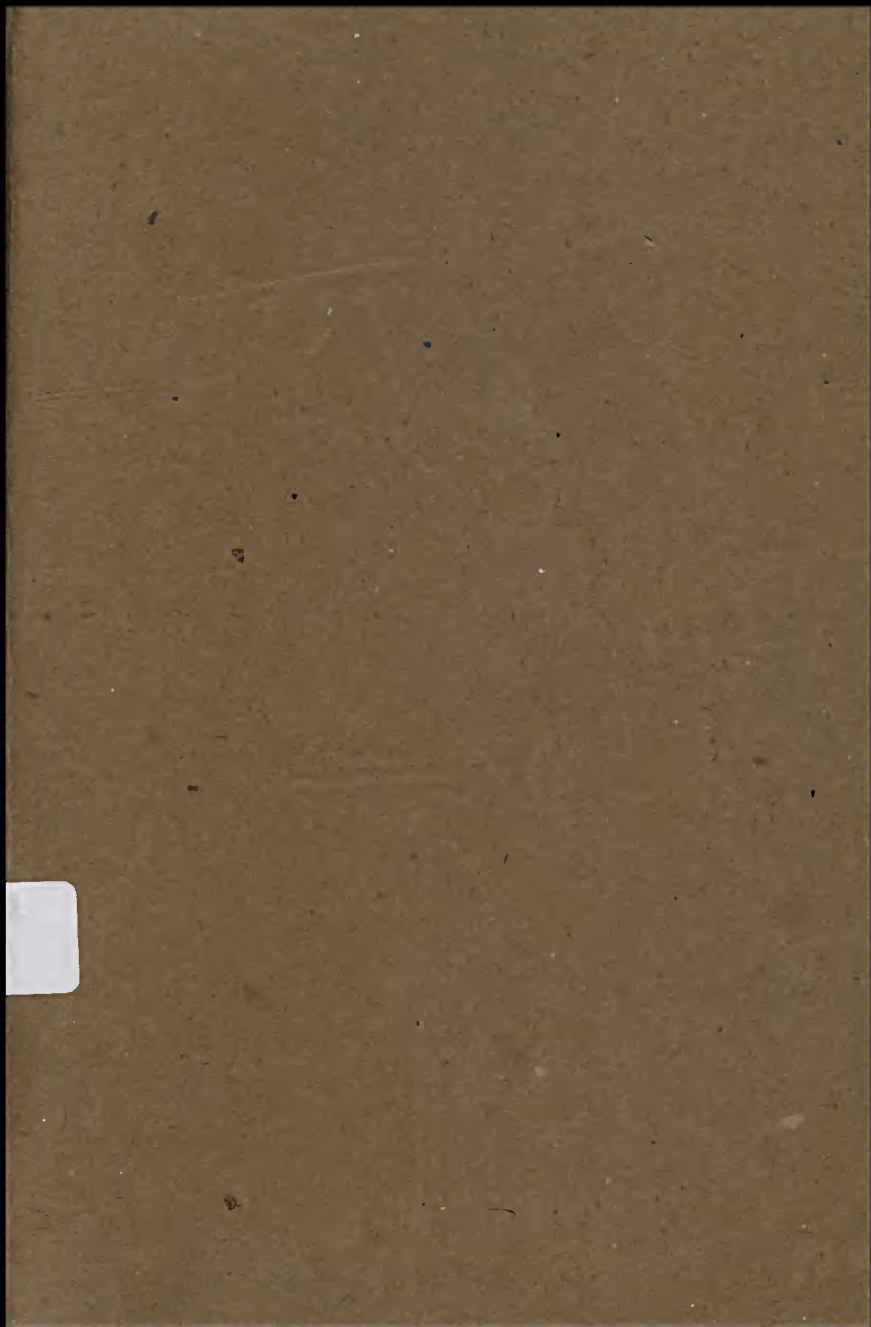
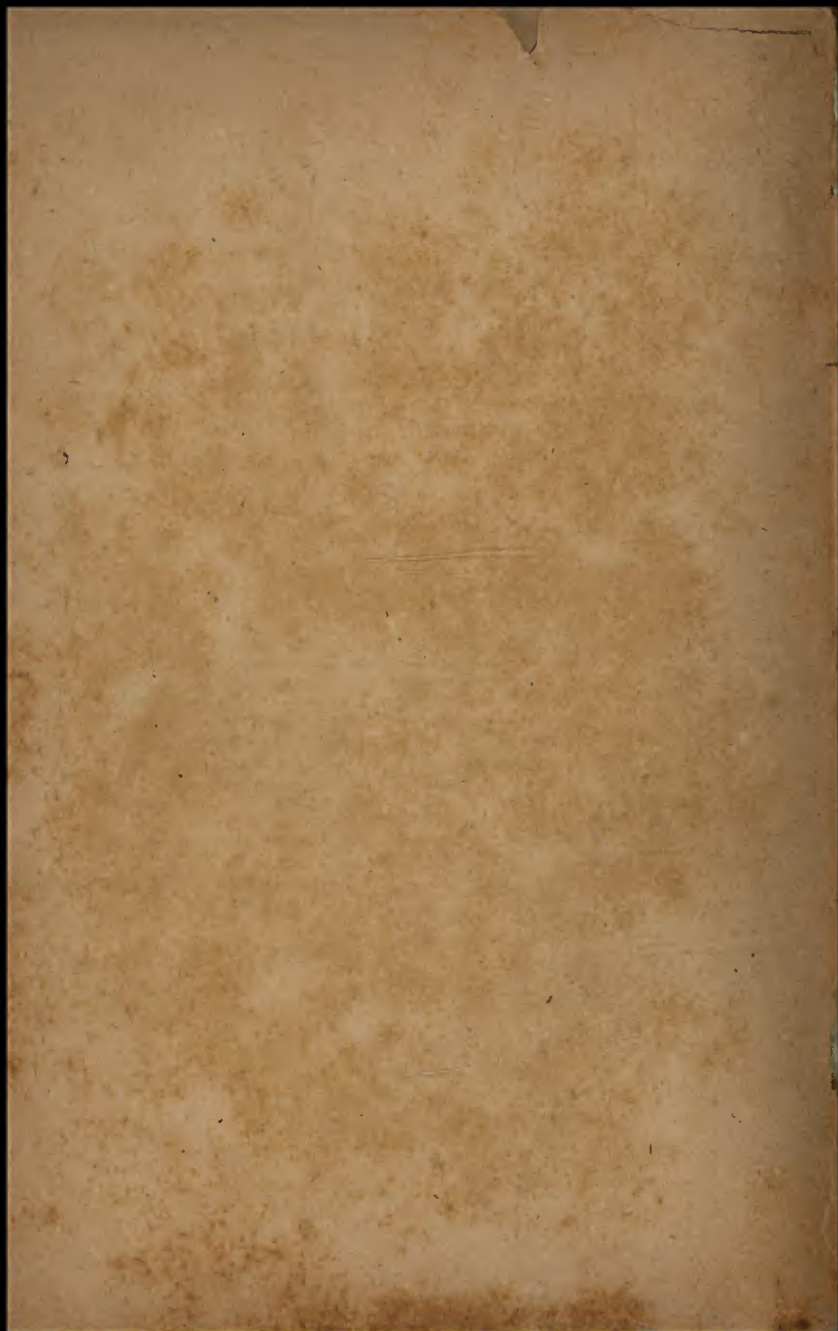






APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por princípio, e a *Ó*rdem por base;
O Progréssô por fim.

Viver para outrem.

Viver às claras.

O Culto Católico

REFLESSÔES POZITIVISTAS SOBRE O CULTO CATÓLICO, CONSIDERADO COMO
O HERDEIRO DAS RELIGIÕES ANTERIORES PELA ADORAÇÃO DO

REDENTOR

e precursor imediato da

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

pela adoração da

VIRGEM-MÃI

por R. TEIXEIRA MENDES

Lembrança preciosa da minha mocidade, compa-
nheiro e guia das horas santas que soarão para mim,
evôca sempre a meu coração as cerimônias grandes e
suaves da Capéla do Convento!...

(Inscrição de CLOTILDE, em 1837, na *Journé
du Chrétien*, seu livro uzual na rua Barbette.)

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar inti-
mamente ao Pozitivismo, com melhoramentos radicais,
tudo quanto o sistema católico da Idade-média pode
realizar ou siquer esboçar de grande e de térrno.

(*Correspondência Sagrada*, 32ª Carta, de
AUGUSTO COMTE a CLOTILDE.)

RIO DE JANEIRO

NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL

Templo da Humanidade

30, Rua Benjamin Constant, 30

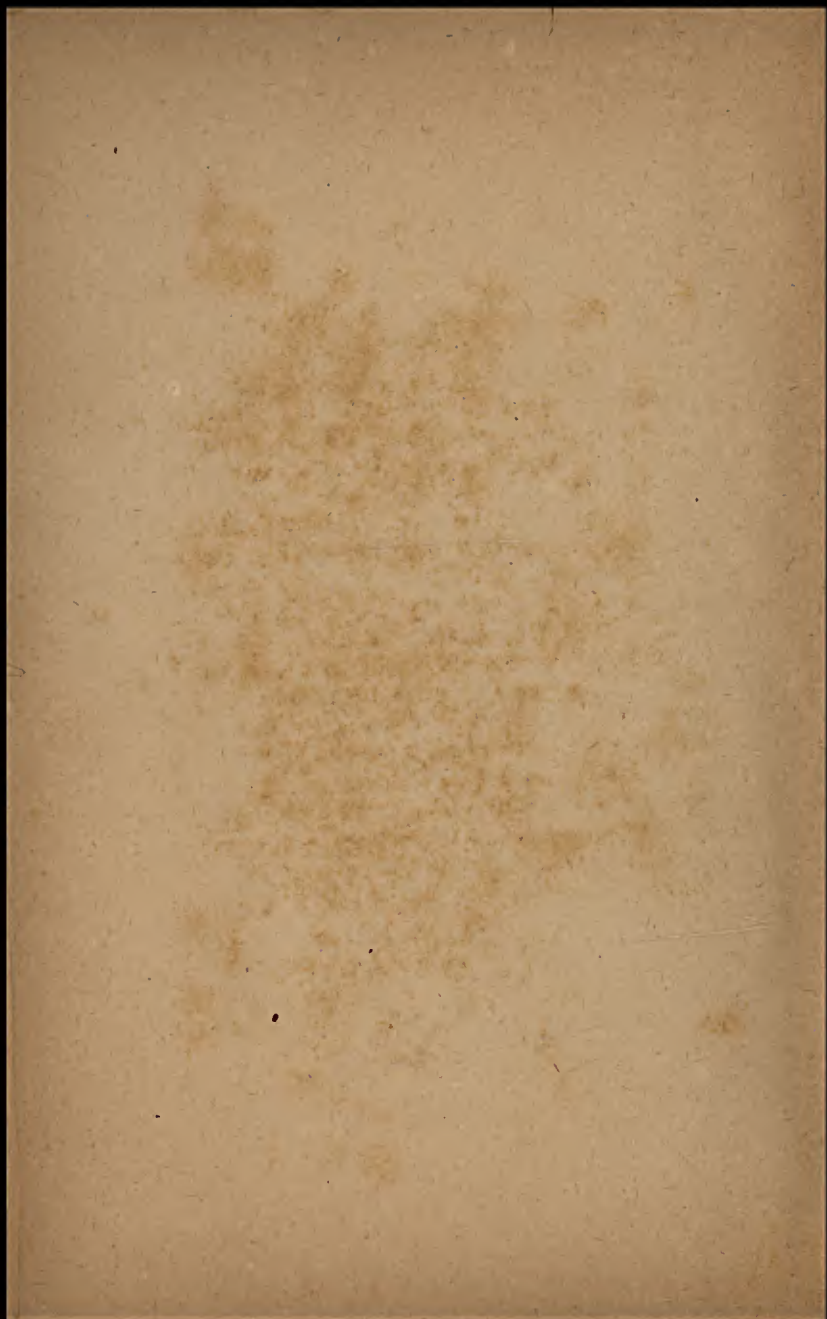
ABRIL DE 1903

Ano CXV da Revolução Franceza e XLIX da Éra Normal



Índice das matérias

	PAG.
ADVERTÊNCIA.....	VII
INTRODUÇÃO. — Considerações gerais acerca da evolução humana, no intuito de caracterizar o meio social em que surgiu o Catolicismo.....	1
CAP. I. — Reflexões acerca da fundação do Catolicismo por S. Paulo.....	15
CAP. II. — Reflexões sobre o culto e a liturgia. Indicação das práticas litúrgicas, politeicas e judaicas, anteriores ao Catolicismo. Origem fetichica dessas práticas. Instituição da Eucaristia.....	39
CAP. III. — Reflexões sobre a evolução da liturgia católica, desde S. Paulo até S. Gregório-Magno.	81
CAP. IV. — Reflexões acerca da liturgia sistematizada por S. Gregório-Magno: sua filiação aos ritos fetichicos, através das cerimônias politeístas e judaicas.	105
CAP. V. — Reflexões acerca do alcance religioso da Missa sistematizada por S. Gregório-Magno, e acerca da evolução da liturgia católica, desde então até hoje.....	119
CAP. VI. — Indicações cronológicas sobre o culto da Virgem-Mãe. Sua comparação com o do Redentor. Antecedentes romanos que prepararam o culto da Virgem-Mãe.....	131
CAP. VII. — Reflexões acerca do advento e surto do culto, do tipo místico de Maria até vir fundir-se na adoração da Humanidade e na utopia da Virgem-Mãe que resume o Positivismo.....	163
CONCLUSÃO. — Reflexões acerca das simpatias que o exame da liturgia católica deve despertar entre os católicos e os positivistas; luzes que tal exame pode fornecer para a instituição da liturgia positivista.....	185



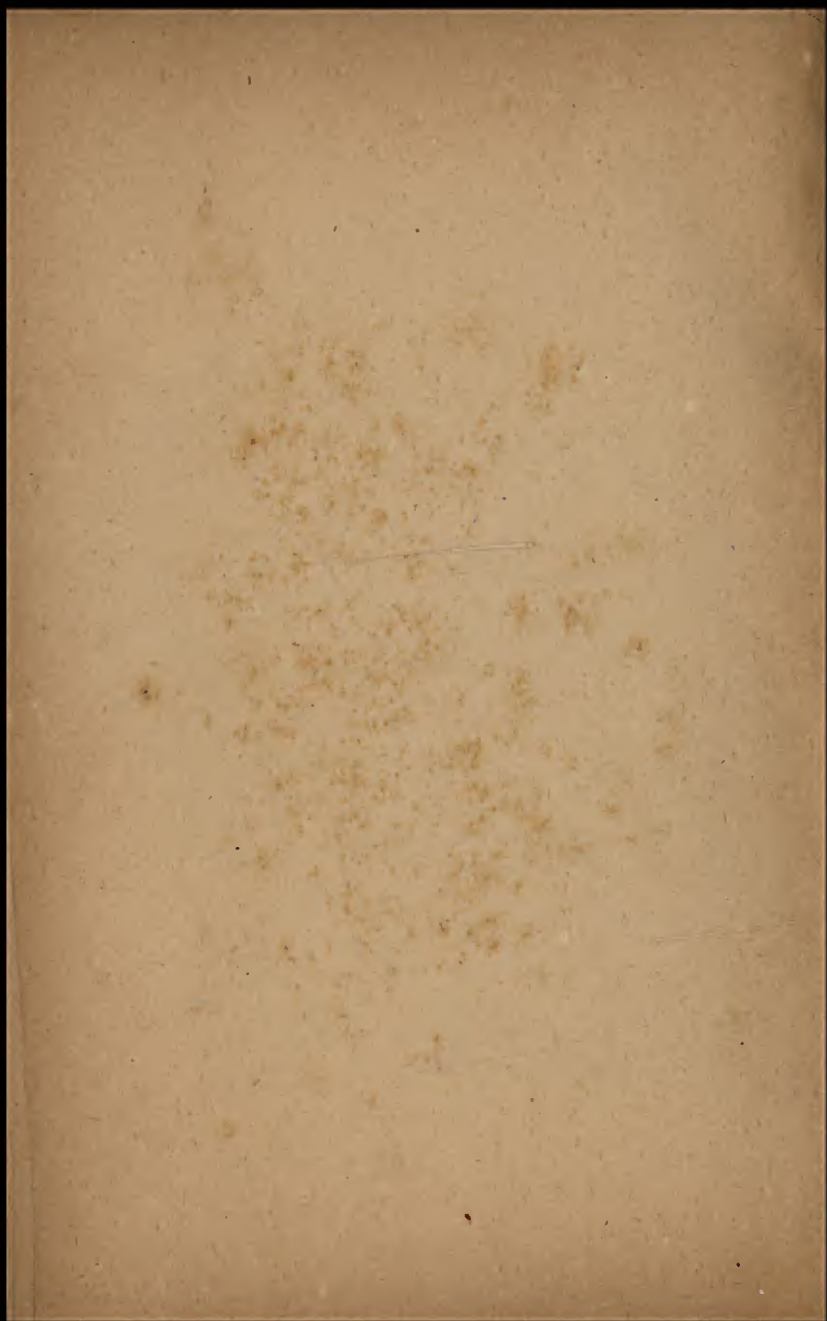
ADVERTÊNCIA

As palavras dos nossos santíssimos Pais-Espirituais, que tomámos para epígrafe do prezente opúsculo, assinalão bem o espírito com que ele foi escrito, em fins do ano 113 (1901). Hoje é ele publicado sem outra alteração essencial alem de algumas notas, ditadas pela mesma intenção. Consiste ésta em contribuir, quanto em nós está, para determinar o congraçamento das almas religiôzas, em geral, e especialmente dos católicos e pozitivistas, afim de se aussiliárem, por um acordo simpático, na reconstrução e desenvolvimento dos hábitos de cultura afetiva, instituídos pelo regímen mediêvo. Só o Amor inaugurou a existência social e moral, apesar das demazias do egoísmo, da cegueira de inteligência, e das rudezas da situação planetária. Só o Amor pôde hoje defender a Humanidade, livrándo-a da anarquia e da retrogradação geradas pela revólta do espírito contra o coração. Oxalá consiga a leitura destas páginas tornar semelhante convicção tão ativa quanto o ezlge a regeneração humana.

R. TEIXEIRA MENDES.
42, Rua Benjamin Constant.

Rio, 12 de Arquimédes de 115 (6 de Abril de 1903).





O Culto Católico

INTRODUÇÃO

Considerações gerais acerca da evolução humana,
no intuito de caracterizar o meio social em que
surgiu o Catolicismo.

A Humanidade desenvolveu-se espontaneamente durante séculos sem conta, entregando-se ao jogo natural das leis que lhe são peculiares, e das leis que lhe são comuns com a Terra. Foram os resultados, afetivos, intelectuais e práticos, adquiridos empiricamente durante esse período imemorial, que fornecerão os materiais da sistematização da existência moral e política. Essa sistematização chamou-se mais tarde *religião*, porque ela requer uma *dupla ligação*. Com efeito, «afim de constituir uma harmonia completa e durável, é preciso ligar o interior pelo *amor*, e religá-lo ao exterior pela *fé*. Tais são, em geral, as participações necessárias do coração e do espírito para com o estado sintético, individual ou coletivo.» (*Cat.*, pg. 39). Convém, entretanto, notar que esse estado religioso não começou com as coordenações da vida pessoal e social. Não se pôde conceber sequer a Humanidade fora de tal estado, pois que os homens nunca viverão isolados; eles formarão em todos os tempos Famílias, e as Famílias existirão, desde a mais remota antiguidade, reunidas em Cabilas mais ou menos vastas. As religiões não criarão, portanto, o fenómeno religioso, isto é, a existência social; elas a sistematizarão apenas, mantendo-a e desenvolvendo-a.

Isto posto, como as crenças traduzem todas as disposições interiores e todos os costumes, adquiriu-se o hábito de caracterizar pelo estado mental cada um dos períodos

pelos quais tem passado a civilização. Tomando esse atributo para base, o estado mais antigo da evolução humana é constituído pelo Fetichismo, isto é, por uma situação mental em que o homem não concebe coisa alguma além dos *corpos que o rodeião*, e aos quais atribui qualidades humanas. É por esse estado que vemos todos os dias as erianças encetarem a sua evolução intelectual. Antes de qualquer sistematização, a Humanidade contraíu sentimentos, opiniões, bem como formou projéctos para com os corpos que a rodeávão, emprestando-lhes os atributos que descobria em si mesma. A primeira sistematização da vida social coordenou a existência humana sem entrar com outros seres sinão os corpos que nos rodêião, sem conhecer que pudéssem existir *fenómenos* fóra dos seres, ou seres que não fôsssem accessíveis aos sentidos. A China nos atesta ainda hoje que imenso desenvolvimento moral e político pôde ser assegurado por semelhante estado mental.

« Porem, desde o fim da idade feticheica, individual ou colectiva, o surto teórico comêça a elevar-se do número à extensão. » (*Sint.*, pg. 258.) O passo inaugural nessa acenção foi constituído pela invenção da cúpola fictícia onde se supõe o Sol, a Lua, as Estrelas, o Relâmpago, o Raio, o Trovão, as Núvens, em summa, todos os fenômenos que estão fóra de nossa atinosfêra ou se pássão na sua região superior. Tal foi o gérmen da concepção do Espaço, isto é, de uma substância ideal destinada a servir de séde para todas as construções abstratas. Depois de tal eriação, a associação espontânea das imagens deixadas no cérebro pelo conjunto das impressões recebidas dos divêrsos corpos levou a Humanidade a conceber tipos a que nada correspondia no exterior. Em certas situações, essas imagens interiores puderão excepeionalmente adquirir a intensidade de impressões exteriores: fôrão as *aparicções*, as *vizões*. Desde então, ao lado das imagens dos corpos exteriores comêçarão a surgir no cérebro imagens misteriozas, por isso mesino que êrão excepeionais, que parecêião fugir quando se as queria contemplar. Fazendo a hipóteze mais simples, a Humanidade supôs que essas imagens correspondião realmente a entes exteriores dotados dos mesmos atributos humanos; e fôrão esses entes a que mais tarde se dêrão os nomes de Deuzes, anjos, gênios, junones, demônios, fadas, etc.

A princípio, esses novos entes tiveram um caráter subalterno no conjunto dos sentimentos, das concepções, e dos atos humanos. Porém, à medida que o desenvolvimento da civilização acarretou o acréscimo das aquisições abstratas, o número e a importância dos Deuses foi crescendo. Porque cada fenômeno cuja consideração isolada adquiria interesse pareceu tornar-se a atribuição especial de um certo Deus, cuja presença a manifestação do fenômeno servia para atestar. Era, pois, esse Deus a que se devia de preferência recorrer quando se desejava obter ou evitar o aparecimento do dito fenômeno. Foi assim que surgirão os deuses do Amor, da Coragem, da Guerra, da Felicidade, do Raio, da Fecundidade, etc. Tais foram as instituições que asseguraram o surto inicial da *razão abstrata*, permitindo pensar nos fenômenos em separado dos corpos. O Espaço, criado antes delas, as recebeu em seu seio, e estava destinado a sobreviver-lhes, como reservado a tornar-se a sede das leis científicas que caracterizam a ordem universal, isto é, a Fatalidade.

Por outro lado, o caráter subjetivo tornando as concepções abstratas acessíveis a todas as transformações solicitadas pelos sentimentos, os Deuses começaram a ser de preferência invocados. De fato, as modificações operadas nos Deuses, ou tudo quanto eles pareciam fazer, resultavam das disposições cerebrais do crente, das leis naturais, ou das ações humanas. Mas o crente não se dava conta de tal fenômeno e atribuía uma origem *objetiva* a entes e fatos que só existiam na sua imaginação. Sem embargo, cada um transmitia ingenuamente aos seus semelhantes toda essa vida subjetiva em cuja realidade objetiva acreditava; e as disposições de todos os contemporâneos sendo as mesmas, tais narrativas foram aceitas com tanto mais facilidade, quanto mais elas se adaptavam às necessidades morais e políticas do momento.

Tal foi a situação histórica que fez surgir o Teologismo, isto é, uma sistematização religiosa dando a preponderância social aos entes *sobrenaturais*. Na ocasião do seu advento, o Teologismo tomou a forma *politeísta*, isto é, a Humanidade concebeu o mundo como governado por Deuses em número indeterminado e mais ou menos independentes entre si. A esses Deuses atribuiu-se toda a atividade dos corpos; cada homem teve, pois, como tudo

mais, dentro de si, uma espécie de deus a que se denominou posteriormente a *alma*, o *espírito*, etc. Esse Politeísmo não rompeu com o Fetichismo que o precedera, e cujas instituições limitou-se a transformar, concebendo-as por outro modo. O culto dos Mortos, da Luz, do Fogo, do Céu, do Sol, da Lua, etc., são a prova desse respeito à *continuidade social*.

Antes de proseguir, demoremo-nos alguns instantes sobre a revolução social que o Politeísmo representa, e rellatamos no modo pelo qual ele sucedeu ao Fetichismo.

O caráter peculiar ao Politeísmo consiste na primazia sistemática que então adquirem os *tipos abstratos* sobre os *seres concretos*. Ora, essa primazia requer que cada erente supere habitualmente a preponderância espontânea dos seres concretos. Com efeito, é preciso então referir às imagens que só existem no cérebro tudo quanto se passa ao redor de nós, mau grado a intensidade e a vivacidade superiores das impressões objetivas. Semelhante predomínio da *idealidade* sobre a *realidade objetiva* não poderia ser obtida sem dar àquela, até certo ponto, os caracteres desta, isto é, sem *objetivar a idealidade*. Foi o que o sacerdócio primitivo conseguiu espontaneamente, instituindo as imagens plásticas dos Deuses ou ídolos. É provável que essas *imagens* dos Deuses tivessem sido uma imitação das *estátuas* dos antepassados mortos, instituídas pelo Fetichismo. Porque, si a natureza inteira é suposta possuir o conjunto dos atributos humanos, nada mais natural do que pensar-se que, reproduzindo a *forma* de um ente adorado, se teria reproduzido o conjunto das faculdades inerentes ao cadáver. Desde, portanto, que o progresso da indústria feminina levou a Mulher a instituir a arte cerâmica, o seu altruísmo lhe deve ter inspirado o projeto de ressuscitar, por assim dizer, os seus mortos queridos. Feita a estátua, só faltava fixar nela o *sopro da vida* para que ela se tornasse em tudo idêntica a um ente humano. Essa crença ingênua preparou espontaneamente as lendas teogônicas acerca da criação do homem.

Seja como for, as imagens dos deuses ou os *ídolos* viêrão tornar *familiar* ao mais vulgar dos crentes um culto que, em si mesmo, com o seu caráter de *pura abstração*, mal seria acessível aos grandes cérebros sacerdotais.

Para compreender bem o alcance desse culto dos *ídolos*

convenir notar que os nossos sentimentos não se ligão *diretamente* ao exterior. Tal ligação se opéra mediante as reacções dos órgãos do caráter e dos órgãos da inteligência sobre os órgãos afetivos, conforme o indica a lei: as imagens e os géstos despertão os sentimentos. Em virtude desta ligação, pouco importa que a imagem corresponda ou não a um ente objetivo, e que o *gésto* seja o resultado de um *ato* ou uma *méra mímica*. Em ambos os casos os sentimentos despertados são os mesmos, apenas com menor intensidade e menor vivacidade. Daí resulta que para estimular um sentimento qualquer basta recordar as imagens cerebrais ou efetuar os géstos ligados a esse sentimento. Compreende-se mesmo que o *exercício* tornando cada vês mais íntima a ligação entre o sentimento e as imagens ou os géstos, a frequência da evocação subjetiva pôde proporcionar-lhes uma energia capaz de rivalizar com as impressões e as ações objetivas. Ora, os *ídolos* e as práticas cultuais diante dos ídolos têm justamente esse resultado, porque fazem despertar os sentimentos altruístas mediante a enérgica evocação das imagens e a excitação da região ativa do cérebro pelos géstos. Eis aí também a explicação da eficácia inerente à Poezia.

Essa apreciação exige um complemento de explicação relativa à eficácia moral dos *sinais*. Essa eficácia resulta da aptidão que possuem os sinais de despertar as imagens pela ligação que eles têm com os géstos. De fato, um sinal qualquer consiste em instituir a ligação entre uma sensação e uma contração, de maneira que a realização de um dos fenômenos determina a efecução do outro. Tal é a lei que explica a influência das fórmulas instituídas para comemoração dos acontecimentos que celebramos e a efusão dos sentimentos que eles inspirão.

Os ídolos permitirão dar fixidês a cada tipo divino, fazendo que ele conservasse em cada cérebro uma imagem preponderante sobre aquêlas que as flutuações individuais fizessem surgir.

Foi, pois, graças a uma dupla criação que o Politeísmo pode prevalecer sobre o Fetichismo, a saber: 1º isolando os fenômenos dos seres reais para localizá-los em tipos abstratos, imaginados no Espaço, e que muitas vezes reproduziam a forma humana; 2º construindo os ídolos que objetivariam os tipos fictícios assim imaginados. Entre os

fenômenos assim concebidos *em abstracto*, e considerados como seres objetivos sobrenaturais, existem dois que estavam destinados a representar um papel capital no monoteísmo católico. São eles a *Lus* e a *Palavra*. O primeiro, por seu alcance incomparável no conjunto da existência humana, prática, intelectual e moral, tornara bem cedo os corpos que o possuíam objeto de uma simpatia preponderante. A *Auróra*, o *Crepúsculo*, o *Relâmpago*, bem como a luminosidade difusa dos dias e das noites em que as núvens tornavam invisíveis o Sol, a Lua e as Estrelas, induziram sem dificuldade o Fetichismo a atribuir ao Céu em geral semelhante faculdade, independentemente dos Astros. Eis porque as cosmogonias teológicas consideraram a criação da *Lus* anterior à criação dos Astros; a *Lus* já era então um ente abstrato, concebido como independente dos corpos luminózos, em cujo número se contava o Céu. E à medida que a inteligência humana se desenvolveu, a *razão* foi espontaneamente sendo enicrada como uma espécie de *Lus sobrenatural*, identificada com a *alma*, e que esclarecia mais do que a *Lus natural*, permitindo desvendar mistérios inacessíveis aos olhos do corpo. Compreende-se assim como a *Lus* tornou-se, nas grandes teocracias orientais, o supremo atributo da divindade. Daí também a crença de que a inteligência humana era apenas um reflexo da Inteligência ou *Lus* divina, da qual a *Lus* material era porventura uma emanação mais grosseira.

Quanto à *Palavra*, foi considerada, da mesma sorte que os demais fenômenos, desde o advento do Teologismo, como um ser objetivo, possuindo uma existência distinta do homem. O seu papel no surto intelectual foi lhe dando uma importância crescente. Estava, porém, reservado à metafísica helênica proporcionar-lhe no Ocidente a supremacia que a *Lus* adquirira no Oriente. Não é por uma metáfora que Homéro aplica às palavras o epíteto de *aladas*. Para o incomparável iniciador da Poezia ocidental, a *palavra* era um ente misterioso que a sua imaginação representava com azas, quicá como os teocratas, seus predecessores. Era esse o meio mais simples de dar-se conta do modo pelo qual as palavras iam do orador aos ouvintes. Mais tarde, a Filosofia grega transformou essa concepção teológica, quando Pitágoras e a sua escola precurarão explicar a ela-

boração mental. Foi aí que Platão a tomou para constituir a base da sua teoria do entendimento.

Entrando em contato com os gregos, os israelitas fôrão arrastados a instituir o amalgame das doutrinas mozaicas com as crenças orientais e as teorias helênicas. Similhante operação efetuou-se especialmente em Alexandria; a lenda da Criação do Mundo, que o Mozaísmo herdara da Caldéa e do Egito, a preparara espontaneamente. Deus tendo feito surgir tudo do Calos só pelo seu mando onipotente, a *palavra* de Deus tendeu a tornar-se um ente objetivo, o *Lógos* por excelência. Por esse tempo, S. Paulo éra levado, como veremos, a conceber a incarnação do *Motor Supremo*, afim de adaptar o monoteísmo de Aristóteles às necessidades morais e políticas do mundo romano. Os seus sucessores instituirão então a combinação do *Lógos* e da *Lus* com o Filho de Deus. Similhante fuzão é atribuída a S. João Evangelista, e ela fêz prevalecer a metafizica platônica no conjunto do dógma católico, até o fim da Idade-média. Então Albérto Magno, S. Tomás de Aquino e Rogério Bacon retomáráo o impulso aristotélico a que S. Paulo tinha dirétamente filiado a sua doutrina.

Elaborado pelas naturezas mais eminentes da civilização fetiehoocrática, o Politeísmo só se substituiu a tal regímen depois de haver conquistado a adezão dos millhões elementos da sociedade em que surgiu. Constituíráo-se então as Teocracias iniciais. Compreende-se, pois, que essa organização devia prezidir aos progrêssos afetivos, intelectuais, e práticos compatíveis com o Ideal das almas egrégias que o estabelecêráo. Esses progrêssos éráo naturalmente caracterizados pela elevação da massa popular ao nível moral que parecia compatível com a natureza humana.

Mas a situação planetária que determinara a diferença na velocidade com que os vários núcleos de população tendião a passar do Fetichismo para o Politeísmo, produziu também a diversidade na aceleração da evolução teocrática. Com efeito, a teocracia representa uma tentativa de coordenação das forças humanas antes que elas se tivessem desenvolvido assás para manifestar a sua natureza. Daí resultou que essa sistematização tornou-se afinal opressiva, procurando instintivamente conter o surto das forças que se opunhão à perzistência dela. Tal foi a origem da ruptura de similhante sociedade, em consequência das rivalidades



entre os guerreiros e os padres, das quais resultou a formação das civilizações militares, caracterizadas sobretudo na Grécia e na Itália, especialmente em Roma.

Antes, porém, que essa decomposição se tivesse efetuado, já em muitas teocracias o sacerdócio conseguira elevar-se do Politeísmo ao Monoteísmo, como aconteceu na Caldéa e no Egito. Sentindo a impossibilidade de chamar de um modo brusco as populações à nova crença, esse sacerdócio procurou efetuar a transição com sabedoria. Para isso recorreu a dois expedientes principais. O primeiro consistiu em iniciar as naturezas mais eminentes nos mistérios supremos de uma doutrina que o vulgo não podia compreender. O segundo consistiu em *estabelecer colônias monoteístas*. O caso de Abraão caracteriza uma tentativa desse gênero por parte do sacerdócio caldaico. O tipo de Melquizedec desvenda talvez um ensaio contemporâneo da mesma natureza. Finalmente, a empresa de Moisés constitui uma experiência análoga mais recente, empreendida por iniciativa do sacerdócio egípcio. Como se sabe, foi da combinação desses esforços caldaicos e egípcios que proveio a nação judaica, a única das sociedades monoteístas ensaiadas pela teocracia que conseguiu vingar.

O monoteísmo judaico veio patentear a impossibilidade de qualquer coordenação da sociedade mediante o acendente das concepções abstratas, sem que essas se concretizassem de alguma forma. Com efeito, Moisés tirou ao seu Deus qualquer atributo geométrico; instituiu, porém, um símbolo material que o evocava, gravando os seus *Mandamentos* em duas pedras que foram colocadas em uma Arca. Os Judeus não podiam contemplar a *imagem* visual de Jeová; mas tinham consigo as *ordens* que ele *dilata* ao seu enviado. Além disso, Moisés instituiu uma *casta sacerdotal* como os colégios politeístas, e estabeleceu como estes um sistema de *culto público*, isto é, de *sacrifícios*, *aspersões*, *abluições*, etc. É sabido, contudo, que a falta de um culto de imagens propriamente dito fazia o povo hebreu trocar frequentemente o seu Jeová pelos Deuses das populações politeístas que o cercavam.

Apesar dos mais nobres esforços para manter a civilização teocrática e, portanto, estabelecer um regime de pães, os sacerdotes politeístas não puderam evitar que os guerreiros os suplantassem. Isso se deu não só nas teocracias



normais politeístas, como os Caldeus e Egípcios, mas também na teocracia excepcional monoteísta dos Judeus. Foi assim que surgirão as sociedades nas quais o poder supremo competia à casta militar. Embora fosse esse, por toda parte, o desfecho da civilização teocrática, contudo as conseqüências da substituição dos padres pelos guerreiros não fôram sempre as mesmas. Porque, quando a substituição se deu depois de um domínio sacerdotal assás longo para modificar profundamente os hábitos das populações, a preponderância política dos guerreiros apenas coaduziu a realzações estacionárias. Tais são os tipos das monarquias asiáticas. Quando, porém, o predomínio militar se deu em povos que não tinham tido senão um curto passado teocrático, a dissolução sacerdotal determinou a formação das sociedades *militares* propriamente ditas. Tal foi a origem das cidades gregas e da maioria das cidades italianas, especialmente Roma. Foi aí que o Politeísmo perdeu o caráter *conservador*, isto é, deixou de aspirar a sistematização da *Ordem* para prezidir ao desenvolvimento empírico do *Progrêso*.

Não quer isto dizer que o Politeísmo se propuzesse sistematicamente tal missão, na Grécia ou na Itália. Mas é que semelhante destinação foi a conseqüência fatal do predomínio da classe prática sobre a corporação teórica. Porque, desde que os guerreiros prevalecerão, o desenvolvimento da civilização ficou entregue às inspirações do empirismo. O impulso que levava a quebrar a unidade teocrática para instituir a realza, induziria os novos chefes a outras alterações da ordem estabelecida pelos padres, quando julgassem conveniente. As mesmas disposições morais e mentais fariam também destituir os chefes existentes, quando eles se mostrassem refratários às novas exigências políticas. O rompimento da unidade teocrática inaugurou, portanto, assim, a *transição cada vez mais revolucionária* da teocracia para a sociocracia, mediante o desenvolvimento cada vez mais anárquico das forças humanas.

De fato, após uma curta duração, a *realza* tendo assumido um caráter retrógrado, procurando eternizar a dissolução teocrática em seu proveito, a casta guerreira a aniquilou. Mas, então, os antecedentes sociais combinados com a situação planetária determinarão modificações e

direções diversas para o surto das populações correspondentes. Na Grécia, a sistematização da conquista sendo impossível, as milhões naturezas votarão-se à cultura intelectual, desde que o esmagamento da Teocracia abastardada dos Pérsas garantiu a independência política dos Ocidentais. Os Poetas primeiro, os Filósofos em seguida, os Sientistas por fim, promoverão o desenvolvimento da razão abstrata de modo a assinalar desde então o verdadeiro caráter das concepções normais da Humanidade.

Muitos séculos antes de S. Paulo, a filozofia grega, resumida em Tales, Pitágoras, e Aristóteles, patenteou assim o esgotamento intelectual do Politeísmo. Essa obra foi completada pelos sientistas condensados em Hipócrates, Arquimedes, Apolônio, e Hiparco. Aristóteles assinalou até, em termos gerais, a harmonia metafísica entre uma vontade suprema e o conjunto das leis naturais, conhecidas e desconhecidas. Na mesma época, Sócrates e Platão e os seus sucessores agitavam o problema de uma coordenação moral e mental em torno da concepção monoteísta. Por seu lado, os sucessores de Homéro, Ésquilo e Fídias fomentavam a dissolução das crenças politeístas nas massas populares. Póde-se dizer que desde essa época, quatro séculos antes de S. Paulo, a situação do Politeísmo entre os gregos tornou-se análoga àquela em que hoje se acha o Monoteísmo no Ocidente.

Toda a evolução que acabamos de lembrar em largos traços realizou-se no seio das *democracias* que a impossibilidade de sistematizar a conquista e a necessidade de garantir a mais completa liberdade intelectual tinham levado a instituir na Grécia, em substituição da *realiza*. Em Roma, porem, os antecedentes sociais, bem como a situação planetária das populações permitindo a sistematização da conquista, a *realiza* tornada retrógrada foi substituída pela *aristocracia*, isto é, o governo dos chefes da casta guerreira constituída em *senado*. Foi a isso que se deu a denominação significativa de *república*, para caracterizar que desde então o *interêsse público* foi o *móvel confêssão da política*.

O objetivo da civilização militar consistiu então em sistematizar a conquista, mediante o grupamento de todos os povos que rodeavam Roma em torno desta cidade. Virgílio resumiu tão glorioso destino nos célebres versos

que assinalão, ao mesmo tempo, por contraste, o fto intellectual da civilização grega:

Hão de outros, sim, mais mólemente os bronzes
Resplantes fundir, sacar do mármore
Vultos vivos; orar milhór nas cauzas;
Descrever com seu rádio o céu rotundo,
O orto e sidéreo curso; tu, Romano,
Cuida o mundo em reger, terás por artes
A pás e a lei ditar, e os póvos todos
Poupar submissos, debelar súberbos.

Dezenvolver, portanto, a *atividade humana*, dando por objetivo comum a todos os esforços a grandeza de um ente coletivo superior à Família—tal foi a glória da civilização romana. Esse ente coletivo constituiu a *Pátria*. A conquista deu-lhe uma estensão tal que ela abrangeu o conjunto dos póvos que margeão o Mediterrâneo, entre os quais se achávão a Grécia e a Judéa. Roma assimilou assim os frutos da cultura helênica e do monoteísmo teocrático, e os difundiu pelos póvos que agremiara.

Mas esse resultado não pode ser conseguido sem profundas transformações morais e intellectuais, que fôrão aniquilando o Politeísmo e fazendo surgir nóvas aspirações religiôzas. Desde o tempo de Alexandre (mais de três séculos antes de S. Paulo) que os contatos entre os Judeus e os Gregos começaram a determinar uma fuzão cada vês maior das concepções monotéicas oriundas das duas civilizações. Muitos dos Judeus enxergáão desde então nas concluzões da filozofia helênica uma confirmação das suas crenças e um incentivo para a esperança de que o Judaísmo viesse a tornar-se a religião universal. Calcula-se fácilmente o ardor teórico e social que esses contatos devião dezenvolver nos decendentes de Abraão e de Moisés. Convem não esquecer essa circunstância quando se quer compreender o advento do Catholicismo.

A expansão da conquista romana tinha, pois, feito surgir o problema social da unificação de um grande número de populações que anelávão por um regimen de pás. Essa evolução acarretara também a compléta dissolução das crenças politeístas, sobretudo nas camadas dirigentes, todas embuídas da cultura grega. Vagas aspirações mono-teístas, por vezes levadas até o panteísmo, e mesmo o ateísmo, misturávão-se confuzamente, ao septicismo moral dössas classes para quem o culto politeísta se tornara o que

é hoje o culto católico ou protestante para as camadas governantes do Ocidente. Na massa popular, o culto politeísta encontrava também apenas a afeição feticheira que hoje têm as massas ocidentais pelo culto católico ou seus destrócos. É essa situação moral e mental que explica a dissolução a que chegou o império romano e que é perfeitamente comparável àquela em que se acha a sociedade moderna há mais de seis séculos.

No meio dessa dissolução erguiam-se dois problemas urgentes, que ambos correspondem ao que hoje chamamos a *questão social*. Por um lado era preciso emancipar a Mulher da absoluta dominação que conservava o conjunto do sexo feminino sempre em tutela, como si fosse perpetuamente criança. Por outro lado cumpria libertar da escravidão a massa do proletariado industrial. Sem a solução desses dois problemas seria impossível instituir um regime de pães, isto é, no qual a *indústria* substituísse a *guerra*. Mas a situação social não comportava então a solução definitiva de ambos esses problemas. Primeiro, porque a atitude ameaçadora, e cada vez mais temerosa, dos povos que cercavam o Império ao norte e ao oriente obrigava a manter a atividade guerreira. Apenas era permitido transformá-la de *conquistadora* em *defensiva*. Em segundo lugar, a vida industrial não podia ser estabelecida sem a *ciência*, e esta estava ainda nos seus rudimentos.

Foi essa a situação social em que surgiu S. Paulo. Tudo solicitava uma nova coordenação da sociedade antiga, mediante a combinação dos elementos morais, intelectuais e práticos que o mundo romano oferecia. Por outras palavras: tudo exigia o advento de uma nova *religião*, que viesse regulamentar as forças *intelectuais* e *práticas*, respectivamente desenvolvidas pela civilização grega e pela civilização romana. Esgotado o Politeísmo e a ciência achando-se nos rudimentos, só o Monoteísmo poderia proporcionar os elementos teóricos indispensáveis para essa sistematização. Mas, para adaptar-se a tal destino, era indispensável que o Monoteísmo saísse do vago das abstrações metafísicas dos filósofos gregos e se tornasse acessível aos corações populares. Isto é, era preciso que tal concepção se tornasse suscetível de dar lugar a um *culto* capaz de proporcionar as satisfações afetivas que as mu-

lhêres e os proletários ainda encontrávão nas práticas do Politeísmo, apesar do aniquilamento insanável deste.

Quatro séculos de contato entre os Judeus e a sociedade greco-romana haviam patenteado que o Mozaísmo não satisfazia a esse desiderato. A sorte mesma do povo hebreu era de natureza a desprestigiar perante as massas ocidentais um Deus que não soubêra garantir sequer a independência do seu povo. É demais evidente que as condições em que fora instituído o Monoteísmo israelita não permitião que ele satisfizesse às exigências ocidentais. Porque, por um lado, o surto da ciência abstrata entre os teocratas não fora ao ponto de destacar a noção de *lei* da idéia de *vontade*. Para eles não existira, pois, o problema de conciliar as duas noções nas suas tentativas de concepções monotêicas. Por outro lado, a situação teocrática não tendo desprendido a Família da poligamia, o Monoteísmo respetivo sistematizara uma constituição doméstica muito inferior à monogamia que a atividade guerreira fizêra espontaneamente prevalecer na sociedade gréco-latina.

Tudo, pois, contribuía para tornar impossível que a conversão monoteísta do mundo romano se operasse mediante uma adoção pura e simples do judaísmo. Mas é claro que essa religião fornecia espontaneamente elementos preciosísimos para a construção do dógma que devia substituir o Politeísmo ocidental. Era mesmo presumível que semelhante empreendimento eoubêsse a um dos Judeus assás modificados pelas vicissitudes anteriores de sua raça para se haver identificado com as aspirações do Ocidente. Foi o que aconteceu. A incomparável superioridade altruísta de S. Paulo; a sua profunda iniciação na filosofia grega, sobretudo aristotélica; a sua plena identificação com a sociabilidade romana resumida por Terêncio neste verso justamente célebre — « *hômem sou, e nada humano existe que repute alheio a mim* » —; enfim, os seus antecedentes judaicos; permitirão que ele fosse o órgão dêssa sublime transformação. Vejamos como ela se operou.



CAPITULO PRIMEIRO

Reflexões acerca da fundação do Catolicismo por S. Paulo.

Para apreciar a obra do Apostolo cujo amor permitiu *fazer-se tudo para todos* (Aos Corintos, I, cap. 9, 22), inspirando-lhe, através do absolutismo teológico, metafísico, e mesmo científico, um surpreendente *relativismo*, cumpre não isolar a sua doutrina monoteica do conjunto da situação social em que ele surgiu. Mas, apreciando assim as influências do meio gréco-romano sobre a feição que o monoteísmo tomou no Ocidente, é preciso começar por dar-nos conta da teoria da natureza humana a que elas conduzirão. Porque a doutrina monoteica de S. Paulo fica incompreensível quando se a isola da sua concepção sobre o homem. Ora, ésta não pôde ser convenientemente apanhada sem um estudo das opiniões que possuía S. Paulo antes da sua conversão. Felizmente é esse um problema que as proprias palavras do Apostolo permitem rezolver. Com effeito, na epístola aos Filisenses ele assim se exprime:

« Si algum outro a pôde ter (refere-se á confiança no que é carnal) muito mais eu, que fui circuncidado ao oitavo dia, que sou da geração de Israel, que sou da tribo de Benjamin, nacido Hebreu, de pais Hebreus, *que quanto a Lei, fui Farizeu*, que quanto ao zelo, cheguei a perseguir a Igreja de Deus, que quanto a justiça da Lei, *vivia irrepreensível*: porem as coizas que me fôrão lucro as reputei como perdas por Cristo. (Aos Filipenses, cap. III, 4-7).

Isto leva naturalmente a indagar quais as seitas que os contatos do judaísmo com as outras civilizações haviam determinado. Eis aqui as informações que a este respeito

encontramos em Flávio Jozéfo, o historiador hebreu que vivia na época que estamos considerando. *

« Havia desde então (tempo de Jônatas Macabeu) entre nós três diversas seitas no tocante as ações humanas. A primeira dos Farizeus; a segunda dos Saduceus; e a terceira dos Essenianos. Os Farizeus atribuem certas coizas ao Destino; mas não todas, e crêem que as outras dependem da sua liberdade, de sorte que podemos fazê-las ou não fazê-las. Os Essenianos sustêntão que tudo em geral depende do Destino, e que nada nos acontece sinão o que ele ordena. E os Saduceus ao contrário negão absolutamente o poder do Destino, dizem que ele é apenas uma quimera, e sustêntão que todas as nössas ações dependem tão absolutamente de nós que somos os únicos autores de todos os bens, e todos os males que nos acontecem segundo seguimos um bom ou um mau conselho. Mas tratei particularmente desta materia no segundo livro da guerra dos Judeus. (Histórias. L. XIII, cap. IX, § 520).

« ... Eu me contentarei agóra de dizer que os Farizeus que receberão essas constituições por tradições dos seus antepassados, as ensinarão ao Povo: mas os Saduceus as regeitão porque elas não se achão compreendidas entre as leis dadas por Moisés que eles sustêntão ser as únicas que se é obrigado a seguir; e é isso que ceitou entre eles grandíssimas contestações e formou diversos partidos: porque as pessoas de condição abraçarão o dos Saduceus; e o Povo colocou-se do lado dos Farizeus. (Ibidem. Livro XIII, cap. XVIII, § 544).

« Quando ele (o rei Alexandre) estava nos estremos e não restava mais nenhuma esperança de cura, a rainha Alexandra sua mulher estando tranzada de dor da dezoção em que se via prestes a cair com os seus filhos, disse-lhe debulhada em lágrimas: «Entre as mãos de quem me deixais a mim e aos nössos filhos em tão grande necessidade de socorro como é aquele em que nos achamos sabendo como sabeis qual é para convosco a aversão de todo o Povo.» Ele respondeu-lhe: «si quizerdes seguir o meu conselho conservareis o reino para vós e vossos filhos. Ocultai a minha morte aos meus soldados até que esta praça (fortaleza de Ragaba) esteja tomada: e quando

* Flávio Jozéfo viveu no primeiro século da era Cristã (37 a 95).

guérria dos Judeus, creio dever dizer aqui alguma coisa.

« A maneira de viver dos Farizeus, não é nem móle, nem delicioza; porem simples. Apégão-se opinásmente àquilo que se persuádem dever abraçar. Hônrão por tal módo os anciãos que não ôuzão contradizê-los. Atribuem ao Destino tudo que aconteçe, sem todavia tirárem ao hômeim o poder de consentir em tal; de sôrte que tudo se fazendo por ôrdeim de Deus, depende todavia da nôssa vontade dirigirmo-nos para a virtude ou para o vicio. Crêem que as almas são imortais: que são julgadas em um outro mundo, e recompensadas ou punidas segundo tivêrem sido neste virtuôzas ou viciôzas: que umas são eternamente retidas prizioeiras nêssa outra vida; e que as outras vóltão a ésta. Eles adquirirão por éssa crença tão grande autoridade entre o povo, que este sêgue a opinião deles em tudo quanto dis respeito ao culto de Deus, e as orações solenes que lhe são feitas: e assim cidades inteiras dão testemunhos vantajôzos da virtude deles, da maneira deles vivêrem, e dos seus discursos.

« A opinião dos Saduceus é que as almas mórreni com os côrpos: que a única coisa que somos obrigados a fazer é observar a lei, e que é um ato de virtude não querer ceder em sabiduria àqueles que no-la ensinão. Os dêsta seita são em pequeno número; mas éla é compôsta das pessoas da maiôr condição. Nada se faz quázi segundo a opinião deles, porque quando são elevados, contra o seu dezejo, aos cargos e às honras, são obrigados a se conformar com a conduta dos Farizeus, porque o povo não toleraria que rezistíssem a estes. *

« Os Essenianos, que são a terceira seita, atribuem c entrégão todas as coisas sem eceção à providência de Deus. Crêem as almas imortais, júlgaõ que se dêve trabalhar com todo o seu poder para praticar a justiça, e contêntão-se com enviar as suas offrendas ao Templo sem ir fazer al os sacrificios, por isso que fazem outras em particular com cerimônias ainda maiôres. Os seus costumes são irreprocháveis, e a sua única occupação é cultivar a térra. A sua virtude é tão admirável que ecêde de muito a de todos os gregos e das outras nações, porque eles fazem disso todo o seu estudo e a isso se applicão continuamente. Possuem todos os bens em comum, sem que os ricos tê-

* Retificamos aqui o testo francês, onde ha vizfvelmente engano.



nhão aí quinhão maior do que os pobres; e o seu número é de mais de quatro mil. Não têm nem mulhéres, nem servidores, porque estão persuadidos que as mulhéres não contribuem para o repouzo da vida; e que quanto aos servidores é ofender à natureza, que torna todos os homens iguais, o querer sujeitá-los a si: assim eles se servem uns aos outros e escolhem pessoas de bem da ordem dos sacrificadores que recebem tudo que elles collhem do seu trabalho, e tomão o cuidado de os alimentar diariamente. Essa maneira de viver é quazi a mesma que aqueles que se chamão Plistes observão entre os Dórios. (Ibidem. Livro xviii, cap. II, § 760. Estr. da trad. de Arnauld d'Andilly.)

« Quanto às duas primeiras seitas de que fálamos, os Farizeus são os que são considerados como tendo um conhecimento mais perfeito das nossas leis e cerimoniaes. O principal artigo da sua creença é tudo attribuir a Deus e ao Destino, de sorte que todavia na maioria das coizas depende de nós fazer o bem ou o mal, embóra o Destino possa ajudar-nos muito nisso. Eles sustentão tambem que as almas são imortais: que as dos justos passam depois desta vida para outros corpos; e que as dos maus soffrem tormentos que durão sempre.

« Os Saduceus, ao contrario, negão absolutamente o Destino, e creem que como Deus é incapaz de fazer o mal, ele não se impórta com o que os homens fazem. Dizem que está em nosso poder fazer o bem ou o mal, segundo a nossa vontade nos leva para um ou outro: e que quanto às almas, ellas não são nem punidas nem recompensadas em um outro mundo. Mas tanto os Farizeus são sociáveis e vivem em amizade uns com os outros, quanto os Saduceus são de um humor tão ferós que não vivem menos rudemente entre si do que o farião com estranhos.» (*Guerre des Juifs contre les Romains*. Livro II, cap. XII, §§ 155, 156. * Estr. da trad. de Arnauld d'Andilly.)

Completaremos esses estratos com as seguintes informações tiradas de um escriptor moderno, de origem judaica: **

« Por consequência, todos os seus euidados (dos anciãos de Jeruzalem) se tinham voltado a ezagerar, cada dia

* Af se encontra uma espozição mais detalhada acerca dos Essenianos.

** Salvador — *Jésus-Christ et sa doctrine*. Paris, 1838.

mais, o mais ativo dos seus meios de conservação, o zelo das práticas exteriores, o apego à letra mais minuciôza d'essa lei; eles querião manter encadeiados, por um laço sensível, os espíritos e as consciências dos judeus indígenas e de todas as populações ou dispersões hebraicas até o tempo em que o libertador prometido viria destruir, por meio de sua ditadura nacional e moral, a necessidade desses entraves, e cumprir a sua missão em toda a sua estensão. Tal era a escola dos Farizeus... (*Jezus-Cristo e sua doutrina*. Livro I, cap. III, pg. 109). Longe de restringir, com efeito, os seus meios de defeza à autoridade dos costumes e ao respeito da lei, os Farizeus, e aqueles dos seus doutores chamados *escribas* ou *escriturários*, por cauza de sua função, n'essa época tão importante, de copiar as escrituras, tinham um outro caráter distintivo; eles desenvolvíam, em relação aos estrangeiros, um ardor de prozelitismo que derrôca as opiniões acreditadas acerca do seu espírito de inércia e de separação, e que Jezus lhes esprobou nestes termos: Desgraçados de vós, Farizeus, que correis a terra e o mar para adquirir um só prozélito! (*Ibidem*, pg. 109-111).

Nóta do mesmo autor sobre os Essenianos:

« Depois da descrição que fás dos Essenianos, e que não difere da narrativa de Jozéfo sinão em alguns detalhes de pouca importância, Filon se resume em estabelecer que a moral deles repouzava sobre ésta triplíce baze: o amor de Deus, o amor da virtude e o amor dos homens. O amor de Deus acarretava entre eles, dis ele, a castidade, a aversão da mentira e dos juramentos, a certeza que Deus fás tudo para o bem e nada para o mal. O amor da virtude reunia a frugalidade, a simplicidade, a facilidade no comércio da vida, a modéstia, o respeito das leis, a constância, e outras qualidades desse gênero. Quanto ao amor dos homens, abraçava a caridade, a igualdade perfeita e a comunhão dos bens. » (*Filon e Jozéfo, loc. cit.*) Ora, admitindo historicamente que Filon tenha embelezado o seu assunto ao ponto que se quizer, éssa circunstância não impêde em nada que o quadro, ezagerado ou não, da associação esseniana estivésse espalhado na Judéa e no exterior, e ezerecesse moralmente a sua influência antes do aparecimento do Cristianismo. » (*Ibidem*, pg. 124-125).

No mesmo autor encoñtrão-se informações acerca das

outras seitas judaicas, a saber : os *terapeutas*, os *kabalistas* ou *tradicionários*, e enfim os *helenistas*. Eis os estratos que nos parecerão interessar o nosso assunto :

Os kabalistas ou tradicionários — Estes reconheciam por símbolo um Adão primitivo e celeste. Esse símbolo, análogo em muitos pontos aos personagens divinos destinados a representar o Universo entre os Orientais, ... esse Adão celeste, esse Adão cheio de vida, era, em relação ao conjunto dos mundos, o que o Adão do *Gênesis* é para a Humanidade. Tudo vem dele, tudo tem por lei coordenar-se nele ; ele é o primogênito do Eterno, o tipo, o pai, e a personificação da criação inteira sob a forma de um ancião admirável de magestade e de energia, cujo reinado será constituído pela consumação futura das coisas, e a quem se atribuía uma cabeleira e uma barba composta de um número de mundos difícil de conceber. (Ibidem, pg. 130-131).

Enfim, os judeus helenistas ou alexandrinos, aos quais se deve a Versão dos *Setenta*. Entre eles destacam-se :

Jezus, filho de Sirac, que dois séculos antes da era atual traduzira em grego uma seléta de mássimas morais e observações relativas à prática da vida, que tem o cunho esseniano. Essa seléta tinha sido composta por seu avô, também chamado Jezus. (Ibidem, pg. 133)

Aristobulo, cognominado o *peripatético*, a respeito do qual não se sabe nada de certo sinão a constância de seus esforços a fazer voltar o espírito das nações para o mozaísmo. Porém o mais recomendável de todos, o chefe da escola, é o sábio Filon, o homem a quem a celebridade de Platão mais deve no acréscimo que obteve nessa época : o homem que por sua eloquência deu lugar, entre os antigos, a um provérbio : « É Platão que *filoniza*, ou Filon que *platoniza* ? » ... Ele tinha vinte e cinco a trinta anos, e a sua fama tinha já grande brilho quando Jezus nasceu ; tocava aos sessenta anos quando este, que jamais ele conheceu, nem sequer de nome, começava a sua propaganda. (Ibidem, pg. 136 e seg.)

Essas informações assinalão com precisão qual o ponto de partida das concepções de S. Paulo. O Teologismo levava a imaginar os corpos como inertes, atribuindo toda atividade à influência de entes imateriais. Em virtude dessa concepção o homem passou a ser considerado como um ente *duplo*, constituído pelo *corpo* e a *alma* ou *espírito*.



O monoteísmo judaico aceitou essa distinção, da mesma sorte que a metafísica helênica, igualmente oriunda do politeísmo teocrático; e a evolução social determinou, de parte a parte, investigações sobre as relações mútuas dos dois elementos, bem como da influência de ambas no conjunto da existência individual. Apoiado nesses antecedentes, S. Paulo combinou a lenda teocrática da criação do homem com as concepções aristotélicas sobre o universo. O *corpo* ou a *carne* que proviêra do *barro* devia estar, como toda matéria, sob o império da Natureza e da Fortuna, esta assimilada talvez ao chefe dos anjos maus. Do influxo corpóreo proviñham assim todas as solicitações egoístas, por isso chamadas *carneais*. O *espírito*, emanação do sopro de Deus, permitia discernir o bem do mal, estimulava o homem a obedecer a Deus, seguindo o bem e evitando o mal. Mas a sua força própria não bastava para dominar os ímpetos da carne, conforme o demonstrava o pecado do primeiro homem e toda a história da humanidade, segundo os ensinamentos tradicionais do judaísmo. De fato, o dilúvio fora impotente para regenerar a espécie humana; e a eleição de Abraão e de Moisés não conseguira instituir um povo fiel. A vista deste espetáculo, S. Paulo convenceu-se de que só o auxílio permanente de Deus seria capaz de proporcionar ao *espírito* a força de que carecia para vencer as solicitações da carne.

Esse auxílio foi o que ele chamou a *graça*, por ser uma dádiva voluntária do amor de Deus. O conflito entre o *corpo* e o *espírito* tornou-se então em luta entre o corpo, com a *Natureza* e a *Fortuna* de um lado, auxiliadas por ventura pelos anjos maus ou demônios, e do outro lado o espírito ajudado pela *graça* de Deus e talvez servido pelos *anjos bons*.

Vê-se que, em virtude dessa teoria, a *graça* veio a representar o conjunto das nossas *funções altruístas*, assim como o espírito caracterizava o conjunto das nossas funções intelectuais. Quanto às qualidades de caráter e às funções egoístas, S. Paulo as atribuía ao corpo, localizando-as por ventura nas diversas víceras, de acordo com os apanhados teocráticos ainda hoje patenteados pela linguagem vulgar. Esta teoria esboçou, pois, admiravelmente, a concepção científica da nossa natureza. Ela aperfeiçoou a concepção moral de Aristóteles, que constituía até ali o único pro-

grêso sobre as doutrinas teocráticas em tal assunto. Com efeito, fazendo consistir cada virtude no meio de dois vícios estreinos, o príncipe dos filósofos proclamara implicitamente a multiplicidade de nossas funções morais e o concurso de todas elas em cada resultado. Essa dupla apreciação ficou porem explicitamente caracterizada na doutrina de S. Paulo. A idéia de *luta* em vés de *concurso* não nos deve surpreender, pois que nós vemos o incomparável Bichat, o fundador da biologia, conceber também—dezoito séculos depois— as relações entre o organismo e o meio como uma *luta*, em vés de uma *harmonia*.

Vejamos agora como, de acordo com essa teoria, S. Paulo foi levado a instituir o seu *monoteísmo*, isto é, a definir o Primeiro Motor, de modo a transformá-lo de uma concepção filosófica em verdadeiro centro religioso. Nesse intuito começaremos lembrando o seguinte texto do nosso Mestre:

« Historicamente examinado, esse monoteísmo (o de Aristóteles), único verdadeiramente sistemático, deriva, com efeito, do politeísmo correspondente, emanado da astrolatria. Porque esta, sempre caracterizada pela astrologia, instituiu espontaneamente a combinação do regime das leis com o reino das vontades, que ela tendeu a restringir gradualmente. O politeísmo que ela gerou não cessou nunca de desenvolver a mesma tendência, sob o impulso sacerdotal. Principal herdeiro do gênio teocrático, o incomparável filósofo (Aristóteles) completou sistematicamente essa extrema transformação da síntese provisória, pressentindo as necessidades intelectuais do Ocidente, com a liberdade peculiar à situação grega. Bastou-lhe erigir o motor supremo em ordenador geral das leis reais, sempre assistido por dois ministros, únicos responsáveis, a Natureza e a Fortuna, entidades destinadas a representar respectivamente o conjunto das leis conhecidas e o das leis desconhecidas.

« Uma tal concepção ficava aliás compatível com a erença nos seres intermediários, apropriados para secundar o governo geral do mundo e do homem. Ela podia também comportar todas as revelações que se tornassem necessárias. A sua fonte astrolática se acha confirmada pela sanção implícita que esse modo obteve espontaneamente, na teocracia monoteica (judaísmo), que não teria

podido admiti-lo sem uma origem comum. Mas essa única consagração, em uma nação excepcional e sob um regime factício, verifica também que tal doutrina não podia jamais tornar-se verdadeiramente popular. Sem choear nenhuma das condições fundamentais da eficácia monoteica, ela era demaziado abstrata para não ficar sempre reservada aos espíritos cultivados, enquanto o Catolicismo prevaleceu realmente, embora um vão deísmo tenha em seguida tentado vulgarizá-la.

«Essa restrição natural não pode todavia impedir esse monoteísmo sistemático de exercer uma influência crescente sobre o conjunto da transição afetiva. Ele foi essencialmente adotado pelo verdadeiro fundador do Catolicismo (S. Paulo), profundamente familiar com os verdadeiros pensadores da Grécia, cujas vistas filozóficas ele ligou à destinação social que lhe era peculiar. Não se pôde, com efeito, desconhecer uma afinidade espontânea entre essa concepção de Aristóteles e a teoria de S. Paulo sobre o antagonismo da natureza em relação à graça. O construtor romano (S. Paulo) teve somente de completar então o fundador grego (Aristóteles), especificando uma reserva indispensável à eficácia moral da transição monoteica. Ela consistia em conferir exclusivamente ao motor supremo o governo especial e direto das afeições humanas, deixando aos seus ministros metafísicos toda a administração da ordem exterior, tanto vital como material. Quanto à ordem social propriamente dita, essa não pôde dogmáticamente existir para o Teologismo, sempre incapaz de elevar-se ao ponto de vista coletivo, que ele substitui por considerações individuais. Em relação à inteligência, que liga naturalmente o interior ao exterior, a atribuição deveu ficar indecisa, durante toda a transição monoteica, mas com uma tendência crescente a fazer prevalecer o Céu sobre Deus, como o prova a extensão contínua da astrologia.

«Apesar dessa diversidade necessária, o monoteísmo de S. Paulo não se tornou jamais contrário ao de Aristóteles. Porque o príncipe dos filósofos, mais preocupado, conforme o seu meio, das necessidades intellectuais da transição final do que das suas condições morais, negligenciou de estipular tal reserva, mas sem interdizer a possibilidade de completar assim a sua doutrina teológica. Sob esse aspecto, como em relação a todos os que eu já assinaiei,



ele deixou sempre à sua construção monoteica o grau de indeterminação que permitiria de preencher ulteriormente as diversas condições que ele teve então de afastar.

« Em virtude do conjunto da explicação precedente, não se deve afinal reconhecer sinão dois troncos essenciais, social e mental, ao monoteísmo ocidental, eliminando irrevogavelmente o vão intrometimento dos discursadores gregos, apesar da sua barulhenta influência. Um espontâneo, o outro sistemático, eles devião respectivamente satisfazer à razão comum e ao espírito cultivado, sem que o seu uzo simultâneo pudesse suscitar nenhum conflito superior à sabedoria teórica dignamente guiada pelo impulso prático. Conquanto o primeiro Monoteísmo tenda mais para o pleno teologismo e o segundo para o puro positivismo, a destinação social de ambos devia sempre permitir pô-los de acordo, enquanto o sacerdócio permanecesse ao nível da sua verdadeira missão. Porque as explicações sobrenaturais não prevalecerão jamais sinão em falta de teorias reais, e ninguém aliás se recusou a elas quando elas satisfizerão uma verdadeira necessidade. Os espíritos sem cultura são mais bem dispostos do que os letrados a substituir, tanto quanto possível, vontades arbitrárias por leis imutáveis que lhes oferecem, além de mais atrativo teórico, maior aptidão prática, permitindo sós uma previsão própria para dirigir a ação. Ao mesmo tempo, o pensamento sistemático predispõe mais do que a razão espontânea a respeitar os absurdos mentais que se achão provisoriamente ligados a necessidades morais. Todos os Ocidentais tendêrão assim para a situação normal que a transição afetiva exigia, aplicando o Monoteísmo à sua destinação social, sem cessar de proseguir a sua redução intelectual ao só domínio das leis desconhecidas, variável segundo a cultura.

« O verdadeiro catolicismo constitúi, pois, uma combinação necessária entre o monoteísmo social de S. Paulo e o monoteísmo intelectual de Aristóteles, que condensão respectivamente o politeísmo espontâneo, fundado na contemplação abstrata, e o politeísmo sistemático, emanado da astrolatria. Sempre conciliáveis por um digno sacerdócio, o seu judicioso uzo permitiu satisfazer ao mesmo tempo as necessidades, muitas vezes opostas já, do coração e do espírito, deixando alternativamente prevalecer a revelação e o raciocínio. » (*Polít.*, III, pgs. 427-431.)



Isto posto, vejamos quais as condições a que devia satisfazer o novo *sacerdócio* para poder prezidir à regeneração social do mundo romano. Todas essas resultavam do caráter político peculiar à situação social de então, e que, como dissemos, consistia na substituição da *atividade conquistadora* pela *atividade defensiva*. Essa transformação ia acarretar a fragmentação do mundo romano em pátrias independentes temporalmente, porém ligadas espiritualmente, em virtude dos antecedentes históricos comuns. Para manter a harmonia entre essas pátrias, era indispensável que o novo sacerdócio adquirisse um prestígio popular capaz de assegurar-lhe o respeito dos chefes temporais. É verdade que na época em que S. Paulo fundou o Catolicismo essa condição não estava nitidamente caracterizada. Porém, a forte organização política do império patenteava que não seria possível a reorganização social sem um *sacerdócio* capaz de se constituir e dominar apesar da resistência das classes dominantes. Isto mostra quanto era imprescindível que um novo sacerdócio surgisse amparado pelo máximo prestígio que a situação moral e mental comportasse.

Óra, por um lado, as opiniões vulgares tinham familiarizado as populações politeístas, não só com a idéia de homens provenientes das divindades, mas também com a crença de deuses que tinham revestido a natureza humana, e de homens divinizados. O próprio fundador de Roma, Rômulo, segundo a crença vulgar, tinha sido arrebatado aos Céus durante uma tempestade e se tornara um deus. Entre os Judeus a concepção do Messias, sucessivamente elaborada pelos profetas, tendia a admitir a possibilidade de que o redentor do povo judeu fosse porventura uma emanção do próprio Jeová. A onipotência divina, então reconhecida tanto pelos filhos de Israel como pelo vulgo dos filósofos gregos, em nada repugnava à hipótese de uma humanização do próprio Deus. Vê-se assim que a situação dos espíritos não permitia que um simples delegado de Deus, como Moisés tinha sido e como Maomé seria mais tarde, adquirisse o prestígio que era indispensável ao novo sacerdócio. Origem análoga possuíam os sacerdotes politeístas, o sacerdócio judaico, e muitas famílias gregas e romanas. Tornava-se, pois, indispensável que ao chefe do novo sacerdócio não pudesse se opor nada de maior,



segundo as crenças populares; e isto só seria conseguido supondo que tal chefe era o próprio Deus.

Por outro lado, essa humanização de Deus permitia tornar as crenças monoteístas facilmente acessíveis aos corações femininos e proletários. Porque as abstrações metafísicas perdiam assim o seu caráter vago, e podiam, da mesma maneira que os tipos politeístas, suscitar imagens e com estas as mais profundas emoções, em vez de ficarem reduzidas aos fracos recursos que os sinais proporcionam. Mas é claro que tais vantagens não podiam motivar para S. Paulo e os seus contemporâneos a necessidade de semelhante encarnação. Era preciso, pois, que uma apreciação conveniente das exigências sociais levasse o incomparável Apóstolo a convencer-se dessa necessidade. Ora, foi isso que resultou da sua meditação sobre todos os dados que lhe eram fornecidos, já pelos seus antecedentes nacionais, já pela elaboração dos filósofos gregos.

Com efeito, o dogma do pecado original lhe proporcionava uma explicação para o conjunto dos sofrimentos humanos, e ao mesmo tempo sugeria-lhe a necessidade de um redentor, não só para o povo hebreu, porém para toda a espécie humana. Para conceber o problema com essa vastidão influu a identificação de S. Paulo com a sociabilidade romana, graças ao seu imenso altruísmo, que o emancipava dos preconceitos judaicos. Desde então, partindo de que a ofensa feita a Deus pelo primeiro homem sendo infinita, exigia uma satisfação infinita, ele era levado a concluir que só o próprio Deus estava nos casos de satisfazer a si mesmo. Entretanto, a justiça exigia que a falta cometida pelo homem fosse também espiada pelo homem. A saída desta situação contraditória foi achada pela misericórdia divina, mediante a *encarnação* do próprio Deus, que, tornado homem, sofreria como homem, ao passo que o seu caráter de Deus daria ao sacrifício um alcance infinito. Vê-se assim que o dogma da encarnação exigia como preâmbulo o do pecado original e o da redenção.

Semelhante concepção conduzia a considerar Deus simultaneamente sob dois aspectos que, tendo existido em um momento, não podiam deixar de coexistir eternamente, pois a não ser assim, que destino teria o corpo humano em que Deus se houvesse incarnado? Daí a distinção entre o Deus pai e o Deus filho; e si o primeiro continuava



como dantes a não ser suscetível da representação, o segundo vinha proporcionar uma imagem mais simpática do que os tipos politeístas. Mas essa concepção solicitou ainda uma terceira manifestação de Deus, o Espírito Santo, destinada a permanecer entre os homens. Sem essa permanência, a redenção poderia ser tão ineficaz como já haviam sido antes o dilúvio, a eleição de Abraão, e a de Moisés. O Espírito-Santo tornou-se, pois, a personificação da *graça* ou *amor*; *gratia sive dilectio*, dizia no XV século Tomás de Kêmpis. O dogma da *incarnação* conduziu assim ao da *trindade*, que perpetuou a conformidade, passagieramente instituída por aquela, entre a natureza divina e a natureza humana. Com efeito, desde então o tipo monoteísta ofereceu nas suas três pessoas os três atributos da nossa natureza, a saber: a atividade no Deus-Pai, a inteligência no Deus-Filho, e o amor no Deus Espírito-Santo.

Convém aqui notar que a lenda de Prometeu constitui um tipo politeísta dessa dedicação extrema de um Deus pelos homens. Similhante lenda originou-se, conforme a apreciação do nosso Mestre, na perseguição de que foi objeto, por parte da casta sacerdotal, um teocrata que, para servir o povo, rompeu com os seus colégas. Esse antecendente perinitia o mundo grego romano compreender milhór a divinização do Fundador legendário do Monoteísmo ocidental.

Vê-se assim como o dogma da *incarnação*, diretamente solicitado pelas exigências sociais, exigiu como preâmbulo o do pecado original e o da redenção, e como corolário o da Trindade, completado, como mostraremos, pelo mistério da Eucaristia, que se tornou o resumo de todo o sistema católico, segundo S. Paulo. (*Polít.*, III, pgs. 455-459.)

Com semelhantes instituições, o Monoteísmo ocidental desprende-se das vagas regiões das abstrações metafísicas e tornou-se acessível aos corações populares, especialmente femininos. Quanto à dificuldade radical de conciliar entre si esses diversos dogmas, ela nunca existiu, quer para as almas femininas e proletárias alheias às argúcias da metafísica, quer mesmo para os grandes pensadores animados de verdadeiras preocupações sociais e morais. Tal é a verdade que o espetáculo histórico nos atesta irrefutavelmente, mas que ficou sem explicação até o nosso Mestre. Nada, porem,

é mais compreensível, quando se é guiado pelas luzes do Positivismo. Então se reconhece que a aceitação dos dogmas católicos foi tão natural como é hoje a sua substituição pelas concepções positivistas.

Com efeito, cumpre observar em primeiro lugar que todo monoteísmo realmente social, como os três que sucessivamente prevalecerão, a saber, o Judaísmo, o Catolicismo, e o Islamismo, nunca passou de um verdadeiro Politeísmo. Porque esses monoteísmos supuzêrão sempre a existência de uma infinidade de *entes* sobrenaturais e eternos como os *deuses* do Egito, da Índia, da Grécia, de Roma, etc. A diferença real entre os monoteísmos que tiverão eficácia orgânica e os vários politeísmos consistiu unicamente em dois pontos. Por um lado a hierarquia divina ficou mais bem estabelecida, e por outro lado os deuses predominantes aproximáram-se cada vez mais da perfeição moral. Isto é, as cortes celestes representarão cada vez melhor o ideal da natureza humana, coletiva e individual, caracterizado pelo predomínio crescente do amor sobre a inteligência e a atividade. A vaga abstração de um Ser único, agente onímico, conforme o tipo dos puros deístas e dos materialistas, nunca passou de um diletantismo filozófico sem a mínima aptidão orgânica, quer política, quer moral, por isso mesmo que foi sempre *individual*.

Aplicando essas considerações ao caso do Catolicismo, reconhece-se logo que de fato o mundo sobrenatural e eterno não se compõe só da Trindade. Abstraindo dos santos cuja natureza é francamente humana, a corte misteriosa abrange uma infinidade de deuses secundários sob as denominações de tronos, dominações, potestades, arcanjos, serafins, anjos, etc., e mesmo demônios. Todos esses tipos são imateriais, sem forma e eternos, como as pessoas da Trindade. Eles têm, pois, a mesma natureza que os chefes qualificados especialmente de Deus; somente seu poder é infinitamente menor e a sua eternidade estende-se ao futuro sem remontar ao passado, como criaturas que são do Ente eterno. Ora, o Politeísmo nos oferece a mesma organização, pois que o Destino foi sempre reputado como anterior a todos os Deuses e a eternidade destes nunca remontou a um passado infinito. Eles eram concebidos como *imortais*, mas não como *inatos*.

Quanto à dificuldade de imaginar simultaneamente



três pessoas distintas e um só Deus, as almas populares nunca a experimentarão, por isso mesmo que elas jamais se puzêrão tão insolúvel problema. Para o povo, a Trindade foi sempre imaginada como três Deuses. A crença na onipotência divina e a veneração que impedia de prescrutar os mistérios da religião fazião dezistir espontaneamente de todo esforço mental em semelhante sentido. Contentando-se com enunciar a *fórmula sagrada* que traduzia o dógma da Trindade, e reproduzir os géstos que a representávão, as massas populares limitáráo-se a desenvolver as consequências morais e políticas de semelhante concepção; e os resultados obtidos para a coordenação da existência humana alimentávão-lhes a *fé*.

A disposição éra essencialmente a mesma nos grandes pensadores. Para compreendê-lo, basta examinar scientíficamente o caráter da verdadeira racionalidade. Os preconceitos metafísicos, quer espiritualistas, quer materialistas, fazem supor que a demonstração é por sua natureza um fenómeno puramente intelectual. Mas isso é uma concepção *a priori*, individualista, sem base nenhuma na observação e na experiência. O espetáculo histórico em todos os tempos, sem escluir a observação dos materialistas contemporâneos, aí está para atestar que seria difficil, sinão impossível, citar um só raciocínio em que a intervenção do sentimento e do caráter não se faça sentir. Quanto às questões capitais, não ha uma só que não verifique tal assioma, desde a matemática até a moral. De sorte que, para as nossas convicções, concorrem sobretudo as *consequências políticas e morais* que nos parecem decorrer da admissão ou da rejeição das proposições correspondentes. Os raciocínios têm então o caráter dos que se chamão demonstrações por absurdo em matemática, quando as consequências inaceitáveis de todas as hipótezes contrárias ao teorema enunciado nos obrigão a aceitá-lo como verdadeiro, embóra não possamos dar nos conta da sua *filiação* e muitas vezes compreendê-lo mesmo.

A impossibilidade de *imaginar* simultaneamente a *Unidade* e a *Trindade* de Deus não é um fato isolado no conjunto das concepções *abstratas*. O mesmo acontece toda vês que pretendemos objetivar as nossas construções subjetivas, sem tomar em conta a parte de ideal que elas encerrão. Os católicos pôdem, por exemplo, dezañar qual-

quer materialista a *imaginar simultaneamente* o conjunto dos raios de um círculo, representando-se cada raio como tendo a mesma espessura desde o centro até a circunferência. Este simples exemplo basta para evidenciar que a impossibilidade de contemplar as nossas concepções abstratas não é motivo suficiente para rejeitá-las, sob o pretexto de serem absurdas. Porque o absurdo de uma proposição não pôde ser apreciado *analiticamente*, em virtude da sua desarmonia com uma certa ordem de considerações. Para pronunciar-se a tal respeito é indispensável colocar-se no ponto de vista *sintético*, julgando da compatibilidade ou da incompatibilidade de cada proposição com as grandes concepções que dominão o nosso estado mental. Assim, no caso vertente, admitida a crença de um Ente todo-poderoso, onisciente e todo-misericordioso, de um lado, e a fraqueza da nossa inteligência, do outro, ¿qual é a concepção que se torna inaceitável pela razão de ser absurda? ¿Não é evidente que, em tais condições, se é forçado a admitir todas as concepções cuja utilidade social e moral estiver suficientemente provada? Por isso também as concepções humanas nunca mudarão por méras argumentações, nem foi possível firmá-las por esse modo.

Para notar toda a exatidão das considerações precedentes, basta comparar as apreciações que os espíritos emancipados de qualquer Teologismo são levados a fazer das concepções peculiares ao Monoteísmo católico. Aqueles que são bem dotados de coração sentem-se sobretudo revoltados, não pelo absurdo aritmético do dógma da Trindade, mas pela incompatibilidade moral do dógma do pecado original. Condenar os filhos pela culpa dos pais se lhes afigura a negação de toda a bondade. Tal justiça é tanto mais inadmissível quanto por um lado a onipotência e a onisciência divina devião ter impedido o pecado que assim se pune, e, por outro lado, Deus, autor do homem, é o único responsável pela imperfeição de sua obra. Pelo contrário, os corações pouco simpáticos ou mirrados e endurecidos por uma cultura teórica sem moralidade, sentem-se sobretudo escandalizados pelo absurdo numérico do dógma da Trindade.

Essas reflexões parecem-nos suficientes para evidenciar a perfeita racionalidade dos dógmas católicos, quando se considera a situação social que os fés surgirem e prevale-

cêrem. O Politeísmo entrou em dissolução espontaneamente à medida que a elevação moral, mental, e prática das populações foi tornando a concepção dos deuses inútil para a conduta individual e coletiva. Foi essa dissolução que solicitou o advento do Monoteísmo, o qual prevaleceu, não pela argumentação, mas por corresponder ao conjunto das exigências morais e políticas do mundo romano. A argumentação só serviu para patentear as condições morais e políticas a que o Monoteísmo ocidental devia satisfazer, revelando o conjunto das novas necessidades sociais a que o Politeísmo deixara de corresponder. Em seguida as crenças católicas dissolvêrão-se quando, cessando a seu turno de harmonizar-se com as precisões sociais do Ocidente, fôrão caindo naturalmente em *dezuso*. E si não estão ainda totalmente eliminadas, é por existirem exigências, sobretudo afetivas, que não fôrão ainda satisfeitas nas populações, mediante instituições da mesma natureza que as que já prevalecerão habitualmente na atividade industrial, como na meditação científica ou na contemplação estética. Foi esse o problema que o nosso Mestre se pôs e que ele só resolveu depois que se identificou com as aspirações femininas de que Clotilde tornou-se incomparável órgão.

A maneira pela qual S. Paulo narra a sua conversão e a carreira evangélica que se lhe seguiu mostra que ele já havia chegado à concepção da sua doutrina monoteísta quando os acontecimentos o leváram a proclamar-se apóstolo de Jezus. Com efeito, eis aqui as suas palavras testuais na *Epístola* aos Galatas:

11. « Mas faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho que por mim foi anunciado *não é segundo os homens*.

12. « Porque *não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jezus-Cristo*.

13. « Porque ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no Judaísmo, que sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a devastava.

14. « E na minha nação ecedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.

15. « Mas quando aprouve a Deus (que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça)

16. « revelar seu filho em mim, para que o evangeli-

zasse entre as gentes, logo não consultei com a carne, nem com o sangue.

17. « *Nem tornei a Jeruzalem aos que antes de mim eram apóstolos; mas parti para Arábia, e voltei outra vez a Damasco.* »

18. « Depois, passados *três* anos, fui a Jeruzalem ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias.

19. « E não vi nenhum outro dos apóstolos sinão Tiago, irmão do Senhor.

20. « Óra, das coizas que vos escrevo, eis-me diante de Deus testifico que não minto.

21. « Depois fui para as partes da Síria e da Cilícia.

22. « E não era conhecido de vista das igrejas da Judéa que estavam em Cristo.

23. « Mas sómente tinham ouvido dizer: Aquele que outrora nos perseguia, anuncia agora a fé que dantes assolava.

24. « E glorificavam a Deus a respeito de mim. »

Como se vê, S. Paulo afirma que *não recebeu nem aprendeu* de homem algum, mas sim pela *revelação* de Jezus, o evangelho que pregava. Afirma, além disso, que vivia zelosamente no judaísmo, e que, logo que recebeu a *revelação* de Jezus, *não partiu* para Jeruzalem aos que *eram apóstolos antes dele*, mas seguiu para a Arábia.

O testo é categórico. Os que são católicos, os que acéitam a divindade de Jezus, podem admitir que foi Jezus quem *ensinou* a S. Paulo, pela *revelação*, a doutrina que este pregou. Mas os espíritos emancipados de concepções teológicas não podem ver na *revelação* sinão um fenómeno subjetivo, em virtude do qual S. Paulo julgava ouvir de Jezus tudo quanto surgia em seu próprio cérebro. E desde que todas as instituições essenciais do Catolicismo, — dogma, culto, e regimen —, estão caracterizadas nas epístolas de S. Paulo, ao passo que só por uma interpretação fantástica podem ser tiradas do vago dos evangelhos, e muitas vezes são contrárias aos textos destes, é força convir que o Fundador verdadeiro do Catolicismo é S. Paulo e não Jezus. Só resta compreender como foi S. Paulo levado a aceitar o papel de simples apóstolo do profeta nazareno, cujos sectários ele a principio perseguia com tamanho ardor. Nesse intuito, lembremos o seguinte trecho do nosso Mestre:



« Para explicar a abnegação pessoal de S. Paulo, devo sómente completar o princípio acima posto, quanto à necessidade especial de um revelador divino na construção do monoteísmo ocidental, afim de millôr assegurar a separação dos dois poderes.

« Similhante necessidade parece, com efeito, ezigir, no fundador, um misto de hipocrizia e de facinação, senpre incompatível com uma verdadeira superioridade de coração e de espírito. Essa dificuldade não admitia outra saída sinão a disposição espontânea do verdadeiro autor a se subordinar a algum dos aventureiros que deverão tentar então por vezes a inauguração monoteica, aspirando, como os seus precursores gregos, à divinização pessoal. S. Paulo foi em breve conduzido a tratar assim aquele desses numerosos profétas que millôr sustentou tal caráter.

« Judeu pelo nascimento, porem educado sob a influência grega, e tornado já verdadeiramente romano, ele desprezou a princípio similhante tipo. Todavia, meditando sobre a construção do monoteísmo, ele não tardou a sentir convenientemente a utilidade que comportava então esse succso nascente. Preservado assim de toda degradação pessoal, S. Paulo pode livremente deenvolver a sua missão fundamental, cujo surto lhe fês assás reconhecer a importância de tal solução para compenetrá-lo de uma íntima veneração para com um tipo dóravante idealizado. » (*Politica*, tomo III, pgs. 409-410.)

Essa passagem nos condus a especificar as circunstâncias históricas que ela recórda, indicando sumariamente o verdadeiro caráter do Cristianismo no seu berço judaico. Similhante movimento religioso se filla à concepção do Messias, que originariamente significava um libertador nacional e temporal, como tinham sido Gedeão, Jefté, Sansão, os Macabeus, etc. Sob a pressão das vicissitudes pelas quais passarão os Hebreus, os profétas fôrão gradualmente alargando essa concepção, espiritualizando-a cada vês mais e transformando-a no tipo de um Redentor universal. De sorte que similhante denominação tornara-se, na massa da população judaica, objéto de esperanças que tinham todos os matizes entre esses dois extremos. Mas, em todo cazo, a redenção consistia em um predomínio mais ou menos estenso do próprio Mozaísmo. Na época que estamos considerando, a Índia se achava sob a dominação romana, e

esta situação política ainda mais estimulava as esperanças populares. O vulgo esperava porventura um sucessor dos Macabeus; mas, para muitos, o Messias esperado era antes o sucessor dos grandes profetas, e talvez o maior deles. A prédica de S. João Batista dirigia-se evidentemente para esta última hipótese.

Tudo indica que por esse tempo vários profetas surgiram entre os Judeus inculcando-se a si mesmos, ou sendo proclamados pelos seus partidários, como o Messias, e Jesus foi um desses; e, tanto quanto é permitido julgar pelos documentos existentes, a sua prédica consistiu em apresentar-se como um zelo restaurador do Mozaísmo. O sucesso que obteve dezencadeou contra ele o furor dos sacerdotes e de muitos que não acreditavam na sua missão, sem mesmo o terem conhecido pessoalmente, como S. Paulo. A sua morte trágica não dezanimou os seus sectários, que continuaram a pregá-lo como o Messias. Mas nessa propaganda, o que eles doutrinavam era essencialmente o Mozaísmo; a redenção do mundo seria obtida, no pensamento deles, mediante a judaização de todos os povos. Como era natural, essa propaganda os tornava alvo também das perseguições dos sacerdotes e dos mais ardentes dos seus compatriotas.

Tal era a situação quando deu-se a conversão de S. Paulo. Ardente na sua fé, ele procurava, como muitos outros, harmonizar os resultados da filosofia grega com os ensinamentos do Mozaísmo. Essa fusão se operava demais sob as inspirações do seu incomparável altruísmo, exaltado pela socialidade romana, conforme já dissemos. O seu caráter de farizeu o predispuzera aliás para essa generalidade afetiva. Era, pois, fatal que ele tivesse também uma teoria sua do Messias. Essa doutrina o animava por certo quando ele perseguia os discípulos de Jesus, por estar convencido que não era este o Redentor que ele esperava. Mas era impossível que o ardor daqueles a quem perseguia não viesse estimular o seu altruísmo, e essa exaltação não reagisse sobre o seu gênio. Como evitar que o martírio dos cristãos fizesse surgir no ânimo de S. Paulo, mais de uma vez, dúvidas acerca da verdadeira natureza de Jesus, a quem ele não freqüentara e cuja doutrina ignorava, pois que só a conheceu pela *revelação*, sem a receber de homem algum?

Pensando no conjunto dessa situação moral, é fácil de

conceber a visão do caminho de Damasco e as suas consequências. Diante daquela aparição inesperada, e de cuja objetividade as teorias de S. Paulo e de seus contemporâneos não podião siquer suspeitar, todas as hesitações dissipáram-se. Para S. Paulo, Jezus lhe acabava de aparecer, e ésta revelação constituía a prova de que ele éra o Messias anciôzamente esperado. Ésta só conclusão bastou para traçar-lhe o caminho do apostolado. A sua teoria do Messias já lhe indicava anticipadamente qual a missão que Jezus devia ter desempenhado. S. Paulo não voltou, pois, a Jeruzalem para aprender com os discípulos de Jezus a doutrina que o Mestre lhes pregara. Foi o próprio Jezus ressuscitado que o confirmou nas suas idéias messiânicas e o investiu do apostolado. S. Paulo tornou-se assim desde então o pregador do evangélho que ele sinceramente attribuía a Jezus, mas que na realidade éra o produto do seu gênio inspirado pelo seu inenso ardor social.

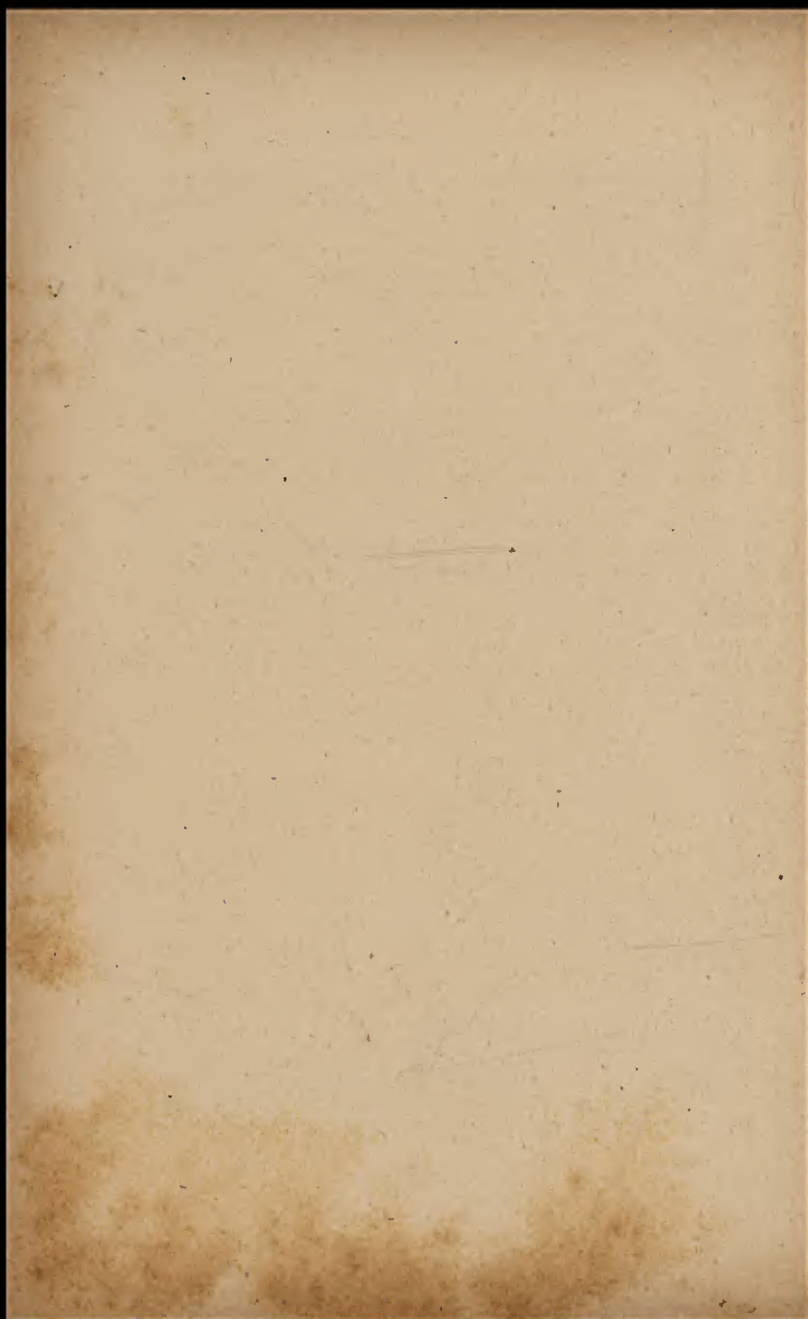
Si S. Paulo já não tivesse construído a sua doutrina, na ocasião da revelação do caminho de Damasco, é claro que ele teria voltado para Jeruzalem, afim de aprender dos discípulos de Jezus o seu evangélho. Si, em vés disso, o Apóstolo pode desde logo entregar-se à sua missão, é porque a sua conversão limitou-se a identificar Jezus com o tipo do Messias que ele já havia concebido e só esperava uma objetivação. O Jezus de S. Paulo não é, pois, o Jezus de S. Pedro e seus colegas, mas sim um tipo *ideal*, ao qual o verdadeiro Jezus forneceu apenas os elementos indispensáveis à personificação do Filho de Deus. Bem examinados, esses elementos se limitarão ao fato de haver Jezus se proclamado ou sido proclamado Messias, sofrido o martírio por isso, e deixado discípulos entuziastas que confessávão o seu caráter messiânico, atestando a sua *ressurreição*. Parece mesmo que éssa resurreição, que *S. Paulo julgou demonstrada pela visão de Damasco*, constituiu o critério pelo qual o Apóstolo identificou Jezus com o tipo do Messias por cuja vinda anelava. Graças à incomparável natureza moral e mental de S. Paulo, estabeleceram-se, entre ele e Jezus, um comércio subjetivo, no qual o Filho de Deus revelou ao Apóstolo os acidententes capitais da redentora peregrinação que acabava de efetuar. Óra, todas éssas revelações érao solicitadas pela meditação dos grandes problemas sociais e morais que a organização do monoteísmo ocidental levantava.



Terminaremos estas considerações transcrevendo o trecho em que o nosso Mestre aprecia as epístolas de S. Paulo:

«Embóra ele não tenha escrito sinão cartas, éstas são assás decizivas para demonstrar que só ele apanhou então o conjunto de uma doutrina que não comportou jamais sinão tratados parciais, porque tornou-se necessariamente contraditória quando a sua destinação social não retificou os seus vícios intellectuais. Todas as concepções essenciais do catolicismo, relativamente ao dógma, ao culto e ao regímen, achão-se já caraterizadas nesses opúsculos espontâneos, cujo mérito sobressai milhór por contraste com o vago, mental e moral, que distingue os livros mais venerados com os quais os cercão (os Evangélhos). Basta aqui indicar especialmente a sua teoria da nóssa constituição, na qual o problema humano está enfim posto directamente, mediante o antagonismo permanente entre a natureza e a graça, transformado, na religião final, em uma luta contínua entre o egoísmo e o altruísmo.» (*Política*, III, pg. 409.)





CAPÍTULO SEGUNDO

Reflexões sobre o culto e a liturgia. Indicação das práticas litúrgicas, politeicas e judaicas, anteriores ao Catolicismo. Origem fetichica dessas práticas. Instituição da Eucaristia.

As observações anteriores parecem-nos suficientes para caraterizar a veneranda evolução pela qual a Humanidade, personificada em S. Paulo, fundou o dogma católico. Podemos, pois, agora apreciar como, sobre esse alicerce, levantou-se o grande e suave culto que, mesmo hoje, graças à santa resistência do sexo feminino, prezerva a sociedade moderna de uma completa dissolução, moral e política. Ainda aqui reconheceremos que o gênio social de S. Paulo foi encontrar os elementos de que carecia, no conjunto do meio religioso em que surgiu.

A existência social apresenta tres aspéto solidários, porem distintos, correspondentes às tres faces da natureza humana, ao mesmo tempo afetiva, intelectual, e prática. Desses tres aspéto, o principal é o afetivo, porque o altruismo é a origem primeira e o fim último da Humanidade. Com efeito, a *atividade* é um atributo geral dos corpos; nada ha independente de nós que o não possua. Quanto à *inteligência*, isto é, a aptidão do ente para perceber as relações entre si e tudo o que o rodeia, embora não seja uma qualidade geral como a *atividade*, existe todavia em seres que não oferecem a vida social. Não ha animal que possa ser concebido sem semelhante atributo, por isso mesmo que a vida animal é caracterizada pela impossibilidade de subsistir sem alimentar-se de entes que já têmão vivido. Donde resulta que, seja qual for o estado rudimentar de um animal, a sua existência fica incompreen-

sível sem supor-lhe um certo grau de aptidão para discernir o que vive do que não vive, isto é, um certo grau de inteligência. O mesmo não se dá com o *altruismo*.

Para apanhar, porem, convenientemente este ponto, cumpre atender à distinção dos nossos atributos morais em instintos egoístas e instintos altruístas. Os instintos egoístas mesmo oferecem uma subdivisão capital, conforme os sexos estão ou não separados; pois é claro que os animais unisexuais apenas carecem de um pendor que os leve a procurarem o alimento. Mediante essas reflexões, é fácil compreender que os pendores altruístas não podem ser encontrados senão em um número muito pequeno de espécies animais. São esses pendores que determinam a vida social quando atingem uma certa intensidade, induzindo cada indivíduo a subordinar a sua existência à de outrem. E é claro que a combinação desses atributos supremos com o conjunto dos demais ha de levar cada indivíduo a subordinar a sua existência sobretudo à dos seres que lhe são mais similares. De sorte que se vê que os órgãos do altruismo ou do amor são essencialmente os motores da obediência voluntária.

Assim, em resumo, ao passo que a *atividade* é o atributo comum dos corpos quaisquer, e a *inteligência* se encontra em toda a animalidade, o *altruismo* só existe em certas espécies animais. O seu surto não consegue mesmo ser completo senão na Humanidade. Mas como a inteligência não se pôde desenvolver senão mediante a existência social, compreende-se que o homem, graças à sua superioridade altruísta, torna-se fatalmente o ente *racional* por excelência, conforme a apreciação vulgar. Cumpre, porem, para que essa proposição seja verdadeira, que se considere o homem como personificando a Humanidade e não como um ente isolado, segundo a abstração teológico-metafísica. Pois que a superioridade mental do homem sobre os outros animais só resulta da existência coletiva, como o demonstra uma criteriosa apreciação da parte superior da escala biológica.

O mais eminente dos nossos atributos é pois o *altruismo*, por ser a fonte direta da existência social. É dele que decorre o sentimento do *dever*, isto é, a necessidade que sentimos de prestar o nosso concurso para a conservação e o desenvolvimento da Família, da Pátria, e da

Humanidade. É nele que reside essencialmente a *felicidade*, isto é, o contentamento íntimo que nos fás não dezejar mais nada além desse contentamento. Porque tal equilíbrio afetivo só pôde rezultar do acendente de penhores cujo surto seja compatível com o conjunto das fatalidades que nos dominão. Ora, isso não se pôde dar com a supremacia dos móveis egoístas que, por sua natureza, têm a afastar o homem da sociabilidade e fazê-lo cair na pura animalidade, sucitando por toda parte motivos íntimos de desgosto. A fonte do *dever* coincide pois com a da *felicidade*, porque ambos provêm do *altruismo*; e as condições do conseguimento de ambos são as mesmas, porque se rezúmem em desenvolver cada vês mais a vida social, subordinando a Família à Pátria, e a Pátria à Humanidade. Foi éssa coincidência de duas ezigências igualmente imperiózas da nòssa natureza, julgadas antagônicas pela teologia e a metafísica, que Clotilde formulou, do módo mais sublime, neste enunciado estético: « *Que prazeres pôdem eceder os da dedicação?* », e que o nòsso Méstie condensou filozóficaamente na lei: — *Viver para outrem*.

Em virtude desse tríplice aspéto da Humanidade, o conjunto dos fenômenos sociais dispõe-se em tres categorias deizgnadas pelas denominações de *culto*, *dóγμα*, e *regímen*. Ezaminadas sientificamente, cada uma dèssas categorias abrange as instituições pelas quais a Humanidade assegura a expansão cada vês maior do *altruismo*, da *inteligência*, e da *atividade*. Mas, ao passo que o *dóγμα* e o *regímen* fornecem os meios de cumprir o dever e de atingir à felicidade, o *culto* viza diretamente o *princípio* e o *fim* de todo dever e de toda felicidade, que consistem na mássima expansão do altruismo. Eis porque a célebre frase de Mme. de Staël — « *não ha nada real no mundo sinão amar* », — embóra parecendo à primeira vista ezagerada, encérrea de fato uma profunda verdade. Tudo na vida da Humanidade provem do acendente do altruismo, e tudo déve redundar em desenvolver cada vês mais o altruismo, fonte primordial e fito definitivo do dever e da felicidade. Assim também fica explicado porque a Religião, caraterizando a sistematização da existência social, foi considerada habitualmente como rezunindo-se no *culto*.

De fato, bem apreciados, o *dóγμα* e o *regímen* êntão



no *culto*, pois que eles são os instrumentos intelectuais e práticos por meio dos quais a Humanidade consegue realizar as solicitações contínuas dos sensíveis altruístas. Comparando-se os três aspectos da existência social que a Religião sistematiza pelo culto, pelo dogma, e pelo regime, vê-se que tais distinções mareiam na realidade três modos de *cultivar* os nossos pendores simpáticos mediante o exercício deles. Assim o culto propriamente dito consiste no exercício direto dos instintos altruístas, colocando-nos na situação mais favorável para saborear os encantos peculiares a eles. A inteligência é então empregada pela oração de modo a representar-nos a existência da Humanidade, na Terra e no Espaço, nas condições mais propícias ao surto do entusiasmo, conforme o destino da verdadeira *Poesia*. Ao mesmo tempo, a atividade é utilizada para tornar mais vivos e intensos os quadros construídos pela inteligência, mediante a objetivação deles, graças à linguagem vulgar e às Artes especiais que completam a *Poesia*, a saber, a Música e a Mímica, desenvolvida e fixada pela Pintura, a Escultura, e a Arquitetura.

O dogma se propõe a garantir a supremacia dos nossos instintos altruístas, colocando-nos na situação mais favorável para apreciar o concurso que as condições fatais que dominam a Humanidade prestam para conseguir a vitória do altruísmo sobre o egoísmo. Então a oração emprega a inteligência na construção de um mundo ideal, que representa o mundo real com o grau de aproximação exigido pelo conjunto das nossas necessidades morais, intelectuais e práticas, conforme o destino da *Sciência* real ou *Filosofia*. A atividade é então empregada de um modo mais intenso do que no culto propriamente dito, instituindo os meios apropriados para auxiliar os esforços que faz a inteligência a fim de apanhar as leis abstratas através da complexidade dos fenômenos concretos.

O regime, finalmente, tem por fim desenvolver os pendores altruístas, realizando, tanto quanto possível, a existência ideal cujos encantos o culto nos faz familiarmente sentir. A inteligência é então empregada pela oração de modo a dirigir, em cada caso, a passagem das concepções abstratas instituídas pela ciência para os planos concretos exigidos pela execução. Ao passo que a atividade adquire então o predomínio sobre a inteligência, modificando, sob

o impulso contínuo do altruísmo, o conjunto dos corpos exteriores pela Indústria, e a própria natureza humana pela Política e a Moral, de modo a aperfeiçoar cada vês mais, tanto quanto possível, a ordem espontânea.

Vê-se, pois, que a tendência empírica que levou a confundir a Religião com o *Culto*, representa um apanhado profundo, embóra confuzo, da realidade. Por isso também é claro que, si a cada fase social corresponde um certo dógma e um certo regímen, deve corresponder também um certo culto, que não constitui sinão a idealização do respectivo dógma e do respectivo regímen. As mesmas reflexões nos mostram que a natureza humana sendo sempre a mesma e o mundo também sempre o mesmo, o culto, o dógma, e o regímen não poderão jamais ter na realidade, sempre, sinão o mesmo destino, a saber, sistematizar cada vês melhor a existência social. Pois bem, vamos ver que as instituições culturais surgidas espontaneamente no período fetichista, fôrão apenas se transformando de modo a adaptar-se cada vês melhor às expansões crescentes do altruísmo e purificação cada vês maior do egoísmo. Em poucas palavras, veremos confirmado o círculo sublime caracterizado por este enunciado do nosso incomparável Mestre: *O Amor procura a Ordem e estimula o Progréssso; a Ordem consolida o Amor e regula o Progréssso; o Progréssso desenvolve a Ordem e nos fás voltar ao Amor.*

Porem, a constatação de semelhante verdade requer, ainda que completemos a indicação precedente, explicando os fundamentos positivos da opinião vulgar que leva a confundir o culto com as suas manifestações exteriores. Semelhante confusão resulta da solidariedade mais ou menos sentida de todos os aspectos da natureza humana. Assim, nós vimos, primeiro, que a vida social tinha a sua origem na nossa constituição cerebral, em virtude da existência dos nossos instintos altruístas. Em seguida, mostrámos que o desenvolvimento espontâneo da sociedade fizera surgir a sua sistematização, isto é, a Religião. Acabamos, enfim, de reconhecer que a Religião se resume no culto, por isso mesmo que, si o amor é o princípio da sociedade, a expansão contínua do amor constitui o progrésso, isto é, o fim de toda a vida humana. Ora, o amor não podendo existir sem traduzir-se por pensamentos e atos, o culto

supõe necessariamente um sistema de práticas destinadas a essa manifestação. É, pois, evidente que, si não ha religião sem culto, também não pôde haver culto sem liturgia. Nada, portanto, mais natural do que a assimilação do culto aos ritos que lhe dão uma constituição objetiva.

Esta série de considerações patenteia igualmente que não basta a existência de práticas cultuais para que ezista realmente o culto, porque semelhantes práticas podem se tornar meramente convencionais ou de pura ostentação, para inculcar sentimentos e convicções que não ezistem. O boni senso popular já apanhou também esta verdade. Impórta, entretanto, assinalar aqui a falsidade das conclusões que déla tem tirado o espírito revolucionário, sustentando a inutilidade ou a insignificância de instituições sistemáticas para assegurar a cultura dos nossos pendores sociais. O absurdo e a imoralidade de similhante sofisma tórnão-se incontestáveis quando se reflête que tal argumentação cifra-se em condenar essa instituição, ezagerando os abuzos que as más naturezas podem fazer déla, e calando ao mesmo tempo as incalculáveis vantagens que a sociedade, em sua totalidade quázi inteira, pôde tirar da mesma instituição. Para serem coerentes, os revolucionários devião estender a todos os inventos industriais da Humanidade a condenação que lavrarão contra as práticas do culto. Porque ninguém ignóra que as nossas máquinas são tanto mais perigózas, quando manejadas por naturezas sem moralidade, quanto mais prodigíózos são os seus benefícios, quando empregadas pela massa do proletariado.

Escrevendo à nossa compatrióta, D. Nízia Brasileira, a propózi do enterro do senador Vieillard, o nosso Mestre dizia: « A falta de dignidade de tal préstito fêz-me especialmente sentir que o culto o mais caduco é praticamente preferível à auzência total de culto. » (Carta de 4 de S. Paulo de 69—24 de Maio de 1857.)

Para reconhecer a perfeita ezatidão destas linhas, basta refletir que, em virtude das leis naturais que dominão a nossa organização moral, nenhum hñem pôde deixar de sofrer as reações quaisquer do meio em que se acha. Ora, as práticas cultuais são sinceramente partilhadas pela quázi totalidade dos que assistem a elas, em cujo número predominão as mulhères e as crianças. Rezulta daí que,



quando mesmo as cerimônias litúrgicas só aproveitassem a essa parte mássima dos circunstantes, ninguém poderia desconhecer a importância capital da persistência delas. Porque, em primeiro lugar, a massa masculina estando espontaneamente sob a Providência moral da Mulher, nada ha mais precioso do que tudo quanto contribui para exaltar a inapreciável ecclência simpática do sexo feminino. Graças a tão santo patrocínio, seja qual for o septicismo do homem, ele ficará naturalmente preservado dos maiores desvios morais e políticos, mediante a solicitude das mãis, das esposas, das filhas, das irmãs, e mesmo das criadas, em suma, da generalidade do sexo amante. Em segundo lugar, as crianças, que são a Posteridade e cujos corações se estão formando, desenvolvem o seu altruismo de forma a torná-lo mais capaz de superar o egoísmo, quando mais tarde caírem no revolucionarismo. Junte-se agora a esses motivos, por si sós decisivos, as reacções que fatalmente sofrem os maiores sépticos quando se achão em um meio composto de entes a quem se sentem mais ou menos afetivamente ligados. Vê-se assim que bem poucos serão aqueles para cujo desenvolvimento altruista as práticas religiosas serão completamente inúteis, e ainda mais insignificante o número daqueles a quem elas possam realmente prejudicar.

Tudo quanto precede confirma a profunda sentença de nossa terna e imaculada Mãe-Espiritual, quando dizia que a « *nossa espécie, mais do que qual'quer outra, precisa de deveres para fazer sentimentos* ». Obrigado a praticar atos de amor ou siquer a exprimir o amor, enbóra sob fórmulas pouco adequadas, o homem acaba por experimentar as doçuras do altruismo. A submissão, mesmo involuntária, torna-se favorável ao surto do altruismo, por isso mesmo que comprime o egoísmo, primeira fonte das nossas desgraças, privadas e públicas. Colocado, seja como for, em condições de sentir o encanto peculiar aos instintos simpáticos, o homem adquire afinal a mais preciosa de todas as convicções, reconhecendo que a *verdadeira liberdade reside no amor*, conforme a apreciação do nosso Mestre. Então nos elevamos à verdadeira dignidade, completando as leis da cega Fatalidade, que a ciência revela, por aquélas que a sabedoria da Humanidade instituiu, e estendendo às primeiras o amor que as segundas natural-

mente inspirão. Tal é a sublime situação moral que as efuzões de S. Paulo permitem condensar nesta fórmula a a ele atribuída; *estando prezo sinto-me livre*; e que o nòsso Mèstre caracterizou na mássima: *A submissão é a base do aperfeiçoamento*.

Isto posto, vejamos como se constituiu o culto católico. S. Paulo surgiu, conforme mostrámos, no seio de uma sociedade em dissolução, na qual coexistião vários politeísmos com o monoteísmo teocrático instituído por Moisés. Como acontece em nòssos dias ao Catolicismo, todas essas religiões, ou milhór, todas essas fazes da Religião subzistião ainda apenas pelos seus respectivos cultos, reduzidos principalmente às suas práticas litúrgicas. Com effeito, a emancipação dogmática era mais ou menos profunda nas camadas dirigentes, intellectualmente dominadas pelos resultados da evolução grega. As massas populares não tinham podido furtar-se às reacções desse septicismo. Mas, *como não se destrói sinão o que se substitui*, o culto politeico geral e o monoteico ecepcional dos judeus se mantinhão. Esses cultos oferecião aliás por toda parte a mais completa afinidade, em virtude de sua commun origem, primeiro feticheica, e depois teocrática. Isto ficará mais sensível recordando sumariamente as principais instituições litúrgicas d'essa época.

Alem dos templos, isto é, dos edificios especialmente reservados para o culto público endereçado aos Deuzes, havia as diversas construções destinadas ao culto pessoal e doméstico, que concernia sobretudo os antepassados (manes) e o fogo (lar). Em todos esses cazos, o culto supunha demais a *ara* ou *altar*, que era essencialmente uma construção em pédra, diante da qual se efetuávão as cerimônias sagradas. Eis aqui uma enumeração das principais d'essas cerimônias: *

« LIBAÇÃO. — 1ª Cerimônia religiôza, praticada pelos antigos, que consistia em encher um vazo de vinho, de leite ou de outro líquido, que se derramava inteiramente depois de haver provado, ou depois de haver roçado com a estremidade dos lábios. Ela acompanhava ordinariamente

* Para as indicações seguintes, recorremos aos *Dicionários* da coleção Migne, como fonte naturalmente insuspeita aos católicos. Ver especialmente o *Dicionário das Religiões*, o *Dicionário da Bíblia*, e o *Dicionário da liturgia católica*. — R. T. M.

os sacrifícios; algumas vezes também ella tinha lugar só-zinha, nas negociações, os tratados, os casamentos, os funerais, antes de empreender uma viagem por terra ou por mar, ao deitar-se, ao levantar-se, no começo e no fim das refeições. As libações das refeições eram de duas sortes: uma consistia em queimar um pedaço separado das carnes, a outra em derramar algum liquido sobre o fogão, em honra dos Larcs, ou do génio tutelar da eaza, ou de Mercúrio, que prezidia aos acontecimentos felizes. Oferecia-se vinho com água a Baco e a Mercúrio, porque este deus estava em comércio com os vivos e os mortos. * Todas as outras divindades exigiam libações de vinho puro. Nas ocasiões solenes, a taça com a qual se as fazia era coroada de flores. Antes de fazer as libações, lavavam-se as mãos e recitavam-se certas rézas. Estas rézas eram uma parte essencial da celebração do casamento. Além da água, o vinho, o óleo, o leite e o mel, se ofereciam também aos deuses, e os Gregos os misturavam com água para as suas libações em honra do Sol, da Lua, e das ninfas. Libações muitissimo frequentes eram as dos primeiros frutos dos campos, que se apresentavam em pratinhos chamados *patellæ*. Enfim, os Gregos e os Romanos faziam libações sobre os túmulos, na cerimônia dos funerais.

« 2º Os Judeus praticavam também as libações nas cerimônias do seu culto. Os capítulos xv e xviii do livro dos Números indicão a quantidade de vinho necessária para a libação em cada espécie de sacrificio. Esse vinho era derramado, não sobre o fogo, mas sobre o altar somente. O segundo livro dos Reis refere que Davi, estando acampado no meio dos Filisteus, dezechava ardentemente beber água do poço de Bethlem; tres bravos do seu ezército devotaram-se, passarão através do campo inimigo e trousseram ao seu rei a água que tinham tirado no poço situado perto da porta de Bethlem; mas Davi não pode rezolver-se a beber a água adquirida por tão alto preço, e a derramou diante do Senhor, em forma de libação.

« 3º As libações são ainda hoje uma parte integrante do culto bramínico...

« 4º Os Vakoutes....

* Será porque o vinho aviva ainda mais o fogo, ao passo que a água o mata, que um foi tomado para simbolizar a vida e a outra para representar a morte? — R. T. M.

« 5º Os Mignelianos e os Georgianos, apesar de cristãos, não comêçam nunca as suas refeições sem ter feito sobre a mesa uma libação de vinho...

« 6º Os insulares de Yezo, que têm apenas uma religião, têm entretanto cuidado, quando bebem junto do fogo, de lançar algumas gotas d'água em diversos lugares do brazeiro, em fórma de offerta.

« ABLUÇÃO. — Consideramos aqui a ablução como a cerimônia religiôza que consiste em lavar o próprio corpo ou o corpo de outrem, em totalidade ou em parte, quer para o asseio exterior, quer como sinal de limpeza da alma. Sob esse ponto de vista, a ablução fáz parte integrante do ritual de um grande número de religiões.

« 1º Na lei dos Judeus é ordenado a quem quer que contraíu uma impureza de lavar-se antes de ter comércio com os outros homens. Contraíam-se a impureza pelo contato de um cadáver, de um leproso, de um réptil, etc. Devia-se ainda lavar quando se tinha sido afetado de lepra, etc. Os padres devíam recorrer às abluções antes de aproximarem-se do altar e oferecer os sacrificios. Uma mulher ficava impura no parto e nas épocas catameniaes. Quem quer que tocava num homem ou numa mulher impura, ou nos objetos de que eles se servíam, ficava impuro e era obrigado a lavar-se, sob pena de comunicar a sua impureza aos outros. Os vasos ou instrumentos que tinham servido para coisas reputadas impuras, devíam ser lavados antes de entrarem em uso comum.

« 4º Os antigos Romanos recorriam às abluções antes de entrar nos templos; era por isso que havia na porta desses edificios vasos cheios de água lustral; punhão-se também tais vasos nas portas das cazas em que havia um morto, para as pessoas se aspergirem ao sair. Servíam-se também d'essa água para lavar os defuntos.

« 5º Os Gregos tinham igualmente suas lustrações. Eles acreditavam que tres coisas tinham a virtude de purificar: a água, o ar e o fogo, ou a terra por encerrar o fogo. A água do mar era preferida à dos rios, e a água corrente à estagnada. Os Gregos se lavavam não sómente para certas espições solenes, mas ainda depois do encontro de uma doninha, de um corvo, de uma lébre; depois de uma tempestade imprevisita, ou outro acontecimento de sinistro agouro.

« BATISMO. — Os judeus tinham um batismo para a remissão dos pecados, símbolo da pureza da alma que adquiria o israelita pecador que se convertia, ou o infiel que abraçava a religião judaica; é esse batismo que dava S. João Batista nas águas do Jordão. (Vide Dic. da Bíblia, artigo *Batismo*.)

« Tres coizas são necessárias, segundo os Judeus, para fazer um prozélito, a saber: a circuncizão, o batismo, e o sacrificio; as duas últimas são para a mulher: todavia, eles se contêm hoje com a circuncizão (si a pessoa não a teve) e o batismo, porque não podem mais offerecer o sacrificio... Mas essas duas condições são tão essenciais, que a falta de uma delas tornaria absolutamente nula a iniciação. O batismo é conferido em presença de tres testemunhas... Circuncida-se a pessoa e se asperge com o seu sangue. Depois que ella está sarada, procede-se ao batismo. O recepiendário entra na água com o corpo inteiro...

« ASPERSÃO. — 3º Os padres judeus fazião tambem no tabernáculo aspersões sobre o povo e sobre os objectos sagrados, quer com o puro sangue das vítimas, quer com o sangue misturado com as cinzas delas. *

« 4º Os pagãos tinham a água lustral, com que se aspergião saindo das cazas, em viagem, nos caminhos, e mesmo nas ruas. Nas cerimônias que eles chamávão lustrações, eles aspergião igualmente as cidades, os campos, os rebanhos, as cazas, os exércitos, as crianças, as pessoas manchadas, quer por um crime, quer pelo contato de um cadáver.

« ASPERSÓRIO. — Cabo de metal ou de madeira, que sustenta uma bóia deca, na qual ha uma esponja, ou que é guarnecido de crinas ou pelos, e serve para fazer aspersão de água benta.

« LUSTRAÇÕES. — Cerimônias religiosas, freqüentes entre os Gregos e os Romanos, para purificar as cidades, os campos, as cazas, os rebanhos, os exércitos, as crianças, as pessoas manchadas por algum crime, ou pelo contato de um cadáver, ou por alguma outra impureza. Elas se fazião ordinariamente por aspersões d'água lustral, por procissões e por sacrificios espiatórios. As lustrações propriamente ditas tinham lugar de tres maneiras: ou pelo fogo, o en-

* Tinhaõ tambem aspersões com água lustral. Vide o Dicionário da Bíblia, no artigo *Tau lustrale*. — R. T. M.

xofre queimado e os perfumes; ou pela água que se derramava; ou pelo ar que se agitava em torno do objeto que se queria purificar. Essas cerimônias eram públicas ou particulares...

« UNÇÕES. — 1º As unções de óleo, quer natural, quer misturado com perfumes, entravam em quasi todas as cerimônias da antiga lei. Todos os ornamentos e os móveis do tabernáculo, a arca de aliança, a mesa, o candelabro de sete braços, os altares, o próprio tabernáculo, foram consagrados no deserto com o óleo de unção. Este óleo é composto de mirra-franca, de cinamomo, de cana odorante, de canela e de azeite doce. Aarão e seus filhos foram consagrados padres do Senhor pela efusão dos santos óleos sobre as suas cabeças. E mais tarde, quando houve reis em Israel, eles foram também consagrados por meio de unção; algumas vezes fazia-se o mesmo com os profetas, ou os que recebiam uma missão extraordinária.

« 4º Os Fenícios e outros povos da antiguidade tinham o uso de derramar azeite sobre as pedras que serviam para distinguir os limites dos campos assim como sobre aquelas que eram colocadas na entrada de um bosque sagrado ou qualquer outro lugar destinado a um culto.

« SACRIFÍCIOS — Os sacrifícios se dividem, quanto aos objetos oferecidos à Divindade, em duas partes: 1º, os do reino animal, ou *sacrifícios cruentos*; 2º, os do reino vegetal, ou *oferendas e libações*.

« I. *Sacrifícios cruentos*. — Entre os Hebreus, os sacrifícios cruentos não podiam ser tomados sinão de quatro espécies de animais domésticos: o cordeiro, a espécie bovina, a cabra, e algumas vezes o pombo. São essas as espécies que muitos povos da antiguidade escolhiam de preferência para oferecer aos deuses, embora empregassem algumas vezes outras... As vítimas deviam ser izentas de todo defeito... Devia-se queimar sobre o altar algumas das melhores partes da vítima, a saber: 1º a gordura que cobre as entranhas; 2º os dois rins, com o sebo que tem por cima; 3º o grande lobo do fígado; 4º (si a vítima era uma ovelha), toda a cauda.

« Achamos usos análogos nos ritos dos Gregos e dos Romanos... Os Gregos, a julgar pelas poezias de Homéro e Hesíodo, ofereciam apenas os ossos envolvidos em um pouco de gordura...

« Entre os Romanos, os bocados destinados aos deuses e chamados *proscia* ou *prosecta* éram um pouco mais bem escolhidos, e os uzos dos Romanos, a este respeito, se apossimam um pouco mais dos dos Hebreus do que os ritos dos Gregos. Os *prosecta* se compunham de algumas partes dos intestinos, que se queimavam ordinariamente, mas que se ofereciam algumas vezes cruas ou cozidas. Ajuntavam-se alguns fragmentos da coxa (*caro strebula*), da cauda (*offa penita* ou a *plasca* do boi), do ubre (*ruma*), e das tripas (*hira*).

« Não levarei mais longe essas comparações; o que tenho dito basta para fazer ver ao leitor que até nos menores detalhes se encontram os uzos dos Hebreus nos antigos pagãos. Résta-me deitar um lance d'olhos sobre os diferentes gêneros de sacrificios que achamos no culto dos Hebreus; havia quatro: o *holocausto*, o *sacrifício do pecado*, o *sacrifício de culpabilidade*, e o *sacrifício pacífico*.

« 1º O *holocausto* é colocado por Moisés no primeiro rango dos sacrificios... Quando o holocausto era das tres primeiras espécies de animais, isto é, um quadrúpede, não se podia empregar sinão animais machos. As cerimônias que se observavam então, e a maneira de os queimar, são referidas em detalhes no primeiro capítulo do *Levítico*. Depois de ter cortado o animal em pedaços, queimava-se tudo sobre o altar, eceto a pele, que pertencia aos padres...

« 2º *Sacrifícios de pecado e de culpabilidade*. As formas eram as mesmas para os dois; queimavam-se as partes destinadas ao altar e que indicamos acima, e todo o resto pertencia aos padres. Nem um nem outro eram acompanhados de nenhuma oferenda ou libação, e não podiam ser oferecidos sinão em cazos previstos pela lei...

« 3º O *sacrifício pacífico* occupa o último lugar. Offerecia-se este sacrificio em consequência de um voto ou voluntariamente; mas algumas vezes como reconhecimento por um beneficio recebido da Divindade, e então era acompanhado de uma oferenda. Em alguns cazos, ele é ordenado pela lei, como, por exemplo, o carneiro do Nazareno e os dois cordeiros da festa das Primicias. Estes ultimos oferecem o unico exemplo de um sacrificio pacífico fazendo parte do culto. Somente os padres podiam comer a carne

deles, ao passo que eles não obtinham do sacrifício pacífico dos particulares senão certas partes que podiam dar a suas familias. Estas partes eram o peito e a pã direita, que tinham servido para as cerimoniaes da *agitação* e da *elevação*. Todo o resto, exceto os pedaços destinados ao altar, era empregado em uma refeição. O primogênito e o dízimo dos rebanhos entrão tambem na categoria dos sacrificios pacíficos; o primogênito pertencia aos padres, mas o dízimo era somente apresentado pelos proprietários, que, depois de o terem feito matar segundo os ritos, podiam comer a carne dele.

« Não ha accordo sobre a significação da palavra hebraica *schelamim*; o sentido pacífico me parece o mais conveniente. Eram antes refeições solenes de que sacrificios. Os Hebreus não foram os únicos que, em certas ocações, davão às suas refeições e festins um caráter sagrado. Muitas passagens nas poezias de Homéro provão que essas refeições sagradas, nas quais se dava a sua parte à Divindade, eram muito frequentes entre os povos antigos. Encontrão-se os *schelamim* nas ocações de luto, o que prova que o sentido de sacrificio de alegria é inadmissível.

« II. *Oferendas e libações*.— O uzo das oferendas e libações com o dos sacrificios se acha em todos os povos da antiguidade. Entre os pagãos, como entre os Hebreus, ora elas acompanhão os sacrificios cruentos, ora se apresentão sós. A diferença a este respeito é pouco notável entre os ritos dos Hindus, dos Gregos e dos Hebreus, e não se pôde, apesar d'essa diferença, desconhecer a sua origem comum. Entre os Hebreus, a oferenda se compunha de farinha de trigo e de azeite doce; ora se oferecia a farinha pura, derramava-se por cima azeite e juntava-se incenso em seguida; ora se fazia uma espécie de torta amassada com azeite, ou de bolos untados de azeite. Era preciso sempre pôr sal, mas não era nunca permitido pôr mel ou fermento... Os Hindus ofereciam bolos sem fermento, e o uzo do sal era muito frequente no sacrificio dos Gregos e Romanos...

« A mesma analogia se encontra nas libações que acompanhavam certos sacrificios. Derramava-se vinho em volta do altar, como dis Jozéfo, ou, como dizem os rabinos, em um conduto que havia no altar. Entre os pagãos, derramava-se o vinho entre os chifres da vítima; mas

havia também libações independentemente dos sacrifícios, as quais se derramavam no chão.

« A oferepda ou *mincha* propriamente dita e independente do sacrifício cruento era, como este, de duas espécies, pública e privada. As oferendas eram: 1º, o *omer*, ou as primícias da colheita da cevada, oferecidas durante a Páscoa; 2º, os doze pães oferecidos no dia da festa das semanas; 3º, os doze pães da espoziação, que se renovavam todos os sábados. As oferendas privadas eram de quatro espécies: 1º Oferenda do pobre que tinha de espiar um pecado qualquer, mas que não possuía mesmo pombos. 2º Oferenda de *ciúme*, ou da mulher suspeitada de adultério; era de cevada. Com essas duas primeiras espécies não havia nem azeite, nem incenso. 3º Oferenda do padre. O padre admitido pela primeira vez a exercer as funções, oferecia um décimo de *Epha* de farinha, metade de manhã e metade à tarde, como sacrifício quotidiano. 4º *Oferenda voluntária*, ou em consequência de voto. Dessas oferendas vaporizava-se um punhado no altar; o resto pertencia aos padres. A oferenda do padre era inteiramente vaporizada,...

« As oferendas pôde-se ajuntar a fumeação de perfumes, de aromas, que tinham lugar todos os dias no templo, sobre um altar particularmente destinado a esse uzo. A composição desse perfume é indicada por Moisés; semelhantes fumações estavam em uzo entre os pagãos.

« SACRIFÍCIOS POLITEÍSTAS. — 11º Os Gregos dou-ravam os chifres das grandes vítimas, tais como bois e touros, e se contentavam em coroar as pequenas com folhas de árvores ou de plantas consagradas à Divindade em honra da qual era oferecido o sacrifício. Colocavam junto ao altar os cestos sagrados contendo tudo que servia para a cerimônia, oferendas, facas, patenas, e outros utensílios. Estes cestos eram carregados pelos *cenephoros*. Chegada a vítima, derramava-se na sua cabeça, antes de degolá-la, alguns punhados de cevada cozida com sal; regavam-na de óleo e vinho, e, si o sacrifício se fazia em honra de alguma divindade celeste, fazia-se a vítima voltar a cabeça para o céu. Uma prática das mais religiosas era esfolar a vítima e revestir as estátuas dos deuses com a pele dos animais imolados. Algumas vezes também eram estas penduradas às paredes e suspensas às abóbadas dos tem-

plos. Demais, os padres deitavam-se sobre as péles dos cordeiros, das ovelhas, e dos carneiros, que se tinham degolado em sacrificio, e aí dormião. Depois do sono, annunciávão os seus sonhos, e os explicávão em fôrma de oráculo. No dia dos sacrificios, eles comião em caza, religiôzamente, com seus amigos, uma parte das carnes consagradas, ou lhes mandávão uma parte; e eles crião mesmo fazer um ato de religião tomá-las das mãos dos que encontrávão, e levá-las para caza. Nos sacrificios, alem das imolações de animais, servião-se de bolos, de pastéis de farinha e mel. As pessoas ricas oferecião aos deuses diferentes sôrtes de sacrificios que correspondião às suas pösses. As oferendas dos pobres não consistião sinão em beija-mãos. Muitas vezes lançávão-se cavalos vivos no mar e nos rios, para honrar a rapidês do seu curso: êrão como vitimas que se sacrificávão em honra deles.

« 12º Os Romanos tinham tres sôrtes de sacrificios: os públicos, os particulares, e os estrangeiros. Os primeiros se fazião à custa do público, para o bem do Estado; os segundos êrão feitos por cada família, e às expensas daquêla que se encarregava dele; chamávão-n-os *gentilitia*; os terceiros êrão celebrados quando se trasladávão para Roma os deuses tutelares das cidades ou das províncias subjugadas, com os seus mistérios ou cerimônias. Os sacrificios tinham quatro partes principais, das quais a primeira chamava-se *libação*, que era êssa léve prôva do vinho que se fazia com as efuzões sobre a vítima; a segunda, *imolação*, quando, depois de ter derramado sobre êla os farêlos de um bolo salgado, se a degolava; a terceira, *redição*, quando se oferecião as entranhas aos deuses; e a quarta, *litação*, quando o sacrificio achava-se perfeitamente consumado, nada havendo a dizer.

« Os sacrificios êrão diferentes em relação à divindade dos deuses que os antigos adorávão. Havia sacrificios para os deuses celêstes, para os dos infêrnos, para os deuses marinhos, para os do ar, e os da térra. Havia então diferença, não sômente na vítima, mas também na maneira de sacrificá-la. Entre os sacrificios públicos, havia uns chamados *stata*, fixos e solenes; fazião-n-os nos dias de festas marcadas no calendário romano; outros extraordinários, chamados *indicta*, porque êrão ordenados extraordinariamente por alguma razão importante; outros que

dependião do acazo, tais como os *expiatoria*, os *denicalia*, os *novendialia*, etc.

« As cerimônias observadas nesses atos religiosos concernião as pessoas que sacrificávão, os animais que se devia imolar, e os próprios sacrificios; quanto às pessoas que devião oferecer os sacrificios, exigia-se primeiro que fôsem puras e castas, que não houvêsem contraído mácula alguma, que se abstivêsem dos prazeres sexuais, conforme o ordenava a lei das doze Táboas. A veste do sacrificador devia ser branca, e ele trazia alem disso coroas feitas da árvore consagrada ao deus a quem sacrificava. Quando o sacrificio era votivo, o padre procedia a ele com os cabelos soltos, a veste dezarregaçada, e descalço, porque esse éa o exterior dos suplicantes; e a cerimônia começava sempre pelos vôtos e as súplicas.

« Os animais destinados aos sacrificios chamávão-se *vítimas* ou *ostias*. Eles devião ser bêlos e sãos, e cada deus tinha os seus favoritos que se éra obrigado a imolar-lhe. No começo não se ofereciao aos deuzes sinão frutos da terra, e Numa o tinha regulado assim, segundo o testemunho de Plutarco; porem, após esse príncipe, o uzo, espalhado por toda parte, de imolar animais, introduziu-se entre os Romanos, e eles considerávão a efusão do sangue como inuito agradável aos deuzes.

« Lógo que a vítima, ornada de flores e de infulas, se achava junto do altar, um arauto mandava fazer silêncio; expulsávão-se os profanos, e o sacrificador começava por uma invocação a Jano e a Vêsta; porque todos os sacrificios se dirigião primeiro a êssas duas divindades, como dando acêssio junto às outras; ele implorava em seguida o socôrro do deus ao qual ia sacrificar. Lançava então sobre a cabeça da vítima um pouco de uma massa feita de farinha de trigo e sal, e a regava com algumas gotas de vinho, que tinha provado e dado a provar às pessoas pelas quais se fazia o sacrificio. * Acendia-se o fogo, depois arrancava-se pelo de entre os chifres da vítima, e se o lançava no brazeiro, no qual punha-se tambem incenso. O sacrificador entregava a vítima aos que se chamávão *popes* ou *vitimários*; o *cultrarius* a feria com um machado, e a degolava

* Nôte-se a analogia dêsta cerimônia com a *comunhão na espécie do vinho* segundo os católicos. — R. T. M.

lôgo; recebia-se o sangue em taças, e se o derramava sobre o altar. Depois os popes a esfolávão, a lavávão, e a entregávão ao sacrificador ou ao *auspice*, que retalhava as entranhas, como o fígado, o pulmão, o coração, o baço, afim de tirar os augúrios do estado em que éssas partes se achávão. Acabada ésta cerimônia, os vitimários cortávão um pedacinho de cada membro e de cada vícera da vítima, que envolvíão em farinha de trigo, e levávão em cestinhos ao sacrificador, o qual as lançava no fogo do altar. Algumas vezes a vítima éra queimada toda inteira, porem, o mais freqüentemente os deuses só tinham uma parte. Quando as partes depositadas sobre o altar achávão-se consumidas, fazia-se um festim com o résto da vítima, ajuntando-se-lhe outros manjares. Os que tinham oferecido o sacrificio convidávão os amigos... Durante o festim cantávão-se os louvores do deus, e dansava-se em seguida em torno do altar, ao som dos tímboles. Acabado o sacrificio, os sacrificadores lavávão as mãos, pronunciávão algumas orações, e fazião nóvas libações, depois das quais éra-se despedido pela fórmula ordinária *Licet* ou *Exempto*. Si o sacrificio éra público, éra seguido do festim chamado *epulae sacrificales*; mas si ele éra particular, o festim o éra também, e conia-se a parte das vitimas partilhada com os deuses. Vide SACRUM. »

.....
 Parece-nos escuzado um estrato mais estenso desse artigo, porque o que precéde basta para julgar, sob este aspéto, do meio religioso em que surgiu S. Paulo.

« BANQUETES SAGRADOS.—1º *Lectisternium*.—Cerimônia religiôza dos Romanos: éra um banquete sumptuozo, oferecido aos deuses, cujas estátuas éão tiradas dos seus nichos e colocadas sobre leitos, diante de uma meza carregada dos manjares mais delicados, pelo cuidado dos *epulones*, sacerdôtes que prezidíão aos festins dos sacrificios. (Anthony Rich—*Dict. de Ant. romanas e gregas*.)

« 2º *Sellisternium*.—Festa religiôza oferecida às deusas, do mesmo gênero que o *Lectisternium*, com ésta diferença que se dispúnhão as estátuas das deusas em cadeiras (*sellæ*) e não em leitos (*lecti*), porque as mulhéres na anti-güidade não tinham o costume de se deitar à meza, como os homens, mas sentávão-se à borda do leito, ou em uma cadeira à parte. (Ibidem.)

« 3º *Silicernium*. — Festa dada em honra de um morto, quer no dia mesmo das ezéquias, quer alguns dias mais tarde... Entre os Romanos, ao que parece, esse banquete fúnebre tinha lugar no túmulo mesmo, e é sem dúvida para isso que servião essas câmaras ricamente decoradas, que se encontrão tantas vezes como dependências das tumbas, mas que não recebião nunca depósitos fúnebres; pôde-se ainda ver um *triclinium* em régra, com os seus leitos e a sua meza, em um dos monumentos fúnebres de Pompéia. Mas, entre os Gregos, essa refeição fúnebre era sempre dada na casa do mais próximo parente do morto, immediatamente depois dos funerais... » (Ibidem.)

Essas cerimônias éráo precedidas, acompanhadas, ou seguidas de certas fórmulas em certas atitudes. Eis aqui algumas dessas atitudes:

« *Adoratio* (adoratio) — Genuflessão em que a mão esquerda era levada aos lábios, enquanto a direita tocava o altar ou o objeto adorado.

« *Precatio* — De pé, com as mãos erguidas e abértas, na attitude de quem recebe alguma coisa.

« *Supplicatio* — De joelhos, com as mãos alçadas.

« *Adulatio* — De joelhos, com o rosto encostado no chão. » (Ibidem.)

As cerimônias do culto supúnhão o uzo de certos objetos. Vamos mencionar aqueles cujo conhecimento nos parece interessar à questão atual. As nossas informações são tiradas do *Dicionário das antigüidades romanas e gregas*, por *Anthony Rich*, traduzido do inglês sob a direção de *Cheinel*.

« *Acerra*. — Caixinha quadrada, com tampo (*arcaturalis*), que continha o incenso de que se servia para o sacrificio... O incenso não era queimado na *acerra*; mas a caixinha era levada ao altar por um assistente do padre... Quando se queria servir do incenso, tirava-se dessa caixinha e se o derramava sobre o altar ardente: donde a expressão *libare acerra*.

« 2. Segundo Festus, dava-se também o mesmo nome a um pequeno altar portátil, colocado diante dos mortos, e sobre o qual queimava-se o incenso. (Ibidem.)

« *Turibulo* — *Incensório* — Vazo que servia para queimar incenso, por opposição à *acerra*, a caixinha na qual se o levava para o templo, e donde se o tirava, quer



para pôr no turíbulo, quer para lançar uma pitada sobre o altar inflamado. Muitas vezes se sustinha esse vazo por cadeias, por meio das quais se o balançava para difundir o vapor odorante nas ruas ou nos templos, como se fás ainda hoje nas igrejas católicas. A gravura representa um original de bronze descoberto em Pompéia. Uma das tres correntes pelas quais se o suspendia está atada no alto da tampa, que éra assim um pouco levantado cada vês que se balançava o vazo, e permitia assim uma baforada de vapor embalsamado escapar-se a cada movimento. (Ibid.).

« *Candela* e *Cereus* — Candeia ou véla feita de pês, de cera, ou de sebo, com a medula de um junco por mecha; servia-se primitivamente d'essas candelas-vélas antes da invenção da lâmpada de óleo.

« 2. Espécie de tócha feita de fibras de papyrus torcidas juntas como uma cõrda, ou de uma cõrda mesmo revestida de cera, que se levava antigamente nos cortejos fúnebres. (Ibidem.)

« *Candelabro* — *Candieiro* — *Castiçais*.

« *Anclabris* — Mezinha de que se servia no sacrificio, como de um altar. Colocávão nêla os instrumentos do sacrificio, bem como as entranhas da vítima, para inspeção dos adivinhos. (Ibidem.)

« *Mensa sacra* (Meza sagrada) — Meza feita de mármore, de ouro, ou de prata, servindo de alguma sôrte de altar; collocávão-n-a diante das estátuas dos deuzes, cuberta com vinho, vazos, frutas e carnes, que se lhes oferecião na solenidade do *Lectisternium*. . . (Ibidem.)

« *Labrum* (*Bacia de água consagrada*) — De pédra ou mármore, colocada como uma pia na entrada de um templo pagão para conter água lustral; molhávão-se nêla as mãos para purificar-se antes do sacrificio. . . A composição da água consagrada éra a mesma que a da água *benta* nos paizes católicos: uma mistura de água e sal. Não se encontra em nenhum escritor latino a palavra *labrum* com o sentido dado aqui; mas os nomes gregos são tão autênticos como o objêto, e a fórmula é precizamente a que a palavra em questão caracteriza.

« *Cupedo*, *Capis* — Galheta ou almotolia para vinho, de fórmula e uzo antigos, de argila, com uma só aza; circunstância de que os gramáticos romanos tirão o seu nome. Nas idades primitivas da história romana, em que reinava

uma grande simplicidade, vasos de argila desta sorte eram comumente empregados para uzos religiosos e outros... Entretanto, esses vasos foram sempre conservados para as necessidades do culto... (Ibidem.)

« *Guttus* — Bilha de gargalo muito estreito e boca pequenina; o líquido não podia correr sinão em pequena quantidade, ou gota a gota, como o nome mesmo o indica. Servião-se de vasos dessa espécie para derramar vinho na *patera*, com a qual se faziam libações... (Ibidem.)

« *Patera* — Vazo de forma circular e pouco profundo, similhando um *pires* e servindo para conter líquidos e não sólidos, por consequência para beber e não para comer; porem empregado mais particularmente para fazer libações. Derramava-se o vinho na *patera*, donde se o entornava, quer na cabeça da vítima, quer sobre o altar. (Ibidem.)

« *Simpulum* — Colher grande, de cabo longo, que servia, nos sacrificios, para tirar em pequena quantidade o vinho no *crater*, ou em outro grande vazo, para fazer libações. (Ibidem.)

« *Simpurium* — Vazo que se empregava nos sacrificios. Supõe-se que é uma variedade do *simpulum*. (Ibidem.)

« *Catinum* ou *Catinus* — Prato escavado; de cerâmica, de vidro, ou de matérias mais preciosas, no qual se levavam para o sacrificio pastilhas de incenso, e donde se as tomavam para lançar em um pequeno fogareiro aceso. (Ibidem.)

« *Patena* ou *Patina* — Tigela ou saladeira um pouco menos funda do que a *olla*, porem mais profunda do que a *patera*... Era feita, em geral, de barro, mas tambem algumas vezes, embora raras, de metal; tinha frequentemente tampa (*operculum*); servia para muitos uzos diferentes... (Ibidem.)

« *Patella* — Diminutivo de *Patina*. É, pois, um vazo que não difere da *patina* sinão em ser menos largo ou menos fundo, no qual se ofereciam, nas festas, carnes aos deuses, por opposição à *patera*, que não continha sinão líquidos. Era considerado como sacrilégio servir-se, para o serviço da mesa, de um desses pratos consagrados. (Ibidem.)

« *Librum* — Espécie de bolo ou biscoito composto de farinha, leite, ovos, e azeite, que se fazia sobretudo para



oferecer aos deuses, e que servia também de presente para o dia natalício de um amigo. (Ibidem.)

« *Popanum* — Bolo redondo e chato, que servia nos sacrificios. (Ibidem.)

« *Olla* — Grande jarra de barro cozido, com tampa. Servia também para urna funerária das pessoas das classes inferiores. (Ibidem.)

« *Tintinabulum* — Campaíuha empregada para chamar o povo em várias ocasiões, e uzada também nas portas das casas para dar sinal de quem chegava; uzada também nos sacrificios. (Ibidem. V. também Bocquillot, *Liturgie*.)

No seguinte artigo, o mesmo autor dá informações sobre o *aspersório*.

« *Aspersão*. — Ação de aspergir água como purificação, antes de fazer o sacrificio aos deuses inferiores; ao passo que antes de oferecer um sacrificio aos deuses superiores, banhava-se todo o corpo, ou pelo menos as mãos e o rosto. Fazia-se esta cerimônia com um ramo de loureiro. Também servia-se de uma vareta feita de propóxito. O termo latino correspondente a este *aspersório* é desconhecido, porque a palavra *aspergillum*, empregada pelos filólogos modernos, não se apoia em nenhuma autoridade antiga. (Ibidem.)

Este instrumento era uma das insígnias dos *pontífices* romanos. (Vide Ibid. a palavra *pontifex*.)

« *Lituus*. — Bastão augural; era um bastão curto e recurvado em uma das extremidades, como os báculos dos bispos. » (Ibidem.)

Quanto às vestes, eram, em parte, as vestes comuns, profanas, em parte, paramentos especiais. Assim, a *túnica de linho branco*, atada na altura dos rins por um cinto (*cingulum*), era um vestido comum a todos os sacerdotes. Alguns, como os aúgures, cubrião a cabeça no exercício das suas funções.

As transcrições anteriores bástão para evidenciar que no monoteísmo judaico se encontrão as mesmas instituições, com ligeiras diferenças que seria inútil especificar.

Refletindo sobre essas cerimônias, reconhece-se facilmente a sua origem essencialmente feticlica. O politeísmo e o monoteísmo judaico limitárão-se a adotá-las e interpretá-las de acordo com as concepções que constituíão o seu dógma. Com efeito, essas cerimônias traduzem imediatamente o culto dos Mórto, dos Animais, das Plantas,

da Terra e os seus produtos, da Água e os seus produtos (sal), do Ar, da Luz, do Fogo e os seus produtos (cinza), dos Astros, e do Céu. É o que um exame sumário mostrará.

Culto dos Mortos.—Definindo o caráter real do culto, dissermos que ele consiste no exercício direto dos instintos altruístas, colocando-nos na situação mais favorável para saborear os encantos peculiares a eles. Nunca a verdade de tal enunciado sente-se melhor do que examinando o culto espontâneo dos Mortos, a mais antiga, sem dúvida, de todas as instituições da Humanidade. Com efeito, a que situação pôde ser mais propícia à expansão dos nossos pendores altruístas do que aquela que permite eternizar a nossa convivência com os entes que mais amamos? Pois tal foi o móvel espontâneo que conduziu ao culto dos Mortos. Graças a essa instituição, o homem continuou a sentir-se no meio daqueles de quem recebera e a quem dá todos os afetos. Ao lado da sociedade vizível, ativa, exterior, móvel, capás de solicitar atritos egofistas de envolta com as emoções altruístas, surgiu no cérebro a sociedade invisível, passiva, fixa, que só dispõe as emoções altruístas. Porque, reditivas pelo amor, as imagens dos mortos perdem gradualmente os atributos da sua personalidade, para só guardarem as suas qualidades sociais. O homem sai assim da animalidade, deixa de ser *eu* para tornar-se *nós*, graças à legião, cada vez mais numerosa, dos antepassados que nele revivem. A Humanidade nasceu desde então, em diversos germens esparsos pela Terra, mas oferecendo por toda parte a homogeneidade de constituição que determinaria um dia a fusão das expansões de todos eles em um só Gran-Ser.

Óra, esse resultado foi a consequência da primeira reação do altruísmo, despreendendo decizivamente a nossa inteligência da razão concreta para elevá-la à razão abstrata. Com efeito, procurando dar-se conta das relações em que se achava com os corpos exteriores, o homem é naturalmente levado a atribuir-lhes os mesmos pendores e as mesmas faculdades que descobre em si, salvo a diversidade no modo de manifestar uns e outras. A natureza inteira transforma-se então, como dissermos, em uma verdadeira sociedade, cujos diversos membros têm entre si simpatias e antipatias. No meio desse embate de paixões, o homem procura captar as predileções dos seres pelos

quais experimenta amor ou medo. Cada família, cada tribo, não se compõe então só de entes humanos; todos os seres que as interessão têm parte nos seus afetos.

Essas disposições morais e mentais levarão a considerar a morte apenas como a passagem para uma outra espécie de atividade. O cadáver continuou a possuir as afeições, os pensamentos, os projectos que tinha em vida; apenas não goza mais da mesma atividade, isto é, não pôde manifestar do mesmo modo essas afeições, esses pensamentos, esses projectos. O amor que o homem inspirou em vida leva, pois, a consagrar ao seu corpo a solicitude de que ele fora alvo. Apenas essa solicitude tem de multiplicar-se, de tomar outras formas mais adequadas ao estado actual do ente amado. Tudo leva a crer que foi a superioridade afetiva da Mulher quem primeiro conduziu a tal resultado. Habituada a devotar-se pelo filho que mal surge para a vida; pelo marido ou irmão que os azares da guerra ou da caça tantas vezes lhe entregão quasi ezânime; pelo pai que a velhice vai fatalmente deixando indefeço; ella era levada a prodigalizar os seus carinhos ao corpo que no seu pensamento não cessou de ser amado e de amá-lo. Daí todos os cuidados prestados ao cadáver para conservá-lo junto de si, para protegê-lo contra todas as vicissitudes. Nada mais espontâneo do que o uso que por toda parte se encontra, na civilização primitiva, de enterrar os mortos na própria caza em que ficão os seus decedentes.

É o feticchismo também que explica o terror que a morte inspira; porque, convencidos de que o cadáver continuava a gozar de todos os attributos humanos, os homens devião olhar com horror para um estado no qual se ficava impossibilitado de defender-se, e no qual todas as necessidades só podião ser satisfeitas pelos cuidados de outrem.

Mas essa solicitude pelo cadáver apenas preparou o verdadeiro culto dos mortos, como o amor dos vivos conduzira a ele. Com effeito, conforme lembrámos, os nossos sentimentos ligão-se directamente, não ao exterior, mas às imagens surgidas no cérebro. Ora, a morte tráz uma nova faze à imagem do ente querido que por tantas outras já passou em nossa mente, desde que pela vez primeira ali surgiu. Mas a morte não dissipa a effigie amada, como acarréta a dissolução do corpo; pelo contrario, dá-lhe muitas vezes um acréscimo de energia pelas emoções mesmo

que produz. Então, a exaltação afetiva pôde chegar ao ponto de fazer com que a imagem subjetiva torne-se tanto ou mais viva, tanto ou mais nítida do que as impressões exteriores. Semelhante situação, tão freqüente nos sonhos, produziu-se muitas vezes no estado de vigília.

Diante dessas *aparições*, é o que mais simples do que supor que os nossos mortos queridos estão vivendo ao nosso lado? É Como duvidar que eles hajam-se erguido da sepultura onde o nosso amor levou-nos a colocá-los para protegê-los dos ultrajes dos animais e dos inimigos? Solicitado pelo coração, o homem aplica espontaneamente a sua inteligência e a sua atividade ao serviço do ente que considerava vivo. Pouco importa que o sepulcro investigado só lhe revele os dolorózos resultados da decomposição orgânica. Esta pôde ir ao termo extremo da sua obra; mãos inimigas podem mesmo ter arrojado para o desconhecido os preciosos restos; o morto subsiste sempre, porque a sua imagem adorada perdura indelével no cérebro.

Essa persistência da imagem leva desde então o coração a instituir uma série de práticas que se resumem em proporcionar aos mortos todos os cuidados que o coração inspiraria em relação a um ente vivo e amado. De sorte que, à medida que a delicadeza moral foi crescendo em relação aos vivos, ela foi se apurando em relação aos mortos. À medida também que os recursos para servir aos vivos foram-se multiplicando, eles foram sendo essencialmente aplicados aos trespassados. A morte tornou-se na realidade a porta de uma *segunda vida*, segundo a frase de Milton.

Estas sumárias indicações parecem-nos bastantes para que qualquer perceba como se originarão as cerimônias que encontramos entre os politeístas e os judeus, no tocante ao culto dos mortos. Instituídas espontaneamente pelo fetichismo, elas foram mantidas pelos teocratas, que lhes deram um outro alcance quando o novo estado mental determinou a modificação na concepção da morte. Em vez de ser uma transformação da existência objetiva, a morte passou a ser considerada como a *separação* da alma do corpo. A imagem que persistia no cérebro foi objetivada como distinta do corpo suposto naturalmente inerte, fadado para a decomposição, ao passo que a alma era *eterna* (o nome *manes*, de *maneo*, ficar). Em virtude de tal con-

cepção, as cerimônias fúnebres tendêrão a tomar um caráter tanto mais *simbólico*, quanto mais o desenvolvimento do altruismo determinava o surto da razão abstrata. A liturgia fetichista, perdendo o destino e o caráter objetivo, transformou-se assim na verdadeira *Poezia* abstrata, isto é, na representação conscientemente ideal da realidade, de modo a despertar com a mássima energia o conjunto dos nossos instintos altruístas.

No monoteísmo judaico, o culto dos mortos sofreu, como todas as demais práticas fetichicas, uma alteração mais profunda do que aquêla que o politeísmo acarretara. Porque a preocupação de concentrar no Deus único todos os aspêtos da existência humana fêz buscar meios que habituassem o erente com esta complêta absorção. Nesse intuito, Moisés procurou roalçar o que ha de mais pungente, no espetáculo da morte, afim de afastar o seu povo das tendências fetichistas. A distinção entre a *alma* e o *corpo* facilitou esse deziderato, fazendo consistir a natureza humana especialmente na *alma*, e assimilando o corpo à *matéria* inorgânica. Desde então, a repulsa pelo cadáver rezultou da crença de que neste já nada mais do homem ezistia alem da forma. A fatal decomposição que acompanhava a extinção da vida induziu mesmo a assimilar o cadáver aos corpos inorgânicos que mais nos repúgnão.

Dai a idéia de que o contato com um cadáver sujava moralmente o vivo e tornava indispensáveis as *purificações*. Por outro lado, surgiu a necessidade de implorar aos Deuzes a sua misericórdia para a *alma* que havia deixado o corpo. Tais fôrão os motivos que, dando uma outra direção ao amor pelos mortos, transformou a liturgia fetichica em rito de *purificação* e *espição*. As cerimônias ficárão as mesmas; o seu móvel altruísta perzistiu; apenas a intenção mudou.

Culto dos Animais. — Foi tambem um dos primeiros rezultados do fetichismo primitivo. Si nesse período o homem supõe aos corpos inorganizados sentimentos, pensamentos e projêtos, por maioria de razão não os podia recuzar aos animais. Isto era tanto mais fatal quanto, nêssas épocas imemoriais, a distância, moral, mental e prática, entre a espécie humana e as espécies animais superiores, era bem pequena. Sem siência, sem indústria, dispêrsa em tribus pouco numerosas, entrégue às suas

forças naturais, a Humanidade sentiu imperiosamente a necessidade de ligar-se com certas espécies para lutar contra outras. Daí resultou uma comunhão de simpatias, que conduziu à domesticação das espécies mais vizinhas da nossa pela sua organização altruísta. O cão, o cavalo, o boi, representam os tipos principais dessa série de inestimáveis aliados. Compreende-se, pois, que, sentindo o preço do concurso que recebia de tais animais, a Humanidade evocasse a imagem deles com ternura e reconhecimento.

Ainda aqui se vê que o culto consiste em colocar-nos na situação mais adequada à expansão dos nossos pendores altruístas. Pois que essa disposição do homem primitivo, e que pôde ser constatada todos os dias nas crianças, a ver, em certos animais, verdadeiros amigos, determinava um surto admirável da nossa simpatia. O politeísmo, quer teocrático, quer militar, manteve esse culto, consagrando os diversos animais aos vários Deuses. E o monoteísmo judaico fez o mesmo, apenas adaptando a forma do culto às suas preocupações. Basta lembrar a distinção entre os animais puros e os impuros, e a seleção dos que podiam ser oferecidos, nos sacrifícios, a Jeová, para não ter dúvidas a tal respeito.

Culto das Plantas. — As considerações precedentes tornão inútil aqui qualquer desenvolvimento especial. Basta recordar o respeito tributado ao trigo, à oliveira, ao loureiro, ao cinamomo ou caneleira, ao hissopo, à rozeira, ao cedro, ao ébano, ao sândalo, etc. O que convém ter presente é o espírito fetichico que, atribuindo as qualidades humanas a todos os corpos, era levado a supor simpatias para conosco em tudo quanto era agradável e útil à Humanidade. Também é fácil de constatar que o politeísmo e o monoteísmo teocrático incorporarão a si esse culto, adaptando-o às concepções respectivas. Daí as oferendas, feitas aos Deuses, de trigo, de pão, de frutas, de flores.

Culto da Terra, da Água, do Ar, e os seus produtos. — Foi também uma das consequências imediatas do fetichismo. Desde logo, a Humanidade sentiu pela Terra, o Ar, e a Água, os mais profundos afetos, á vista da ligação estreita que tinham com a sua existência. Dessas tres espécies de meios parecião provir todos os seres, os quais todos se repartião entre eles. A gravidade figurou-se uma manifestação do amor da Terra pela Humanidade e por todos

os seres que sobre a Terra se achão. O fenómeno da respiração levava a ver no Ar, isto é, no vento, o principal alimento da vida humana. A sede conduzia a apreciar a Água como também indispensável à vida humana, porem em grau menor do que o Ar. *Dar o último sopro* equivalia a passar da existência humana à existência dos corpos apenas formados de Terra e de Água. A influência da Água sobre a fecundidade da Terra fazia acreditar em um afeto profundo entre ambas. As *libações* com água rezultávão naturalmente do sentimento de amor pela Terra, levando a Humanidade a dar a esta o alimento que ella parecia mais preczar. Era natural que se assimilasse o efeito da Água sobre a Terra à ação que a Água ezercia sobre os homens. A Terra devia também sofrer com a sede.

Assim, a Humanidade estabeleceu desde logo uma distinção entre a Terra e a Água, de um lado, e o Ar, de outro. Os dois primeiros meios podião ser *apanhados*, *palpados*, *vistos* a todo instante; o Ar é invizível, impalpável, incompreensível, e mesmo não estava sempre presente. Porque é preciso notar que, a princípio, a Humanidade não imagina que se acha mergulhada em um fluido, como os peixes vivem n'água. Na opinião primitiva, o *Vento* é um ente que surge sem que se sáiba como. O politeísmo imaginou depois que fosse o sopro de entes sobrenaturais. Foi daí que nacêrão as duas concepções abstratas de Matéria e Espírito, que fôrmao o fundo mesmo do Teologismo.

O culto da Água conduziu às *abluições*, quando se apanhou a efficácia destas para o bem-estar do homem, o que foi sobretudo fácil nos climas quentes ou nos grandes calores excepcionais dos climas temperados e frios. Aliás as abluições figurávão ser para o exterior do corpo o que era a bebida para o interior.

O Ar também deu lugar a práticas cultuais que tinham por fim *chamar o vento* ou *espírito*. A *carreira*, a agitação das mãos, a abanadura com as grandes folhas, adquirião assim por vezes um caráter litúrgico. Por outro lado, a observação não tardou a revelar a ligação entre os ventos e as chuvas,—as águas que vênhão do Céu,—e que o primitivo acendente da razão coneréta levava a distinguir das águas da Terra. Esta mesma circunstância induzia a estabelecer uma subdivizão entre as águas do mar e as das

fontes e rios, em virtude das suas relações para com a vida humana. O culto do Sal resultou das suas aptidões preservativas da putrefação.

Culto sugerido pelo medo. — Até aqui temos apresentado o culto que provinha diretamente das emoções do amor, isto é, que era inspirado por entes que pareçam sempre animados de *simpatia* para com a Humanidade. Tal é a natureza das verdadeiras expansões altruístas, que se tornão tanto mais delicias quanto mais espurgadas são de *estímulos egoístas*. Por isso também a plenitude do culto supõe uma inteira homogeneidade entre o adorador e o objeto adorado. Essa condição não se realiza, nos casos que temos examinado, não no que concerne ao culto fetichico dos Mortos. Mas já no culto dos Animais e das Plantas, as sugestões egoístas, e especialmente o instinto conservador, origem do *medo*, começa a misturar-se aos impulsos altruístas. A ferocidade de certos animais, a ação daninha de outros, os efeitos desagradáveis e venenozos de certas plantas, estimularão o instinto conservador, produzindo o estado moral que caracteriza o *medo*. Esta superexcitação do instinto conservador reagiu sobre a *veneração*, e levou a instituir o culto dos Animais e Plantas nocivos à Humanidade. Semelhante culto importava sem dúvida em uma cultura da veneração; mas ele determinava involuntariamente também uma cultura dos instintos egoístas. Porque a imagem evoca o conjunto dos sentimentos ligados, a ela.

Demoremo-nos alguns instantes neste ponto, pelo alcance imenso que ele tem. Quando o ente adorado possui uma natureza análoga à do adorador, o culto não pôde ter não reações benéficas; porque o culto estimula então diretamente só os instintos altruístas. Os pendores egoístas sofrem então ao mesmo tempo uma verdadeira purificação espontânea, funcionando só quanto baste para manter a vida corpórea, conforme seu destino normal. É isso que se dá, da maneira mais completa, no culto *fetichico* dos Mortos, no qual a analogia de natureza entre o adorador e o objeto adorado é tal que um pôde aspirar a *identificar-se* com o outro. Nos outros casos que examinámos, o culto é suscetível ainda de ter apenas reações altruístas, quando os entes adorados são objeto só de *amor*, e não de *medo*. Tal é o caso do culto dos animais amigos do homem, das plantas



alimentícias, aromáticas, etc., da Terra, do Ar, e da Água, em geral. Mas esse culto não consegue ser tão eficaz como o dos Mórto, pela falta de completa homogeneidade entre o adorador e o objeto adorado.

O mesmo não acontece, porem, com o culto dos animais ferózes ou daninhos, e das plantas nocivas. Porque, nas naturezas mediocres, e sobretudo nas naturezas más, tal culto desenvolve ainda mais os pendores egoístas, que já de si são enérgicos. A tendência instintiva do adorador sendo identificar-se com o ente adorado, essas naturezas são assim levadas espontaneamente a tomar por modelos tipos anti-humanos. Daí resulta a sistematização de práticas cruéis, que dificultam a evolução da Humanidade, perturbando a expansão dos pendores benévolos.

Para satisfazer convenientemente à sua destinação, que consiste, como dissemos, em colocar-nos na situação mais adequada ao exercício dos instintos altruístas, o culto deve, pois, ter por objeto entes que só dispõem amor. De sorte que o culto normal não poderia existir senão quando os homens, emancipando-se de todos os terrores, só votassem os seus afetos a entes que, tomados para modelos, conduzissem exclusivamente a uma expansão cada vez maior da sociabilidade, e a uma purificação cada vez maior da personalidade. Veremos que esse foi o resultado da evolução espontânea pela qual a Humanidade subiu do Fetichismo ao Positivismo, passando pelo Teologismo.

Culto da Lus e do Fogo. — Nem sempre, porem, o culto instituído pelas sugestões do medo conservou esse caráter. Muitas vezes, pelo contrário, ele se transformou em culto de puro amor, quando o objeto, que a princípio parecia inimigo da Humanidade, converteu-se em maravilhoso auxiliar do altruismo. Essa feliz substituição realizou-se porventura muitas vezes em relação aos animais e às plantas. Mas insistiremos especialmente, a tal respeito, no que se deu com a Lus e o Fogo.

Estes dois cultos foram sempre conexos. Porque nunca existiu propriamente um culto do calor obscuro. No Fogo estão reunidas as duas propriedades, *lus* e *calor*. Entretanto, uma série de circunstâncias habituais permitia bem cedo separar a concepção dos dois fenômenos. Assim, a Aurórea, o Crepúsculo, a lus da Lua, das Estrelas, do próprio Sol nos climas e dias frios, conduzirão facilmente a

conceber a lus sem o calor. Por outro lado, os fatos mais familiares levavam a apreciar o calor sem lus; bastava, para isso, a comparação entre os mortos e os vivos.

Mas essa observação inicial era insuficiente para distinguir, nos efeitos dos corpos luminózos, a influência da lus da influência do calor. A lógica dos sentimentos levou a diferenciar simplesmente tais corpos em bons e maus, conforme a sua ação era ou não favorável à Humanidade. Daí resultou que o culto da Lus e do Fogo foi, ora inspirado pelo *amor*, ora sugerido pelo *medo*.

No primeiro caso, está a Lus nas condições mais habituais, a que vem da Aurórea, do Crepúsculo, do Sol, da Lua, e das Estrelas. Toda a atividade humana está ligada às manifestações dessa lus; o que basta para compreender o entusiasmo e a gratidão com que ela era contemplada. Mas a importância intelectual e moral de tal lus não é menor do que o seu alcance prático. Mentalmente, basta refletir que a visão é o sentido que maior número de noções nos fornece, o mais sintético de todos. Cientificamente, como empiricamente, nos esforçamos, tanto quanto possível, por transformar todas as observações em observações vizuais. Moralmente, é a Lus que se liga o sentimento do pudor, conforme a observação de Diderot. É, além disso, um dos fenômenos que mais estimulam a *coragem* e as *expansões altruístas*, a alegria, permitindo-nos dar melhor conta da nossa situação. Sob esse duplo aspecto, ele é apenas inferior ao *Som*, que nos proporciona meios de perceber a presença dos nossos semelhantes em condições inacessíveis à visão.

Outrotanto não acontece com as luzes excepcionais, sobretudo o relâmpago e o raio. Esses dois fenômenos, com o seu séquito de trovões, irrompendo bruscamente do seio de núvens negras, derrubando árvores, incendiando florestas, matando animais e homens; todo esse espetáculo não podia deixar de inspirar o mais profundo terror. A mesma reflexão se aplica às erupções dos vulcões, acompanhadas ou não de terremotos e rupturas do solo. Essas devem ter sido as primeiras *chamas* que a Humanidade contemplou. Foi também então que ela pode notar que o calor acompanhava sempre essa lus sinistra, e conceber a ligação dos dois fenômenos. Mas, por outro lado, o calor do corpo humano, contrastando com o frio dos corpos ambientes, e



especialmente do cadáver, bem como a ação mortal das baixas temperaturas, patenteavam quanto o calor era indispensável à vida. A Humanidade foi, pois, levada a distinguir também o calor bom do calor mau, atribuindo ao primeiro uma ação análoga ao Ar no entretenimento da vida.

O confronto do conjunto dessas manifestações conduziu assim a distinguir entre a Lus e o Fogo do Céu e a Lus e o Fogo que saíam das profundezas da Terra. Ao passo que os primeiros eram quasi sempre benéficos e só excepcionalmente tinham efeitos dezastrózos, os segundos eram sempre medonhos. E como no interior da Terra reinavam as trevas, ao passo que no Céu imperava a Lus, daí as concepções primitivas acerca das duas manções aptas, uma para a *vida*, outra para a *môrte*. São todos esses apanhados iniciais que nos explicão como a Lus e o Fogo se tornarão ao mesmo tempo objeto de um culto ora inspirado pelo *amor*, ora pelo *medo*.

Essas apreciações só adquirirão, porem, o seu verdadeiro surto, quando a Humanidade conseguiu instituir sistematicamente o Fogo e, portanto, a Lus, já pelo choque dos seixos, já pelo atrito das substâncias inflamáveis. O Fogo foi-se tornando, desde então, um dos mais maravilhosos benfeitores da Humanidade, e o seu culto um dos mais entuziastas. Ele surgiu como um ser misterioso que devia ser cuidadosamente *alimentado*, *nutrido*. As substâncias mais adequadas para *avivá-lo* adquirirão um apreço especial no conceito humano. O vento, o sopro, o espírito, que facilitavam a sua alimentação, que o *avivavam*, parecerão ter com ele os laços do mais íntimo afeto. O culto do Fogo reagiu, pois, sobre o do Ar, tendendo a identificá-los mesmo. Também dezenvou o culto da Lus, tornada desde então voluntária.

Os efeitos que o vinho e as bebidas alcoólicas exercião sobre o homem foram assimilados às aptidões combustíveis que elas possuíam. Elas tornaram-se os alimentos da *vida*, ao passo que a Água, que *matava* o Fogo e fecundava o sólo, tornou-se o alimento da Terra, isto é, das substâncias mortas. O culto do Fogo acarretou o da *cinza*, quando a experiência revelou as novas propriedades que, para a limpeza, a água adquire pela sua mistura com os produtos da combustão. Tal é a origem da água *lustral*; a água que

tomou, por assim dizer, as propriedades da Lus e do Fogo, a água da pureza por ecelência.

Esse culto do Fogo e da Lus estabeleceu, desde então, uma espécie de ligação entre o culto dos entes terrenos e os dos corpos celestes e do próprio Céu, que parecia ser a sua sede predileta. Foi o que resultou, ao mesmo tempo, da direção que a chama e a fumaça tomavam, e da existência do relâmpago e do raio. O Fogo tornou, desde então, possível desenvolver a Astrolatria, levando ao Sol, à Lua, às Estrelas, ao Céu, as oferendas da Humanidade. As substâncias mais combustíveis parecerão as mais gratas aos corpos celestes. Daí a preferência dada às resinas e madeiras aromáticas, aos óleos, às gorduras, para consagrá-los ao culto do Sol, da Lua, das Estrelas, do Céu. Daí também a origem ou pelo menos o surto das unções, mediante a explicação da sua eficácia, por causa das virtudes que as tornavam os alimentos preferidos dos corpos celestes, entre os quais figurava o Fogo.

A princípio confundido com o culto do Fogo, o culto da Lus destacou-se dele à medida que a experiência foi revelando aptidões diversas nos corpos inflamáveis, já para dar principalmente *calor*, já para produzir, sobretudo, *lus*. A instituição das *candeias*, *vêlas*, *tóchas*, *lâmpadas*, etc., está ligada a este progresso.

É quando se medita na série de idéias, de aproximações que a ingênua contemplação da Lus e do Fogo sugere, que se pôde bem compreender a preponderância que tais agentes conquistarão no culto fetichico, e que o teologismo manteve sob várias formas. De fato, as cerimônias politeicas e monoteicas, quer do culto privado, quer do culto público, sancionam esse acidente. Os alimentos que a Terra fornecia tomaram um caráter mais *sagrado*, isto é, mais venerável passando pelo Fogo e pela Lus. Eles adquirirão assim uma virtude celeste, que se combinou com as suas propriedades terrenas. A palavra *pureza* vem de um vocábulo grego que significa *Fogo*. O altar ou ara surgiu naturalmente com o culto do Fogo; o fogão ou *lar* foi o primeiro altar, que a *meza* não tardou a completar. A Terra parecia carecer da Água para retemperar a sua fertilidade, e de vinho e substâncias alcoólicas para alimentar o seu fogo interior. Vivendo no seio da Terra, os mortos precisavam de anibos esses líquidos. O fogo dos

altares levava as oferendas aos entes celestes, e devia ser nutrido com madeiras, vinho, e líquidos alcoólicos, com esculção da água, que o matava.

O politeísmo teocrático e militar manteve todo esse culto, instituído pelo fetichismo, para com a Terra, o Ar, a Água, a Lus, o Fogo, os Astros, e o Céu. Para isso, fôrão utilizadas essencialmente as mesmas cerimônias, cuja significação mudou, de acordo com as novas crenças. Essa conservação das cerimônias fetichicas foi tal, que não é possível apanhar o alcance do progresso então realizado, quando se examina superficialmente o culto politeico. Porém, depois de quanto precede, poucas reflexões bastão para mostrar o imenso passo realizado.

De fato, tínhamos observado que o aperfeiçoamento do culto consiste em estabelecer uma homogeneidade cada vez mais completa entre o adorador e o objeto adorado. Emprestando a todos os corpos o conjunto dos atributos que em si mesmo descobria, a Humanidade instituiu, no período fetichista, as condições fundamentais de tal homogeneidade. Mas a difusão mesma das qualidades humanas por todos os seres tendia a fazer do Mundo o centro de convergência dos sentimentos, dos pensamentos, e, portanto, dos atos humanos, à medida que a sociedade se estendia. Por isso que o Mundo sendo mais poderoso, o homem era levado a invocar o seu auxílio de preferência ao socorro da Humanidade.

O politeísmo veio espontaneamente juntar a semelhante tendência um outro impulso, de modo que, do concurso de ambas essas influências, ia resultar o predomínio do tipo humano. Tal foi o alcance religioso da invenção dos Deuses que, por seu caráter fantástico, não só pudêrão ser concebidos com os atributos morais e mentais da Humanidade, como o fetichismo imaginou todos os corpos, mas também com a *totalidade* dos caracteres da nossa espécie. Demais, o mesmo caráter fantástico permitia dotar os Deuses de todas as perfeições imagináveis, de modo a torná-los verdadeiros modelos, suscetíveis de um melhoramento contínuo. Essa elaboração não tinha outros limites sinão os que resultávão, em cada tempo e em cada lugar, do conjunto dos progressos efetuados pela Humanidade.

É verdade que, à primeira vista, a instituição dos Deuses pareceu afastar da Terra, e portanto da sociedade,

o conjunto dos afetos e pensamentos humanos, para transportá-los para o Céu. Foi mesmo tal apreciação que prevaleceu no conjunto das gerações destinadas pela evolução espontânea da Humanidade a elaborar a transição entre o Fetichismo e o Positivismo. Mas, pretendendo deslocar para fóra da Terra as afeições, os pensamentos, e os projectos humanos, o Teologismo instituiu insistentemente, de facto, as condições indispensáveis à concentração de toda a nossa vida na Humanidade. Isso foi a consequência fatal, por um lado, do carácter humano mais completo que tiveram os Deuses, comparados aos Fetiches; e, por outro lado, do desenvolvimento da razão abstrata, sem a qual seria impossível a concepção da Humanidade.

Isto posto, afim de caracterizar melhor a assimilação do culto fetichico pelo politeísmo, mencionaremos algumas das cerimônias gregas e romanas.

« A caza de um grego ou de um romano encerrava um altar; sobre esse altar devia haver sempre um pouco de cinza e carvões acesos. Era uma obrigação sagrada para o dono de cada caza entreter o fogo dia e noite. Desgracada da caza em que o fogo vinha a se apagar! Todas as noites cubrião-se os carvões com cinza para impedi-los de se consumirem inteiramente; ao despertar, o primeiro cuidado era avivar o fogo e alimentá-lo com alguns gravetos. O fogo não cessava de brilhar sobre o altar sinão quando a família inteira tinha perecido: fogo estinto, família estinta, éram expressões sinônimas entre os antigos.

« ... Não era permitido alimantar esse fogo com qualquer sorte de lenha; a religião distinguia, entre as árvores, as espécies que podião ser empregadas para tal uzo e aquélas de que seria impiedade servir-se. A religião dizia ainda que esse fogo devia ficar sempre puro; o que significava, no sentido literal, que nenhum objecto sujo devia ser lançado nesse fogo, e no sentido figurado, que nenhuma acção culpôza devia ser cometida em sua presença. * Havia um dia no ano, que era, entre os Romanos o 1º de Março, em que cada família devia apagar o seu fogo sagrado e acender outro logo. Mas, para obter esse fogo novo, havia ritos que cumpria observar-se escrupulôzamente. Devia-se sobretudo abster-se de servir-se de um seixo e de o ferir com o

* O pudor inspirado pela Luz foi o gérmen d'essa crença.—R. T. M.



ferro. Os únicos processos permitidos eram concentrar num ponto o calor dos raios solares, ou atritar rapidamente dois pedaços de pau de uma espécie determinada, e fazer deles sair a chama...

«... A esse fogo davão-se flores, frutas, incenso, vinho... Dirigião-lhe ferventes preces...

«... O homem não saía jamais de caça sem dirigir uma súplica ao seu lar; na volta, antes de rever sua mulher e beijar os seus filhos, devia inclinar-se diante do lar e o invocar.

«A refeição era o ato religioso por excelência... Antes de comer, depositava-se no altar as prinícias do alimento; antes de beber, derramava-se a libação de vinho...

«... Quando as populações da Grécia e da Itália tomáram o hábito de representar os seus Deuses como pessoas e de dar a cada um deles um nome próprio e uma forma humana, o velho culto do lar sofreu a lei comum que a inteligência humana, nesse período, impunha a toda religião. O altar do fogo sagrado foi personificado; chamáram-n-o *Vêsta*; o nome foi o mesmo em latim e grego, e não foi aliás senão a palavra que na língua comum e primitiva designava um altar.» (Fustel de Coulanges—*La Cité antique*, pgs. 21-28.)

Eis como se consagrava o nascimento:

«A iniciação tinha lugar pouco tempo depois do nascimento, o nono dia em Roma, o décimo na Grécia, na Índia o décimo ou o duodécimo. Nesse dia, o pai reunia a família, chamava testemunhas, e fazia um sacrifício ao seu lar. A criança era apresentada aos deuses domésticos; uma mulher a tomava nos braços e correndo a fazia dar diversas vezes a volta do fogo sagrado...» (Ibidem, pg. 54.)

No casamento, entre os Gregos, chegada a noiva à casa do noivo, este a tomava nos braços, simulando um rapto, e levava para dentro, de modo que ela não tocasse com os pés no limiar. Então tinha lugar a seguinte cerimônia:

«Aprossimão-se todos do lar, a esposa é pósta na presença da divindade doméstica. Ela é aspergida com água lustral, tóca o fogo sagrado. Fazem-se preces. Depois os dois esposos repartem entre si um bolo, um pão, algumas frutas.»

No casamento romano dava-se o mesmo, mais ou menos:

«A espoza é conduzida diante do lar, onde se achão os Penates, e onde todos os deuses domésticos e as imagens dos antepassados achão-se grupados em torno do fogo sagrado. Os dois esposos, como na Grécia, fazem um sacrificio, derramão a libação, proférem algumas orações, e cômem juntos um bolo de farinha de trigo (*panis farreus*).» (Ibidein, pgs. 41 a 48.)

Estas indicações parecem-nos suficientes para caracterizar o meio litúrgico quando S. Paulo surgiu. Como se vê, por toda parte as cerimônias religiôzas, quer politeístas, quer judaicas, consideradas em si mesmas, constituíam espontaneamente uma comemoração simbólica da evolução da Humanidade efetuada até ali. E essa comemoração importava fundamentalmente em exercícios dos instintos altruístas, especialmente do *apego* e da *veneração*, tanto nos ritos domésticos, como nas solenidades públicas. A sua prática familiarizava os crentes com as diversas concepções dogmáticas, ligando-lhes todos os atos da existência humana.

Apezar, porem, desse alcance moral comum, todas essas instituições litúrgicas não possuíam as mesmas aptidões culturais, isto é, altruístas. Com effeito, é fácil de reconhecer que muitas delas éram pouco favoráveis, e mesmo contrárias ao surto do mais eminente dos nossos pendores sociais, — a *bondade* ou amor para com tudo, e especialmente para com os inferiores. Neste caso estãvao os sacrificios cruentos. Havia, por isso, muitos séculos que a expansão contínua da sociabilidade tendia a tornar tais sacrificios cada vês mais repulsivos. Para não ter dúvidas a esse respeito, basta recordar que a delieadeza moral levava certas castas teocráticas e várias corporações filozóficas ao escrupuloso respeito da vida animal, ao ponto de suprimir toda alimentação carnicieira. O exemplo de Pitágoras e sua escola, anterior de mais de cinco séculos a S. Paulo, e que contava nêssa época vários representantes, entre os quais destacava-se o afamado Apolônio de Tiane, é assás decisivo para dispensar qualquer outro.

Compreende-se, pois, fácilmente, que o mesmo ardor social que estimulava o gênio romanizado de S. Paulo a adaptar o monoteísmo aristotélico às necessidades morais

e políticas do Ocidente, lhe patenteasse a necessidade de instituições culturais que familiarizassem as almas populares com semelhante doutrina. Não seria por certo mediante dissertações filosóficas que o amórozo Apóstolo levaria o conhecimento das suas transcendentes cogitações ao coração da mulher e do proletário. Para atingir semelhante resultado, era preciso que, conforme as suas próprias expressões, ele se identificasse com o conjunto da massa social. « Sendo livre para com todos, fêz-se servo de todos, para ganhar a muitos; fêz-se judeu para os Judeus, para os ganhar; para os que estavam debaixo da lei (isto é, para os que estavam sujeitos à lei de Moisés) fêz como si estivesse debaixo da lei, não se achando debaixo da lei, para os ganhar; para os que estavam sem lei (isto é, para os que não estavam sujeitos à lei de Moisés), fêz-se como si estivesse sem lei; fêz-se fraco com os fracos, para ganhar os fracos; em suma, fêz-se tudo para todos, para salvar a todos. » (Coríntios, I, 9^o, 19-22.)

Os seus antecedentes farizáicos mesmo lhe demonstravam empiricamente a eficácia moral das cerimônias litúrgicas. Tal é o conjunto de condições que nos leva a compreender a instituição da Eucaristia, pela qual S. Paulo fundou a liturgia católica. Essa instituição filiou-se no seu pensamento à festa judaica da Páscoa, mas na realidade ela foi apenas uma transformação dos banquetes sagrados comuns ao mozaísmo e ao politeísmo. Tudo quanto acima referimos acerca da liturgia politeísta e judaica não consente a menor dúvida a tal respeito, desde que se conhece a explicação que o próprio S. Paulo deu de semelhante instituição. Eis as suas palavras textuais, no capítulo XI, ns. 18 a 29, da primeira epístola aos Coríntios:

« Porque, em primeiro lugar, ouço dizer que quando vós ajuntais na igreja, ha entre vós divizões, e eu em parte o creio. Pois é necessário que até haja herezias para que também os que são provados fiquem manifestos entre vós. De maneira que quando vos congregais em um corpo não é para comer a ceia do Senhor. Porque se antecipa cada um a comer a sua ceia particular. E uns têm na verdade fome, e outros estão fartos. ¿ Porventura não tendes vós as vossas casas para lá comerdes e beberdes? ¿ Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais aqueles que não têm? Que vos direi? louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo.



« *Porque eu recebi do Senhor, o que também vos ensinei a vós, que o Senhor Jezus, na noite em que foi entrégue, tomou o pão, e dando graças, o partiu e disse: Tomai e comei; este é meu Corpo, que será entrégue por amor de vós: fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cális, dizendo: Este cális é o novo testamento no meu sangue: fazei isto em memória de mim, todas as vezes que o beberdes. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cális, anunciareis a morte do Senhor, até que ela venha.*

« Portanto, todo aquele que comer este pão, ou beber o cális do Senhor indignamente, será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Examine-se, pois, a si mesmo o homem: e assim coma, etc. »

Como se vê, este capítulo nos indica uma liturgia que, tomada em si mesma, constituiu apenas o banquete sagrado dos Romanos e Gregos, reduzido a proporções que o tornão puramente simbólico. Quanto à iniciativa de S. Paulo, é ponto que fica incontestável, à vista das suas expressões. Citaremos, a este propósito, a seguinte apreciação do Dr. Audiffrent :

« O testo é formal; como se vê, é de Jezus só que o apóstolo tem esta revelação. Ele não a tem de homem algum.

« A primeira epístola aos Coríntios é do ano 58, mais ou menos. Os tres evangélicos sinópticos que fôrão escritos depois da destruição de Jeruzalem, isto é, depois do ano 70, reproduzem apossimadamente as palavras do apóstolo aos Coríntios. Essas palavras terião sido tomadas por ele em alguma tradição corrente entre os que cercavão os discípulos de Jezus, e na qual se tivésse ele inspirado? Tal é, em rigor, a questão que se poderia pôr.

« Mas a dúvida não é mais permitida, quando se vê, S. Cirilo de Jeruzalem, que vivia no quarto século, ligar diretamente essas palavras à doutrina pauliniana. »

Eis aqui a passagem das obras do santo personagem, que tem relação com isto. Citamos ainda testualmente «—*Hæc beati Pauli doctrina sufficere potest, ad reddendos vos certiores de divinis misteriis, quæ vobis donata sunt, qui facti estis Christi corporis et sanguinis participes.*



Ille enim modo clamabat, quod nocte, » etc. * (o résto como no testo de S. Paulo). (S. Cirilo de Jeruzalem. *Op.*, pg. 292.)

« Tudo nos autoriza pois a afirmar que as palavras sacramentais que sêrvem de instituição ao mistério eucarístico, palavras que se encontrão, digo, nos três primeiros evangelhos, fôrão reproduzidas segundo S. Paulo.

« O quarto evangelho, que é bem posterior aos outros tres, pois que a sua data remonta até o segundo século, não dis palavra sobre a instituição da eucaristia, no capítulo relativo à ceia. Diremos porque. » (Dr. Audiffrent, *St. Paul et l'Eucharistie*, pgs. 7 a 9.)

Terminaremos éstas reflexões transcrevendo a seguinte apreciação, onde nòsso Méstre fás sentir todo o alcance dêssa instituição que, resumindo a concepção religiôza de S. Paulo, veio dar um novo passo no sentido de identificar com a Humanidade o objêto da adoração de todos os homens:

« Embôra o politeísmo tivêsse humanizado o mais possível os tipos sobrenaturais, a incarnação do motor universal devia manifestar mais a nòssa tendência crecente para uma homogeneidade real entre os adoradores e os entes adorados. Completada primeiro mediante a instituição da trindade, que perpetuava uma conformidade passageira, depois na do mistério em que cada um incorporava a si muitas vezes a Divindade (Eucaristia), êssa assimilação permitiu ao Deus da idade-média oferecer aos corações ocidentais uma imagem antecipada da Humanidade. O cotejo tornou-se mais eficaz à medida que o catolicismo substituiu a adoração dos anjos pelo culto dos santos, que diminuiu os inconvenientes peculiares ao caráter absoluto de tal comparação, além de que compensava imperfeitamente a apoteôze politeica. Em segundo lugar, reações sociais mais precisas, mais dirêtas, embôra menos sintéticas, devêrão então rezultar da ativa consagração dos monoteístas, sobretudo ocidentais, à prossecução contínua do nòsso aperfeiçoamento moral. As duas influências tornarão se conêxas em virtude da redução norinal da inter-

* Eis a tradução: Esta doutrina de S. Paulo pôde bastar para tornar-vos mais certos dos divinos mistérios que vos fôrão dados a vós, que fostes feitos compártepes do corpo e do sangue de Cristo. Porquanto ele por vezes dizia bem alto que na noite, etc.

venção divina no governo especial das nössas milhões afeições. Uma vés conduzidos, por motivos quaisquer, a fazer justamente prevalecer a cultura do coração, os Ocidentais deverão achar-se em bréve levados a proporcionar-lhe toda a sua estensão natural, apesar das restrições dogmáticas que a princípio alterávão a sua eficácia. Só a destinação social podendo desenvolver, e mesmo consolidar, o melhoramento afetivo, a inaptidão do monoteísmo para com esse termo necessário do progresso moral, que ele havia inaugurado, constituiu sómente uma contradição deciziva, sem deter um surto plenamente oportuno. » (*Política*, III, pg. 455.)





CAPÍTULO TERCEIRO

Reflexões sobre a evolução da liturgia católica,
desde S. Paulo até S. Gregório-Magno.

Acabamos de mostrar como S. Paulo fundou primeiro o dogma, e depois o culto católico. Seria fácil indicar também nas suas epístolas as *bases* do regimen a que devia prezidir o monoteísmo ocidental assim estabelecido. Não nos demoraremos, porém, em tal assunto, alheio ao programa que nos traçamos. Basta-nos, a tal respeito, recordar o aperfeiçoamento da monogamia gréco-romana pela supressão do divórcio, e a consagração da divizão dos dois poderes, mediante a distinção entre a vida terrena, império dos chefes temporais, e a vida celéste, domínio esclusivo do sacerdócio. Não era possível, então, inaugurar de outra fôrma a separação entre a teoria e a prática, no mais elevado domínio da existência humana.

Mas é claro que seria impossível dar à doutrina católica, desde o advento, a sua constituição acabada. Porque a sociedade a cuja existência e surto ella devia prezidir achava-se então ainda em gestação, havendo apenas patenteado as suas condições básicas. Eis porque a construção do monoteísmo ocidental, fundado por S. Paulo, requereu ainda a solicitude dos seus egrégios successores até Santo Agostinho. Foi só então que o Catholicismo achou-se em condições de completar a série das preparações humanas, realizando, em relação ao *sentimento*, uma cultura análoga à que a evolução grega determinara quanto à *inteligência*, e àquella que a civilização romana operou quanto à *atividade*.

Com effeito, bem examinada, toda a evolução grega teve



por destinação patentear, mediante um livre e exercício espontâneo, o caráter das concepções definitivas da Humanidade. Foi isso que resultou da construção da Poesia, da Filosofia, e da Ciência helênicas. A primeira idealizou diretamente o conjunto da vida humana, privada, e pública, nas imortais composições de Homéro, de Ésquilo, e mesmo de Fídias. A segunda e a terceira emanciparão irrevogavelmente a inteligência humana das explicações teológico-metafísicas, desprendendo o estudo das *leis* abstratas da indagação das *causas*. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da conquista levou a civilização romana a instituir a decisiva supremacia da sociedade sobre a Família, consagrando toda vida privada e pública ao serviço da Pátria. Mas esse surto intelectual e prático patenteará a impossibilidade de tornar a inteligência ou a atividade o centro coordenador da vida humana, pois que a expansão de ambas conduziu a uma profunda dissolução política e moral. No meio de tão medonha anarquia, as milhóes almas perceberão afinal a necessidade de repouzar a disciplina humana numa cultura direta dos nossos pendores benévolo sob a supremacia do mais eminente,—a *bondade*. Instituir essa cultura decisiva, tal foi o destino do Catolicismo, conforme patenteia, entre outros testos, esse bellissimo hino que S. Paulo entoou ao Amor (*agape*), no capítulo XIII da sua primeira epistola aos Coríntios:

« Si eu falar as línguas dos homens, e dos Anjos, e não tiver amor (*agape*), sou como o metal que soa, ou como o cimbalo que tine.

« E si eu tiver o dom da profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pôde saber: e si tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, e não tiver amor, não sou nada.

« E si eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e si entregar o meu corpo para ser queimado, si todavia não tiver amor, nada disto me aproveita.

« O amor é paciente, é benigno; o amor não é invejoso, não age temerária, nem precipitadamente; não se ensoberbece.

« Não é ambicioso, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal.

« Não fôlga com a injustiça, mas fôlga com a verdade.

« Tudo toléra, tudo crê, tudo espéra, tudo sófre.

« O amor jamais ha de acabar; ou dêixem de ter lugar as profecias, ou cêssem as línguas, ou seja abolida a ciência.

« Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos.

« Mas quando viér o que é perfeito, abolido será o que o é em parte.

« Quando eu era menino, falava como menino, julgava como menino, discorria como menino. Mas depois que cheguei a ser hõmem feito, dei de mão às coizas que êrão de menino.

« Nós agóra vemos a Deus como por um espelho em enigmas; mas então vê-lo-emos face a face. Agóra o conheço em parte; mas então ei de conhecê-lo como eu mesmo sou também dele conhecido.

« Agóra, pois, permanécem a fé, a esperança e o amor; êstas tres virtudes: porem a maior délas é o amor. »

E no capitulo xiii da Epístola aos Romanos, ele dis:

« Toda alma dêve submeter-se às autoridades. Porque não ha poder que não venha de Deus. Os poderes que ezistem fõrão estabelecidos por Deus. Aquele, pois, que reziste às autoridades, reziste às ordens de Deus; e quem lhe reziste, acarrêta a condemnação para si. Porque os governos não cauzão terror aos bons e sim aos maus.

« Quêres não temer a autoridade? Faze o bein, e serás louvado por ésta. Porque ésta é o ministro de Deus para ti, para o bem. Porem, si fizêres o mal, teme; porque não é debalde que trás a espada; porque é ministro de Deus, que é vingador em ira contra quem fás o mal. É pois necessário que lhe estejais sujeitos, não sómente pelo temor da sua ira, mas também pela vóssa consciência. Por esse motivo, pois, também pagais tributos; porquanto são funcionários de Deus, quando assim procedem. Cumprí, pois, os vóssos deveres para com todos: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.

« Nada devals a ninguém, sinão o amor uns aos outros; porque quem ama a outrem, cumpriu a lei. Com effeito, os mandamentos: não com terás adultério, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não eubicarás, e qualquér outro, si eziste, se rezúmem neste dito; *amarás o teu próximo como a ti mesmo*. O amor do próximo

não fás o mal; a plenitude da lei é portanto o amor (*agape*). »

Lembraremos que a mássima « *amarás o teu próximo como a ti mesmo* » foi também uma herança teocrática, como se vê das seguintes passagens da Bíblia:

« Tu não te vingarás, e tu não guardarás resentimento contra os filhos do teu povo; *mas tu amarás teu próximo como a ti mesmo*. Eu sou o Eterno. (*Levítico*, xix, 18.)

« O estrangeiro que morar convosco será como aquele que nasceu entre vós, e *vós o amareis como a vós mesmos*; porque fostes estrangeiros no país do Egito. Eu sou o Eterno, vósso Deus. » (*Ibidem*, 34).

Do evangelho de S. Lucas, discípulo de S. Paulo (x, 26 a 27), resulta claramente com que generalidade era entendido este preceito pelos Doutores da lei: Com efeito, aí é um Doutor da lei quem, em resposta a Jezus, dá o preceito como escrito na lei, e applica-o à parábola do samaritano caridozo.

Em todo caso, a situação romana bastava para inspirar tal mássima ao coração capás de sentir as condições peculiares ao monoteísmo ocidental.

Concébe-se, pois, que o destino próprio da faze social que ia succeder ao Império romano consistia em determinar em toda a massa humana o surto decisivo do *amor* universal. O fetichismo instituíra a cultura especial do *apego*, fundando a Família diretamente sob o acendente espontâneo do amor; o politeísmo desenvolvera a *veneração*, estabelecendo a Pátria mediante a coordenação das Famílias, sob o acendente de uma *atividade* comum; o monoteísmo devia determinar a cultura decisiva da *bondade*, subordinando as Pátrias à Humanidade, graças à supremacia de uma *fé* universal, ou milhór suscetível de ser concebida como universal. Mas essa preparação extrema não seria ezequível sem uma nova transformação política, que as luzes teóricas de que dispunhão S. Paulo e seus sucessores não permitião prever. O Fundador do Catolicismo, da mesma sorte que os seus egrégios continuadores, não pudêrão, portanto, conceber a coordenação direta da vida humana na Terra, isto é, na realidade. Fôrão forçados a fazer rezultar essa coordenação do acendente sistemático do amor, mediante as preocupações da vida celéstee, convencidos, com razão, de que, em todas as hipóteses, a supremacia do

amor indicaria a solução conveniente. Eis porque o Catolicismo *dogmático* foi levado, por um lado, a proclamar a sublimidade da *ignorância*, consagrando o reino do Céu aos *póbres de espírito*, e; por outro lado, a abençoar a mais estrema *mizéria*, erigindo a penitência voluntária e o desprezo de todos os confortos que a indústria proporeciona em condições de santidade.

Para compreender a eficácia política e moral de semelhante doutrina, é preciso ter presente que a existência humana é dominada por *leis* naturais, a nossa intervenção podendo apenas modificar a *ordem* e o *progrêss*o que resultão de tais *leis*. A *siência* e a *indústria* emãão espontaneamente do acedente d'essas leis, cujo predomínio incessante força o homem a viver com os seus semelhantes, mediante a Família, a Pátria, e a Humanidade. Sêjão quais forem, pois, as concepções e os projéto, a realidade será a perzistência e o desenvolvimento da *sociedade*. E como a sociedade tem por princípio o *Amor* e por fim o *Progrêss*o, isto é; a expansão do *Amor*, conforme já ponderámos, torna-se manifestó que, assegurando, seja como for, o acedente do Amor, pôde-se ter a certeza de obter tudo o mais. Foi o que se deu com o Catolicismo, enquanto o estado afetivo da Humanidade foi compatível com as crenças teológicas. Uma doutrina que santificara a *ignorância* e a *mizéria*, criou condições mais favoráveis do que todas quantas até então tinham existido, para o estudo da *siência* e o surto decizivo da *indústria*, só e só porque desenvolveu, mais do que qualquer outra, a cultura dirêta do *altruismo*.

Cremos que seria inútil insistir mais para mostrar que o dógma e o culto católicos não podião adquirir a sua constituição definitiva sinão na época mesmo em que a evolução empírica do mundo romano conduzisse à nova situação política. Foi por isso que os quatro primeiros séculos que seguirão a S. Paulo se consumirão em tal operação, desenvolvendo as bases que o incomparável Apóstolo lançara. Durante esse período, a sociedade romana esgotou as suas aptidões civilizadoras, patenteando a insuficiência do puro *civismo* para coordenar a existência humana. O colossal Império, sob o embate das forças interiores e dos ataques exteriores, decompôs-se em nações politicamente distintas e que se achávão não menos animadas



pelo amor da independência do que pelas aspirações de páis. Foi essa dupla tendência que o Catolicismo veio satisfazer, graças ao Sacerdócio que se tornara simultaneamente o nobre herdeiro, tanto dos verdadeiros filósofos gregos, como dos grandes estadistas romanos.

A sociedade católica começa, pois, realmente no v século depois de S. Paulo; até então, o monoteísmo esteve subordinado às condições políticas criadas pela civilização romana. Também é fácil de reconhecer, conforme a demonstração do nosso Mestre, que essa sociedade católica, que deve realmente ser caracterizada pela denominação de regímen católico-feudal, para assinalar os dois impulsos distintos, embora harmônicos, que a caracterizam, findou-se no XIII século. Com efeito, com o XIV século começa a irrevogável dissolução de semelhante regímen, pelo advento decisivo da revolução moderna em cujo seio nos achamos.

Foi, portanto, durante os quatro primeiros séculos consecutivos a S. Paulo que se elaborarão o dógma, o culto, e o regímen peculiares à civilização mediéva, de accordo com os fundamentos postos pelo Apóstolo. Essa elaboração deu-se no seio da dissolução gradual do regímen gréco-romano, assim como a elaboração diréta do Positivismo havia de dar-se, no meio da dissolução mediéva, após o esgotamento da civilização católico-feudal. Porém, durante os nove séculos em que esta civilização dominou, o culto, o dógma, e o regímen que lhe são peculiares não ficarão estacionários. Pelo contrário, o desenvolvimento empírico do regímen feudal determinou transformações sociais que reagirão primeiro sobre o *culto* e depois sobre o *dógma*. Foi graças a essas transformações que o Catolicismo se tornou o precursor imediato da Religião da Humanidade. Ora, essas duas fazes características da evolução do monoteísmo ocidental,—uma de elaboração preliminar (I ao IV século), e outra de expansão normal (V ao XIII século)—se resumem na preponderância respectiva da adoração do *Redentor* e da glorificação da *Virgem-Mãe*. O laço entre ambas é constituído pela celebração dos *Santos*. Isto posto, vejamos quais as instituições litúrgicas que corresponderão à inauguração do culto católico.

Póde-se presumir, de um modo geral, que S. Paulo limitou-se a manter a liturgia que ele encontrou em uso para consagrar a vida doméstica e pública, espur-



gando apenas tais cerimônias das práticas relativas aos sacrifícios cruentos. Ha, porem, duas d'essas solenidades que estão directamente ligadas à sua concepção dogmática e, portanto, lhe merecerão mais especial solicitude. São ellas o *Batismo* e a *Eucaristia*, que ambas se filião ao conjunto de práticas judaicas e politeistas. Este ponto requer, para ser bem comprehendido, que se examine a influencia que tivrão as duas séries de antecedentes.

É natural supor-se a principio que S. Paulo inspirou-se exclusivamente na liturgia judaica. Reflita-se, porem, que a grande analogia que havia entre os ritos politeistas e as instituições mozaicas levávão naturalmente os judeus a considerar tais ritos como sendo uma reminiscência da religião primitiva. A dupla lenda de Adão e de Noé não permitia outra explicação. Desde então, as cerimônias politeistas apresentávão-se aos Judeus como uma *aberração* apenas do culto que era devido ao verdadeiro Deus. Nada mais simples, portanto, do que a assimilação de tais práticas no animo de S. Paulo, e daí a sua disposição a manter indifferentemente os ritos quaisquer que se pudessem adaptar às exigências da revolução religiôza que o absorvia.

Seria inútil insistir sobre as facilidades que, para a propaganda do monoteísmo, resultávão de similhante relativismo, por parte do Fundador. Com effeito, as populações politeistas, às quais era realmente destinada a revolução religiôza que se estava operando, passávão assim, sem grande abalo, de um culto para o outro. Vê-se, pois, em rezumo, que para instituir a liturgia católica bastou adaptar as cerimônias politeicas e judaicas às concepções peculiares ao monoteísmo ocidental. É o que se pôde reconhecer especialmente em relação ao *Batismo* e à *Eucaristia*.

Quanto ao *Batismo*, já mostrámos que era uma das cerimônias da iniciação judaica. S. João Batista já havia, antes de S. Paulo, desprendido essa cerimônia da circuncisão que a preeedia e do sacrificio cruento que se lhe seguia, segundo a lei mozaica. A cerimônia tomara então um caráter moral mais elevado, significando o propózito de uma vida regenerada, destinada a preparar o reino do Messias prêtes a vir. É possível, e mesmo provável, que S. Paulo tivêsse conhecido a tentativa de S. João Batista, a quem o n'osso Mestre considera como o verdadeiro pre-

cursor judaico do grande Apóstolo. Seja como for, nas suas epístolas, S. Paulo alude ao batismo, sem nada especificar acerca da liturgia correspondente. Apenas a sua abolição da circuncisão, por um lado, e a substituição dos sacrificios eruentos pela instituição da *Eucaristia*, por outro lado, mostram que ele reduzira ao batismo, isto é, à imersão n'água, a cerimônia da iniciação no Mozaísmo. Assim purificada, a cerimônia foi, no seu pensamento, destinada a representar a libertação da lei antiga e do pecado, mediante a incorporação de Jezus-Cristo no convertido. « Já não sou eu que vivo em mim; é Cristo que vive em mim. » (Galatas, II, 20). Embora limpando todos os pecados, por isso mesmo que transforma o homem em *uma nova criatura*, (Ibidem, VI, 15) o batismo era, porém, especialmente destinado a redimir do pecado original.

Mas a mesma necessidade moral que conduzira à concepção do Espírito-Santo, levou S. Paulo a instituir a *Eucaristia*. Graças a essa cerimônia, a identificação de Cristo com cada homem tornava-se uma concepção familiar aos crentes. Para estabelecê-la, o Apóstolo não precisou sequer adaptar a sua concepção messiânica à solenidade que comemorava a redenção do povo hebreu do jugo dos Egípcios. No seu tempo, essa cerimônia consistia essencialmente em um banquete sagrado, análogo aos que eram comuns entre os politeístas. E para que se veja quanto o meio social em que se achava S. Paulo tinha preparado essa instituição, recordemos algumas circunstâncias

Comencemos pela descrição do banquete pascal. Eis como o narra um escritor de origem israelita, que já citámos (Salvador—*Jésus et sa doctrine*):

« O banquete da páscoa judia ou a *ceia*, da palavra latina *cena*, abria-se por cerimônias e por cânticos comemorativos da saída do Egito. A herba amarga molhada no vinagre retracava então as dores da servidão; ¹ um pão seco e duro, lançado no meio de um festim de abundância e de alegria, realçava pela mais viva oposição os benefícios da independência. ²

1 « Estas herbas amargas que nós comemos, que fim têm? Significação que os Egípcios tornávão a vida amarga aos nossos pais; porque está dito: eles lhes tornávão a vida amarga por uma dura servidão. (Haggada, ou orações da Páscoa dos Judens.) »

2 « Eis o pão da miséria que os nossos pais comerão no Egito. Vinde

« Mas aqui todo interesse se concentra, no fim da cerimônia, nas ações de graça... O pai de família partia um pão ázimo e o distribuía aos convivas. Depois de haver posto um poneo de vinho nos seus côpos, ou feito circular um mesmo côpo, ele abençoava nesse pão e nesse vinho todos os bens da terra, todas as vantagens morais e físicas cujo gozo inteligente não podia ser assegurado ao povo sinão sob os auspícios protetores da lei. Depois ele distribuía um segundo pão, que se conservava em lembrança da solenidade até o ano seguinte. » (II, pgs. 156-157.)

O mesmo autor dá mais as seguintes indicações:

« De résto, muito antes que Jesus tivesse aparecido na Judéia, a alegoria do pão e do vinho, do comer e beber, tomada em um sentido moral e em um sentido místico, era das mais familiares. Partilhava-se aí, com todos os sábios da Grécia, a idéia de que o coração do homem justo figurava o templo mais digno de receber a divindade. A escola de Filon tinha aplicado sem cessar à palavra ou à sabiduria os nomes de *pão de vida*, pão por excelência, e om o qual era indispensável nutrir-se. ¹ Todavía, ninguém tinha preparado mais diretamente do que a escola esseniana o fundo e a forma da eucaristia de Jezus, a julgar pelas informações escritas no livro de Sirach. A sabiduria personificada é pintada nesse livro como um ser vizível, como uma mulher de carne e sangue, como a mãe do amor verdadeiro, do conhecimento, da esperança; ela anuncia aos homens que, "uma vês que tivessem *comido* d'ela, tornar-se-fão ainda mais ávidos d'ela; uma vês que tivessem *bebido* d'ela, pedirão ainda mais d'ela em altos brados. » ² (Ibidem, 161-162.)

Tudo que precede patenteia quanto o meio social havia preparado a idealização pela qual S. Paulo transformou a *ceia pascoal* na conivoente cerimônia destinada a resumir

tomar parte no nosso festim, vós que estais necessitados. Um ano éramos escravos, no outro ano homens livres. » (Ibidem, Ezodo XIII, 14.)

1 « Hic est panis, cibum quem dedit Deus animabus; ut se pascant verbo ipsius atque sermone. Nam hic est panis- datus nobis ad visendum, vedelicet verbum hoc... Audiat igitur anima vocem Dei, quod non solo pane vivet homo factus ad imaginem, sed omni verbo quod procedit ore Dei. (Philo. Legis allegor III, in med.) »

2 « Ego mater pulchræ dilectionis et timoris et agnitionis, et sanctæ spei... Transite ad me omnes qui concupiscitis me... Qui edunt me adhuc esurient, et qui bibunt me adhuc sitient. (Eclesiastes, XXIV, 24-29.) »

a sua doutrina. Devemos, porém, agora lembrar quanto o meio politeísta predispunha para a aceitação desse simbolismo.

Em primeiro lugar, notemos que a concepção de S. Paulo transformou de fato a *ceia pascoal* em um verdadeiro *banquete fúnebre*, destinado a comemorar a morte do Redentor. Desde então, a nova cerimônia entrava nos hábitos correntes dos povos politeístas, e especialmente das populações gréco-romanas. Em segundo lugar, o uzo do pão e do vinho nas cerimônias religiosas era também comum nos ritos politeístas, como vimos. Lembremos, a este propósito, que, nos casamentos, os esposos dividiam entre si um *pão*. Também vimos acima que as libações aos mortos eram feitas com *vinho e água*. Ora, convém notar que o uzo *exclusivo* dos pães *ázimos* na celebração da *Eucaristia* só se introduziu muito tarde entre os Ocidentais (V. Bocquillot). Isto mostra que S. Paulo pouco se preocupou com semelhante circunstância. Demais, S. Cipriano (cit. de Bocquillot) observa que o vinho deve ser misturado com água, porque o vinho representa o sangue do Senhor e a água representa o Povo. Esta observação constitui mais um indício de que a *Eucaristia* se filiava na opinião popular dos Ocidentais aos banquetes fúnebres (*silicernium*).

Reparemos, finalmente, que no pensamento de S. Paulo havia não menor preocupação de desprender os seus adéptos do politeísmo do que do monoteísmo judaico. As suas epístolas não deixam a menor dúvida a este respeito. Donde se conclui que ele devia banir com o mesmo empenho qualquer predileção para assimilar a nascente liturgia, quer às cerimônias do judaísmo, quer às práticas do politeísmo. Foi talvez essa preocupação que levou a caracterizar por uma denominação *nova* o banquete religioso conservado; e a escolha do termo *agape*, palavra grega que significa *beijo de ternura*, e, por extensão, *ternura*, *amor caridade*, etc., mostra o pensamento dominante de S. Paulo. A *Eucaristia* era a *ação de graças* que encerrava o banquete, e talvez se reproduzisse nela a cerimônia mística cuja instituição o Apóstolo afirmava ter recebido diretamente de Jesus.

O capítulo XI da primeira epístola aos Coríntios, a que já nos referimos, permite imaginar o quadro das primitivas

assembléias católicas, isto é, dos primeiros discípulos de S. Paulo. Nesse intuito, vamos transcrevê-lo:

« Sede meus imitadores, como também o sou de Cristo. Eu vos louvo, pois, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e guardais as minhas instruções, como vo-las ensinei.

« Porem quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo. Todo homem que fás oração ou que profetiza com a cabeça cubérta, dezonra a sua cabeça. E toda mulher que fás oração, ou que profetiza não tendo cubérta a cabeça, dezonra a sua cabeça, porque é como si estivesse rapada. Portanto, si a mulher se não cõbre, tosquia-se também. E si, para a mulher, é uma dezonra tosquiar-se, ou rapar-se, cubra a sua cabeça.

« O varão na verdade não déve cubrir a sua cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do varão. Porque não foi feito o varão da mulher, mas a mulher do varão. E não foi outrossim criado o varão por cauza da mulher, mas sim a mulher por cauza do varão. Por isso déve a mulher trazer véu sobre a cabeça, por cauza dos Anjos.

« Contudo, nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Porque assim como a mulher foi tirada do homem, assim também o homem nasce através da mulher; mas tudo vem de Deus. Julgai-o vós mesmos: ¿é decente que uma mulher faça oração a Deus, sem ter véu? ¿Não vo-lo ensina a própria natureza que, si o homem deixasse crescer os cabelos, seria isso uma ignomínia, ao passo que é glória para a mulher deixar crecé-los, porque lhe fôrão dados como véu? Si porem algum quizer ser contenciozo, não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.

« No que agóra vos vou dizer, não vos apróvo, pois sei que vos reunis não para o que é millhor, mas para o que é pior. Assim, em primeiro lugar ouço dizer que quando vos reunis na igreja, ha entre vós divizões, e em parte o crelo. Pois é necessário até que haja herezias entre vós, afin de que fiquem à prova os que são bons.

« De módo que quando vos congregais, uns com os outros, não é para comer a ceia do Senhor. Porque cada um trata de servir-se precipitadamente antes dos outros,



e uns ficão famintos e outros ébrios. ¿ Porventura não tendes cazas para comer e beber? ¿ ou desprezais a igreja de Deus e envergonhais aqueles que não têm? O que vos direi? Vos louvarei em tal? Não vos louvarei por certo. »

Ségue-se a narrativa da vizão em que Jezus pareceu lhe comunicar a instituição da Eucaristia, e depois continua S. Paulo:

« Portanto, todo aquele que comer este pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, a si mesmo o homem; e assim coma desse pão e beba desse cálice. Porque todo aquele que o come e bebe indignamente, come e bebe para si a condenação: não assimilando o corpo do Senhor. Essa é a razão pela qual entre vós ha muitos enfermos e sem forças, e muitos dormem. Ora, si nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; mas quando nos julgamos, somos corrigidos pelo Senhor, para não sermos condenados com este mundo. Portanto, irmãos meus, quando vos reunirdes para comer, servi-vos cada um por sua vés. Si algum tiver fome, coma em caza, afim de que não vos reunais para ser condemnados. Quanto ao résto, arranjarei quando aí chegar. »

Esta passagem móstra que a primitiva liturgia católica rezumia-se em um banquete sagrado, que terminava pela reprodução do mistério eucarístico acompanhado das ações de graças. Esses banquetes denominárão-se *agapes*, como já dissemos. E Santo Agostinho (nos fins do IV século) constata a sua filiação aos banquetes fúnebres politeístas:

« Depois das perseguições, dis ele, os pagãos que se convertião em massa tinham difficuldade de renunciar aos festins que fazião em honra dos seus ídolos: teve-se em consideração tal fraqueza, e permitiu-se-lhes que fizessem algum prazer semelhante *em honra dos mártires*, esperando que eles ficassem capazes das alegrias puramente espirituais... Rorem hoje é tempo de viver como verdadeiros cristãos, e rejeitar o que não foi concedido aos vossos pais sinão para os tornar cristãos. » (Fleury. *Histoire Ecclésiastique*. Livro XX, capítulo XI.)

Bocquillot, no seu *Tratado histórico da Liturgia ou da Missa*, dis que S. Gregório-Magno estabeleceu os agapes na Inglaterra, por ocasião da conversão d'ela: mas em lugar de fazê-los nas igrejas, quis que se fizessem fóra, sob folhã-

gens. E a razão que S. Gregório dá é que os povos, antes da sua conversão, fazião grandes festins aos Deuzes; éra, pois, preciso instituir outras festas e outros banquetes em lugar daqueles com os quais eles estãvao acostumados (pg. 417).

Éstas citações não pôdem deixar dúvida acerêa da filiação politeísta dos *agapes*.

Vejamos agóra como, instituído por ésta fórma, o culto do Redentor conduziu à organização da *Missa*, que marca o apogeu do seu predomínio.

A liturgia católica foi-se elaborando espontaneamente durante os séculos da propáganda. Tertuliano, na sua *Apologia*, escrita por ocasião da perseguição sob o imperador Sevéro, no começo do segundo século (202), dá a seguinte descrição dos *agapes* nesse tempo:

«... Unidos pelo laço de uma mesma fé, de uma mesma doutrina, e de uma mesma esperança, não fazemos sinão um só corpo. Nós nos reunimos para orar a Deus; formamos uma santa conjuração, para lhe fazer uma violência que lhe é agradável. Rogamos pelos imperadores, pelos seus ministros, pelos poderes, pelo estado prezente do século, pelo repouzo e a duração do mundo. Nos reunimos para ler as santas Escrituras, onde, segundo as circunstâncias, óra achamos advertências para o futuro, óra confrontamos os acontecimentos que se acábão de passar com o que foi predito. Ésta santa palavra nutre a nossa fé, relêva a nossa esperança, firma a nossa confiança, estreita a disciplina, inculcando o preceito. É aí que se fazem as ezortações e as correções, que se pronunciação as censuras em nome de Deus. Cértos de que estamos na sua presença, as sentenças que se profêrem entre nós têm uma grande autoridade: e é um terrível prenúncio para o juízo futuro, quando algum mereceu ser tirado da comunhão das orações, das nossas assembléias e de toda participação das coizas santas. Alguns anciãos prezidem; eles chégão a éssa honra, não pelo dinheiro, mas pelo testemunho de uma virtude provada; porque as coizas de Deus não se cômprão. . . ? Porque, pois, achar estranho que, nos amando tão térmamente, tenhamos refeições comuns? . . . O nome que lhes damos basta para as caracterizar: é uma palavra grega, que significa *amor*. Seja qual for o seu preço, julgamo-nos assás indenizados pelas ocasiões que nos proporecionão de fazer o bem. Nós

aliviamos assim os pobres, não como tratals os parasitas, que se glorificão de sacrificar a liberdade ao ventre e vêm engordar como prêmio de mil baixezas, porem os acolhendo como homens sobre os quais Deus abaixa os seus olhos com mais complacência. Vedes quanto o motivo dos n6-sos festins é honést0 e louvável: tudo que aí se passa corresponde a esse motivo, tudo é aí santificado pela religião. Aí não se toléra nada de baixo, nem de imodést0; não nos sentamos à meza sem ter preludiado por unia oração a Deus. Come-se enquanto se tem fome; b6be-se quanto a castidade permite; um pensamento v6la sempre, o de ficar em estado de adorar a Deus durante a noite; conv6rsa-se como pessoas que s6hem que Deus as est6 escutando. Depois de ter lavado as mãos e acendido as t6chas, cada um é convidado a cantar cânticos tirados das santas escrituras, ou comp6stos por si mesmo, e por aí cada um f6s ver si bebeu de mais. O banquete acaba como começou, pela oração. Sai-se daí, não como um bando de assassinos, ou como um ezército de bandidos, ou como um grupo de debochados, mas com modéstia, com pudor; par6ce que se sai antes de uma escola de virtude do que de um banquete. » (Tertuliano, *Apologia*, Cap. 39—Tradução publicada sob a direção de Nisard.)

Entrégue a um surto espontâneo durante os primeiros séculos, o culto católico deu lugar a diversas liturgias, que f6rão gradualmente separando dos *agapes* a celebração do mistério eucarístico, à medida que as discussões teológico-metafísicas f6o por seu lado fixando o d6gma católico. A adeção de Constantino mesmo não marca o termo desses ensaios, emb6ra o Concílio de Nic6ia tenha fixado desde ent6o os pontos principais do monoteísmo católico. A mudança da s6de do império para Constantin6pla (330) permite, por outro lado, o advento da primazia do bispo de Roma sobre o conjunto dos bispos ocidentais. Mas 6ssa supremacia não se tornou decisiva sin6o depois que o aniquilamento do Império, reduzindo Roma a um acedente puramente espiritual, concentrou no Ocidente a miss6o social do Catolicismo, em virtude da separação cada v6s maior da igreja grega, mesmo antes do sisma oficial, no IX século.

Durante esses séculos, a perzistência do *culto dos m6rtos* determina tamb6m o advento do culto dos Santos,

cujo surto levou por fim a transformar as *consagrações* ou *apoteózes* em *canonizações*. Tal foi o intermediário que assegurou a passagem insensível do culto do Redentor para o culto da Virgem-Mãe. Abstraiamos, porém, por agôra dêssa evolução, para considerar o desenvolvimêto do culto do Redentor, fundado por S. Paulo.

Dissemos que a expansão da Igreja tinha conduzido gradualmente a destacar dos *agapes* a cerimônia da *Eucaristia*. Seria difícil assinalar precisamente quando realizou-se a separação definitiva. Sabe-se, porém, que Santo Ambrósio, o grande bispo de Milão, na segunda metade do iv século (N. 340 — M. 398) foi um dos primeiros, sinão o primeiro, que aboliu os *agapes* nas igrejas (Santo Agostinho — *Confissões*. Liv. 6º, cap. 2º). Também é ele o autor mais antigo em quem se encontra a palavra *Missa*, cuja origem tem dado lugar a tantas discussões. A Igreja grega chama *Liturgia* a mesma cerimônia, servindo-se assim do termo que em Atenas designava o culto politico. Isto é mais o motivo para pensar-se que a palavra *Missa* vem da palavra hebráica *Misshah*, que significa *sacrifício voluntário*.

Atribui-se a Santo Ambrósio a instituição de um dos mais antigos rituais para *Missa*; esse ritual ainda hoje é seguido na Igreja de Milão, apesar dos esforços envidados, inclusive por Carlos-Magno, para fazer aí adotar o ritual romano. Também se atribuem rituais para *Missa* a S. João Crizóstomo, a S. Bazílio, a S. Cirilo de Jeruzalem, etc. Quanto ao ritual romano, não se sabe positivamente quem o instituiu. O que é certo, é que o papa S. Gelázio passa por ser o autor do mais antigo *Sacramentário* da Igreja de Roma. Ele data, pois, do fim do v século, S. Gelázio tendo sido eleito em 492, e governado a Igreja por espaço de quatro anos e oito mezes, falecendo em 496. Fleury, na *História eclesiástica*, dá o seguinte acerca do assunto que nos interessa:

« Ele tinha composto hinos à imitação de Santo Ambrósio, prefácios e orações para o santo sacrifício e para a administração dos sacramentos. Eis porque se lhe atribui com muita verosimilhança um antigo sacramentário da igreja romana, que contém as missas de todo ano e as fórmulas de todos os sacramentos. Ele é dividido em tres livros, dos quais o primeiro compreende principalmente o

ofício do tempo, o segundo o ofício dos santos, e o terceiro os ofícios que não são ligados a certos dias. Cada missa tem duas coléctas no começo, uma secreta, uma post-comunhão e uma oração sobre o povo; a maioria tem prefácios próprios. » (Liv. xxx, cap. XLII.)

Um século depois, em 599, S. Gregório-Magno, um dos maiores papas (N. 550—M. em 604) reformou o sacramentário de S. Gelázio. Eis como Fleury se exprime a tal respeito:

« Vê-se por essa carta * que S. Gregório tinha já reformado o ofício da igreja romana em 599, e como é isso uma das mais célebres ações do seu pontificado, merece ser narrado mais em estenso. O papa Gelázio tinha feito uma coleção do ofício das missas, do qual S. Gregório suprimiu várias coisas, mudou algumas outras, e juntou novas. Ele reuniu tudo em um volume, que é o seu sacramentário. Chamava-se assim outrora o livro que continha as orações que o padre devia dizer na administração dos sacramentos, e principalmente na celebração do santo sacrifício; tudo o que se devia cantar era marcado em um outro volume, chamado antifonário, porque se cantava alternadamente, donde vem o nome de antifona, como se explicou. As lições eram compreendidas em outro volume, chamado lecionário; os salmos estavam à parte no saltério, e para mostrar as regras que devião observar na prática, e que chamaríamos rubricas, havia um outro volume chamado *órden*. . .

« Para entender qual era em Roma a missa pontifical dos dias solenes, é preciso primeiramente explicar a distribuição das igrejas e do cléro. Roma tinha sido dividida por Augusto em catorze regiões ou quarteirões; mas o uzo eclesiástico os havia reduzido a sete, segundo os quais são distribuídas todas as igrejas e todo o cléro da cidade, e eles servião alternativamente, começando pelos clérigos da terceira região para o domingo, depois os da quarta para o lunedì, e assim por diante.

« Demais, havia em Roma quatro sortes de igrejas: patriarcaes, titulares, diaconias, oratórios. As igrejas patriarcaes, chamadas particularmente bazílicas, pertencião propriamente ao papa, como S. João de Latrão, S. Pedro

* Referência a uma carta escrita a João de Siracusa.



do Vaticano, Santa Maria Maiór, S. Lourenço estra-muros, Santa Crus de Jeruzalem...

« Foi S. Gregório quem regulou as estações em Roma, isto é, as igrejas nas quais se devia fazer o officio cada dia de quarésima, dos quatro-tempos, ou das festas solenes. Porque as festas dos santos se celebrávão nas igrejas em que estávão as reliquias deles...

« *Começo da Missa.*—Agóra, para representar a missa pontifical, tomarei o ezeuplo do dia de Páscoa, segundo as mais antigas ordens romanas. Desde de manhan todos os acólitos da terceira região e os defensores de todas as regiões se dirigião ao palácio de Latrão, que era a rezidência do papa. Os defensores erão clérigos destinados a ezeutar as ordens do bispo para a utilidade dos póbres, e temos a fórmula da comissão deles entre as cartas de S. Gregório. Todo o résto do cléro de Roma dirigia-se desde bem cedo para a Igreja da estação, como no dia de Páscoa para Santa Maria Maiór. Ai se achávão tambem sempre alguns bispos. O papa e os principais officiais fão a cavalo, o que era exigido pela grandeza de Roma. Os acólitos e os defensores acompanhávão-n-o a pé: nesse trajêto trazião-se do palácio de Latrão os livros e os vazos necessários para o serviço, e um acólito trazia à mão o santo erisma e uma garrafinha cubérta com uma toalha.

« Quando o papa se apossimava, os acólitos e os defensores de dia fão ao encontro dele com o padre titular da estação; os diáconos o ajudávão a apear-se do cavalo, e ele entrava primeiro na sacristia, em cuja pórtta os diáconos mudávão de hábito, e o que devia ler o evangelho abria o selo deste e preparava o lugar que devia ser lido; depois um acólito o levava para o santuário, e um subdiácono o depositava sobre o altar respeitôzamente. Entretanto o papa mudava de hábitos pelas mãos dos subdiáconos; um lhe dava a alva, que se punha por cima dos camiza, um outro o cingulo, o amito, a dalmática de pano, a grande dalmática, e enfim a cazula. O primicério e o secundicério ajustávão-lhe todas éssas vestimentas. Um diácono lhe collocava o pallium. Depois um subdiácono regionário lhe apresentava o manipulo, dizendo: Tal lerá a epístola, tal cantará, e logo que o papa lhe tinha feito sinal para começar, ele chegava à porta da sacristia e dizia: Acendei.

« Então os *chantres* se arrumávão no coro, e o seu

chefe começava a antifona para o intróito, que era seguida do salmo inteiro, de que só se dis hoje um versículo. Essas antifonas, com o começo dos salmos, são marcados no antifonário de S. Gregório, tais quais as dizemos ainda hoje, começando no primeiro domingo do advento e continuando todo o ano. Chamávão-n-os intróitos, porque eram cantados enquanto se entrava na igreja, e cada um tomava o seu lugar. Desde que se ouvia cantar, o papa saía da sacristia apoiando-se à direita sobre o arqui-diácono e à esquerda sobre o diácono seguinte, precedido de incenso e de sete candelabros levados por sete acólitos. Antes que ele chegasse ao altar, os diáconos que já estavam no santuário tiravam as suas planetas ou cazulas, porque todos as traziam, mesmo os acólitos.

« Nesse entretanto, dois acólitos apresentavam ao papa uma caixa aberta, com o santo sacramento. O papa, depois de o haver saudado com uma inclinação de cabeça, examinava si havia mais do que era preciso para pôr no cálice, como se dirá; e nesse cazo fazia pôr o ecôso em rezerva. Chegado ao altar, ele fazia o sinal de dizer-se *Gloria Patri* e de acabar o salmo do intróito. Os diáconos beijavam os lados do altar, e o papa, depois de ter orado algum tempo inclinado para pedir a remissão dos seus pecados, beijava o evangelho e o altar no meio, e subia à sua séde, diante da qual ficava de pé, voltando o rosto para o Oriente e as costas para o povo, porque a séde era então no meio e por trás do altar.

« Então cantava-se *Kirie eleison*, e continuava-se até que o papa fizesse sinal de acabar. Depois o papa, voltado para o povo, começava *Gloria in excelsis*, e voltava-se para o Oriente até que estivesse terminado o canto. Segundo o Sacramentário de S. Gregório, só o bispo dizia *Glória*, e isso mesmo só nos domingos e festas; os padres não o diziam sinão na Páscoa. Em seguida o papa saudava o povo, dizendo: *A pás seja convosco*. Depois voltava-se para o Oriente e dizia a oração ou colecta do dia. Nós as dizemos ainda tais quais se achão no Sacramentário de S. Gregório. Depois dessa oração, o papa sentava-se voltado para o povo, e fazia sinal aos bispos e aos padres de sentarem-se. Eles estavam ao seu lado, os bispos à direita, os padres à esquerda, no hemicíclo que encerrava o altar por trás.

« *Leituras e oferenda.* — O subdiácono que devia ler a epístola, logo que os via assentados, subia ao púlpito, que era uma estante, ou pequena tribuna levantada alguns degraus ao lado do coro. Encontrão-se até tres desses púlpitos nas antigas igrejas de Roma; à direita, um para a epístola, voltado para o altar; um para as profecias, voltado para o povo; um terceiro, à esquerda, mais elevado e mais ornado, para o evangelho.

« Depois da leitura da epístola, o chantre subia ao púlpito com o seu livro, chamado gradual ou antifonário, e cantava o responso que chamamos gradual, por cauza dos degraus do púlpito, e responso porque o coro responde ao chantre. Cantava-se em seguida, segundo o tempo, *Aleluia*, ou o trato, assim chamado por cauza da maneira pela qual é cantado, arrastando. Todas essas orações são ainda tais quais as vemos marcadas todos os dias no antifonário de S. Gregório.

« Em seguida o diácono vinha beijar os pés do papa, que lhe dava a sua bênção para o evangelho, dizendo: *O Senhor esteja no teu coração*, e o résto. Depois o diácono vinha para diante do altar, onde, tendo beijado o evangelho, o tomava entre as mãos e caminhava com dois subdiáconos, um dos quais levava o turíbulo, e dois acólitos adiante levávão candelabros. O diácono subia sózinho ao púlpito, e lia voltado para o sul, que era o lado dos homens, porque eles estavão separados das mulheres na igreja. Vemos pelas quarenta homélias de S. Gregório, que se lião os mesmos evangelhos que hoje, nos mesmos dias. Depois da leitura do evangelho, um subdiácono o levava a beijar a todo o mundo; depois era posto na caixa e selado. O que parece indicar que não era um livro encadernado como os nossos, mas um rolo à antiga.

« Não se dizia então ainda o símbolo na missa, na igreja romana, que, não tendo nunca sido infectada por nenhuma herezia, não tinha necessidade de fazer profissão de fé. Si o papa pregava, como S. Gregório fazia muitas vezes, era depois do evangelho.

« Em seguida, o papa tendo saudado o povo por *Dominus vobiscum*, e dito *Oremus*, o diácono caminhava para o altar, acompanhado de um acólito levando o cálice e um corporal por cima, que ele apresentava ao diácono; e o diácono o colocava sobre o altar e atirava a outra estre-

midade a um diácono para estendê-lo; porque era uma grande toalha que cubria todo o altar. Então o papa decia do santuário, sustentado pelos dois primicérios dos notários e dos defensores, e caminhava para o lugar do sejado, para receber as oferendas dos grandes, segundo o seu rango, isto é, o pão e o vinho para o saerifício. O papa tomava os pães, que ele dava ao subdiácono regionário e eram pôstos em una toalha sustentada por dois acólitos. O arquidiácono seguia o papa, tomava as galhetas e derramava o vinho em um grande cálice, que era sustentado por um subdiácono, seguido de um acólito levando um outro vaso para esvaziar o cálice quando estava cheio. Depois do papa, o bispo semanário recebia os outros pães, seguido de um diácono que recebia o vinho, e alguns padres ajudávão ainda sendo preezo. O papa passava em seguida do lado das mulhiéres, e recebia as suas oferendas. Assim todo o povo ficavã arranjado no seu lugar. Os pães que se oferecião eram redondos, como parêce, por chamã-los S. Gregório coroas; cada um os fazia com as suas mãos. Vê-se isso pela história de uma dama romana que, recebendo a comunhão das mãos de S. Gregório, e o ouvindo dizer as palavras ordinárias, não pode impedir-se de sorrir por chamar-se corpo de Jezus-Cristo o pão que éla mesmo fizera com as suas mãos. Paulo, diácono, que é o primeiro a contar tal fato, aerecenta que S. Gregório fêz guardar éssa partícula da Eucaristia, e que se tendo posto em oração, fê-la ver à mesma dama, mudada em carne, na presença de todo o povo.

« O papa voltava à sua séde, lavava as mãos, e o arquidiácono também; depois, quando o papa dava-lhe sinal, ele apossimava-se do altar e arranjava em cima deste os pães que os subdiáconos lhe fornecião, e pondo tantos quantos julgava bastantes para a comunhão do povo. Depois tomava a galheta do papa da mão do subdiácono oblacionário e a derramava no cálice por um coador, afim de que o vinho ficasse mais puro. Recebia também as dos diáconos. Um subdiácono decia ao coro e recebia da mão do primeiro chantre o vaso d'água, que trazia ao arquidiácono, e este derramava déla, em fórmula de crus, no cálice. Então o papa decia da sua séde para o altar, que ele beijava, e recebia as oferendas dos padres, dos diáconos, e enfim a sua, que o arquidiácono lhe apresentava. Assim, todo mundo oferecia: o povo, o cléro, e o próprio papa.



Em seguida o arqui-diácono tomava o cálice da mão do sub-diácono, e o punha no altar, junto da óstia do papa, mas à direita. Esse cálice tinha duas azas envolvidas por um pano que se chamava ofertório.

«Entretanto, cantava-se o ofertório, isto é, um salmo com a sua antífona, e quando era tempo, o papa olhava para o coro e fazia sinal de acabar; depois, inclinado para o altar, os bispos atrás dele, com os padres e os diáconos alternadamente, dizia a oração sobre as oferendas que nós chamamos *secrêta*, porque se diz em vós baixa; depois começava o *prefácio* do sacrifício. O sacramentário de S. Gregório põe prefácios diferentes, quâzi em todas as missas; mas nós só conservamos nôve deles.

«*Cânon da missa e comunhão.* — O papa esperava que o coro tivesse cantado *Sanctus*, para começar o cânon, que se acha também chamado *secrêta*, porque se dizia em vós baixa. O papa o dizia sózinho, estando com o corpo direito diante do altar; e entretanto os bispos, os padres, e os sub-diáconos ficavam no santuário, em pé e inclinados. Era essa a postura mais respeitôza para os domingos e os outros dias em que não era permitido dobrar os joelhos. O cânon da missa está no sacramentário de S. Gregório, tal qual, palavra por palavra, nós o dizemos ainda, e a tradição é que ele ajuntou estas palavras à segunda oração que o compõe: *E que disponhais os nossos dias na vossa pás.* O autor do tratado dos sacramentos, attribuído a Santo Ambrósio, que é certamente muito antigo, refere o cânon quâzi inteiro conforme ao nosso, com muito pouca diferença.

«Não se vê nas antigas ordens outra elevação da óstia sinão a que se fâs no fim do cânon, dizendo: *Per ipsum et cum ipso.* * Então o arqui-diácono tomava o cálice pelas azas e o levantava junto do papa, que o tocava pelo lado com as óstias, depois ele as tornava a pôr no seu lugar. Desde o começo do cânon, dava-se a patena a conservar a um acólito, que a sustinha diante do peito, em um pano amarrado no pescoço a tiracólo. Ela era levada ao altar no fim do cânon, e depois da oração dominical

* A elevação da óstia depois da consagração é attribuída ao grande Hildebrando para assinalar a vitória da Fé contra a herezia de Beranger. acerca do dogma da presença real. Vide Amedée Rénée, *La Grande Illusion*, pg. 9 — R. T. M.

e da que se dis em seguida, o papa tendo dito: *a pás do Senhor seja sempre convosco*, fazia com a mão tres sinais da cruz sobre o cálice, e punha nele a óstia consagrada; o que se entende da do sacrificio precedente, que lhe tinha sido apresentada no começo. Então o arqui-diácono dava a pás, isto é, o beijo ao primeiro bispo, que o dava ao seguinte, e assim aos outros, por ordem. O povo fazia o mesmo, os homens e as mulheres, separadamente. A igreja romana não dava a pás sinão depois da consagração, como um testemunho do consentimento que o povo déra. O papa Inocência repreende os que dávão a pás antes.

« Em seguida a fração da Eucaristia fazia-se desta sorte. Primeiramente, o papa partia uma das suas óstias do lado direito, e deixava sobre o altar a partícula que tinha partido, colocando as suas outras óstias sobre a patena que o diácono sustinha; depois voltava à sua séde. O arqui-diácono tomava o cálice e o dava para sustentar no canto do altar, do lado direito, a um subdiácono; depois tomava as óstias e as punha em sacos sustentados por acólitos, que os levávão aos bispos e aos padres para partírem as óstias; mas dois subdiáconos caminhávão na frente, levando ao papa a patena onde estávão as óstias do papa, e dois diáconos as partião quando ele lhes fazia sinal. O arqui-diácono esvaziava o altar, não deixando sinão a partícula que o papa tinha partido, porque se observava durante toda a missa que o altar não estivesse sem sacrificio. O arqui-diácono fazia sinal ao coro de cantar *Agnus Dei*, e se collocava junto do papa, a quem um diácono trazia a patena com as óstias partidas. O papa, sempre na sua séde, comungava de pé e voltado para o Oriente; e da mesma óstia que ele tinha mordido, punha um pedaço no cálice que sustentava o arqui-diácono, dizendo as mesmas palavras que ainda dis o padre misturando as duas espécies. Assim púnha-se no cálice duas partículas consagradas, uma do sacrificio precedente, outra do presente. Em seguida o papa tomava o precioso sangue pela mão do arqui-diácono, que, sustentando o cálice, vinha para o canto do altar e annunciava a estação para o dia seguinte. Depois derramava um pouco do cálice em um vazo cheio de vinho e que era sustentado por um acólito; porque se acreditava que o vinho ficava inteiramente consagrado pela mistura do sangue do nosso Senhor. Então os bispos apossimá-

vão-se da séde para comungar da mão do papa, e em seguida os padres; o arqui-diácono os comungava do cálice, o que se chamava confirmar. Depois da comunhão dos que estavam no santuário, o arqui-diácono derramava o resto do precioso sangue no mesmo vaso em que já tinha derramado, e dava a um sub-diácono o cálice vazio para o guardar.

« Então o papa decia da sua séde para comungar os que eram do rango do senado, e o arqui-diácono seguia para dar-lhes a espécie do vinho, que eles tomavam com uma cânula de ouro. Os bispos e os padres levavam em seguida a comunhão ao povo, seguidos de diáconos para as espécies do vinho; e depois de terem comungado os homens do lado direito, passavam para o lado das mulhêres. Desde que o papa começava a dar a comunhão ao senado, o coro entoava a antífona para a comunhão com o salmo que ele continuava a cantar até que todo o povo tivesse comungado. O papa, tendo voltado à sua séde, comungava ainda algumas pessoas do cléro; depois via si todo o povo havia comungado, e fazia sinal ao sub-diácono para dar ao coro sinal de dizer: *Gloria Patri*; depois do que, repetião a antífona e cessavam. Essas antífonas são marcadas no antifonário de S. Gregório como as dizemos ainda; mas nós não dizemos mais os salmos, que, todavia, são aí marcados.

« *Fim da missa.* — Acabada a antífona, o papa levantava-se da sua séde e vinha ao altar, onde dizia o último *Domínus vobiscum*, sem voltar-se para o povo, e a oração que chamamos post-comunhão, e que se chamava então a conclusão. Ela é marcada no sacramentário de S. Gregório tal qual a dizemos em cada missa, com algumas outras para mudar. Em seguida, um diácono escolhido pelo arqui-diácono olhava para o papa, e quando ele lhe fazia sinal, dizia ao povo: *Ite missa est*, para o despedir. O papa voltava à sacristia precedido do incenso e dos sete candelabros. Deendo da sua séde, dava a sua bênção aos bispos, aos padres, e às outras ordens, à medida que lh'a pedião; mas não vejo outra bênção nessa missa pontifical. Si um outro bispo officiava em Roma, na ausência do papa, observavam-se as mesmas cerimônias, com algumas diferenças; entre outras, não se pupha na séde do papa, e a primeira partícula que colocava no cálice devia ser



consagrada pelo papa. Mas o bispo, oficiando na sua igreja, fazia tudo como papa.

« Além das orações marcadas no sacramentário, havia outras menos solenes, que o celebrante dizia consigo, quer antes, quer durante a missa. Antes, fazia as preparações, que eram longas e consistiam em vários salmos, versículos, e orações, que dizia com os seus ministros, tanto antes de se vestir, como tomando os ornamentos. Ele orava caminhando para o altar, e quando chegava, fazia a confissão com os seus ministros. Fazia outras orações enquanto o coro cantava *Kirie*, *Gloria in excelsis*, o gradual, e o resto. Orava antes de receber as oferendas, recebendo-as, e depois abençoando o incenso e incensando. Recomendava-se aos assistentes dizendo: *Orate, fratres*. O celebrante orava ainda na comunhão por si e pelos outros. Enfim; fazia as suas orações de graça, pouco mais ou menos tais quais as fazemos ainda. Existem coleções antigas de todas essas rézas; mas não se crê que sejam do tempo de S. Gregório. » (Fleury. *Hist. Ecl.*, Liv. XXXVI, cap. xv a xx.)

Seria inútil citar outros rituais. O importante é que se saiba que, além desse cerimonial, havia outros, e que nunca foi possível, mesmo no Ocidente, fazer com que prevalecesse um único cerimonial. Agora, antes de ir além, examinemos a liturgia que acaba de ser descrita. Para isso, tomaremos as nossas informações em escritores católicos, cujos livros indicaremos.

CAPÍTULO QUARTO

Reflexões acerca da liturgia sistematizada por São Gregório-Magno: sua filiação aos ritos fetichicos, através das cerimônias politeístas e judaicas.

Para avaliar o alcance da cerimônia cuja descrição acabamos de ler, cumpre apanhar, em primeiro lugar, a sua filiação para com os ritos anteriores. Começaremos pela apreciação das vestes sagradas.

A *alva*. — Genéricamente a *alva* é uma espécie de vestimenta branca, *alba vestis*; por si mesma, a *alva* é tanto para uso dos leigos, como para o das pessoas devotadas a um ministério sagrado. Os pagãos revestidos de alguma dignidade, e principalmente os seus padres, traziam um vestido de linho. Pitágoras e os seus discípulos afetavam mesmo aparecer em público com uma *alva*, que era retida por um cinto, afim de não entravar o passo. Dávão-lhe o nome de túnica de linho, *camisia*, *camisus*, *camisile*, donde formou-se o terno francês *chemise*. Os Gregos a chamavam *poderis*, porque decia até aos pés.

... Na primitiva igreja, os eclesiásticos estavam sempre revestidos de uma alva, mesmo fora das funções sagradas. Entretanto eles tinham outras mais finas e mais asseadas para o altar; estas aliás deviam ser sempre de linho. Era desta matéria que eram feitas as *alvas* ou túnicas com que os padres da antiga lei se paramentavam no exercício das suas funções... (Pascal. *Origens e razões da liturgia romana*.)

Falando das *Vestes eclesiásticas*, o padre Martigny diz no seu *Dicionário sobre as antiguidades cristãs*:

« Dissemos precedentemente que não ha nenhuma das vestimentas, hoje afetas ao serviço esclusivo dos padres, que não tenha sido na antiguidade um hábito comum aos leigos e aos clérigos. Alguns detalhes são necessários para justificar essa asserção. »

E depois de descrever a *alva*, obsérva:

« A *alva* tinha deixado por toda parte, desde o sexto século, de ser uzada pelos leigos, e se tinha tornado uma vestimenta esclusivamente ecclesiástica. »

« O *cingulo*. — Eis como o mesmo autor se exprime a este respeito:

« 3º O *cingulo* que se chama tambem algumas vezes *zona*, entre os gregos *zône*, e *baltheus*. O *cingulo* foi de uzo vulgar entre todos os povos que uzávão vestimentas *talares*. Ele servia para ajustar a *alva* em torno do corpo, affin de que esta não caísse sobre os pés ou no chão. Houve de diversas cores, alguns érao mesmo ornados de ouro e pedrarias, como o atêsta para o nono século o testamento do bispo Riculf... »

« O *cingulo* é de toda antiguidade na igreja romana; pois João Diácono conta, na *Vida de S. Gregório-Magno* (Liv. iv, cap. LXXX), que os fiéis venerávão como uma reliquia o *baltheus* desse pontífice. Éra muito mais largo e mais amplo, como se pôde ver nos antigos mozaicos; e é só a partir do XVI século que ele ficou reduzido ao estado de córda em que o vemos. »

O *amito*. — Dis o mesmo autor:

« 1º O *amito* é o único sobre cuja origem existe incerteza; não se sabe si foi uzado nos primeiros séculos, quer para os padres, quer para os leigos. Não se encontra menção dêssa vestimenta sinão nos autores ecclesiásticos, e isso mesmo não dos mais antigos. Santo Izidoro de Sevilha o chama *anabolabium*, e afirma que foi a princípio um véu de que as mulhéres se servião para cubrir os hombros. Os antigos livros litúrgicos, e em parteicular as ordens romanas que possuímos, dão-lhe os nomes de *anagolaium*, *anagolai*, *anabolagium*. Na missa d'Illyricus (*Missa romana antiga*), o *amito* é chamado *ephod*, porque a oração para o revestir é intitulada: *ad induendum ephod*; e na de Rathold, *superhumérale*, assim como no livro *De divino officio* (cap. XXXIX).

« Alguns scientistas pensão que o *amito* poderia ser,



na sua origem, esse véu cubrindo a cabeça, que a antiguidade chamava *maforte*, e que se vê na cabeça de muitas figuras em oração nas catacumbas. Com efeito, na oração que se recita tomando o amito, ele é chamado capacete, *galea*: *Impone, Domine, capiti meo galeam salutis*. "Imponde, Senhor, à minha cabeça o capacete da salvação." Póde-se sem inverozimilhança supor que essa expressão metafórica e marcial vem de uma passagem de Tertuliano (*De velandis virgin*, cap. XV), onde lê-se: *Pura virginitas... confugit ad velamen capitis, quasi ad galeam contra ictus tentationis*. "A pura virgindade... se mune do véu de cabeça, como de um capacete, contra os golpes da tentação."

« No princípio, o amito se punha por cima da alva, e não por baixo, como se pratica hoje. Este uzo foi conservado entre os Marionitas, eziste ainda, durante a semana santa pelo menos, nas antigas igrejas de Milão e de Lião. Nenhum autor francês fás menção do amito antes do oitavo século, e há razão para erer-se, dis Boequillot (pg. 142), que ele não é uzado nas nossas igrejas sinão depois que elas aceitáram a ordem romana. »

Notemos, a este propóito, que os *augures*, sacerdôtes romanos que adivinhávão interpretando o canto e o vôo dos pássaros, cubrião a cabeça no ezercício das suas funções, e servião-se de uma espécie de vara terminada como o atual *báculo* dos bispos católicos. (Vide Bertrand, *Diccionario das Religiões*.) Lembrem-nos também de que S. Paulo, na *Epístola aos Coríntios* (I, cap. XI), condena a prática dos *hómens* cubrirem a cabeça para orar, dizendo que tal prática só assenta nas mulhéres.

A forma do amito nos léva a erer que ele provem do que os antigos chamávão *orarium*, a cujo respeito o padre Martigny nos dá as seguintes informações:

« *Orarium*. — A primeira significação é puramente profana. Primitivamente, com efeito, quando se encontra nos autores, quer pagãos, quer cristãos, significa os pequenos panos com os quais os antigos enxugávão o rosto, e que eles chamárão *sudarium*, *strophium*, *linteolum*. Santo Ambrósio (Ep. LIV) fás menção dëssas espécies de lenços, e dis que os fiéis do seu tempo os depositávão sobre o túmulo de S. Gervázio e S. Protázio, como se praticava também em Roma, na confissão de S. Pedro, e que alguns

os retirá-vão daí enriquecidos com a virtude de curar... São também esses *oraria* que os cristãos do tempo das perseguições lançá-vão diante dos mártires, afim de que o seu sangue precioso não se perdesse na terra...

Dalmática.—Pascal, no seu *Dicionário das origens e razões da liturgia romana*, assim se exprime:

« *Dalmática.*—Crê-se que este hábito, quanto à fôrma, se origina da província conhecida por Dalmácia. Esse hábito consistia, no princípio, em uma veste ampla e longa, com mangas muito largas, mas que não decia sinão até o cotovelo. Os Romanos adotá-rão esse gênero de vestimenta no segundo século; mas o que não era, entre os Dalmatas, sinão um hábito comum, tornou-se para Roma uma vestimenta de distinção; na Dalmácia, era ordinariamente de estofos muito simples, ou mesmo de tecido grosseiro, que se fazião essas vestimentas: os Romanos opulentos tendo introduzido o uzo délas na sua cidade, empregá-rão a seda, e semcá-rão essas nóvas dalmáticas de pequenas rózas de púrpura, semelhantes a cabeças de prégos, *cum clavis ex purpura*. Quando essas cabeças éráo muito grandes, éra a lacticlava, *latus clavus*; si as rózas de púrpura éráo de pequenas dimensões, éra a angusticlava, *angustus clavus*. Os imperadores romanos se revestirão da dalmática, assim como os seus cortezáos. Quando o cristianismo subiu ao trono com os imperadores cristãos, a *dalmática* foi discernida como uma honra aos bispos; o papa S. Silvéstre decorou com éla os diáconos da igreja de Roma, e sabe-se de que importância éráo então esses ministros... »

Esse trecho parece conter a explicação das duas dalmáticas de que trata a descrição de Fleury.

A *cazula*.—Eis as informações dadas pelo padre Martigny:

« *Cazula.*—A *cazula*, ou *planeta*, é uma vestimenta sacerdotal, hoje muito reduzida, mas que, no princípio, éra assás ampla, para envolver todo o corpo, da cabeça aos pés, como uma cazinha, *casula*. É essa a definição que dá Santo Izidóro de Sevilha (Orig. XIX, 24), assim como muitos outros autores. Éla não tinha sinão uma abertura, no centro, para passar a cabeça, e não tinha para passar os braços; de tal sorte que, para agir, o padre, vestido da *cazula*, devia levantar os panos sobre os braços, ou mesmo lançá-los sobre os hombros...

« Antes de ser uma vestimenta sagrada, a planeta foi primeiro um hábito profano comum aos leigos conio aos celeziásticos, e mesmo às mulhiéres. . . »

« A cazula não foi pósta no número das vèstes sagradas sinão depois da estóla, e mesmo depois da alva, o *colobium* ou túnica precioza, e a dalmática. É questão déla pela primeira vês, como tal, no vigézimo-sétimo cânón do quarto concílio de Toledo. »

O *pallium*.—Eis as informações de Pascal, no Dicionário já citado:

« *Pallium*. — O nome só desse ornamento pontifical fás-nos conhecer a sua fórma primitiva. Crê-se que era na origem um manto que os imperadores de Constantinópla enviávão aos prelados como um sinal de honra e um símbolo de dignidade para significar que os bispos tínhão nas coizas espirituais a mesma autoridade que o imperador nas coizas temporais. O *pallium* sofreu grandes modificações na sua fórma original: não é mais do que uma faixa de lan branca, de tres dedos de largura, que circunda as espáduas como em um círculo, e da qual pèndem adiante e atrás, duas faixas da mesma largura, uma de cada lado, de um palmo de comprimento, e guarnecidas nas estre-midades de pequenas lâminas de chumbo arredondadas. No *pallium* são figuradas quatro cruzeas gregas de cor preta; éssas cruzeas êrão antigamente de cor de púr-pura. . . »

O *manípulo*.—Eis o que dis Martigny :

« Manípulo, *manipulum*, *mapula*, *sudarium*, e ainda *phanon*, era primitivamente um pano, um lenço, ou guardanapo, de que se servião os antigos para enxugar as mãos e o rosto; eles o trazíão no braço. Não foi a princípio um ornamento sagrado; uzava-se dele na liturgia como na vida comum, por motivo de asseio, *sudarium*, dis Amalario (Liv. II, cap. XXIV) *ideo portamus ut eo delergamus sudorem*. »

« Depois do sexto século começou-se em certas igrejas a trazê-lo no braço esquerdo, como um sinal de honra; foi provavelmente então que os leigos o deixáráo. O manípulo, nesse sentido, paréce ter sido, a princípio, particular à Igreja de Roma; é o que supõe uma carta dirigida por S. Gregório-Magno a João, arcebispo de Ravena (Lib. II, Epist. LIV) para conceder o uzo dele aos diáconos déssa

última igreja, nas cerimônias sagradas. No nono século, ele tornou-se por toda parte comum aos padres e aos diáconos; não foi concedido aos subdiáconos senão a partir do undécimo século. »

Esta é a explicação geral encontrada nos autores que consultamos. Cremos, porém, que a origem desse paramento é o *saco* em que porventura os fiéis levavam o pão e o vinho destinados à celebração dos agapes. Os Romanos tinham também uma sacola de couro a que denominavam *Bulga*, a respeito da qual Anthony Rich, no seu *Dicionário das antiguidades gregas e romanas*, diz:

« *Bulga*.—Sacola de couro que se trazia no braço, da mesma maneira que o *ridicule* moderno. Os viajantes se serviam dela como de bolsa; os *lavradores* a empregavam como bolsa para conter a semente no tempo da sementeira... »

Veja-se agora a oração que o padre católico recita, ao tomar esse paramento: *Merear, Domine, portare manipulum fletus et doloris: ut cum exultatione recipiam mercedem laboris*. « Mereça eu, Senhor, trazer o manipulo do pranto e da dor: afim de que com exultação receba a paga do trabalho. »

Bocquillot, no seu *Tratado histórico da liturgia ou missa*, diz que os acólitos em Roma levavam a Eucaristia em sacos (pgs. 188, 189, 191); que ordenavam-se os acólitos metendo-lhes esse saco na mão (pg. 151, 1.^a ed., 1701).

Juntaremos a esses paramentos a *estóla*, que é o único, dos usados hoje no ritual romano, que não está mencionado no cerimonial de S. Gregório-Magno, acima descrito. Eis o que diz Martigny:

« 5.^o A *estóla*, *stola*, vem do grego *stole*, que significa uma vestimenta qualquer. Há muita incerteza sobre a natureza da vestimenta a que esse nome foi dado entre os antigos... »

« O que é certo, pelo menos, é que a *estóla* era o vestido das mulheres, como a *toga* dos homens. Diversos personagens grandes, Marco-Antônio primeiro, e mais tarde Calígula e alguns outros imperadores de costumes efeminados, tendo ajuntado às suas togas os ornamentos da *estóla* matronal, esta vestimenta tornou-se comum aos dois sexos. Esses ornamentos, segundo a opinião comum, consistiam em uma órla de púrpura ou de algum outro

estofa precioso, ou então em um bordado, estendendo-se em volta do pescoço e indo até abaixo do vestido, que era aberto adiante.

« Ora, como essa espécie de passamentaria era na *estôla* a única coisa preciosa, os imperadores que tinham costume de fazer larguezas dessas sortes de vestes, não davão ordinariamente senão o bordado, que cada um adaptava a uma *estôla* da sua escolha.

« Mas como a *stola*, que era um vestido amplo, ficou reduzida a essa faixa estreita que chamamos *estôla*? Supõe-se que suprimiu-se o vestido para só conservar a *ôrla*, ora, donde teria vindo também à *estôla* o nome de *orarium*, que lhe é dado às vezes.

« Assina-se ainda à *estôla* uma outra origem, fazendo derivar a palavra *orarium* de *orare*, orar. Ela não teria sido, segundo esse sistema, senão uma imitação da espécie de *ephod* com que os Judeus cubrião os hombros para orar... »

A descrição seguinte, de Dom Calmet, no seu *Dicionário Histórico da Bíblia*, parece-nos justificar esta última opinião:

« *Ephod*, ornamento, espécie de cinto que, tomando o pescoço atrás e por cima dos dois hombros, vinha decer por diante, cruzava sobre o peito e servia depois para cingir a túnica, dando a volta do corpo. Ela tinha alguma relação com a *estôla* dos nossos padres, com esta diferença que nós deixamos pender as duas extremidades da *estôla* depois de se haver cruzado sobre o peito; ao passo que o *ephod* fazia duas vezes a volta do corpo, cingindo a túnica; e depois suas duas extremidades caíam adiante. »

O leitor terá percebido que recorreremos a diversas fontes católicas para obter maiores esclarecimentos, e que citámos os autores que nos parecerão satisfazer milhor sobre cada assunto. Essas citações demonstrão que as vestes sagradas do Catolicismo se filiam aos trajes em voga na sociedade gréco-romana. Muitas vezes o novo sacerdócio limitou-se apenas a adotar os hábitos vulgarmente usados. Donde se conclui que o conjunto das vestes pontificais no Catolicismo constitui por si só uma representação simbólica da evolução humana até então. Vejamos agora os vasos sagrados.

Eis como Bocquillot se exprime:

« *Cálices*. — Havia no começo cálices de todas as fór-

mas, como as taças e os côpos que sêrvem para beber. Seguião-se nisso os uzos dos lugares. Os cálices com azas fôrão os mais comuns em Roma durante muitos séculos; talvez por sêrem mais cômodos de levar de rango em rango aos fiéis quando eles comungávão sob as duas espécies. (Pg. 182.)

« *Outros vasos.*—Alem dos cálices que servião para a oferenda e a consagração do vinho, havia ainda outros vasos, nos quais se derramava o vinho do cálice quando este estava cheio. Eirão grandes taças, maiores ou menores, conforme o número dos que oferecião e comungávão. Para distingui-los dos cálices, chamávão-n-os *scyphi*, isto é, taças, côpos, que fôrão tambem chamados *cálices ministeriaes*. Havia ainda outros vasos menores, nos quais os fiéis pũhão o vinho que querião oferecer. Chamávão-n-os *Amæ* e *Amulæ*. . . As nössas galhetas succedêrão aos menores, e os frascos ou outros pôtes, nos quais se oferece o vinho aos padres nos Serviços dos Mòrtos, succedêrão aos vasos chamados *Amæ* ou *Ampullæ*. Havia, alem disso, uma cânula ou tubo de ouro ou prata, que servia para a comunhão do cálice. Uma só autoridade da antiga Ordem Romana vai nos marcar todos esses vasos e os seus uzos. Quando o bispo deixava o altar para ir receber as oferendas dos senadores no lugar que eles occupávão, era seguido do arqui-diácono, de um subdiácono que levava o grande cálice, de um acólito que levava uma grande taça. O arqui-diácono tomava, uma após outra, as galhetas que êrão oferecidas, e as derramava no cálice. Quando o cálice estava cheio, o subdiácono que o levava derramava-o na taça que o acólito levava. Para impedir que houvêsse algum sujo, servia-se de um coador de ouro ou prata, ou outra substância, que se punha sobre o cálice e sobre a taça, no qual se punha o vinho: *Refundit super colum in calicem*. (Pg. 183 a 184.)

Patena.—Era outróra um grande prato pouco côncavo, pouco mais ou menos como as bacias que ôruão os aparadores dos grandes. (Pg. 187.)

« Poder-se-ia perguntar aqui donde vem que as patenas, tão grandes outróra, se tênhão tornado tão pequenas como as vemos agóra. Mas é tão fácil descobrir a cauza, que se poderia deixar ao leitor o cuidado de procurá-la. Não é mesmo preciso procurá-la muito longe. Um pouco

de reflexão sobre o que dissêmos das grandes patenas nos fás tocar com os dedos a cauza das pequenas. ¿Porque éráo precizos outróra grandes pratos para servirem de patenas? Porque havia uma multidão para comungar, tanto do cléro, como do povo. Todos os que assistião à missa oferecião pão e vinho, e comungávão. Todas as óstias que se tínhão consagrado devião ser partidas sobre as patenas, e as patenas carregadas dèssas óstias devião ser levadas de rango em rango aos fiéis para comungárem segundo o uzo romano. Eis o que fazia a necessidade das grandes patenas. Elas éráo maióres ou menóres, conforme o número dos comungantes de cada Igreja. Assim, quando os fiéis se relaxáráo da comunhão e da assistência às missas solenes das igrejas cathedrais, colegiais e paroquiais, não havendo mais ou quázi mais comungantes nêssas missas, as grandes patenas tornárão-se inúteis. Os Mendicantes viêráo entretanto, estabelecêráo-se, pregáráo com edificação, atraíráo os póvos à santa meza; e para lhes facilitar a freqüente comunhão, alguns dentre eles dispên-áráo com demaziada facilidade os fiéis da obrigação das missas solenes que se dizíão para eles, e lhes ensináráo a comungar nas missas baixas, e mesmo fóra do tempo da missa. O antigo uzo de conservar a Eucarístia na igreja para os docentes contribuiu para fazer pensar que se podia conservá-la também para as pessoas com saúde. Foi preciso aumentar os vasos nos quais se conservava a Eucarístia. Daí rezultáráo os *Cbórios*, que éráo desconhecidos aos nòssos pais. » (Pg. 193 a 194.)

A conclusão do que precede é a mesma que a respeito das vestimentas sagradas: o sacerdócio católico incorporou, quanto aos vasos empregados na sua liturgia, o conjunto do passado feticheico e politeico, e mesmo judaico.

Passemos às matérias uzadas no officio divino. Elas éráo de duas espécies, a saber: 1º, os perfumes, especialmente o *incenso*, o *cárvão*, a *cera das velas*, que occupávão no pensamento dos fiéis um lugar accessório; 2º, o *pão*, o *vinho*, a *água*, sobre os quais se concentrava a atenção dos crentes, por sêrem os materiais da *Eucarístia*. Quanto aos primeiros seria escuzado insistir; vejamos o que Bocquillot diz dos segundos:

« *Óstia*. — ... Havia muito tempo que os fiéis, e principalmente os ministros da igreja, tomávão um cuidado

particular dos pães que devião ser oferecidos no altar. Parece que desde o quarto século eles érao de figura redonda; pelo que Severo de Alexandria os chama *círculos*, S. Gregório-Magno os chama *coroads*, e o monge de S. Gal, nos milagres que refere de Santo Otmar, os chama pequenas ródas de pão, *panis rotulas*. O resfriamento dos fiéis pela comunhão diminuiu o número e a grandeza das óstias que devião ser consagradas. Vimos no Concílio de Toledo, acima citado, que o pão preparado para o altar devia ser pequeno, *modica oblata*. Queria-se que fosse um pão inteiro, limpo, feito de propóito. Para adiante o relaxamento aumentou mais, as missas baixas tornáráo-se comuns, os ministros mesmos cessáráo de comungar na grande missa: outras tantas razões para diminuírem os pães. Para fazê-los pequenos, mais limpos e mais cômodos, inventáráo-se fêrros desde o nono século. Pôde-se ver as provas disso na dissertação que Dom Mabillon fêz sobre os ázimos. Não creio, todavia, que se possa concluir do uzo dos fêrros, que os pães que se fazião cozer neles fôssem sem fermento; porque os Gregos sêrvem-se de fêrros, como nós, para fazer cozer o seu pão fermentado. Mas é muito provável que foi principalmente do uzo desses fêrros, que se tornou comum, que o costume do pão ázimo se introduziu e em pouco tempo se espalhou nas nossas igrejas...» (Pg. 287.)

«Embóra esses pães ázimos fôssem pequenos desde o tempo que se introduziu o uzo deles, não se dêve todavia imaginar que fôssem delgados como se fazem agóra. Nos meiaados do XII século, eles tínhão ainda bastante espessura para parti-los fácilmente para a comunhão dos fiéis sãos ou doentes. Eles não érao dados inteiros, como agóra. O cardeal Humbérto nos fornêce uma boa próva disso em uma das suas cartas. «Quanto a nós, dis ele, oferecemos no «santo altar pequenas óstias feitas de propóito de fina farinha, sans e inteiras, e depois da consagração as partimos «para comungarmos a nós-mesmos, e o povo também.» Sabeinos, pelos costumes de Clugny recolhidos pelo ano de 1070, que mesmo para levar a comunhão a um doente, partia-se uma óstia, da qual se levava apenas uma parcêla, e não a óstia inteira. Parece, por isso, que as óstias não érao nem tão delgadas, nem tão pequenas como depois se fizêráo. Talvez não tivêsssem ainda a fôrma e a pequenês de um dinheiro, que Honorato d'Autun dis que tínhão no seu

tempo: ou, si já tinham essa forma e essa pequenês, não era isso em toda parte, mas somente em alguns lugares. É possível que essa nova maneira de fazer as óstias tenha começado em meados do XI século, na Alemanha ou na Suíça, ou talvez nas nossas igrejas de França mais vizinhas da Suíça. Porque Bernardo, padre de Constança, que se crê ser o autor de uma Ordem Romana escrita no ano de 1089, queixa-se dessa mudança como de uma novidade que se tinha introduzido em certas igrejas. Ele chama essas óstias minúcias de óstias, *oblatarum minutiae*. Ele se espanta de que sejam toleradas na igreja, e de que, em lugar do pão que se tinha costume de oferecer, se lembrasse de oferecer o que parece menos pão do que uma moeda, e que nem merece que se chame pão.

« Jorge Cassandra, que refere as palavras desse autor, diz que suprime muitas outras que parecem ir até ao aze-dume, embora aliás ele estime esse padre pela sua piedade e sua prudência. Si assim é, o que não teria dito esse bom padre, si tivesse visto o que vemos tão comumente hoje em muitas igrejas? Óstias tão delgadas, que parecem, não uma moeda, mas antes papel do que pão, que não têm nem solidês, nem consistência, que se dobrão por si mesmas nos tempos húmidos, e se fazem em pó ao partir em um tempo seco, que pégão na boca como cóla, desde que aí chégão. (Pg. 288 a 289.)

« *Pães ázimos*. — Não se vê nenhuma prôvanos autores ecclesiásticos dos oito primeiros séculos, que se tenha procedido de outra forma (uzando indiferentemente do pão ázimo ou do pão fermentado). Não se vê mesmo nenhum indício sobre que se pôssa formar uma conjectura razoável quanto ao uzo do pão ázimo, com escluzão do pão fermentado, nem quanto ao uzo do pão fermentado, com escluzão do pão ázimo... Os Gregos mesmo, servindo-se do pão fermentado, como parece têrem feito, não escluíram o pão ázimo sinão depois do si-ma (273-275).

« Ha toda aparência que nas igrejas gregas e latinas era ainda indiferente uzar de um ou outro pão no nono século. (Pg. 284.)

« De todas as coizas que acabamos de referir dos oito ou nove primeiros séculos, parece-me que se pôde razoavelmente concluir que o uzo do pão ázimo para a Eucaristia não se estabeleceu na igreja latina com escluzão do pão fermentado.

tado sinão no intervalo de tempo decorrido entre Fôcio e Miguel Cerulário, que consumou o sisma que Fôcio tinha começado. Esse tempo foi de dois séculos mais ou menos, e por consequência assás longo para formar um costume que tivesse força de lei na igreja em que era seguido... » (Pg. 286.)

Acerca da fôrma das óstias, observaremos que também foi tomada ao politeísmo, pois que era éssa a fôrma dos *popana*. Eis como os descreve Bertrand, no seu *Dicionário das Religiões*:

« *Popana*.—Bolos sagrados que se oferecião às divindades entre os Romanos: eles éráo *redondos, largos, e delgados*. Os Gregos conhecíão também o seu uzo. »

Quanto ao uzo do vinho e da água, dis Boequot:

« *Vinho com água*.—... S. Justino, tão vizinho dos apóstolos, nos assegura claramente, em mais de um lugar, que o vinho que se oferecia no cálice éra misturado com água (291). S. Cipriano (Ep. 63) dis que se déve pôr água com vinho no cálice; que o vinho significa o Sangue do Senhor, e que a água representa o Povo; e que assim, não pondo sinão água, o Povo se acha só, e não pondo sinão vinho, Jezus-Cristo fica ali só; mas que misturando os dois, representa-se millôr o que significa esse sacramento, a saber, a união de Jezus-Cristo com o seu povo. » (292.)

Convem lembrar aqui que, no culto dos mórtos, os politeístas empregávão o *vinho com água*, como acima vimos, descrevendo as libações.

Assim, quanto às *espécies* consagradas, chega-se a uma conclusão análoga à que nos havia conduzido a apreciação dos *paramentos* e dos *vazos* empregados pelo sacerdócio católico. O novo culto adotou na *substância* e até na *fôrma*, as *espécies* uzadas no politeísmo. E, como o uzo litúrgico dëssas espécies já vinha do Feticchismo, conclui-se que a cerimônia da Eucaristia constitúi, sob esse aspéto, uma representação simbólica da evolução da Humanidade até o Catholicismo.

O mesmo se dis das atitudes adotadas na oração solene. Apenas devemos notar que ao uzo de levantar as mãos, que caracterizava a *precatio* (deprecação), juntou-se a prática de estender os braços para os lados, de módo a figurar a *crucificação*. Póde-se dizer que foi a única cerimônia mímica introduzida pelo novo sacerdócio. Para mostrar

quanto os antecedentes politeístas haviam preparado os hábitos sacerdotais, lembraremos enfim que os *pontífices romanos*, quando se dirigião ao povo, servião-se das expressões: *meus filhos*. (Bertrand. *Dic. das Religiões*, artigo *Pontífices*.) As vestes desses sacerdotes consistião aliás em uma dessas *vestes brancas* bordadas de púrpura e que uzávão os magistrados curús. (Ibidem.)

Vejamos agora o alcance religioso da cerimônia sistematizada por S. Gregório-Magno, e qual foi a evolução da Missa desde essa época até os nossos dias.





CAPÍTULO QUINTO

Reflexões acerca do alcance religioso da Missa sistematizada por S. Gregório-Magno, e acerca da evolução da liturgia católica desde então até hoje.

De tudo quanto precede se depreende facilmente que a *Missa solene* sistematizada por S. Gregório-Magno constitui, no seu conjunto, uma representação simbólica da evolução da Humanidade. A sua parte fundamental, conforme já ponderámos, é uma idealização do *banquete fúnebre* inaugurado pelo Fetichismo, mantido e desenvolvido pelo Politeísmo, e no qual viêrão fundir-se os *banquetes divinos* instituídos pelo mesmo Politeísmo, e que o Mono-teísmo judaico assimilara na festa da Páscoa. Em torno d'essa cerimônia fundamental que comemóra o desprendimento da Humanidade do conjunto das espécies animais superiores, grúpão-se as glorificações do Planeta e de todas as grandes invenções que prezidirão o surto moral, industrial, e mental.

A Lus, que regulou a atividade e o repouzo, patenteou os corpos do nosso Mundo, assinalou os nossos perigos e desvendou os nossos amparos, que dispertou o surto moral, banindo o *medo* e a fraude, inspirando o pudor, e estimulando o altruismo; o Vestuário, que inaugurou o surto da pureza e assegurou a expansão do amor; a domesticação dos Animais, que marcou o início decisivo da atividade pacífica, anunciando a biocracia final; a cultura da Terra, simbolizada no pão e no vinho, que assinalou a passagem da vida nômade e pastoril para a existência sedentária e agrícola, garantindo o surto do regime industrial; a utilização moral e o aproveitamento técnico da Água e do Ar; a invenção do Fogo, que sub-

meteu a Lus e o Calor ao amor da Humanidade, tornou-se o *mestre de todas as artes*, na frase de Ésquilo, desenvolveu a arte cerâmica e preparou o conhecimento do Férro; o estudo dos Astros que devião guiar os povos esparsos pelo Planeta à confraternização universal; a descoberta dos metais, enfim, destinados a ser os órgãos supremos das forças que a Terra confiaria à Humanidade; e os instrumentos das suas maiores expansões festivas; — tudo se achou então consagrado à glorificação de um ente ideal que espelhava a natureza da Humanidade milhór do que todas as ficções que o havião precedido. Tal era, com efeito, o tipo do Deus-Hòmem, no qual a intelligência e a atividade achávão-se livremente subordinadas ao Amor.

Para bem apreciar o alcance moral de tal solenidade, conveni não esquecer que nêla já se achávão nêssa época incorporados o culto dos Santos e o da Virgem-Mãe. Mas esses cultos constituíam então apenas um complemento secundário da grande adoração do Redentor. Era a imagem deste que dominava em todas as almas, como o atêsta a cerimônia principal consagrada escluizivamente à celebração do mistério da Eucaristia. Era para êssa adoração que convergíam os fíéis, os quais tomávão *todos* uma *parte ativa* em semelhante cerimônia, já oferecendo o *pão* e o *vinho* que devião ser consagrados, já *comungando em ambas as espécies*. A devoção ia ao ponto de muitos, sinão todos, fabricárem religiôzamente o pão que devia ser místicamente transformado no corpo do Salvador.

Devenos assinalar finalmente que, nesse tempo, a *Missa* era quâzi sempre uma *cerimônia solene*, a *grande Missa*, conforme a denominação consagrada pelo uzo. Ela durava duas e tres hōras (Bocquillot, 361-362). As *missas baixas*, isto é, aquêlas celebradas por um só officiante com um acólito e perante nma assistência pouco numerōza, êrão verdadeiramente eceptionais. Por isso tambem Bocquillot sustenta que *a Missa foi instituída para ser celebrada públicamente em uma assemblêia de fíeis; que os padres celebrávão unânimemente com o bispo ou com um padre, que era o principat celebrante*. (Liv. II, cap. I.) Compreende-se, agóra, a seguinte apreciação do mesmo autor:

«O que de mais solene que êssa Missa? É assim que ela se celebrava em Roma e allures em proporção, en-



quanto o fervor dos fiéis pela comunhão ainda durava. Depois mesmo que esse primeiro fervor perdeu-se, o papa e os padres cardeais continuáram muito tempo essa antiga maneira de celebrarem juntos uma só e mesma missa. Jaques de Vitry, cardeal e autor do XIII século, diz que os padres cardeais assistem o papa e o rodeiam na celebração dos mistérios, celebrando-os com ele. O papa Inocêncio.III tinha dito pouco antes a mesma coisa. É, pois, um fato certo que este antigo rito durava ainda no XIII século, pelo menos em Roma, *embóra já estivesse abolido na maioria das igrejas do Ocidente, e restringido muito na própria Roma.*

« Mas, porque é que esse uzo tão antigo, tão universal, tão venerável, aboliu-se da igreja latina? Não é difficil, parece-me, adivinhar-se a cauza disso. Quanto à comunhão dos fiéis na celebração dos santos mistérios, é manifestó que foi o relaxamento que os levou a cessar de comungar. O desregramento dos costumes estinguiu neles o fervor da caridade; essa tibieza lhes tendo dado indiferença para com os santos mistérios, contentáram-se de assistir a eles sem mesmo dárem-se ao trabalho de participear deles. E, quanto aos padres e os ministros, pa éce-me que os primeiros não cessáram de fazer as suas funções nas missas solenes, e os outros de comungar nelas, sinão depois que se introduziu o uzo das *missas baixas*. O cardeal Bona creu que as Ordens Mendicantes, e as fundações com que se carregáram as suas igrejas e as nössas, são a principal cauza da mudança do antigo uzo: paréce-me, porem, que essa mudança se havia já introduzido na maioria das nössas igrejas antes das Mendicantes e da multidão das fundações que viéram quázi ao mesmo tempo. . .

« Eis como, paréce-me, operou-se essa mudança. Quando a prática das missas baixas começou a tornar-se comum, quér pela devoção particular dos padres, quér pela dos povos que lhas sollicitávam com instância, a maioria dos padres quis dizer a Missa em particular nos domingos e festas, como nos outros dias. Como eles não se achávam depois disso em estado de celebrar com o bispo, muitos acreditáram que era mais conveniente abstêrem-se da Missa solene do que comparecerem a ellas sem preencher as suas funções. A auséncia de tantos padres deixando um grande vazio no presbitério, fôram eles obrigados a vir

tomar os seus lugares sem fazer as funções de padres, mas as de chantres e leitores, que eles não fazião antes; isso começou desde o nono século, como o provaremos em um capítulo esprêssamente destinado às missas baixas. Foi ainda piór no XII século e os seguintes, quando as nössas igrejas recebêrão essa multidão de Missas que subzistem ainda pela maiór parte... » (303-306.)

O mesmo escritor constata a decadência do fervor pela Eucaristia desde o quinto século:

« Vimos no capítulo precedente que, no ardor das perseguições, todos os fiéis julgávão-se obrigados a se achar nas assembléias que tinham lugar para os santos mistérios, e que eles aí se achávão com risco dos seus bens, da sua liberdade, e mesmo da sua vida. Confesso que depois da pás da Igreja, desde o IV século, houve na maioria das igrejas fiéis frouxos e indevotos, que achávão a liturgia muito longa, e que S. Bazílio e S. João Crizóstomo a abreviáram, por isso, cada um por seu lado: Apesar da condescendência desses dois santos bispos, que não deixou de ser imitada alhures, o relaxamento aumentou pelo tempo adiante... Desde o quinto século havia cristãos que se dispensávão da obrigação de ouvir a missa inteira. » (308.)

Vejamos agóra como um outro autor católico narra a evolução da Missa desde o quarto século até os nössos dias. Dis Bertrand, no seu *Dicionário das Religiões*, artigo *Liturgia*:

« ... foi no quarto século, na pás da Igreja, que a Liturgia pode revestir toda a sua pompa... A Igreja de Antioquia foi a primeira que viu os fiéis tomárem uma parte ativa nos officios por meio da salmodia geral e alternativa de toda a assembléia... No Ocidente, ésta prática começou na Igreja de Milão, que a déve a Santo Ambrósio.

« Nos tres séculos seguintes (V, VI, VII), a liturgia se elaborou ainda; os decretos dos concílios e as decizões dos soberanos pontífices tendêrão a reduzi-la à unidade, afim de que, dis um desses últimos, *a régra de crer decórra da régra de orar*. * No número desses papas estão os mais illustres que a Igreja inscreveu nos seus fastos: Santo Inocência I, S. Celestino, S. Leão o Grande, S. Gelázio, autor

* S. Celestino, Ep. 21.



de um sacramentário que tem o seu nome, enfim S. Gregório-Magno...

« Já nessa época (de S. Gregório Magno), diferentes liturgias tinham dividido entre si as províncias da Igreja: daremos aqui a nomenclatura delas, segundo Dom Guéranger:

« IGREJA DO OCIDENTE.—1º *Liturgia romana* em uzo em Roma, na Itália, e alhures; é aquéla de que acabamos de falar em último lugar.

« 2º *Liturgia de Milão* ou *Ambroziana*, assim chamada de Santo Ambrósio, que, si não é o seu autor, a corrigiu pelo menos, a aperfeiçoou e lhe deu as régras que ella nunca derogou.

« 3º *Liturgia africana*, cuja existência é contudo contestável, e não parece assás provada sinão por algumas passagens demaziado vagas de Tertuliano, de S. Cipriano, de Santo Agostinho, e de alguns outros escritores eclesiásticos.

« 4º *Liturgia galicana*, que oferece muitos pontos de similhaça com a das igrejas do Oriente, donde ella foi trazida pelos apóstolos das Gálias, isto é, pelos primeiros bispos de Lyon, de Arles, e de muitas outras cidades do sul da França.

« 5º *Liturgia de Espanha*, chamada *Gótica* ou *Mozárabe*, cuja origem, cheia de obscuridade, parece entretanto dever ser attribuída à conquista dos Mouros, que a substituíram ao antigo rito romano, antes em vigor na península ibérica.

« 6º *Liturgia monástica* ou *benedictina*, seguida pelas numerosas famílias de monges que observão a regra de S. Bento.

« 7º. Podemos juntar a *Liturgia slavónica*, em uzo nas igrejas da Dalmácia e da Ilíria, que seguem o rito latino, e nas dos Moscovitas e dos Búlgaros, que seguem o rito grego.

« IGREJA DO ORIENTE.—1º *Liturgia grega melchita*.

« 2º *Liturgia cópta, etíope, síria, armeniana*, para a seita monofizita.

« 3º *Liturgia das igrejas cópta, síria e armeniana unidas*.

« 4º *Liturgia maronita*.

« 5º *Liturgia caldeica*, para a seita nestoriana.

« Póde-se dizer que a história das igrejas orientais está terminada, desde essa época, sob o aspéto litúrgico, como sob muitos outros. Toda a vida, todo interesse, transpórta-se para o Ocidente, graças às aplicações sempre mais numerosas do princípio da unidade. É assim que se viu a maioria das Liturgias ocidentais desaparecer quasi completamente, ou pelo menos restringir-se a um pequeno número de localidades, à medida que a liturgia romana se implantava entre todas as nações que fazião uzo da língua latina. Em brève a própria França repudiou a sua antiga liturgia galicana, para adotar aquéla que se ia tornar universal. Já nos meados do VIII século, S. Crodegando, bispo de Metz, o célebre instituidor dos cônegos regulares, de vólta de uma viagem a Roma, julgou dever estabelecer na sua catedral o canto e a ordem dos offícios romanos. Pouco tempo depois, esse facto isolado recebeu uma sanção geral e solene, porque o papa Estêvão, tendo vindo à França, obteve de Pepino que ele mandasse adotar o rito romano em toda a estensão do seu reino, com esclusão do rito nacional, de sorte que, dizem os livros Carolinos, *a ordem da salmodia não fosse mais diferente entre aqueles que o ardor de uma mesma fé reunia*. Essas primeiras medidas, sustentadas pela autoridade de Carlos-Magno, secundado pelo papa Adriano, acarretarão enfim a substituição da liturgia romana à liturgia galicana, em todos os lugares submetidos à dominação desse grande imperador.

« Os XI e XII séculos fôrão testemunhas de uma mudança análoga na Espanha. O rito romano succedeu ao rito gótico pelos cuidados do papa S. Gregório VII e de Afonso VI, rei de Castéla e de Leão. Observemos contudo que o rito mozárabe foi, alguns séculos mais tarde, restabelecido em uma capéla da catedral de Toledo e dês igrejas da cidade, pelo cardeal Ximenes, com autorização expressa do soberano pontífice, afim de que todo vestígio dèssa bella e antiga liturgia não ficasse inteiramente apagado. Teria sido para dezejar que se tivésse procedido da mesma fórma em relação à liturgia galicana; mas infelizmente não nos restão dèla sinão destróços incompletos. Perdúráo entretanto dèla traços assás numerosos, que se fundirão nos uzos romanos e que ainda se encoñtrão nas igrejas de Paris, de Lyon, e de muitas ontras diocézes.

« O papa Gregório VII se occupou ainda da revizão do



officio romano, e foi ele quem o reduziu definitivamente às formas que esse officio conservou desde então. Essa medida, unicamente destinada a principio à capella do papa, não tardou a estabelecer-se nas diversas igrejas de Roma, e mais tarde foi importada para toda a igreja latina pelos cuidados das ordens religiosas de S. Francisco e S. Domingos.

« A partir do XIII século, segundo Dom Guéranger, entrámos em uma época de decadência litúrgica; essa decadência pôde ser attribuída ao zelo pouco esclarecido de certos pastores, ao esquecimento das doutrinas antigas, ao mau gosto da época, ao amor da novidade, à ignorância e grosseria dos povos, etc. Essas alterações da Liturgia consistão principalmente em histórias apócrifas, desconhecidas nos séculos precedentes, ou mesmo rejeitadas por eles; em fórmulas bárbaras inseridas para comprazer à multidão; em missas, cerimônias, e outros officios inseridos nos livros ecclesiásticos por simples particulares, e apresentando circunstâncias supersticiosas ou grotescas. A festa do Asno e a dos Loucos estão no número desses abusos, os mais condenáveis.

« A época da Renascença veio desfechar-lhe o último golpe. O grito pagão que se espalhou de repente pela Europa inteira, não tendo admiração sinão pela arquitetura grega e o latim de Virgílio e de Cícero, desprezou as catedrais góticas e a lingua litúrgica que se achava bárbara. Queria-se que a Igreja falasse na lingua e no méτρο de Horácio, chamou-se Deus *Numen* e a Virgem Maria *Alma parens*. A Reforma tinha ao mesmo tempo lançado em todas as cabeças um espirito de insubordinação; mesmo os que não quizérão separar-se da Igreja tivérão todavia dúvidas sobre a estensão da sua autoridade; discutirão os seus direitos, as suas prerogativas; declamarão contra o que chamávão suas exorbitâncias; limitarão a sua jurisdição, puzérão em dúvida a legitimidade das suas decizões, e não tardarão a levantar mão temerária sobre a obra dos Gelázios e dos Gregórios-Magnos.

« No intervalo entretanto a santa-sé e o concilio de Trento tinhão ordenado a revizão e a reforma do Missal e do Breviário, afim de fazer desaparecer deles as superstições introduzidas nos séculos precedentes. Essa reforma não devia consistir em mudar alguma coisa, em estabelecer



alguma coisa de novo: ella se reduzia à manutenção dos usos antigos e veneráveis, à correção das rubricas, e à espurgação das máculas que o correr dos tempos tinha acarretado. Esse trabalho, começado sob Paulo IV, só ficou terminado sob Pio V. Esse santo pontífice publicou a primeira edição do Breviário assim corrigido em 1568, e a do Missal, dois anos depois. As bulas que os acompanhão ordenão o estabelecimento em todos os lugares da forma do officio contida nêssas novas edições, salvo a liberdade deixada às igrejas de pôsse de um Breviário ou de um Missal particular ha *duzentos anos*, de conservar este último ou adotar o novo...

«Roma e toda a Itália se conformarão rapidamente com as intenções do soberano pontífice. Um grande número de igrejas que se achávão no caso da exceção prevista, não se apressarão menos a deferir aos desejos da Igreja-mãe e senhora. Só a Igreja de Milão conservou o seu rito ambróziano, cujo uso inmemorial remonta muito mais longe que Santo Ambrósio. A Espanha, apesar da opposição de algumas catedrais, seguiu o exemplo da Itália; Portugal, collocado, como a Espanha, sob o sêtro de Felipe II, adotou os novos livros de orações, e os fêz passar para as colônias das Indias orientais e occidentais. Flandres, Suissa, Alemanha, Hungria, Polônia, reformarão seus livros de officios de acordo com o de S. Pio V. As igrejas de França, reunidas quazi todas em concilios provinciais, obedecerão às disposições da bula, quer adotando pura e simplesmente o officio romano, quer corrigindo os seus livros diocezanos segundo o Breviário e o Missal reformados. Assim foi restabelecida em França e em toda a Igreja latina a unidade litúrgica.

«Infelizmente, esse estado de coisas não durou muito tempo. Em breve viu-se uma porção notável da Igreja católica esforçar-se por subtrair-se à lei comum, e reformar a sua liturgia, ou antes dar-se a si mesma uma nova *à priori* e baseada em princípios novos. Por uma desgraça maior, essa fração da catholicidade era a Igreja de França...

«Foi durante os trinta ultimos anos do XVII século que se começou a falar em reforma litúrgica. Várias diocêzes que tinham conservado os seus livros de officio (as que se tinham conformado ao romano só mais tarde seguirão tal exemplo), compuzêrão nessa época novas edições de

seus Breviários, com correções mais ou menos consideráveis... mas nenhum desses Breviários foi tão longe como o de Francisco de Harlay, arcebispo de Paris, publicado em 1680...

«... Dom Guéranger redus a tres os princípios que dirigirão essa reforma: 1º, diminuir o culto dos santos e a confiança no seu poder; 2º, restringir os sinais de devoção para com a Santa Virgem; 3º, comprimir tanto quanto possível o exercício do poder dos soberanos pontífices...

«Para esse fim, um grande número de legendas de santos fôrão suprimidas, os officios da santa Virgem virão desaparecer as fórmulas as mais espres-sivas, as que rendião mais honra à Mãe de Deus. As suas festas fôrão atacadas e censuradas até nas suas denominações...

«Alguns anos depois (1684), o arcebispo de Harlay publicou um novo Missal, no qual foi applicado em princípio o emprego esclusivo dos textos da Escritura santa para os pedaços que devião ser cantados...

«Enfim, o Breviário de Paris, editado de novo, por duas vezes, mas sem correções consideráveis, pelo cardeal de Noailles, recebeu uma última fôrma em 1736, sob o episcopado de Carlos-Gaspard de Vintimille... A correção do Breviário acarretava a do Missal; Mésengny foi ainda encarregado desse trabalho, que veio a lume em 1738.

«Esses dois livros compõem o fundo da liturgia pariziense, que prevaleceu e reina ainda hoje (1850) em um grande número de diocêzes. Eles difêrem por tal fôrma do officio romano, que o Missal apenas conservou intactos os evangélhos, e o Breviário, o *Itinerário* e a *Bênção da meza*. Limitar-nos-emos a indicar, com Dom Guéranger, os principais caractêres dessa grande inovação.

«1º *Afastamento pelas fórmulas tradicionais.*

«2º *Substituição das fórmulas de estilo ecclesiástico por passagens da Bíblia.*

«3º *Fabricação das fórmulas novas*: hinos, prózas, prefácios, etc., donde resulta uma contradição flagrante entre os princípios estabelecidos e a sua applicação.

«4º *Enfraquecimento considerável do espirito de oração e de unção.*

«5º *Diminuição do culto da santa Virgem e dos santos.*

« 6.^o *Abreviação do ofício e redução da oração pública.*

« 7.^o *Ataques aos direitos da santa-sé e em geral à autoridade eclesiástica.*

« 8.^o *Intervenção do poder secular no regulamento da Liturgia.*

« Paris tinha dado o sinal das reformas ouzadas; em breve ele foi imitado pela maioria das dioceses de França... Esse espírito de inovação continuou até a época da revolução franceza, e quando, no XIX século, ... a pás foi restituída à Igreja de França, apenas essa Igreja começava a respirar, ... muitos bispos continuáráo essa obra de destruição fatal...

« Mas muitos percebem que se foi demaziado longe... Eis porque vários prelados dêrão já o sinal da volta à Liturgia romana, e outros só espêrão o momento favorável para imitá-los. »

Assim, em rezumo, a Missa, que no tempo de S. Gregório-Magno constituía uma solenidade quâzi totalmente absorvida pela celebração do mistério eucarístico, foi perdendo gradualmente esse caráter. O povo começou a tomar uma attitude cada vês mais passiva, que obrigou insensivelmente a reduzir a cerimônia principal a mero símbolo do que éla fora outróra. Suprimiu-se aos poucos, primeiro espontâneamente e depois de um modo sistemático, a comunhão no vinho. Desde o XII século, o uzo de não comungar sinão sob a espécie do pão éra quâzi geral no Ocidente. (Pascal. *Origens da liturgia.*) O Concílio de Constança, em 1415, aboliu definitivamente a comunhão no vinho para os leigos. (Ibidem.) As Óstias deixáráo de ser *pães* para se tornárem lâminas que mais simellhão "pequenos discos de papel," na fraze de Bocquillot. Esse uzo já prevalece desde os fins do XII século, conforme se depreende do testo do mesmo autor acima transerito. De sorte que a comemoração da Eucaristia próprioamente dita tornou-se de fato um incidente, não occupando no conjunto da Missa mais tempo do que as outras partes do ritual.

Rezulta de toda essa evolução que a Missa foi representando, cada vês *mithôr*, uma *comemoração simbólica*



da história da Humanidade. Com o efeito, as cerimônias fetichicas e politeicas adquirirão uma parte mais proporcionada à importância das fazes que elas espontaneamente glorificão; ao passo que a cerimônia especialmente relativa ao Catolicismo, — a *Eucaristia* — reduziu-se a uma verdadeira idealização da fase inicial do regímen mediêvo. Essa redução assinala também implicitamente a decadência do culto do Redentor e o predomínio do culto da Virgem-Mãe, que caracteriza a fase final do regímen católico-feudal. Résta-nos, pois, ver como surgiu esse culto da Virgem-Mãe, para o qual se deslocou gradualmente o fervor que o povo a princípio consagrava à celebração do mistério eucarístico.





CAPÍTULO SESTO

Indicações cronológicas sobre o culto da Virgem Mãi. Sua comparação com o do Redentor. Antecedentes romanos que prepararão o culto da Virgem-Mãi.

A doce figura da Mãi do Redentor ocupa um lugar quãzi sumido no advento do Catolicismo. As epístolas de S. Paulo não se refêrem uma só vês a ela: os evangêlhos nem siquer os nomes de seus pais mencionão. A conduta atribuída a Jezus em relação a ela está longe de corresponder àquela que era de esperar de um filho respeitoso. As tradições sobre a data e o lugar de sua mórte são contraditórias. Mesmo o módo pelo qual acabou os seus dias é duvidoso, havendo tradições de que sofreu o martírio, outras de que espirou tranquilamente. (Vide Dom Calmet, *Dicionário histórico da Biblia*).

O optimismo católico pôde ver em tudo isso um decreto providencial, e esclamar com Bossuet *: « O silêncio da Escritura sobre essa divina Mãi é maiór e mais eloquente do que todos os discursos. » Mas nenhum espírito emancipado de preconceitos teológicos poderá deixar de reconhecer que a falta de dados sobre a vida de Maria constitúi a demonstração irrefutável da complêta auzência do seu culto no início da Catolicismo. ¿Pois é admissível que as circunstâncias mais capitais caíssem em tal olvido, si a memória da Mãi do Redentor houvêsse ocupado alguns momentos da atenção dos primeiros fiéis?... É inútil insistir sobre semelhante assunto: a evidência é que no começo o culto do Redentor absorveu completamente os fiéis; para ele voltáráo-se esclusivamente todos os corações e todos os

* Citação de J. B. Gergerès—*Le culte de Marie*, pg. 17.

espíritos. O que résta mostrar é como esse culto, a princípio sem competidor, foi decaído, substituído pouco a pouco pelo culto da Virgem-Mãe, que, imperceptível na origem do Catolicismo, acabou por se tornar o rezumo da civilização católico-feudal, na sua faze extrema (XI, XII e XIII séculos), de modo a ser hoje o único sustentáculo da religião mediéva. É o que vamos tentar esboçar; mas, antes de tudo, firmemos alguns dados cronológicos.

Durante os tres primeiros séculos da éra cristã, os vestígios de um culto por Maria são raríssimos. No IV século, disse que Constantino colocou Bizâncio, a sua nova capital, sob a proteção de Maria, a cujos pés depositou a sua coroa e o seu sêtro, e a quem fêz elevar um monumento em cuja decoração foi empregado tudo que de mais rico e precioso havia no seu império.¹ Mas para não ter dúvidas acerca da verdadeira estensão de semelhante devoção, basta refletir que o mesmo imperador "decorou a nova cidade com o nome de *Colônia e filha primogênita da antiga Roma*."² O autor que estamos citando diz mais:

"... Então também Santa Helena, mãe do mesmo imperador, foi visitar Belem, Nazaré, e outros lugares santos, nos quais fêz resplandecer a sua fervente confiança em Maria, e manda-lhe construir templos magníficos; Santo Atanázio, patriarca de Alexandria, transmite às idades futuras os belos monumentos de eloquência inspirados ao seu gênio pelo amor da filha de Davi; Santo Efrem compõe um magnífico comentário da Saudação angélica; enfim, S. Bazílio, S. Gregório Nazianzeno, Santo Epifânio, Santo Ambrósio, S. João Crisóstomo, S. Jerônimo, Santo Agostinho, proclamão à porfia, pelas suas obras imortais e por seus atos, os louvores que são devidos Aquêla que eles saudão alternativamente com os nomes de Soberana, Senhora do Unívérso, Virgem incomparável, Pérola do Paraíso, Porta da Justiça, Palácio animado do Rei dos Anjos.

"No ano 431, o concílio de Éfeso, composto de mais de duzentos prelados, condenou a doutrina pela qual Nes-

1 J. B. Gergerès—*Le culte de Marie*, p. 5.

2 Gibbon—*História da decadência e queda do Império Romano*, ca. XVII. Em nota ele diz: Cedrenus e Zonaras, mais religiôzos do que clarividentes, nos assegurão que Constantinópla foi consagrada à *Virgem Mãe de Deus*, como si, nessa época, se tivésse pensado da mesma maneira que no tempo deles.

tório, patriarca de Constantinópla, tinha ousado contestar à santa Virgem o título de *Mãe de Deus*; ele estabeleceu essa maternidade divina sobre fundamentos dóravante inatacáveis pela herezia; e logo depois, S. Cirilo, patriarca de Alexandria, retracava nestes termos as prerogativas da Virgem glorióza: « Eu vos saúdo, MARIA, Mãe de Deus, « tezouro venerável de todo o universo, lâmpada que nunca « se apaga, brilhante coroa da Virgindade, sêtro da boa « doutrina!... etc. » Quando, depois do concílio de Efezo, a verdade triunfou do erro, os títulos da Mãe de Deus, pôstos ao abrigo das dúvidas, fôrão confirmados pelas nomeações de todas as cidades do Oriente. O papa Celestino, em Constantinópla; S. Cirilo em Alexandria; Prócuro, bispo de Cízico; S. Pedro Crizólogo, bispo de Ravena; Santo Euquerio, arcebispo de Lyon; S. Bazilio, bispo de Seleucia, e um grande número de outros santos personagens, propagarão ao longe o culto de MARIA e ensinarão os povos a respeitá-la e a querê-la como a sua protetora. Mas um dos acontecimentos mais memoráveis dessa época, e que não se explica bem senão pela intercessão da santa Virgem, foi a conversão de Clóvis... e como S. Remígio tinha publicamente atribuído tão gloriózos acontecimentos às orações pelas quais ele tinha conjurado à santa Virgem de secundá-lo, esse grande príncipe, em reconhecimento para com a Mãe de Deus, mandou edificar, em sua honra e sob a sua invocação, uma das mais magníficas igrejas do reino. Por isso, o primeiro concílio de Orléans, tocado por esses esplêndidos motivos de devoção por MARIA, deu a Clóvis o título de filho primogênito da Igreja, que os seus sucessores conservarão.

« No VI século, viu-se elevarem-se em toda parte os mais imponentes testemunhos da fé cristã nas graças de MARIA. Então, com efeito, apparecerão os escritos de S. Fulgêncio, bispo da África, entre os quais se distingue um comovente comentário da Saudação angélica; os poemas inspirados pelo entusiasmo de S. Venâncio Fortunato, bispo de Poitiers; as ordenanças do imperador Justiniano, colocando sob a proteção da santa Virgem, não sómente um dos mais bellos monumentos de legislação que jamais existirão, mas ainda as igrejas levantadas por sua ordem em Jeruzalem, no monte das Oliveiras, e até ao pé do Cáucazo, regiões selvagens onde ele estendeu as suas



conquistas e converteu os povos ao culto de Cristo e da Mãe de Deus.

« O VII século viu a seu turno apparecerem e se inclinarem diante dos altares da santa Virgem as veneráveis e piedosas figuras do papa S. Gregório-Magno, sob cujo pontificado a religião tomou um grande surto; de Bonifácio IV, que fêz a MARIA a dedicatória do Panteon de Roma; do imperador Heráclio, que insereveu nos seus estandartes o nome da Mãe de Deus, porque ella o tinha ajudado a submeter povos bárbaros; e de Santo Ildefonso, que a Espanha reverencia como um dos santos que mais merecerão a protecção da Rainha dos Anjos.»

É aqui a ocasião de notar que o Islamismo, que surgiu no começo do VII século, tambem incorporou a si o culto de Maria. Bertrand, no seu *Dicionário das Religiões*, assim se esprime, no artigo MARIA:

« *Maria*. — Os Muzulmanos a considerão como uma virgem pura e sem mácula, preservada por Deus das faltas mesmo mais léves. Maomé costumava dizer que se podia achar um certo número de homens completos, mas que só havia quatro mulheres perfectas: Azia, mulher de Faraó; Maria, Mãe de Jesus; Kadija, primeira esposa do... Profeta; e Fatima, sua filha. » *

Eis aqui, aliás, o que diz o Corão acerca de Maria;

« CAP. III. — 30. Deus escolheu, de preferença a todos os homens, Adão e Noé, a família de Abraão e a de Imran. Essas famílias sairão umas das outras. Deus sabe e ouve tudo.

« 31. *Lembra-te do dia* em que a esposa de Imran dirigiu esta oração a Deus: Senhor, eu te consagrei o que está no meu seio, ele te pertencerá inteiramente; aceita-o, porque tu ouves e conheces tudo. Quando ella deu à luz, disse: Senhor, dei à luz uma filha (Deus sabia bem o que ella tinha dado ao mundo: o menino não é como a menina), e eu chamei-a Mariam (Maria); eu a ponho sob a tua protecção, ella e sua posteridade, afim de que tu os preserves das astúcias de Satan, o lapidado.

« 32. O Senhor deu o mais bello acolhimento à mulher de Imran; ora, elle lhe tinha feito produzir uma bella criatura. Zacarias tomou cuidado da criança; todas as vezes

* O tradutor do Alcorão, Kasimírski, diz o mesmo, em uma nota, no cap. LXVI, v. 11.

que ele ia visitar Maria em sua cela, achava alimento junto d'ela. * O' Maria! ¿donde vos vem este alimento? — Ele me vem de Deus, respondeu ella, porque Deus nutre abundantemente aqueies que ele quér, e não lhes conta as razões.

.....
« 37. O anjos dissêrão a Maria: Deus te escolheu, tornou-te izenta de toda mácula, *ele te elegeu entre todas as mulhêres do Unívêrso.*

« 38. O' Maria, sê piedôza para com teu Senhor; prostérna-te e dóbra o joelho diante dele com aqueles que dóbrão o joelho.

.....
« 40. Os anjos dissêrão a Maria: Deus te anuncia o seu Vêrbo. Ele se chamará o Messias, Jezus, filho de Maria, illustre neste mundo e no outro, e um dos familiares de Deus.

.....
« 42. Senhor, respondeu Maria, ¿como terei eu um filho? Nenhum hómem me tocou. — É assim, replicou o anjo, que Deus criá o que quér. Ele diz: seja, e é.

« CAP. IV. — 169. O' vós que recebestes as Escrituras! na vóssa religião não ecedais a justa medida, não digais de Deus sinão o que é verdadeiro. O Messias, Jezus, filho de Maria, é o apóstolo de Deus e o seu vérbo, que ele lançou em Maria; ele é um espirito vindo de Deus...

« CAP. V. — 79. O Messias, filho de Maria, não é sinão um apóstolo; outros apóstolos o precedêrão. Sua mãe era justa. Eles nutrião-se de alimento...

« CAP. XIX. — 16. Oh Maomé! fala no Koran de Maria (*Mariam*) como ella se retirou da casa da sua família e foi do lado do Oriente. Ella cubriu-se com o véu que a furtoú aos olhos dos seus. Nós lhe enviámos o nôsso espirito. Ele tomou diante d'ella a fôrma de um hómem, de uma figura perfeita. Ella lhe disse: Eu procuro junto do Mizericordioso um refúgio contra ti. Si tu o temes... — Ele respondeu: Eu sou o enviado do teu Senhor, encarregado de dar-te um filho santo. — ¿Como, respondeu ella, terei

* Zacarias, ao retirar-se, tinha cuidado de fechar todas as sete portas do templo; nem por isso deixava ele de encontrar, em cada vizita, frutas de verão no invérno e frutas de invérno no verão, dizem os comentadores.
— *Nota do tradutor.*

eu um filho? Homem algum jamais se apossimou de mim, e eu não sou uma mulher dissoluta. — Ele respondeu: Assim será; o teu Senhor, disse: Isto é fácil para mim. Ele será nosso sinal perante os homens, e a prova da nossa misericórdia. O decreto está pronunciado.

«Ela ficou grávida de um filho e retirou-se para um lugar afastado. As dores do parto a surpreenderão junto de um troneo de palmeira. “; Prouvéra Deus, exclamou ela, que eu tivésse morrido antes e fosse esquecida com um olvido eterno!” Alguem bradou-lhe por baixo dela: Não te aflijas. O teu Senhor fêz correr um regato a teus pés. Sacóde o troneo da palmeira, tâmaras maduras cairão para ti. Come e bebe, e alegre-te; e si vires um homem, dize-lhe: Votei um jejum ao Misericórdio; hoje não falarei a homem nenhum.

«Ela foi para casa da sua família, carregando a criança nos braços. Dissêrão-lhe: Maria, fizeste uma coisa estranha. Oh imman de Aarão! teu pai não era um homem mau, nem tua mãe uma mulher dissoluta. — Maria mostrou-lhes com o dedo a criança, para que a interrogassem. “; Como, dissêrão eles, falar a uma criança ainda no berço?” — Eu sou o servidor de Deus, *lhes disse Jezus*, ele deu-me o livro e me constituiu profeta.

«CAP. XXI. — 91. Lembra-te também daquela que conservou a sua virgindade, e a quem soprámos uma parte do nosso espírito; nós a constituímos com o seu filho um sinal para o Universo.

«CAP. LXVI. — 11. Quanto aos erentes, Deus *lhes propõe* para modelo a mulher de Faraó. — Senhor! exclamava ela, constrói-me uma casa entre os teus, no Paraíso, e livra-me de Faraó e das suas obras; livra-me dos maus.

«12. — E Maria, filha de Imran, que conservou a sua virgindade, nós *lhe inspirámos* uma parte do nosso espírito. Ela ereu nas palavras do Senhor, nos seus livros, e ela era do número das pessoas piedosas.»

Retomemos agora a história do culto de Maria entre os católicos, segundo o autor que estávamos citando:

«O VIII século não foi menos assinalado pelos atos de confiança na santa Virgem, e pelos esplêndidos frutos que eles produzirão. Foi, com efeito, pela poderosa intercessão d'Aquella que deu a vida ao Salvador do mundo, que se viu então abraçarem-se à Justiça e a Pás. Após três anos de

rigoroso assédio, Constantinópla repêlé os Sarracenos; e o seu patriarea S. Germano dá por isso, a justo título, ações de graças a MARIA. É ainda MARIA quem espulsa os mesmos Sarracenos da Espanha, e quem opéra numerosos milagres proclamados pelos concílios. Enfim, é a MARIA que Carlos-Magno consagra os seus mais bellos troféus. Sabe-se que esse grande imperador, tendo deixado o seu ezército em Pavia para ir prosternar-se em Roma sobre o túmulo do príncipe dos Apóstolos, durante as festas da Páscoa do ano 780, assistiu à celebração dos santos mistérios na igreja de Sta Maria das Néves, que se tornou mais tarde Sta Maria Maiór. Depois, tendo feito brilhar a mais fervente devoção pela santa Virgem, levantou-lhe altares na Alemanha, e particularmente em Aix-la-Chapelle, onde quis acabar os seus dias gloriózos, assim de que os seus despójos mortais fôsem depositados na igreja, monumento magnífico do seu amor pela Mãe do Cristo.

« Os tempos que seguirão fôrão igualmente fecundos em solenes e imponentes cerimônias, pelas quais os reis e os povos se esforçãõ por atrair sobre si as bênçãos de MARIA. Sabe-se como, sob as bandeiras da Rainha do Cén, Luís-o-Bonachão, proclamado rei da Aquitânia desde o berço, no começo do IX século soube merecer por Ela os respeitos e a afeição dos seus súditos, e que homenagens Essa Soberana, tão humilde e tão grande ao mesmo tempo, recebeu, na mesma época, desses Inglezes que tanto lhe dêvem, e que, seguindo o funesto exemplo da rainha Elizabeth, mostrãõ-se mais tarde tão ingratos para com a sua Protetora. Foi pela mesma época . . . que teve lugar a primeira instituição da festa da Conceição da santa Virgem.

« Nos X e XI séculos, a poderóza intervenção de MARIA se manifestou nos triúfos dos imperadores Zimiees e Comene, em Constantinópla, na prosperidade do reinado de Santo Estêvão, rei da Hungria, e nos milagres de caridade de Roberto, rei de França. Todos esses príncipes, tocados de um vivo reconhecimento pelos benefícios da Mãe de Deus, elevãõ nos seus Estados monumentos que o tempo pode destruir, mas cuja piedóza lembrança não poderia apagar-se.

« Todavia, é sobretudo a partir do XII século que a devoção dos povos a Maria brilha com o mais vivo esplendor. Ela foi despertada então por S. Bernardo,



hômem extraordinário, de acentos cheios de mistérios e de amor. que dominou a Itália, a Alemanha, e mesmo a Európa inteira, pelo acendente das suas virtudes, a potência do seu espírito, e a autoridade dos seus milagres. Depois dele, os testemunhos de piedade para com a santa Virgem se multiplicarão a tal ponto, que seria impossível apresentar aqui sequer uma rápida análise. . . »

Precizemos agora esta apreciação, indicando, segundo o mesmo autor, as datas das diversas instituições relativas ao culto da Virgem-Mãe. Começamos pelas *Festas da Santíssima Virgem*. A primeira série compreende, na ordem cronológica:

Festa da Anunciação. — « Segundo o sentimento de Santo Agostinho, fundado sobre uma antiga tradição, a data de 25 de Março, correspondente entre os Romanos a 8 das calendas de Abril, foi assinada a esta solenidade. . . Ela é marcada para esse dia no sacramentário de S. Gregório-Magno, e, si a celebração teve lugar outrora em algumas igrejas a 18 de Dezembro, foi porque se reuniu a festa da *Incarnação* e a da *Espectativa do parto da santa Virgem*. Estabelecida em Roma desde os primeiros tempos apostólicos, ela foi considerada aí como uma das mais solenes. « Ela é, diz Santo Atanázio, no quarto século, * uma das maiores festas do Senhor; ela ocupa o primeiro rango, segundo a série dos mistérios; eis porque deve-se celebrá-la com singular devoção. » Mais tarde ainda, ela foi mencionada no sacramentário do papa Gelázio I, antes do meio do quinto século. Enfim, foi no nono século que esta festa foi instituída como obrigatória em França. . . » (Ibidem. pg. 49.)

Vê-se, pois, que a festa não remonta autenticamente além do quarto século. Além disso, as palavras citadas de Santo Atanázio provão que não se tratava então do culto de Maria e sim do culto do Senhor. Esta e outras festas do Redentor, digamo-lo desde já, constituirão a transição dogmática e histórica do culto do Redentor para o culto da Virgem-Mãe.

Festa da Purificação ou da Candelária. — « Esta festa se confunde com a da *Apresentação de Jesus no Templo*,

* Nôte-se a data. A celebração da festa nos primeiros tempos apostólicos é uma prejução do autor contra todos os dados históricos. — R. T. M.

e tem o nome vulgar de *Candelária*. . . Não se conhece de maneira precisa a época da sua instituição; entretanto, estima-se geralmente que, *pelo ano 496*, o papa Gelázio ordenou a sua celebração para fazer cessar a superstição pagã conhecida pela denominação de *Lupercalis*, festas que tinham lugar nos primeiros dias de Fevereiro. Como havia também entre os pagãos, na mesma época, procissões chamadas *Amburbates*, nas quais os Romanos levavam tôchas para se regozijarem pelo sucesso de suas armas, Benedito XIV pensou e escreveu que, si S. Gelázio tinha abolido as Lupercalis, Sérgio tinha substituído às Amburbais a procissão que mais tarde ainda foi designada pelo nome de *Candelária*. Seja como for, a Purificação é, de todas as festas instituídas em honra da santa Virgem, a primeira que foi *chomada* como o domingo; éla é sempre a 2 de Fevereiro, e essa data foi fixada, no ano 542, pelo papa Virgílio, quando a própria festa, *tendo sido interrompida durante alguns anos*, foi restabelecida por ocasião de um voto à Mãe de Deus, afim de fazer cessar o flagelo da peste. A Igreja escolheu esse dia para *benzer as vêtas*. Em Roma, o papa preside em pessoa a essa cerimônia, e distribui aos cardeais e aos padres de uma Ordem inferior vélas que são levadas, em procissão solene, na grande sala do palácio apostólico. (Ibidem, pgs. 63-64.)

Alem da transformação evidente de uma festa politeísta, esta celebração está ligada, como se vê, antes ao culto do Redentor do que ao de Maria. Éla é aliás do fim do quinto século (496), e a data da sua celebração foi fixada em meiado do sexto século (542). Note-se, alem disso, que *a celebração foi interrompida durante alguns anos*, o que prova mais uma vez quanto era incipiente então o culto da Virgem-Mãe.

Festa da Natividade. — « Não se pôde fixar de uma maneira absoluta a época em que as solenidades da Natividade da Virgem foram estabelecidas. . . O que ha de certo é que, antes do fim do sexto século, Gregório-Magno compôs um Prefácio, Coléctas, e Matinas para a missa da Natividade. Acha-se uma menção desta festa nos escritos de Santo Ildefonso, que vivia no sétimo século, no calendário manuscrito depositado no thezouro da catedral de Florença, que é do ano 813, nas obras de Gauthier, bispo de Orleans, e em outras obras históricas. . .



«No ano 1243, o papa Inocêncio IV ligou a esta festa uma Oitava, em execução de um voto feito à santa Virgem pelos cardeais, afim de proporcionar à Igreja dias mais calmos.» (Ibidem, pg. 36.)

Como se vê, a festa data autenticamente do fim do século VI, quando muito. É a primeira das festas em que a comemoração da Virgem torna-se directa e a do Redentor indirecta.

Festa da Assunção. — «É a mais solene das festas que a Igreja celebra em honra da santa Virgem. A sua instituição não remonta entretanto, como alguns autores pretendêrão, ao concílio de Éfeso, havido no ano 431; ella não é tambem obra do papa Celestino, como outros avançarão. É apenas no sexto século que se começou a distinguir a festa da Assunção das diversas solenidades praticadas até então em honra da santa Virgem. Nessa época, sob o imperador Mauricio, ella foi fixada a 15 de Agosto, por um edito especial. Mais tarde, Carlos-Magno mencionou-a nas suas Capitulares, e seu filho Luís-o-Piedoso recomendou a sua celebração aos padres do concílio de Aix-la-Chapelle. Essa festa estava, pois, estabelecida, desde um tempo mais ou menos longo, em um grande número de igrejas, quando o papa Leão IV, que morreu em 855, instituiu a Oitava da Assunção; e desde então, ella não cessou de ser observada com grande fervor em todos os paizes católicos. (Ibidem, pgs. 71-72.)

Ainda aqui, a festa remonta no mássimo, ao sexto século. Ella surge fóra da iniciativa do papado, que a consagrou em meados do nono século.

Festa da Visitação. — «Foi em comemoração d'essa visita (de Maria a Santa Izabel, mãe de S. João Batista), que a Igreja instituiu a festa especial que d'ella tirou o nome e que foi collocada no postidio da Oitava de S. João Batista. *S. Boaventura, geral dos Mínimos, foi o primeiro* que, em um capítulo reunido em Piza no ano 1243, ordenou a celebração d'essa festa pela Ordem inteira. O papa Urbano VI a estendeu a toda cristandade, em 1329. Nessa época, havia na Igreja romana dilaceramentos occasionados pelo sisma do Ocidente. Urbano VI tinha a sua sé em Roma e Clemente VIII tinha estabelecido a sua em Avinhão. O primeiro desses papas instituiu a festa da Visitação para obter a pás da Igreja; e em 1441, o concílio da Bazileia

fixou a 2 de Julho a celebração d'essa solenidade.» (Ibidem, pg. 57.)

É também uma comemoração *dirêta* da Virgem-Mãe, na qual convem igualmente notar que a iniciativa não pertence ao papado. Essa honra revêrte a um eminente sucessor de S. Francisco de Assis, na direção da Ordem que ele fundara para reorganizar o sacerdócio mediêvo, no último século da idade-média (XIII). Quando o papado sancionou essa instituição, já começava a dissolução irrevogável do regimen católico-feudal.

Festa da Apresentação. — « A apresentação de Maria no templo por seus pais teve lugar nos últimos dias de Novembro, e é por esse motivo que a Igreja fixou a sua comemoração a 21 do mesmo mês. A festa tinha sido primeiro celebrada no Oriente pelo nono século. Cerca de quinhentos anos mais tarde, um francês, chamado Filipe de Maisière, embaixador de Chipre junto da Santa Sé, interessou por tal forma Gregório XI pela narrativa das solenidades que tinham lugar na Grécia para a *Apresentação*, que esse papa ordenou que essa festa fosse igualmente celebrada, em 1572, em Avinhão, onde ele se achava.

« No fim do XVI século, uma bula do Sisto V a tornou obrigatória em toda a Igreja romana, na qual ella era na verdade já conhecida, mas somente como festa de devoção. Ella teve a princípio um officio comum com a da *Natividade*; mas Clemente VIII lhe assinou um outro especial, que é aquelle hoje em uzo. Enfim, a restauração completa d'essa festa é attribuída a um *jezuíta* do XVI século, por Francisco Turrien, que se achava no concilio de Trento, em 1562.» (Ibidem, pgs. 43-44.)

Esta festa já pertence, como se vê, à fase da dissolução do regimen mediêvo, dissolução que começou no XIV século. Também é uma glorificação *dirêta* da Virgem-Mãe, e é digno de nota o ter surgido fora da iniciativa do papado, e dever a sua restauração a um membro da companhia de Santo Inácio de Loyola.

Devemos terminar esta *primeira série* das festas da santa Virgem por aquella que assinala o desvio desse culto e que foi combatida, desde a sua manifestação, por S. Bernardo. Referimo-nos à festa da *Imaculada Conceição*. Antes de transervermos a carta que S. Bernardo dirige,

a este propóziito, aos cônegos da Igreja de Lyon, vejamos como o autor que temos citado narra a sua instituição:

Festa da Imaculada Conceição.— « A origem da festa da Imaculada Conceição não é conhecida de uma maneira bem positiva. Sabe-se, todavia, que *pelos fins do undécimo século*, na Inglaterra, esta festa foi, sinão instituída, pelo menos tornada mais solene, por Santo Anselmo, que seguiu as pegadas dos que a tinham celebrado antes de si. Ela foi introduzida em França, no meio do século seguinte, por um decreto dos cônegos da Igreja primas de Lyon; daí passou à maioria das igrejas da Itália, da Espanha e da Alemanha, e tornou-se universal pela bula do papa Sisto IV, em 1476. O seu estabelecimento foi firmado ou confirmado pelos papas S. Pio V, Gregório XIII, Urbano VIII, Paulo V, Gregório XV, Alexandre VII, e muitos outros... Enfim, Pio IX, pela carta apostólica de 1854, definiu como um dogma da fé a *Imaculada Conceição* da Santíssima Mãe de Deus. (Ibidem, pgs. 23-24.)

Também aqui a iniciativa não coube ao papado, que só sancionou a festa na segunda metade do XV século, isto é, quando durava mais de século e meio a dissolução do regime mediêvo. Como dissemos, S. Bernardo, que representa, no sacerdócio católico, o verdadeiro promotor do culto da Virgem-Mãe, opôs-se a essa festa, pelos motivos constantes da seguinte carta:

« 1. É certo que, entre as igrejas de França, a de Lyon tem occupado até aqui o primeiro rango, quer pela dignidade da sua sé, quer pela pureza dos seus sentimentos, quer pelo mérito das suas instituições. ¿Onde jamais brilharão tanto como nela, a severidade da disciplina, a gravidade dos costumes, a prudência dos conselhos, o peso da autoridade, o respeito da antiguidade? É sobretudo nas solenidades eclesiásticas, que nunca se viu essa igreja cheia de juízo aceder facilmente a novidades repentinamente introduzidas, nem se deixar dehonrar por uma levandade pueril. Eis porque ficamos muitíssimo surprehendido que nos últimos tempos, alguns dentre vós tenham julgado a propóziito querer embaciar o vosso brilhante esplendor, introduzindo uma festa nova, que a liturgia da Igreja não conhece, que a razão não apróva, que a antiga tradição não recomenda. ¿Somos nós mais sábios do que os nossos pais, ou mais religiôzos do que eles? Ha perigo

para nós em abordar aquillo que nêssas matérias a prudência deles deixou de lado. Porque esse ponto é de tal natureza, que, si não devesse ter sido afastado, não teria podido escapar à attenção deles.

« 2. Mas é preciso, dizeis vós, grandemente honrar a Mãe do Senhor. A vossa opinião é sábia, mas a glória dêssa Rainha é amiga da justiça. A Virgem real, cumulada de títulos de honra verdadeiros e revestida de esplêndidas dignidades, não precisa de uma falsa glória. Honrai a pureza do seu corpo, a santidade da sua vida, admirai a sua virgindade fecunda, venerai a sua maternidade divina. Ezultai-a por não haver conhecido a concupiscência na concepção, nem a dor no parto. Publicai que ella tem direito ao respeito dos anjos, que ella foi dezejada das nações, presentida pelos patriarcas e pelos profetas, escolhida entre todos, preferida a todos. Glorificai-a como a fonte da graça, como medianeira da salvação, como reparadora dos séculos. Ezaltai enfim aquella que foi ezaltada acima dos céros dos anjos nos reinos celestes. Eis aí o que a Igreja canta em sua honra, e o que ella me ensina a cantar. Quanto a mim, conservo com segurança e transmitto o que recebi dêssa fonte; mas o que não recebi d'ella, terei, confesso, mais escrúpulos em admitir.

« 3. Aprendi, pois, da Igreja que é preciso celebrar, com a maior veneração, o dia em que a Virgem, retirada deste século mau, transportou aos céus as alegrias de uma festa solene. * Aprendi ainda na Igreja e da Igreja a reconhecer sem hesitar, como solene e santo, o nascimento da Virgem, e creio muito firmemente com a Igreja que ella recebeu no seio de sua mãe a graça de nacer santa. Li, com effeito, de Jeremias que elle foi santificado antes de nacer; teulho o mesmo pensamento sobre João Batista, que, do seio de sua mãe, sentiu o Senhor no seio da dele. ¹ Vede vós-mesmos si é permitido pensar outrotanto do santo Davi, em razão do que elle dizia a Deus: *Eu me apoiei em vós antes do meu nascimento, e vós sois o meu protetor desde o seio da minha mãe* ²; e ainda: *Vós sois meu Deus desde o seio da minha mãe, não vos afasteis de mim.* ³ E do mesmo modo foi dito a Jeremias: *Antes que eu te formasse no seio da tua mãe, te conheci; e eu te santi-*

* Festa da Assunção a 15 de Agosto.-- R. T. M.

1. Lucas I, 41. — 2. Salmo LXX, 6. — 3. Salmo XXI, 11.

fiquei antes que tu tivesses saído dele. ¹ Como o oráculo divino distingue bem a formação no seio materno do parto! Ele mostra assim que a formação foi somente prevista, mas que o parto foi ornado do dom de santidade, assim de que não imaginássem que se devia limitar os privilégios do profeta à só predestinação ou à pre-sciência.

« 4. Concedamos entretanto que assim seja para Jeremias. ¿O que responderão para João Batista, a respeito de quem um anjo anunciou de antemão que o Espírito-Santo o encheria, quando ele estivesse ainda no seio da sua mãe? Eu não penso que se possa referir esse dito à predestinação, nem à pre-sciência. Porque as palavras do anjo fôrão sem dúvida cumpridas no momento mesmo que ele tinha predito, e não é permitido erer que aquelle que tinha sido anunciado como devendo ser cheio do Espírito-Santo, não o tenha sido no tempo e no lugar fixados pela profecia. Ora, o Espírito-Santo certissimamente santificou aquelle que ele encheu. De résto, eu não teria a temeridade de indicar até que ponto essa santificação pode prevalecer contra o peccado original, quér no Precursor, quér no Profeta, quér em qualquer outro, si ha outros que ténhão sido prevenidos pela mesma graça. Entretanto eu não hezitaria em dizer que aquelles que Deus santificou são santificados, e que sairão do seio materno com a santidade que aí receberão; o peccado que eles tirarão da sua concepção não pôde de módo algum impedir nem roubar de antemão a bênção que estava ligada ao nascimento deles. ¿Quem poderia dizer, com effeito, que aquelle que foi cheio do Espírito-Santo permaneu, não obstante, um filho de cólera, e que, si lhe tivésse acontecido morrer no seio materno com tal plenitude de graça, teria incorrido nas penas da condenação? Isso seria duro. Entretanto eu não ouzo decidir nada sobre tal segundo o meu sentimento. Mas, seja como for, a Igreja que julga e proclama preciosa a morte e não o nacimiento dos outros santos, por uma exceção única, celebra com razão por alegres festas e venera o nacimiento só daquelle de quem o anjo anunciou, como se lê na Escritura, *que muitos se regozijarão no seu nacimiento.* ² ¿Porque, com effeito, o nacimiento daquelle que pode saltar desde o seio da sua mãe não seria santo e festejado com alegria?

1. Jeremias, I, 5. — 2. Lucas, IV.



« 5. Não é, por certo, permitido duvidar que aquillo que foi concedido, mesmo a um pequeno número de mortais, tenha sido recuzado a uma tão grande Virgem, por quem toda a carne mortal elevou-se à vida. A Mãe do Senhor, tambem ella, foi santa sem dúbida alguma antes de nacer, e a santa Igreja não se engana quando considera como santo o dia da sua Natividade, e acolhe cada ano a vólta de tal fato com uma festa solene e uma alegria universal. Quanto a mim, penso que uma medida mesmo mais abundante de santificação deceu sobre ella, e, não sómente santificou o seu nascimento, mas ainda prezervou a sua vida pura de todo o peccado; o que não se cre ter sido jamais concedido a nenhum outro filho da mulher. Convinha, com effeito, que a Rainha das Virgens, pelo privilegio de uma santidade singular, passasse toda a sua vida sem nenhum peccado, pois que, pondo no mundo o destruidor do peccado e da morte, obtinha para todos os homens o dom da vida e da justiça. O seu nascimento foi pois santo, porque foi santificado pela santidade infinita que devia sair do seu seio.

« 6. ¿O que pensamos que seja ainda preciso ajuntar a essas honras? É preciso honrar tambem, dis-se, a concepção que precedeu esse nascimento glorioso; porque, si aquella não tivesse precedido a este, não se teria de honrar o próprio nascimento. ¿Mas o que se responderá, si um outro, pela mesma razão, sustentar que é preciso render as mesmas honras solenes a cada um dos seus pais? Poder-se-ia ainda reclamá-las por motivo semelhante para os seus avós e os seus bizavós; ir-se-ia assim ao infinito e as festas seriam sem numero. Essa abundancia de alegrias é boa para a pátria; não para o exilio, e essa multiplicidade de festas convem a cidadãos, não a banidos. Mas apresenta-se um escrito, ¹ que é, dis-se, de revelação superior, como si cada um não pudesse apresentar um escrito semelhante, onde a Virgem pareceria ordenar a mesma coisa para os seus pais, segundo o preceito do Senhor que dis: *Honrai o vosso pai e a vossa mãe.* ² Quanto a mim, não me deixo facilmente comover nem persuadir por escritos

¹ Este escrito é attribuido a Elsin, abade de Inglaterra. (Vide Santo Ausélio, oper. p. 507.)

² Ezodo, xx, 12.

tais, que a razão não parece aprovar, e que nenhuma autoridade certa confirma. ¿Como concluir que a concepção deva ser considerada como santa, do fato de haver precedido o nascimento, que foi santo? ¿É porque, precedendo-o, éla o santificou? Precedendo-o, éla acarretou a sua existência, não a sua santidade; porque ¿donde lhe teria vindo a éla-mesma a santidade que devia transmitir após si? ¿Não é antes porque a concepção começou sem a santidade, que se tornou preciso santificar a criança concebida, afim de que ésta fosse santa ao nacer? ¿Mas talvez a concepção tivesse tomado a sua santidade ao fato que devia seguir-se-lhe? Sem dúvida, a santificação, que teve lugar após a concepção, podia passar ao nascimento, que éra posterior; mas éla não pode de modo algum remontar à concepção que a havia precedido.

« 7. ¿Donde viria, pois, a santidade da concepção? Dir-se-á que a Virgem foi prevenida pela santificação, afim de que fosse concebida, sendo já santa, e que assim a própria concepção fosse santa; da mesma maneira que se dis que éla foi santificada no seio matérno, afim de que o seu nascimento fosse santo? Mas a Virgem não pôde ter sido santa antes de existir; óra, éla não existia antes de ser concebida. ¿É por que acaso a santidade se teria mesclado à concepção mesmo no meio das carícias conjugais, de modo que a santificação e a concepção tivessem lugar ao mesmo tempo? Mas a razão não admite isso. ¿Como, com efeito, a santidade teria sido possível sem o Espírito que santifica? Ou, ¿como o Espírito-Santo achou-se mesclado ao pecado? Ou, enfim, ¿como o pecado não se acharia onde não faltou a concupiscência? Dir-se-á, por acaso que éla foi concebida do Espírito-Santo, e não de um homem; mas ainda não se ouviu dizer nada de semelhante. Leio, com efeito, que o Espírito-Santo veio a éla, e não que tenha vindo com éla, segundo a palavra do Anjo: *O Espírito-Santo virá sobre vós.* * Si é permitido dizer o que pensa a Igreja, que pensa sempre a verdade, eu digo que a Virgem tem a glória de ter concebido do Espírito-Santo, mas que éla não foi concebida dele. Éla pariu virgem, éla não foi parida por uma virgem. De outro modo, ¿onde estaria éssa prerogativa da Mãe do Senhor, em virtude da qual se crê poder glorificar

* Lucas, 1, 35.

só a ela de ter sido mãe e de ter permanecido virgem, si concedeis o mesmo privilégio à sua mãe? Isso não é honrar a Virgem, mas é minorar a sua glória. Si, pois, ela não pode de modo nenhum ser santificada antes da sua concepção, porque não existia ainda, nem durante a sua concepção mesma, por cauza do pecado que a isso estava ligado, résta a crer que ela foi santificada depois de haver sido concebida, quando já estava no seio da sua mãe, e que essa santificação, banindo o pecado, santificou o seu nascimento, mas não a sua concepção.

« 8. Eis porque, conquanto tenha sido concedido a um número, aliás pequeníssimo, de filhos dos homens nascerem santificados, não lhes foi todavia dado serem concebidos da mesma forma, afim sem dúvida de que a prerrogativa de uma santa concepção fosse reservada só Aquele que devia santificar todos os outros, e que só, vindo a este mundo fóra do pecado, devia purificar os pecadores. Assim o Senhor Jezus foi o único concebido do Espírito-Santo, porque só ele foi santo, mesmo antes da concepção. Ecêto ele, todos os filhos de Adão podem se aplicar estas palavras, que um deles confessa de si-mesmo com humildade e verdade, dizendo: *Fui gerado na iniquidade, e minha mãe me concebeu no pecado.* »

« 9. Pois que as coizas são assim, ¿que razão ha, pois, para festejar a Concepção? ¿Que meio, digo, ha ou de sustentar que essa concepção é santa, quando não vem do Espírito-Santo, para não dizer que ela deriva do pecado, ou de celebrar-lhe a festa, quando ela nada tem de santa? A Virgem gloriôza dispensa de bom grado essa honra que parece, ou honrar o pecado, ou revesti-la de uma santidade mentiroza. Nada poderá agradar-lhe nessa novidade empreendida contra o rito da Igreja, e que é mãe da temeridade, irmã da superstição, filha da leviandade. Mas, si julgássem de outra forma, seria preciso consultar primeiro a autoridade da Sé apostólica e não seguir com tanta precipitação e irreflexão a simplicidade de alguns ignorantes. Eu já havia constatado esse erro em algumas pessoas, e dissimulava, poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do amor da Virgem. Mas, achando a superstição entre os sábios e em uma Igreja nôbre e

* Salmo I, 7.



eclebre, da qual sou especialmente filho, * não sei si teria podido calar-me sem irrogar-vos, mesmo a vós todos, uma grave ofensa. Entretanto, o que disse seja dito sem prejuízo de uma opinião mais sábia. Sobretudo eu rezêrvo todo esse negócio, como os que são da mesma natureza, ao ezame e à autoridade da Igreja romana. Si penso de módo diverso d'ela, estou pronto a reformar o meu sentimento sobre o d'ela.» (*Óbras de S. Bernardo*, traduzidas por Annand Ravelet, sob o patrocínio de monsenhor bispo de Versailles, precedidas da história de S. Bernardo e do seu século, pelo padre Teodóro Ratisbonne. Tomo I, pgs. 455-458. 1870.)

Vejamos agóra a *segunda série* de festas instituidas em honra da Virgem-Mã; adotaremos tambem a ordem cronológica.

Festa de N. S. do Monte-Carmelo. — « Uma tradição que repouza sobre o testemunho de Jozé de Antioquia, autor do segundo século, e João XLIV, patriarca de Jeruzalem, do quarto século, levaria a crer que a primeira capela em que o nome de Maria começou a ser invocado foi fundada no Monte-Carmelo. (Pg. 91.)

« O monte-Carmelo está situado na Terra-Santa, entre o Mediterrâneo, Samária, e Nazaré: ele é célebre pela estadia que aí fizêrão o proféta Elias, e Elizeu, seu dicipulo. ... Alguns religiôzos reúnirão-se aí, formárão uma comunidade e tomárão o nome de Irmãos do Carmelo, ou Carmelitas. Eles estávão submetidos a uma régra muito austêra, traçada pelo bem-aventurado Albérto, patriarca de Jeruzalem, quando no XII e XIII séculos esse retiro lhes foi disputado pelos Sarracenos; eles fôrão forçados a se espatriar e a procurar um azilo na Európa. Foi por éssa époea que tivêrão para 6º Geral ou Superior um santo personagem chamado Simon Stoch... que teve em 1251 uma vizão, na qual a santa Virgem concedeu à sua Ordem o *Scapulário*.

« A instituição d'essa confraria remonta, no Oriente, a tempos muito remôtos, pois que foi objêto de indulgências concedidas por muitos papas no nono-século. (Ibidem, pgs: 356-363.)

* S. Bernardo éra filho da Igreja de Lyon, porque nacera em Fontaine, perto de Dijon, e o seu mosteiro de Clairvaux estava na diocêze de Langres, que dependia da metrópole de Lyon. (Vide ainda a carta 172.)

Foi essa a Ordem para que entrou Santa Tereza, na idade de 21 anos, a 2 de Novembro de 1536.

Como se vê, esta festa, no Ocidente, data dos meados do XIII século.

Festa de N. S. de Loreto. — Transporte miraculoso da caza de Nazaré, primeiro para Dalmácia, e depois para um bosque na Marca de Ancona, nos fins do XIII século. (Pags. 124-127.) Foi instituída fóra da iniciativa do papado.

Festa de N. S. dos Anjos. — Conta-se que no IV século, depois de 352, quatro eremitas vindos de Jeruzalem fundarão perto de Assis uma capela sob a invocação de *Santa-Maria de Jozafá*. No VI século, S. Bento obteve a concessão dela e estabeleceu aí um mosteiro. Seiscentos anos depois, S. Francisco de Assis fundou aí a igreja que se chamou de *N. S. dos Anjos*, embora o grande santo a tivesse denominado *Poreiúncula*. (Pgs. 130-131.)

Esta devoção data, pois, do XIII século, como a precedente. Foi instituída fóra da iniciativa do papado.

Festa de N. S. das Neves. — Instituída, segundo a tradição, no pontificado do papa Libério, e sob a iniciativa de um patricio romano e sua espoza, que supplicarão à Virgem a graça de indicar-lhes como devião empregar a sua fortuna em honra dela. A Virgem os escutou, e avizou-lhes em sonhos o desejo de ter um templo no lugar que, no dia seguinte, verião cuberto de néve. Ora, aconteceu que a 5 de Agosto de 367, uma néve abundante cubrisse, durante a noite, uma parte do monte Esquilino, uma das sete colinas de Roma. Essa igreja foi chamada, a princípio, a *Basilica liberiana*, e depois *Santa Maria do Prezêpe*, porque foi para aí transportada a mangedora onde nacera o Salvador. Em 432, o papa Sisto III fêz restaurar o monumento que tomou na mesma época o nome de *Santa Maria-Maiôr*, porque, entre todas as igrejas de Roma dedicadas à Virgem, essa é a mais importante. A abóbada é dourada com o primeiro ouro vindo da América. A corte de Espanha, tendo-o recebido das mãos de Cristóvão Colombo, quis fazer com ele homenagem a Maria, e o enviou para Roma, afim de ornar a mais bela igreja collocada sob a protecção da *Estrela dos Mares*. . . (Ibidem, pg. 136-137.)

Como se vê, a origem dessa festa remonta à segunda metade do IV século, no mássimo, e também por iniciativa particular.

Festa de N. S. das Mercês.—Luís IX (S. Luís) tinha por amigo íntimo S. Pedro Nolasco, que se tornou frade. Um dia, no ano 1218, estando em oração, a Virgem lhe apareceu, e lhe inspirou o pensamento de se consagrar à libertação dos infortunados cristãos do jugo dos Muzulmanos. Ele obedeceu, e fundou, para remissão dos cativos, a Ordem de N. S. das Mercês... Logo depois, obteve a aprovação da santa-sé, e a festa da santa Virgem, sob o título de N. S. das Mercês, foi instituída, por Gregório IX, na Igreja universal. (Ibidem, pg. 139.)

Festa de N. S. do Rosário.—«As Contas, o Rosário, e o Rosário vivo conquanto formando tres práticas de devoção distintas, têm entretanto relação tão íntima, que parece conveniente reunir tudo o que concérne esse triplíce assunto.

«O uzo de recitar muitas vezes seguidas a mesma oração não se liga nem a um tempo fixo, nem a lugares certos. Encontra-se tal prática entre os Judeus, os Indús, e os Maometanos; mas é sobretudo na Inglaterra que ella parece ter começado com o piedoso fito que tem entre nós. Com effeito, um concílio havido nesse reino, no VII século, prescreveu ao cléro de recitar, para repouzo da alma de eada bispo defunto, um certo número de *Padres-Nossos*. Mais tarde, no mesmo país, Guilhérme de Matmesbury, beneditino e historiador célebre, referiu que Godira, espoza do conde Losrico, recitava todos os dias tantas orações quantas pérolas tinha no seu colar, e que ella tinha ordenado que, depois da sua morte, esse colar fosse consagrado à santa Virgem, em honra da qual ella se entregava a esse ezercício de piedade... As *contas* parecem ter uma origem mais diréta, e ella se tira de um fato que remonta à época das primeiras cruzadas. No fim do XI século, Pedro Eremita, conduzindo os primeiros cruzados, notou, perto de Constantinópla, que os Turcos tinham o costume de rolar nos dedos sessenta contas, às quaes estavam ligadas orações. Pedro Eremita adotou esse uzo e inventou o modo de rezar que os peregrinos chamávão *coroa*, *saltério da Virgem*, ou *rosário*... Depois, essa instituição foi sistematizada por S. Domingos, que fundou uma confraria para milhór assegurar a duração e a solenidade desse modo de réza...

Quanto ao *Rosário vivo*, consiste essencialmente em uma associação que representa no seu conjunto o Rosário

de S. Domingos. A primeira idéia d'essa instituição coube a uma pobre moça de nome Maria Jaricot, de Lyon, que a concebeu em 1826. (Ibidem, pgs. 363-370.)

Quanto à festa de *N. S. do Rozário*, só foi instituída sistematicamente pelo papa Gregório XIII, que deu esse título à festa de *Santa Maria da Vitória*, estabelecida para Roma pelo papa Pio V, em 1571, em comemoração da vitória de Lepanto (1º domingo de Outubro). Enfim, em 1676, Clemente X tornou universal éssa solenidade, para comemorar uma nova derrota dos Turcos. (Ibidem, pg. 113.)

Como se vê, a iniciativa d'essa devoção é do XI século, com as cruzadas. O papado só a sistematizou no XVI e no XVII séculos.

Tais são as festas instituídas até o XIII século. As outras, como a do Noivado e Cazamento, a da Expectação do parto, a da Maternidade, a do Santo Nome de Maria, a das Sete Dores, a de N. S. da Piedade, e a do Santíssimo Imaculado Coração de Maria, etc., fôrão instituídas nos XV, XVI, e XVII séculos. Seria, pois, inútil insistir a tal respeito.

Mas éssas festas não bastão para mostrar toda a estensão do culto da Virgem-Mãe. Vejamos as outras instituições que se ligão a ele.

Missas votivas em honra da santa Virgem. — « Pedro Damiano, tratando desse assunto, no XI século, diz que se havia estabelecido, em algumas igrejas, um bello costume, — o de celebrar nos sábados uma festa particular da santa Virgem... »

« O missal romano tem cinco missas votivas da Virgem, para os diversos tempos do ano. (Ibidem, pgs. 144-145.) »

Offício da Santíssima Virgem. — « ... O sábado foi consagrado particularmente a honrar a santa Virgem... (Pg. 154.) »

« ... O offício da Virgem foi instituído por Urbano II, no concílio de Clermont, em 1095. Esse grande papa quis por aí tornar mais efficazes as orações dirigidas a MARIA, *padroeira dos cruzados do seu século*, e prescreveu aos leigos seculares de recitarem esse offício, que até então não éra dito sinão em certas ordens monásticas. Mas a instituição primitiva déve ser referida mais longe, e pelo menos

a S. Pedro Damiano, e talvez mesmo a S. João Damasceno, ou ao papa Gregório II, que vivião 1.º VI e VIII séculos.

«Esse officio foi reformado por S. Pio V, em 1571... (Ibidem, pg. 158.)

A instituição só remonta, pois, quando muito, ao VII século. Mas só generalizou-se no XI.

Existe, além disso, o pequeno officio da Imaculada Conceição, aprovado por Inocência XI, e um novo officio da Conceição, mandado fazer por Pio IX. (Ibidem, pg. 158.)

Orações diversas. — A *Saudação angelica*. — A primeira parte desta oração é tirada dos evangelhos, combinando as saudações attribuídas ao anjo Gabriel e a Santa Izabel. A segunda parte foi introduzida pelo concílio geral de Efezo (431)... Todavia, a recitação da *Ave-Maria* não se tornou então mesmo de uso geral... Éla data do VII século. Foi inserida no Breviário reformado de Pio V, no XVI século. E desde então séguez a Oração dominical... (Ibidem, pgs. 245-247.)

O *Angelus*. — «Nos fins do XI século, um concílio de Clermont, prezidido por Urbano II, e no qual fôrão estabelecidas as *Hóras da Santa Virgem*, a Igreja introduziu o costume de tocar o sino de manhã, ao meio-dia, e à tarde, para saudar a Mãe de Deus e comemorar a Inconfinação do Verbo; e o concílio de Cologne, em 1243, decidiu que todos os venerdias, ao meio-dia, o sino tocaria em memória da Paixão de Jezus, acrescentando que isso devia ser praticado, segundo o costume observado todos os dias, de tarde e de manhã, em memória da compaixão da santa Virgem. Quanto à origem do *Angelus*, alguns o attribuem a S. Boaventura, outros ao papa João XXII. Éssa devoção não foi a princípio geral; mas o papa Calisto III, no XV século, afim de combater o succésso das armas de Maomé II, prescreveu de implorar o socorro de Deus por éssa triplice invocação da santa Virgem... » (Ibidem, pg. 254.)

O *Memorare*. — «A origem se acha em uma homelia de S. Bernardo sobre a Assunção; éla não se acha aí textualmente por inteiro, mas foi estraiada daí e composta tal qual a recitamos hoje, depois da morte do santo abade de Clairvaux.» (Ibidem, pg. 260.)

Ha outras orações menos célebres, sobre as quais seria inútil insistir: quazi todas são posteriores ao XIII século, Os cinco salmos no XII. (Pg. 271.)

Os *Cânticos*. — *Magnifical*. — «Segundo a tradição, conquanto o *Magnifical* fosse entoado desde um tempo imemorial, parece certo que foi S. Cezário, bispo de Arles, quem, no começo do VI século, tinha imposto aos monges o dever de cantá-lo todos os dias, no Offício, ao passo que os cânticos do Antigo Testamento nunca tiveram sinão a prerrogativa de um dia por semana.» (Pg. 275.)

Antífonas. — «As quatro grandes antífonas — *Alma Redemptoris Mater*, — *Ave, Regina Caelorum*, — *Regina Caeli*, *latare*, — *Salve, Regina*, — não são nem da mesma época, nem do mesmo autor. Cada uma delas teve a sua origem particular, e foi sucessivamente que a Igreja as introduziu na sua liturgia. Existe sobre isto uma tal diversidade de opiniões, que julgamos dever ficar nas que são mais geralmente espalhadas e adotadas, sem todavia garantir a sua autenticidade de uma maneira absoluta.» (Ibidem, pg. 280.)

Alma Redemptoris Mater. — Atribuída a um monge beneditino, *Hermann Contractus*, do XI século. (Pgs. 281-282.)

Ave, Regina Caelorum. — «Segundo a tradição e o sentimento de muitos autores sacros, remontaria aos Apóstolos» (pg. 283). Mas essa opinião é evidentemente inaceitável, por estar em contradição com todos os documentos acerca do culto de Maria. Com efeito, tudo quanto temos transcrito demonstra que tal culto não existia nos tres primeiros séculos.

Regina caeli, latare. — Atribui-se-lhe uma origem milagrôza no VI século. (Ibidem, pg. 285.)

Salve, Regina. — Atribui-se ao XII século, e dão-lhe também uma origem milagrôza. Foi admitido solenemente na liturgia pelo papa Eugénio III, por solicitação de S. Bernardo. (Ibidem, pgs. 287-288.)

Hinos. — Introduzidos por Santo Ambrósio. «Duas grandes épocas podem ser assinaladas para adoção dos hinos nas diversas liturgias: — o X século, a partir do qual a liturgia romana os admitiu no officio público, e o ano 1736, em que foi publicado o Breviário de Calisto Vintimille, arcebispo de Paris.» (Ibidem, pg. 293.)

Hinos do officio da santa Virgem:

Te-Deum. — Atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho — fins do IV século. (Pg. 295.)



Quem terra, pontus, etc. — Atribuído a Gregório-Magno ou Fortunato, bispo de Poitiers e seu contemporâneo — fins do vi século. (Pg. 296.)

O Gloriosa Domina. — O mesmo. (Pg. 297.)

Memento, rerum Conditor. — Atribuído a Santo Ambrósio. (Pg. 297.)

Hinos para todas as festas da santa Virgem:

Ave maris, Stella. — Atribuído por alguns a S. Bernardo (xii século), por outros a duzentos anos antes (x século). (Ibidem, 298.) Os outros são de séculos posteriores.

Prôzas. — « A substituição das *Prôzas* à Aleluia é atribuída ao papa Nicolau i, que, no meado do ix século, permitiu e aprovou muitos cantos dessa natureza. No ano 880, o monge chamado Notker, abade de Saint-Gall, na Suíça, compôs diversas *prôzas* e espalhou o seu uzo. Depois dele, nos x e xi séculos, dois monges... fizeram novas *prôzas*. » (Pg. 316.)

O Stabat. — *Prôza* em honra da santa Virgem, adotada na liturgia romana. Atribuída ao papa Inocência iii, no xii século. Segundo outros, foi composto no xiv século, por um frade franciscano. Outros a atribuem a Gregório-Magno (fins do vi século), ou a S. Boaventura (xiii século). O maior número ao cardeal Frangipani (Malabranca Latinus)... (Pgs. 317-318.)

Inviolata, integra, casta. — Atribuída a S. Tomás de Aquino, ou S. Bernardo (pg. 321). Em todo caso, posterior ao xii século.

Languentibus in purgatoris. — Atribuída a um inglês, J. Langoeznoven-sis. (Pg. 322.)

Virgo Virginum pulchra. — Do cardeal Geissel, arcebispo de Cologne, 1854. (Pg. 326.)

Ladainhas da Santíssima Virgem. — « Parece certo que as ladainhas da santa Virgem nascerão na pequena cidade de Loreto, na Itália, a uma légua do golfo de Veneza... Elas são um resumo dos epítetos aplicados à Virgem pelos santos padres, e sobretudo por S. Bernardo. (Pgs. 334-335.)

Depreende-se de tudo que precede que elas devem remontar ao xiii século.

O número das ladainhas diversas tendo aumentado consideravelmente, Clemente viii, papa em 1601, proibiu



que se publicássem, recitássem, e cantássem nas procissões ou altares outras que não as que ele e os seus sucessores aprovassem.

Congregações e confrarias. — É apenas a contar do XIII século que elas se organizarão successivamente e fôrão enriquecidas com dons espirituais dos papas (Ibidem, pg. 352.)

Peregrinações. — As peregrinações relativas à Virgem não pôdem remontar sinão à época em que seu culto surgiu. Essas práticas desenvolverão-se, pois, como todas as outras, a partir da última fase da idade-média.

Oitavas, Votos, Novenas, Retiros, Procissões. — O Mês de Maria (Maio), que data do fim do XVI século, é atribuído a S. Felipe de Néri, que morreu em Roma, em 1595. (Ibidem, pg. 407.)

Estátuas, imagens, medalhas.

Do que precede se conclui que o desenvolvimento do culto da Virgem-Mai acompanhou o decrecimento do culto do Redentor. O contraste é tão frizante que, comparando os primeiros séculos do Catolicismo com os últimos do regimen mediêvo, se descobre uma verdadeira inversão. Com effeito, o culto de Maria não existe siquer nos tres primeiros séculos. A partir do IV século, ele apparece porem *aderente ao culto do Redentor*. É para este que os corações dos fiéis convergem. *Todo o povo toma uma parte activa na celebração da EUCARISTIA*, que enche totalmente a *Missa*. Nos fins da idade-média, a participação do povo na celebração da Eucaristia tornou-se *quázi totalmente passiva*. Os fiéis já não trazem mais para a igreja as *ostias* e o *vinho*, cessou a *comunhão do vinho*; a *ostia* reduziu-se tanto, que mais parece *papel* do que *pão*; raros *comungão* mesmo na espécie que fica; a *Missa* solene *desapareceu* quázi a celebração da Eucaristia tornou-se um *incidente momentâneo* no conjunto da oração pública. Em compensação, o culto de Maria absorve todas as almas. O povo todo toma parte nos cantos, nas ladainhas celebradas em sua honra: em uma palavra, para fazer idéia do que era o fervor dos primeiros católicos pela *Eucaristia*, é preciso contemplar o que é hoje uma festa de Maria.

É esta a primeira conclusão que resulta dos trechos citados. A segunda é que o culto de Maria adquiriu o seu surto decisivo com as *cruzadas*. Tal é o duplo fenómeno

que nos cumpre explicar atualmente, mostrando os motivos puramente humanos que o determinarão. Ver-se-á então que ele assinala apenas o progresso contínuo do *altruismo*, emancipando-se gradualmente das sugestões egoístas. Para melhor percebê-lo, comecemos por confrontar os dois tipos morais respectivamente caracterizados pelo Redentor e a Virgem-Mãe.

Considerado em si mesmo, o Redentor representa uma combinação entre a Divindade e a Humanidade; mas é a Divindade que predomina. De sorte que a contemplação desse mito desperta principalmente os sentimentos, as idéias, e os atos ligados à concepção da Divindade. A adoração do Redentor tende, pois, a ligar o conjunto da vida real a uma existência fantástica fora da sociedade, isolando cada homem da Família, da Pátria e da Espécie inteira. Essa consequência é imperfeitamente contrabalançada pela noção da Humanidade também inerente ao tipo do Redentor, e por meio da qual a sabedoria do sacerdócio católico pode harmonizar até certo ponto a existência celeste com a vida terrena. Em segundo lugar, a natureza humana é simbolizada no Redentor pelo sexo menos apto para representá-la. Com efeito, a Humanidade sendo caracterizada pelo acendente contínuo do Amor sobre a Intelligência e a Atividade, é a Mulher, e não o Homem, que constitui o seu melhor tipo. Donde se conclui que o Redentor oferece uma dupla imperfeição radical para prezidir ao culto: primeiro, a supremacia das concepções teológicas; segundo, o predomínio moral do Homem sobre a Mulher.

Sob todos esses aspectos, a Virgem-Mãe apresenta o mais feliz contraste com o Redentor. Com efeito, nessa suave concepção nada existe mais da Divindade. Isto é, sobretudo, incontestável, considerando o tipo da Virgem-Mãe sistematizado por S. Bernardo, como se verifica pela leitura da carta acima transcrita. Maria é apenas a primeira das Mulheres; um abismo infinito a separa da Divindade. O dogma da *Imaculada Conceição* mesmo não conseguiu torná-la Deusa. De sorte que o culto de Maria significa realmente a adoração da natureza humana imaginada apenas em uma perfeição utópica. Em segundo lugar, a natureza humana é então caracterizada pelo tipo mais decisivo — a Mulher, e tomada na integridade das suas funções morais. Tal é a significação da Virgem-Mãe, su-

blime rezumo em um Ente só dos quatro aspétos sob os quais toda digna Mulher sucessivamente se apresenta: Mãe, Irman, Esposa, e Filha.

A Virgem-Mãe caracteriza, pois, por si só, um decréscimo tão grande das preocupações teológicas, como o abismo que dogmáticamente a separa da Divindade. A sua imagem téria e pura tende a volver as afeições, pensamentos, e atos para a vida real, deenvolvendo a adoração da Mulher por parte do Homem, e estimulando a Mulher a preencher cada vés milhór a sua glorióza missão. É assim que se percebe que o culto de Maria assinalou históricamente a deciziva emancipação das concepções teológicas, não só por parte dos cavalleiros, como por parte das massas populares do Ocidente. Mas é esse contraste entre o tipo da Virgem-Mãe e o do Redentor, que nos vai fazer compreender a evolução do culto de ambos.

As diversas concepções abstratas da Humanidade resumirão sempre o conjunto dos resultados da sua evolução moral, intelectual, e prática. É assim que elas se tornão um emblema das aspirações e dos projéto de cada época. Por isso, também, é impossível compreender o advento e o surto das construções quaisquer da Humanidade sem examinar o estado social em que elas se elaborarão. Para achar a explicação do advento do culto da Virgem-Mãe e do seu predomínio final sobre o do Redentor, cumpre, portanto, indagar os sentimentos que tal culto supõe e as circunstâncias que determinarão o seu acedente. Sob o primeiro aspéto, é claro que, abstraindo de toda iluminação mística, o culto da Virgem-Mãe assinala a combinação da mássima pureza e da mássima ternura nas homenagens prestadas à Mulher. Basta, pois, únicamente indagar como os Ocidentais fôrão conduzidos gradualmente a esse sublime consórcio de duas condições que parecião antagonônicas.

Nesse intuito, começemos por notar que o dógma católico não podia de módo algum favorecer diretamente a adoração da Mulher. Pelo contrário, similhante dógma sistematiza a doutrina politeica que o monoteísmo judaico aceitara acerca da inferioridade moral da Mulher ao Homem. Foi por essa inferioridade que o tipo do Redentor se tornou masculino. Si o amor direto de uma criatura qualquer é considerado no Catolicismo como um sacrilégio, por maioria de razão o amor por uma Mulher. Tal senti-



mento se afigurou sempre como tendo uma origem fatalmente impura.

Mas, si isso é incontestável, não é menos verdade que o Catolicismo determinou uma cultura moral e uma situação social que, apesar das prevenções dogmáticas, devião tornar-se finalmente favoráveis ao culto da Mulher. Com effeito, sob o ponto de vista moral, a compressão sistemática dos nossos instintos egoístas só podia redundar em proveito da expansão dos nossos pendores altruístas. Embora essa *purificação* fosse preconizada com o engodo do Céu e o medo do Inferno, semelhante estimulação *subjetiva* apenas diminuía a efficácia da repressão *objetiva*. Por outro lado, a prática da caridade, isto é, o exercício directo dos pendores altruístas determinava o desenvolvimento deles. Assim, em resumo, apesar de preocupado com um destino pessoal quimérico, o fiel realizava o duplo aperfeiçoamento da sua natureza moral, tornando-se cada vês menos egoísta, isto é, mais *puro*, e cada vês mais altruísta, isto é, mais *terno*, mais *venerador*, e mais *dedicado*. Este resultado era tanto mais fatal, quanto o Catolicismo viu se forçado a santificar todos os laços da Família e da Sociedade, si bem que collocando-os dogmáticamente em plano inferior ao isolamento místico, reservado a um número mínimo de eleitos.

Tornado assim mais apto para *amar*, é claro que o homem não poderia aplicar indefinidamente esse amor a entes mitológicos. Era fatal que toda a capacidade afetiva adquirida revertisse para o seu destino real, desde que o conjunto da situação social permitisse. Foi o que de facto aconteceu, em virtude dos antecedentes que directamente preparáram o culto da Mulher. Tal é o ponto que devemos agora assinalar.

A civilização romana tinha conduzido a dignificação da Mulher a um grau eminentíssimo. Como todas as populações militares, ella instituiu desde o inicio a monogamia para a base da constituição da família. Basta recordar o tipo de Cornélia para mostrar o respeito a que attingiu a matrona romana, isto é, a esposa e a mãe. Apesar da facilidade do divórcio, a dissolução do laço conjugal foi rara antes da decadência geral do Politeísmo. Também os costumes olhávam com repugnância as segundas núpcias, e as instituições religiosas traduzião e consagrávam esses senti-

mentos. Não menor era o apreço dado ao tipo da Virgem. Para demonstrá-lo, transcreveremos os seguintes estratos de um escritor católico que já temos citado. No seu *Dicionário das Religiões*, Bertrand cita a seguinte apreciação do conde de Maistre:

« *Virgens.* — Conquanto o casamento seja o estado natural do homem em geral, e mesmo um estado santo, dis o conde de Maistre, entretanto, segundo uma opinião também geral, vê-se constantemente transparecer por toda parte um certo respeito pela virgem; ella é considerada como um ente superior, e quando perde essa qualidade, mesmo legitimamente, diz-se-lhe que se degrada. As noivas, na Grécia, devião um sacrificio a Diana, para a espição dessa espécie de profanação. A lei havia estabelecido, em Atenas, mistérios particulares relativos a essa cerimonia religiosa. As mulheres eram fortemente apegadas a elles, e temião a cólera da Deusa, si deixávão de conformar-se com isso...

« As virgens consagradas a Deus se encontram por toda parte e em todas as épocas do género humano. ¿O que ha no mundo de mais célebre do que as Vestais? Com o culto de Vesta brilhou o império romano; com elle, elle caiu. Nas Gálias, as druidizas eram santas por uma perpétua virgindade. A virgem Veléda gozava de um crédito imenso entre os Germanos, que considerávão essa moça como uma santa profetiza, e lhe confiávão a direcção dos negócios públicos. Os Romanos, e antes deles os Gregos, tihão leis que prohibião matar as virgens... Jeová ecetua só as virgens do anátema com que feriu a nação madianita.

« Em Atenas, como em Roma, o fogo sagrado do templo de Minerva era guardado por virgens...

« ¿Onde aprendera Numa que, para tornar as suas vestais santas e veneráveis, era preciso prescrever-lhes a virgindade? ¿Porque Tácito, antecipando-se ao estilo dos nossos teólogos, nos fala dessa venerável Occia, que tinha prezidido o colégio das Vestais, durante 57 anos, com uma eminente santidade (suma sanctimonia)? E donde vinha essa persuasão geral entre os Romanos, que, si uma vestal aproveitava da faculdade, que lhe offercia a lei, de casar-se após trinta annos de exercício, essa sorte de casamento não era nunca felis... »

Eis como o mesmo autor se exprime acerca das vestais :
« *Vestais*. — Sacerdotizas de Vêsta. Eão virgens e formávão o voto por trinta anos. Fôrao instituídas por Numa. Não devião ter o mínimo defeito físico; exigia-se, pelo contrário, que fôsem as mais belas e formôzas de corpo... Eão livres da autoridade paterna.

« As vestais que violávão o seu voto eão punidas mais severamente do que as que tínhão deixado apagar-se o fogo sagrado. Numa as condenara a serem apedrejadas; Fêstus refêre uma lei posterior que ordenava que fôsem degoladas. Crê-se que Tarquínio Prisco foi o primeiro que estabeleceu o uzo de enterrá las vivas...

« Essas ezeções terríveis não fôrao tão freqüentes como se poderia imaginar. A ordem das vestais durou cerca de onze séculos. Durante esse tempo, cõtão-se vinte convencidas de incêsto. Treze sómente fôrao enterradas vivas: as outras sete perecerão por diversos gêneros de suplicios, à sua escolha.

« Viu-se muitas vezes sacerdotizas injustamente acuzadas. Os historiadores pagãos não deixão de referir uma infinidade de milagres operados em favor delas.

« As vestais eão indenizadas do constrangimento e dos deveres penôzos do seu estado, por privilégios gloriôzos e honras extraordinárias. Numa lhes tinha concedido o poder de testar em vida dos seus pais e mãis. Augusto as pôs na pösse de todas as prerogativas de que gozava em Roma uma mulher que tinha dado tres cidadãos ao Estado. Seus bens lhes pertencião em particular a cada uma. Elas dispñhão do que era seu à vontade, por venda, doação, ou de qualqué outra fôrma, sem o intermédio de um curador. Si encontrávão no seu caminho um criminozo que era conduzido ao suplicio, tínhão o privilégio de poder salvar-lhe a vida; sómente era preciso que elas afirmássem por juramento que o encontro se dera por acazo; fôra desse cazo, elas não jurávão nunca em juízo; a declaração delas, pura e simples, tinha a força de um juramento. Quando andávão na cidade, eão precedidas de um litor... Os cônsules e os pretores se afastávão para dar-lhes caminho. Si os embaraços os impedfão de afastar-se, eles parávão até que elas tivéssem passado, e fazião abaixar diante delas o machado e as varas. Os Romanos lhes dävão uma sepultura no seio mesmo da cidade; honra rara, que elas

não partilhá-vão sinão com um pequeno número de famílias illustres. As próprias vestais condenadas gozavam d'essa honra. O *campus sceleratus* era no interior de Roma. Todos os anos, em certos dias, o povo ia em multidão a esse túmulo, e fazia orações para apaziguar os manes d'elas. As vestais tinham na cidade todo o crédito que dão a sabiduria e a religião. Eram muitas vezes empregadas para restabelecer a paz nas famílias, para reconciliar inimigos, para proteger o fraco e dezararmar o opressor. Todos os anos dirigião-se ao rei dos sacrificios, que era a primeira pessoa da religião depois do grande pontífice, para exortá-lo a observar exatamente os seus deveres. Depositavam-se nas mãos d'elas os atos mais secretos e mais importantes. Os primeiros cidadãos lhes confiavam por vezes os seus testamentos...

« Esta ordem célebre manteve-se por muito tempo em um estado de lustre e de esplendor. Ella achava-se no seu mais alto grau de elevação sob os imperadores. Ella subzistiu ainda algum tempo sob os príncipes cristãos, mas já tocava à sua decadência. *O que ha de notável é que não se vê que a relaxação se tenha introduzido entre as vestais, em um tempo em que ellas terião podido faltar impunemente aos seus deveres, isto é, sob os imperadores cristãos, que não terião permitido que ellas fôsem mortas tão cruelmente como outróra.* Por muito tempo não se tocou nos seus privilégios e imunidades. Graciano, mais ouzado do que os seus predecessores, ordenou que os bens legados a ellas de então em diante reverterião para o fisco, à exceção dos bens móveis, dos quais ellas terião o livre gozo. No ano seguinte, Roma foi dezolada por uma horrível fome. O povo não duvidou que esse flagélo fosse um effeito da vingança dos deuses, irritados pelo ultrage feito às vestais; mas a fome cessou no momento em que as murmurações não talvês fazer rebentar uma sedição.

« Enfim, Teodózio e Honório, tendo reunido ao seu domínio todos os bens que tinham sido destinados à sustentação dos templos e dos sacrificios, os das vestais não fôrão provavelmente poupados. Os historiadores não marcão precisamente o momento em que essa ordem de sacerdotizas foi abolida. Ha muito apparencia de que fosse no tempo em que Teodózio mandou fechar todos os templos. Tudo concorre para provar que o templo de Vesta



não foi mais poupado do que o de Júpiter e dos outros deuses... Desde o ano 40 de Roma, época da instituição das vestais, até o ano da graça 389, tempo em que Teodósio desfechou o último golpe na idolatria, decorrerão onze séculos e um ano; é talvez o tempo que se deva fixar à duração d'essa ordem. »

Tal era a sociedade que o monoteísmo católico vinha sistematizar; no meio da dissolução geral, ela encerrava os elementos indispensáveis para a sua regeneração. Esse colégio de vestais constituia um esboço do tipo da dignidade a que devia atingir um dia o conjunto do sexo feminino, primeiro no Ocidente, e depois na Terra inteira. Levado pelas suas preocupações de *pureza*, o Catolicismo tornou-se o órgão das aspirações do sexo afetivo e dos mais nobres corações masculinos, relativamente à união conjugal e à emancipação doméstica da Mulher. Compreende-se, pois, que, quando o Catolicismo tornou-se, no IV século, religião oficial, os impulsos práticos e teóricos do Mundo romano tendessem a se combinar cada vês milhór. Tal foi o gérmen primeiro da admirável instituição cavalheiresca destinada a encerrar dignamente a fase teológico-militar, anunciando o regímen positivo.

CAPÍTULO SÉTIMO

Reflexões acerca do advento e surto do culto do tipo místico de Maria até vir fundir-se na adoração da Humanidade e na utopia da Virgem-Mãe que resume o Positivismo.

Examinemos agora o advento do culto de Maria, e acompanhemos a sublime evolução que acabou preferindo, para rezumo do Catolicismo, o mistério da Virgem-Mãe ao mistério da Eucaristia. Perceberemos assim como, depois de se haver tornado o digno herdeiro dos cultos passados, mediante a instituição da *Missã*, o monoteísmo mediêvo constituiu-se o precursor imediato da Religião definitiva, graças à adoração da Deusa ocidental. A transição do Catolicismo para o Positivismo se apresentará então como se condensando na substituição do tipo místico da Judia legendária pela concepção real da Mulher, apreciada na plenitude da santa missão que o Destino lhe outorgou espontaneamente, e que a evolução sistemática da Humanidade lhe vai assegurando cada vês mais e melhor.

Quando se reflete no culto de Maria, uma das circunstâncias mais salientes é que tal fenómeno religioso se realiza fóra da iniciativa do clêro, o qual apenas intervem târdiamente para sancionar e sistematizar as inspirações populares tornadas irresistíveis. Isto é por tal forma verdade que, mesmo depois que o sacerdócio católico já havia incorporado dogmáticamente o culto de Maria, rara é a instituição deste devida originariamente ao papado. Basta citar os nomes de S. Bernardo, S. Francisco de Assis, S. Domingos, e Santo Inácio de Loíola, para dissipar qualquer dúvida a tal respeito. Qual o nome dos sumos

pontífices que pôde hombrear com qualquér destes, sob este aspéto?

A mesma observação se impõe quando se considéa um outro fenómeno intimamente ligado ao culto da Virgem-Mãe, e que constituiu mesmo a transição entre este e a adoração do Redentor. Referimo-nos ao *culto dos Santos*. Aqui também a ação do sacerdócio católico é posterior à iniciativa popular, cujo insuperável acedente o cléro teve de sofrer. Similhante culto precedeu o de Maria, como mais intimamente ligado ao desenvolvimento primordial da nova Religião. Ele se filia directamente ao *culto dos Mortos*, que determinou o seu advento espontâneo, desde os primeiros tempos da Igreja. As perseguições não tardarão a trazer-lhe um estímulo incomparável, que foi crescendo durante os tres primeiros séculos. Em breve, ele se tornou assás preponderante para inaugurar a deciziva emancipação da razão popular das concepções teológicas, substituindo o culto dos heróis da Igreja ao culto dos *anjos*. As tradições politeístas relativas às *consagrações* (*consecratio*), ou *apoleôzes*, facilitarão similhante transformação.

Paréce-nos conveniente recordar sumariamente as instituições politeístas que prepararão, sob esse aspéto, a elaboração do monoteísmo occidental. Quanto aos *anjos*, o Judaísmo os tomou da Caldéa, e nosso Mestre pondera que os livros dos Hebreus bastão para descobrir neles deuses cujo poder decreceu. Mas o politeísmo gréco-romano apresentava também antecedentes análogos nos *genius* e *junones*, como se vai ver dos seguintes artigos tomados ao *Dicionário das antigüidades*, que já citámos:

Genius. — « Bom gênio ou anjo custódio do sexo masculino, que, segundo se acreditava, nacia com cada mortal e morria com ele, depois de o haver acompanhado, dirigido as suas ações, e velado pelo seu bem-estar, durante toda a vida. O *gênio* era representado como um bello rapás, sem outra vestimenta que não a *chlamys* dos mancebos sobre os hombros, e com duas azas de ave.

Genius loci. — « Espírito custódio de um lugar: porque entre os antigos, cada parágeni, cada lugar na cidade ou no campo, edificio, montanha, rio, bosque, etc., tinha, segundo se acreditava, o seu gênio particular, que era representado sob a fórma de uma serpente. Em consequência, vê-se muitas vezes imagens desses répteis comendo sobre



um altar, ou com um altar entre eles, para evitar que os tranzeuntes *depuzessem qualquêr imundície*, etc., pelo respeito para com o gênio que prezide a esse lugar.

Junones. — « *Fadas* ou espíritos custódios das mulheres: acreditava-se que com cada mulher nacia uma que a acompanhava, velava sobre ela durante a vida, e espirava com ela na sua morte, precisamente como os *genius* para os homens. Esses espíritos são representados sob a forma de moças, com azas de morcego ou de falenas, e inteiramente vestidas, ao passo que o espírito custódio do homem é habitualmente representado nu, ou quázi nu, e com azas de aves. »

Quanto às *consagrações* ou *apoteózes*, resultarão da crença politeísta relativa à possível transformação dos homens em deuses. É bem conhecida a lenda segundo a qual Rômulo fora arrebatado aos céus durante uma tempestade, e à qual já aludimos. Essa e outras tradições semelhantes facilitarão, entre as populações gréco-romanas, a crença na *Acensão* de Jesus, e, mais tarde, na *Assunção* de Maria. Eis como o autor já citado explica a cerimônia da *Consagração*:

« *Consecratio* (*apoteóze*). — Deificação ou apoteóze; cerimônia pela qual um mortal era posto no número dos deuses e chamado a participar das honras divinas. A apoteóze era discernida ordinariamente aos imperadores romanos, mas era desconhecida sob a república. A principal parte dessa cerimônia tinha lugar no Campo de Marte, onde se erigia uma fogueira de gravetos e de lenha ordinária, mas hábilmente dispôta no exterior, e similhando um altar de tres ou quatro andares, que vão diminuindo sucessivamente, e que eram decorados com estátuas, panos, e outros ornamentos. No segundo andar, um leito esplêndido, sobre o qual se achava a imagem do defunto feita de cera, era colocado e rodeado de toda sorte de hervas aromáticas. Punha-se fogo à fogueira, e uma águia voava da parte superior dela, para ir, segundo se acreditava, levar a alma ao Céu, como se vê em um baixo relevo do arco de Titus, e representando a apoteóze desse imperador. »

Sob o predomínio das crenças monoteístas, o culto dos mortos conduziu a transformar a *consagração* ou *apoteóze* em *eunonização*. Vamos transcrever de um escritor católico

já citado a evolução histórica dessa instituição. Dis Pascal no *Dicionário de Liturgia*:

« *Canonização*. — Na primitiva Igreja era a inserção do nome de um confessor da fé no Cãnon da Missa. Os nomes que aí se lêem, e que em certas Liturgias são em maior número, são o único título de *canonização* dos santos que os trazem, e essa inserção bastava para fazer render-lhes o culto de dulia...

« O ato pelo qual se canonizava era, pois, bem simples nos primeiros séculos: quando um cristão tinha sofrido o martírio, levantava-se um altar na sua sepultura e oferecia-se aí o santo sacrifício; por isso chamávão-se esses oratórios *Martyria*... Mais tarde, teve de se tomar criteriosas precauções. O bispo em cuja diocese um cristão havia sofrido o martírio não inseria este no Martirológio ou nos Dísticos sinão depois de se haver certificado que ele tinha sido pela fé católica. Mas, como não é sómente sofrendo a morte por Jesus-Cristo que se póde adquirir o Céu, e ha outras sortes de testemunhos ou mártírios não menos agradáveis a Deus, ... inscreverão-se igualmente nos Dísticos os nomes desses outros mártires ou testemunhos da fé cristã. Os bispos são os juizes supremos do mérito desses virtuosos personagens, e uma decisão emanada da sua autoridade sancionava o culto de dulia que se lhes devia prestar. Crê-se que foi pelo *quarto século* que se assimilárão aos mártires que tínhão derramado o seu sangue esses outros mártires não menos veneráveis.

« Pelos fins do *décimo século* foi julgado mais prudente deixar ao papa o direito de *canonização*. O primeiro exemplo de um ato solene desse gênero foi dado em 993, quando o papa João xv canonizou Udalrico, bispo de Augsburgo. Este pontífice morrera em 973. O segundo exemplo é a *canonização* de S. Simão de Trêves por Benedito viii, em 1042. O último santo canonizado sem o concurso direto do soberano pontífice é S. Goltier de Pontoise. Esta *canonização* foi feita pelo arcebispo de Ruão, em 1153. Uma bula de Inocência iii, em data de 3 de Abril de 1200, por ocasião de Santa Guncgunda ser canonizada por esse papa, confirmou para sempre a *Constituição de Alexandre III, que tinha reservado o direito de canonização para a santa-sé...* »

Como se vê, foi só nos fins da segunda fase da civilização medievá (X século), que o papado incorporou a canonização ao sistema católico, chamando a si tal prerrogativa. Sob o influxo das tradições politeístas e dos costumes romanos, o culto das vírgens santificadas pelo martírio não tardou em tornar-se preponderante. As preocupações do monoteísmo ocidental acerca da pureza fomentarão semelhante acedente. Mas a obrigação de conformar-se com a *realidade* da existência social determinara o monoteísmo a sancionar também o casamento e a maternidade, purificando-os tanto quanto possível. Os acedentes romanos não se limitarão a facilitar imensamente essa dupla sistematização; eles conduzirão a fazer prevalecer a adoração das esposas e das mãis que uma piedade excepcional ou mesmo o martírio haviam santificado. Assim, graças aos hábitos de *pureza* que o Catolicismo generalizara, em breve o culto das Mulheres Santas representava a exaltação das honras excepcionais que os Romanos tributávam ao sexo feminino. Sómente a teoria teológica da natureza humana não permitindo conceber então a necessidade e a destinação do casamento abstraindo das relações sexuais, o tipo da Esposa ficou sem uma sistematização condigna. O resultado foi uma contradição permanente, e mesmo uma oposição latente, a este respeito, entre a apreciação popular e os ensinamentos da sabedoria sacerdotal. Só o nosso Mestre conseguiria dissipar esse conflito, graças à regeneração moral que Ele deveu ao influxo da sua terna e immaculada Inspiradora.

O Catolicismo foi, pois, levado a estabelecer entre os diversos tipos femininos a seguinte jerarquia: Virgem, Viúva, e Esposa. Na viúva se confundiam os tipos da Mãe e da Esposa, purificados pela dissolução que a morte trazia ao laço conjugal. O nosso Mestre mostrou que esta apreciação prática correspondia à seguinte jerarquia abstrata entre as nossas qualidades morais:

pureza, ternura, energia.

Ao passo que, no conceito popular, a ternura prevaleceu sempre sobre a pureza, colocando a Mãe e a Esposa acima da Filha e da Irmã. Em resumo, a influência católica, para desenvolver a pureza, determinou a condensar as homenagens que os antecedentes romanos faziam tributar ao sexo feminino nos dois tipos de Virgem e de Mãe.



Porem, ao mesmo tempo que essa evolução se operava nos sentimentos e opiniões populares, o conjunto das exigências sociais forçava o novo dogma a realçar gradualmente a doce figura, a princípio quazi apagada, da Mãe do Redentor. Com efeito, já mostrámos qual o concurso de circunstâncias que determinarão S. Paulo a complicar o seu monoteísmo, instituindo o mistério da Incarnação e os que lhe são conéxos. O conjunto das populações ocidentais incorporadas pelos romanos não teve nunca dificuldade em aceitar tal concepção, sem tentar aprofundar uma crença cuja necessidade política e moral sentia. O mesmo não se deu com o meio helenizado. Os sofistas provenientes das escolas incoerentes e retrógradas de Sócrates e Platão procurarão apanhar o que era fatalmente incompreensível, e emaranhárão-se em uma série de subtilidades para explicar a união entre a *natureza divina* e a *natureza humana* na pessoa do Redentor. O carácter fictício das crenças teológicas não teria permitido mesmo chegar, a tal respeito, a nenhum acordo, embóra transitório, sem o acendente do poder prático. É por isso que o concurso de Constantino, de Teodózio, e de Santa Pulquéria, foi indispensável à constituição do poder espiritual, destinado a prezidir à evolução mediéva.

Enquanto o Catolicismo se achou na faze da propaganda, essas discussões sem saída filozófica ficarão entrégues ao seu jogo natural, de modo a patentear, pelas predileções populares, quais as concepções que mihiór se adaptávão às exigências da situação política e moral. Mas, quando o compléto esgotamento do politeísmo e o acendente popular do monoteísmo pauliniano determinarão a ditadura romana a colocar-se à testa da revolução religiôza, foi imprecindível pôr termo a essas disputas sem destino social e sem fim teórico. Uma sociedade não pôde ser governada sem princípios fixos. S. Paulo sentiu essa necessidade, como o evidencia a seguinte passagem do cap. I da *Epístola aos Galatas*:

« Porque não ha outro evangélho, si não é que ha alguns, que vos perturbão, e quêrem transtornar o Evangélho de Cristo: *Mas ainda quando nós mesmos ou um Anjo do Céu vos anuncie um evangélho diferente do que nós vos temos anunciado, seja anátema.* Como já vo-lo dissemos, agôra de novo tambem vo-lo digo: Si alguém vos anunciar

um evangelho diferente daquele que recebestes, seja anátema. »

Mas só o nosso Mestre veio satisfazer esse desiderato, instituindo, graças à evolução científica que Ele acabou, uma *doutrina inalterável, sempre superior aos seus órgãos quaisquer*. (CATECISMO POZITIVISTA. Trad. braz., 1ª ed., pg. 220.) Então ficou também patente que a fixidez dos princípios, longe de significar *imobildade*, implica, pelo contrário, a conciliação permanente entre a Ordem e o Progreço, entre a *imutabilidade* e a *modificabilidade*, conforme o tipo inaugural oferecido pelas leis matemáticas e astronómicas.

Foi, pois, para a fixação do dógma católico que convergirão empiricamente as atenções da ditadura romana, tornada monoteica. No ano 311, foi promulgado, em nome de Glicério, Licínio, e Constantino, o edito que pôs termo à última perseguição contra os cristãos. No ano seguinte (312), Constantino e Licínio promulgaram o edito de Milão, chamado da *tolerância*, garantindo a liberdade religiosa a todos os habitantes do Império, e mandando restituir aos cristãos os bens que lhes haviam sido confiscados. Dois anos depois (314), as dissensões da Igreja faziam Constantino convocar o concílio de Arles. Nesse concílio foi decidida a questão relativa à compatibilidade do serviço militar com a fé católica. Um dos cânones dispunha que: « Aqueles que deixassem as armas durante a pás da Igreja seriam separados da comunhão. » E Fleury acrescenta: « Sob os imperadores cristãos, os fiéis não tinham mais razão de temer a profissão das armas, como faziam antes, por causa do perigo da idolatria. » (*Hist. Eccles.*, I, pg. 414.)

Essa questão era de importância capital, porque o regime político a que o Catolicismo ia presidir era forçosamente militar. Apenas a guerra, que fora *conquistadora* na civilização romana, devia adquirir sistematicamente o carácter *defensivo* que os tres últimos séculos lhe haviam gradualmente imprimido. Ora, independentemente da questão da idolatria, o dógma católico, *considerado em abstrato*, parecia condenar todo recurso à violência. Origines, Lactâncio, Tertuliano, tinham profligado qualquer participação na atividade militar. Mais de um fiel havia sofrido o martírio por não querer servir na *milícia*. Entre

estes, citão-se S. Massimiliano, em 295, em Theveste, na Numídia, e S. Teogênio em Cízico. (Vide Léon Gauthier, *A Cavalaria*, pg. 8.)

Desde a decisão do concílio de Arles, a *teoria católica da guerra defensiva* foi se desenvolvendo até S. Bernardo. (Ibidem, pgs. 5-14.)

Instituída assim a harmonia geral entre o novo regimen público e o monoteísmo ocidental, Constantino não tardou em convenecer-se da urgência de definir preeizadamente o novo dógma. Para isso ele convocou um *concílio eucumênico*, isto é, de toda a terra habitável. « A eoiza, continua Fleury, era até então sem ezenuplo; a Igreja não tinha tido liberdade de fazer tão grandes assembléias sob os imperadores pagãos, e Constantino acabava apenas de reunir todo o império na sua pessoa, pela derrôta de Licínio. Ele escolheu para lugar da assembléia a cidade de Nieéia, uma das principais da Bitínia, vizinha de Nicomédia, onde ele rezidia. » A primeira sessão do concílio teve lugar a 19 de Junho de 325; Constantino a abriu em pessoa. Nesse concílio foi decidido o *primeiro símbolo* canônico da nova fé. Ele é concebido nestes termos:

« Cremos em um só Deus, pai todo poderoso, criador de todas as coizas vizíveis e invizíveis, e um só Senhor Jezus Cristo, filho único de Deus gerado do pai, isto é da substância do Pai, Deus de Deus, lus de lus, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus; gerado e não feito, consubstancial ao pai, pelo qual todas as coizas fôão feitas no Céu e na Terra. Que por nós outros homens, e para nossa salvação deceu dos Céus, incarnou-se e fêz-se homem, sofreu, e resuscitou no terceiro dia, subiu aos Céus, e ha de vir a julgar os vivos e os mortos. Creuos também no Espírito-Santo. Quanto aos que dizem: Ha um tempo em que ele não era e ele não era antes de ser gerado, e ele foi tirado do nada, ou que pretendem que o filho de Deus é de uma outra hipostaze, ou de uma outra substância mutável, ou alterável, a santa Igreja católica e apostólica lhes dis anátema. » (Vide Fleury, Liv. XI, cap. XIII.)

Como se vê, ainda não ha aí a minima referênciã à Mãe do Redentor. Também o epíteto de *romana* não caracteriza a Igreja católica e apostólica. E, de fato, o papa de Roma não tinha então sobre os outros bispos uma primazia reconhecida. A palavra *papa*, dis Bergier no seu *Dicio-*

nário de Teologia, significa *pai*, e foi dada outróra, não sómente aos bispos, mas aos simples padres.

Os bispos de Roma pretendêrão essa supremacia desde o segundo século. Mas a preponderância deles só começou a tornar-se deciziva depois que Constantino mudou a capital, do Império para Bizâncio, onde ele fundou Constantinópla, cinco anos depois do concílio de Nicéia (330). « O nome de Roma, dis o nôsso Mé-tre, transportou justamente o seu incomparável prestígio para aqueles que se tornávão então os verdadeiros herdeiros do politeísmo social, à medida que a sua destinação prática os desprendia milhór da degeneração grega, desde então concentrada nos seus rivais bizantinos. » (*Política*, III, pg. 464.)

No concílio de Roma, em 378, os bispos da Itália, dirigindo-se ao imperador Graciano, dizião ainda:

« Que o *nôssso irmão* Damázio não seja de piór condição do que aqueles *acima dos quais* ele se acha elevado pela *prerogativa da sé apostólica*, conquanto *thes seja igual em funções*, etc. » (Fleury, Liv. XVII, cap. XII.)

O rescrito de Graciano em satisfação dêssa carta assinou pela primeira vês a prerogativa do bispo de Roma. Mas foi Valentiniano III quem, por um rescrito de 6 de Junho de 445, e por solicitação do papa S. Leão I, o Grande, decretou a supremacia do papa de Roma sobre todos os bispos occidentais. Contudo, tal supremacia nunca se tornou universal entre os bispos que aceitáráo o símbolo de Nicéia, e as lutas entre a Igreja grega e a Igreja romana acabárão por determinar, no fim do IX século (866), a definitiva separação de ambas, apesar do dógina comum. Enfin, foi só Gregório VII, o grande Hildebrando, * que no fim do XI século (1081) se fêz attribuir escluizivamente o título de papa, que daí por diante se tornou sinônimo de Sumo Pontífice.

Assim, o mais antigo símbolo canônico da fé católica não contem a mínima alusão à Mãe do Redentor. É verdade que, mais tarde, se formou uma lenda, attribuindo aos Apóstolos o símbolo que é hoje vulgarmente conhecido no Ocidente. Poreni, para reconhecer a inconsistência de similhante lenda, basta reflectir que os *Atos dos Apóstolos* não fálão em tal coiza, e, por outro lado, não é admissível

* Foi no artigo PAPA, do *Dicionário Larousse*, que encontrámos essa referência ao papa Hildebrando.



quê, si ezistisse um Símbolo feito pelos Apóstolos, o concílio de Nicéia tivêsse ousado formular um outro. Aliás, eseritores católicos confessão a falta de autenticidade da tradição de que se trata. Assim, Bergier, no *Dicionário de Teologia*, já citado, dis que "o fato foi narrado por eseritores do IV século, que não citão nenhum autor anterior."

O símbolo de Nicéia não conseguiu pôr termo às divagações gregas, então concentradas no Arianismo. A questão era capital, porque a ella se prendia a instituição sistemática da separação entre o poder temporal e a autoridade espiritual, baze do regímen mediévo. O imperador Teodózio-Magno reünio, pois, nos fins do IV século, no ano 381, o concílio de Constantinópla, onde foi desenvolvido o símbolo de Nicéia. « É esse símbolo de Constantinópla, dis Fleury, que nós dizemòs na Missa. »

Eis aquí o símbolo de que se trata, comparado cõ o de Nicéia, conforme se acha no *Dicionário das Religiões* de Bretrand. As adições vão em itálico:

« Cremos em um só Deus, Pai todo poderoso, *criador do céu e da terra, de todas as coizas viziveis e inviziveis; e em um só Senhor Jezus-Cristo, Filho único de Deus, nacido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, lus de lus, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado e não feito, consubstancial ao Pai, pelo qual tudo que ha no Céu e na Terra foi feito; que por nós hõmens e por nõssa salvação deceu dos céus, incarnou-se do Espírito-Santo, nasceu da Virgem Maria, fêz-se hõmem, foi crucificado por nós sob Põncio Pilatos, sofreu, e foi sepultado; ressuicitou no terceiro dia segundo as Eserituras, subiu aos céus, está sentado à direita do Pai, donde virá ainda com glória para julgar os vivos e os mórto; e o seu reino não terá fim. Cremos tambem no Espírito Santo, Senhor e vivificante, que procêde do Pai, que deve ser adorado e glorificado com o Pai e o Filho, que falou pelos profetas. Cremos em uma só Igreja santa, católica e apostólica. Confessamos um batismo para a remissão dos peccados. Esperamos a resurreição dos mórto e a vida do século futuro. Amen. »*

A Virgem-Mãi é aquí mencionada; mas, como se vê, a referência a ella tem por fim apenas caracterizar bem a natureza humana do Redentor. A participação de Maria

nesse mistério ficou, porém, ainda tão pouco assinalada, que deu lugar a novas divagações, de que se fêz órgão o patriarca de Constantinópla, Nestório. Para acabar com elas, Teodósio II resolveu convocar o concílio de Éfeso, no mesmo ano em que espirou Santo Agostinho (28 de Agosto de 430). Este fora especialmente convidado a tomar parte no concílio. Mas a carta de convite do imperador já o encontrou morto. S. Cirilo de Alexandria foi o grande defensor da fé católica nesse momento.

O concílio reuniu-se, na igreja de Santa Maria, a 22 de Junho do ano 431; declarou solenemente que competia a Maria o epíteto de *Mãe de Deus*; condenou e, portanto, depôs Nestório. Pôde-se ver na *História Eclesiástica* de Fleury o que não custou para o imperador Teodósio II aceitar essa decisão; e tudo leva a crer que a sua resolução final foi devida à influência de sua irman, Santa Pulquéria. Os termos da condenação de Nestório patentéiam bem que não se tratava da Virgem-Mãe, mas sim do Redentor. Ei-los:

« Nestório tendo, entre outras coisas, recusado obedecer à nossa citação e receber os bispos enviados da nossa parte, fomos obrigados a proceder ao exame das suas impiedades, e tendo-o convencido, tanto pelas suas cartas, como pelos seus outros escritos, e pelos discursos que ele proferiu ha pouco nesta cidade, provados por testemunhas, de pensar e ensinar impiedades, reduzidos a essa necessidade pelos cânones e pela carta do nosso *santíssimo pai e colega Celestino, bispo da Igreja romana*, depois de havermos muitas vezes derramado lágrimas, tivemos de chegar a esta triste sentença. *Nosso Senhor Jezus-Cristo que ele blasfemou* declarou por este santo concílio, que ele fica privado de toda dignidade episcopal e separado de toda a assembléa ecclesiástica. » (Fleury, Liv. XXV, cap. XLII.)

Como se vê, esta sentença não fás a mínima referência a Maria. E, de fato, a Virgem-Mãe não se achava sinão *indirectamente* implicada no debate. Não foi o seu culto especial que levou os bispos de Éfeso a proclamárem-na *Mãe-Deus*, e sim a necessidade de definir a natureza humana do Redentor. Leia-se em Fleury toda a história da herezia de Nestório, e não ficará a mínima dúvida a este respeito. Considere-se, por outro lado, que o culto dos

Santos em geral, e especialmente o culto da Virgem-Mãe, bem como a Cavalaria, só foram *sistematizados* pela Igreja romana a partir dos fins do x e princípios do xi século, e reduzir-se-á ao seu justo valor o alcance da decisão de Éfeso no que concerne ao culto de Maria.

Essa decisão sacerdotal veio, entretanto, oferecer um apoio dogmático às tendências populares, e especialmente *femininas*, que conduzião os Ocidentais para a adoração da Virgem-Mãe. Por outro lado, a situação política patenteava já os caracteres práticos que fão favorecer o acendente do culto de Maria sobre a parte mais *enérgica da massa masculina*. Tal foi o resultado dos antecedentes romanos urgidos pelas invazões cada vês mais multiplicadas dos politeístas do norte. « A infeudação jerárquica, e mesmo a *tendência cavalleiresca*, começaram a tornar-se por toda parte apreciáveis de maneira a suscitar já alguns tipos pessoais, sobretudo o eminente Aetio, igualmente *decizivo* sob um e outro aspéto. » (*Política*, III, pg. 464.) Quanto à pretensão de atribuir uma origem germânica a ambas essas instituições, lembraremos a seguinte apreciação do nosso Mestre :

« ... Todo o regímen da idade-média não oferece de *verdadeiramente peculiar* às origens germânicas sinão o uzo do duélo, resultante de um insufficiente esgotamento do surto militar, e tanto mais tenás quanto mais tardia foi a invação, como o testemunha indirétamente a tendência mais processiva de uma província franceza. » (Ibidem, pg. 467.)

Depois de haver indicado as circunstâncias que determinarão o *advento* do culto de Maria, devemos explicar sumariamente o seu surto. Para isso, lembraremos o quadro geral da evolução mediéva, segundo o nosso Mestre. Essa evolução durou nove séculos, repartidos por tres fazes successivas, compôstas cada uma de cerca de tres séculos. « A primeira, desde o começo do quinto século até o fim do sétimo, corresponde ao estabelecimento fundamental da nova occidentalidade, sob o conjunto dos conflitos espirituais e temporais. Durante a segunda, que finda com o x século, essa agregação se consolida e se completa, desenvolvendo a guerra defensiva para com as populações politeístas, únicas verdadeiramente incorporáveis à catholicidade. A terceira faze, prolongada até o fim do xiii século, ter-

mina a fundação da república ocidental, mediante a sua atividade coletiva contra as invazões monoteístas, que não comportarão nenhuma saída por assimilação. » (*Pcllt.*, III, pg. 465.)

« Déve-se admirar pouco que, desde essa primeira faze, e mesmo antes que a sucessão das invazões tivesse podido cessar assás, os costumes feudais se tivessem tornado desde já plenamente apreciáveis... — A influência feminina se manifestou então por tres tipos dignamente santificados: a admirável espoza (Santa Clotilde) do fundador da monarquia franceza (Clóvis), a humilde virgem (Santa Genovêva) diante da qual soube se inclinar um enérgico invazor (Átila), e a nóbre escrava (Santa Batilde) que nenhum prejuízo impediu de elevar ao primeiro trono do Ocidente (França). Apreciação-se sobretudo os costumes d'essa faze demaziado menosprezada, mediante o seu profundo contraste com o do século eccepcional (IV), no qual o triúmfô do monoteísmo já havia entretanto modificado a existência romana. Esta comparação deciziva déve hoje conduzir os verdadeiros filózos a respeitar a *ezageração* poética que fêz remontar o início especial da cavalaria até o primeiro advento de seus principais caractéres, embóra o seu surto não haja podido se tornar então complêto. » (Pgs. 467-468.)

Foi no fim d'essa faze que surgiu o Islamismo, conforme já notámos.

Durante a segunda faze (VIII, IX, X séculos), « completou-se a elaboração do Catolicismo pelo desenvolvimento do culto dos santos, até então insuficiente, por falta de antecedentes, sob um dógma forçado a reprovar todos os tipos estranhos. Os seus se achávão assás multiplicados, em virtude da faze inicial para permitir uma digna estensão d'essa instituição necessária, cuja milhór aplicação concérne esse tempo de abnegação e eficácia. A sua reacção *milhorou* a constituição dogmática do Catolicismo, regulando aí o gênero e o grau do politeísmo exigido pela destinação popular da fé monoteica, assim provida da justa especialidade de adoração, e mesmo de esplanção. As irracionais críticas dos protestantes e dos deístas dêvem, a este respeito, dispor milhór os filózos a sentírem o mérito de um culto que *impelia para a sociolatria, fazendo prevalecer os tipos humanos*, ao passo que o régimen correspondente tendia para a sociocracia. Sob esse duplo aspêto, o con-

traste do monoteísmo bizantino pôde também concorrer para caracterizar mais o verdadeiro Catolicismo. Uma população que, para compensar a secura monoteísta, escolhia ávidamente as fadas árabes e scandinavas, tinha precizão que o desenvolvimento da instituição dos santos viesse alimentar milhór o seu coração, e mesmo o seu espírito. Essa condição se achou plenamente realizada, pois que esses tipos se tornáram mais especiais do que os deuses, cada um dos quais não ficou jamais provido de um departamento único, afim de que a sua independência não o fizesse assim confundir com os fetiches correspondentes.

« Além de sua eficácia moral, o culto dos santos exerceu mentalmente uma importante reação, pela vulgarização espontânea das noções históricas naturalmente ligadas a cada biografia, e até às legendas especiais. Conquanto o Catolicismo, cegamente restrito ao seu próprio passado, fosse incompatível com o verdadeiro espírito da história, o sacerdócio se esforçou por compensar aí esse vício; instituindo a história eclesiástica, ligada ao conjunto dos antecedentes judaicos, e mesmo à ditadura romana. Assim surgiu, no Ocidente, um ponto de vista histórico mais abstrato e mais universal do que o da antiguidade, sempre limitada a anais puramente nacionais. A educação do clero podia só desenvolver convenientemente tal melhoramento, cujo alcance cada século aumentava. Porém, além da sua introdução sumária na instrução comum, esse ensino abstrato achou-se sobretudo popularizado, sob forma concreta, mediante a celebração dos santos, que familiarizem os Ocidentais com as principais fazes da catolicidade. » (*Política*, III, pgs. 475-476.)

A terceira fase (XI, XII, XIII séculos) assistiu ao completo desenvolvimento da vida feudal, que sucitou em breve o surto conéxo da influência feminina e da instituição eavallehesca. Distintamente surgidas e gradualmente estendidas, tanto uma como a outra não tinha podido até então se caracterizar suficientemente, por falta de uma situação conveniente. A primeira fase tendo fundado os costumes do castelo, a segunda manifestou os da corte; de sorte que a dupla influência, privada e pública, peculiar ao sexo afetivo, achava-se assás esboçada já. Porém, a terceira fase acabou só de a constituir, mediante a combinação espontânea dessas duas atribuições em cada residência feudal, na qual se mis-



turávão felismente as famílias. Ao mesmo tempo, a tendência cavalleiresca, limitada antes a tipos puramente individuais, embóra eada vês mais multiplicados, desenvolveu-se em uma classe numeróza, regularmente instituída, apesar da justa independência dos seus membros, que souberão conciliá-la com o coneurso. Essa constituição rezultou do princípio feudal que deveu concentrar os feudos nos primogênitos, afim de assegurar o seu serviço e garantir a sua integridade, o que deixou muitos nóbres tão desprovidos de riquezas como de funções, segundo as condições da vida cavalleiresca. Eles permanecerão, não obstante, devotados às suas famílias; como as mulhéres, obtendo mais influência, subordinarão-se millhór aos seus esposos, cujo nome substituirão ao dos seus pais, instituindo um uzo a princípio puramente aristocrático, porem em seguida universal. Eufim, o tipo da ezistência privada se completou, mesmo antes da inteira abolição da servidão, pela estensão e o millhoramento da domesticidade, desde então honrada mediante a sua aplicação a todos os rangos, quér durante a educação, quér por sua analogia com eminentes funções. (*Política*, III, pgs. 383-484.)

« ... No XII século, o incomparável S. Bernardo veio fornecer, a todos os respeitos, o millhór tipo do Catholicismo completo, sobretudo na sua digna vitória sobre um perigozo sofista (Abelardo), honrado com um amor imerecido (Helóiza). O século final (XII) foi nóbrenmente inaugurado pelo grande S. Francisco (de Assis), que tentou em vão a única reforma que o Catholicismo comportava, substituindo um eléro necessariamente póbren ao sacerdócio deploravelmente enriquecido.

« Para apreciar completamente ésta digna regeneração, cujo aborto espontâneo manifestou a fatalidade que arruinou em breve o sistema católico, é preciso encarrar a sua reacção sobre o culto, e mesmo sobre o dógma. Embóra directamente limitada ao regimen, éla se ligou, desde a origem, às tendências do século das cruzadas para a preponderância da Virgem, que, a partir do duplo surto da influência feminina e dos costumes cavalleirescos, representava millhór do que Deus o único objéto final dos vótos occidentais, — a Humanidade. S. Bernardo tinha profundamente sancionado ésta aspiração deciziva, esforçando-se por sistematizá-la, mediante uma sábia espurgação do caráter místico



que comprometia a sua eficácia social. No XIII século, uma tentativa mais radical, preparada pelo piedoso utopista que Dante instalou no seu paraíso como dotado do espírito profético (Joaquim), realizou-se sob o digno predecessor de S. Boaventura no governo dos franciscanos (João de Parma). O seu livro, hoje menosprezado, porém então órgão das milhóres aspirações, esforçou-se por fazer nobremente prevalecer a terceira pessoa da trindade, para inaugurar o reinado do coração, afastando uma lei provisória que representava o acendente do espírito.

« Essa suave criação da Virgem, único resultado verdadeiramente poético do Catolicismo, tornou-se um produto coletivo do génio ocidental, como se reconhece comparando-o com o tipo bizantino, apesar da identidade das suas fontes dogmáticas. A sua elaboração, gradualmente preparada desde o início da transição afetiva (V século), pertence sobretudo à terceira fase, sob o impulso da cavalaria, que deveu procurar no céu a dama comum dos corações dezo cupados. Fazendo habitualmente prevalecer tal adoração, tendia-se a reparar o vício fundamental resultante da onipotência do Motor Supremo (Deus), assim substituído por uma influência diretamente e puramente medianeira, que não devia livremente desenvolver sinão o amor. Esta santa idealização do tipo feminino tornou-se mais apta do que a natureza divina para preparar a concepção final da Humanidade, embora não pudesse representar assás a inteligência, e sobretudo a atividade, que devem ceder ao sentimento a personificação do Gran-Ser. Por isso, apesar do aborto necessário da reforma do XIII século, esse culto, precursor espontâneo da sociolatria, creceu sempre, através da anarquia moderna, entre os Ocidentais que milhór mantiverão a continuidade moral e social (Italianos e Espanhóis. » (*Política*, III, pgs. 485-486.)

No seu *Discurso sobre o conjunto do Positivismo*, publicado em Julho de 1848, o nosso Mestre desenvolvera essa apreciação final:

« ... Esse sintoma espontâneo (da direção dos corações ocidentais para o culto da Humanidade) torna-se sobretudo decisivo quanto ao culto da Mulher, preâmbulo característico do verdadeiro culto da Humanidade. A partir do XII século, a Virgem obtem, sobretudo na Espanha e na Itália, um acendente crescente, contra o qual o sacerdócio freqüen-

temente reclamou em vão, e que ele foi por vezes forçado a sancionar, para conservar a sua própria popularidade. Ora, esta suave criação estética não pôde atrair uma adoração direta e privilegiada sem alterar radicalmente o culto em que surgiu. Ela é própria para servir de intermediário entre o regímen moral dos nossos antepassados e o dos nossos decedentes, transformando-se pouco a pouco em personificação da Humanidade. Mas essa feliz transição não poderia emanar do sacerdócio oficial, mesmo italiano ou espanhol. Ela achará órgãos mais puros na intervenção feminina que deve propagar o Positivismo entre os nossos irmãos do Meio-dia. » (Ibidem, ed. de 1848, pg. 352.)

Com o XIV século abre-se a tremenda revolução a cujas devastações finais estamos assistindo. Então Dante, tornando-se o herdeiro das tradições cavalleirescas, as resume na Divina Comédia, dando à poesia ocidental o impulso indispensável ao entretenimento do culto da Mulher. Graças a essa sublime iniciativa, os milhóes corações masculinos pôdem proporcionar ao sexo afetivo um precioso concurso para a defeza das conquistas morais e políticas da idade-média, enquanto a *ciência* e a *indústria* se vão elaborando no seio de uma anarquia crescente. Depois de dois séculos de decomposição espontânea (XIV e XV), o organismo católico-feudal começou a ser sistematicamente destruído. O protestantismo inaugura às cégas essa fatal ruína, e divide o Ocidente em dois grupos que parecem rivais: os povos do norte acéitão a *pretensa reforma*, ao passo que os do sul a repêlem. E é o culto da Virgem-Mãe que resume os motivos de repugnância dos Espanhóis e Italianos contra os revoltados, como o nosso Mestre fás ver na seguinte passagem da *Política*:

« . . . Mas os povos tñhão já repellido a sequidão moral de uma doutrina cujas diversas seitas só concordávão em rejeitar as milhóes instituições do Catolicismo, — o purgatório, o culto dos santos, e *sobretudo a adoração da Virgem, verdadeira Deusa dos corações meridionais.* » (*Política*, III, pg. 548.)

Tornando-se digno órgão d'essa repulsa, Santo Inácio de Loyola institui então a célebre companhia que tem sido tão mal apreciada, mas que o nosso Mestre julgou assim:

« . . . é preciso primeiramente julgar o principal esforço da resistência católica contra a dissolução do monoteísmo.

« Consistiu ele na tentativa do jezuítismo para regenerar o papado, cujo officio espiritual se tinha verdadeiramente tornado vago, a partir da sua transformação temporal. Centro necessário do sistema católico, a sua decadência, aberta ou tácita, tinha suscitado todas as alterações que experimentávam por toda parte o regímen, o culto, e mesmo o dógma. Profundamente convencido d'essa conexão, o eminente fundador do Jezuítismo (Santo Inácio de Loyola) esforçou-se, sob um título modesto, por instituir, ao lado do príncipe romano, um verdadeiro papa, livre chefe de um novo cléro, capás de superar o protestantismo, reorganizando o Catolicismo.

« Similhante destinação torna-se irrecuzável estudando a natureza e a marcha d'essa instituição, não sómente no seu começo, mas também durante a sua primeira geração, por demais confundida hoje com o resto da sua carreira. O nobre entusiasta que a fundou, annunciando-se ao mesmo tempo como o defensor do Catolicismo e o *adorador da Virgem*, meréce ser erigido sociologicamente em digno continuador da reforma do XIII século (a de S. Francisco de Assis), cujo malogro quis reparar. Vivamente indignado com a degradação que o poder espiritual tinha sofrido por toda parte, sob diversas fórmãs, desde os fins da idade-média, ele tentou sustar a dissolução religiôza, reconstruindo a catholicidade mediante o culto da Deuza occidental.

.....
« Tal foi a *verdadeira reforma* do XVI século, abortada mais prontamente e mais completamente do que a do XIII, por uma influéncia mais desenvolvida da mesma fatalidade. . . » (*Política*, III, pgs. 553-555.)

Para acabar de caraterizar a evolução do culto da Virgem-Mãe, só nos résta indicar a sua relação com a sublime utopia em que o nósso Mestre condensou a Religião final. Todos os trechos dele relativos a esse assunto, e as poucas explicações que lhes podíamos juntar, achão-se reunidos no opúsculo acerca das suas *Últimas concepções*, e que escrevemos para servir de apêndice ao *Catecismo Positivista*. Limitar-nos emos, porem, a extrair deste volume as seguintes passagens:

« Afim de proceder milhór, convem primeiro explicar uma instituição religiôza, destinada especialmente a rezumir o conjunto do nósso aperfeiçoamento, fizico, inte-

lectual, e moral, concentrando-o em um progresso decisivo. Consiste ele em sistematizar a procriação humana, tornando-a exclusivamente feminina. Mas antes de examinar esta utopia, indicada nos capítulos precedentes, devo caracterizar o seu destino, em virtude da necessidade de condensação peculiar a qualquer síntese, mesmo parcial, e sobretudo geral.

« Tal concentração torna-se a consequência natural e o complemento necessário da divisão dos dois poderes, que é só o que o permite suscitando a sistematização, e o exige separando a teoria da prática. Não se pôde desde então evitar ou reparar a dispersão dos sentimentos e dos pensamentos senão resumindo a síntese por uma instituição especial, para a qual convirjam as principais emoções e concepções. Mas essa necessidade comporta *dois modos distintos* de satisfação, os *místicos* ou as *utopias*, conforme a religião é teológica ou positiva.

« O único exemplo decisivo de tal complemento deveu, pois, emanar do Catolicismo, instituindo, desde o seu começo, o incomparável sacramento da Eucaristia, para resumir ao mesmo tempo o seu culto, o seu dogma, e mesmo o seu regime. Esta admirável condensação caracterizava por tal forma o monoteísmo ocidental, que este perdeu toda a consistência logo que ela foi alterada. Mas, conquanto ela mereça uma eterna veneração, como primeiro tipo das conclusões sintéticas, a mesma necessidade deve ser satisfeita por outro modo na religião positiva. Com efeito, a sistematização católica ficava essencialmente limitada ao sentimento, sem poder abraçar assás a inteligência nem a atividade, cujas exigências soube iludir enquanto durou a transição afetiva. Pelo contrário, a plenitude necessária da síntese positiva obriga a instituição que deve resumir a a representar simultaneamente os três elementos da natureza humana, segundo a verdadeira subordinação deles. É preciso, em uma palavra, que a sua conclusão sintética concilie a ordem e o progresso, instituindo um progresso que desenvolva o conjunto da ordem. Ora, tal é a aptidão das utopias convenientemente construídas, cujo surto crescente indicou, sem satisfazer, a necessidade de unidade surgida da anarquia moderna. » (Ibidem, IV, pgs. 273-274.)

E, depois de espor a teoria histórica e dogmática das utopias positivas, o nosso Mestre diz:



«Eis como sou conduzido a representar a utopia da Virgem-Mãe como o resumo sintético da religião positiva, cujos aspectos são todos combinados nela. A sua apreciação especial pertence ao tratado que prometi, para 1859, sobre a moral teórica e prática. Só posso aqui coordenar as principais indicações a este respeito.» (Ibidem, iv, pg. 276.)

Ségue-se a explicação dos fundamentos científicos de semelhante concepção, que mostram o conjunto do dogma positivo resumido nela, e depois a sua aptidão a condensar o regime normal. Esses pontos são desenvolvidos em vários outros tópicos que se achão reunidos no opúsculo mencionado. À vista do destino especial deste escrito, os omitimos aqui. Mas devemos terminar com os trechos que se referem à instituição atual do culto positivista da Mulher, idealizada no tipo da Virgem-Mãe. Depois de haver inaugurado o ano com a celebração da Humanidade, como preâmbulo *abstrato* à comemoração das suas grandes *personificações* segundo o *Calendário histórico*, o nosso Mestre dis:

«Quanto ao segundo complemento, uma explicação especial torna-se agora indispensável. Ele consiste em fundar a adoração coletiva dos representantes do Gran-Ser, instituindo o *culto abstrato* da Mulher, pela festa pública da Virgem-Mãe, na qual a transição orgânica *incorporará a si o melhor resumo da idade-média*. Conservando o dia católico de tal celebração (15 de Agosto), os verdadeiros crentes farão espontaneamente sentir aos seus irmãos atraídos a aptidão característica da religião relativa para *manter e desenvolver todos os germens emanados das fés absolutas*. A sociolatria conciliará assim os tres monoteísmos (judáico, católico, e islâmico), mostrando aos corações cristãos o fundador do islamismo (Maomé) escolhendo a judia excepcional para principal tipo do sexo cujo digno culto esboçou. Assim ficará completada, em meados do ano, a celebração que seu início caracteriza, quando a aplicação solene do calendário histórico tiver feito assás apreciar a Virgem-Mãe como idealização espontânea da Humanidade.» (Ibidem, iv, pgs. 411-412.)

Enfim, o nosso Mestre acabou as suas apreciações a tal respeito por estas bellíssimas reflexões:

«Não se pôde instituir de um modo digno o culto do sexo amante, enquanto a maternidade permanece incom-

patível com a pureza. Eis' porque a cavalaria acolheu e desenvolveu a ficção católica na qual a idealidade supria as imperfeições da realidade. Para sentir quanto a incomparável suavidade do tipo místico da mulher é devido mais à ternura feudal do que à fé cristã, basta comparar o seu surto ocidental com o seu malogro bizantino, apesar da identidade dogmática. Longe de anunciar o acendente universal do Catolicismo, o culto dos cruzados indicava o esgotamento interior do monoteísmo europeu, no qual a Virgem tendeu desde então a substituir Deus, que ela suplantou radicalmente nos católicos meridionais. Semelhante antagonismo torna-se irrecuzável notando a coincidência crescente entre o advento social do mistério feminino e a decadência mental do sacramento eucarístico, no qual consistia o verdadeiro rezumo da religião de S. Paulo. Durante o século que precedeu as cruzadas (décimo), essa crença sucitou a esploção deciziva das dúvidas sempre desenvolvidas a partir dessa época, à medida que as simpatias cavalleirescas modificávão a síntese católica. Doutrina alguma comportando dois rezumos, por mais conciliáveis que parêçam, o novo módo de condensação indicava a tendência instintiva dos Ocidentais para o culto que é o único capaz de satisfazer igualmente a ambos os sexos.

« Uma comparação direta permite apreciar a afinidade fundamental que devia erigir o culto ocidental da Virgem-Mãe em preâmbulo espontâneo da adoração universal da Humanidade. Porque o Gran-Ser realiza a utopia feminina fecundando-se sem assistência alguma estranha à sua própria constituição. Os sonhadores e os charlatans têntão já, uns facilitar o advento do novo culto, outros retardar a extinção do antigo, esforçando-se por unir Deus à Humanidade. Mas essas reações crescentes do surto positivista não podem jamais oferecer sérios perigos, porque os letrados, cada vês mais desacreditados, são os únicos que podem desconhecer a incompatibilidade radical entre o relativo e o absoluto. Eis como o Positivismo realiza a utopia medieval, representando todos os membros da grande família como saídos de uma mãe sem espozó. Em virtude de tal baze, o culto da transição desenvolverá, desde o começo, por uma sistematização deciziva, a transformação espontânea, para a qual as almas meridionais tendêrão cada vês mais, desde o XII século, e sobretudo depois da esploção nega-

tiva (Protestantismo). Ao mesmo tempo, a utopia feminina se incorpora na religião positiva, para os corações capazes de cultivar a sua eficácia subjetiva sem esperar a sua realização objetiva. » (Ibidem, IV, pgs. 412-413.)

Tal é o resumo da magestosa evolução que nos permite hoje atribuir simultaneamente à Humanidade, e a toda digna Mulher, o cântico e o voto que os dois sublimes intérpretes da idade-média, Dante e Tomás de Kêmpis, reservarão respectivamente para a Deusa ocidental e o seu predecessor celestial:

Virgine Madre, figlia del tuo figlio
Umile ed alta più che creatura,
Termine fisso d' eterno consiglio.

.....

Donna, sei tanto grande, e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz' ali.

La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.

In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

Amen te plus quàm me, nec me nisi propter te.



CONCLUZÃO

Reflessões acerca das simpatias que o exame da liturgia católica déve despertar entre os católicos e os positivistas; luzes que tal exame póde fornecer para a instituição da liturgia positivista.

O conjunto das considerações precedentes demonstra claramente que o culto católico se constituiu o herdeiro do Fetichismo e do Politeísmo pela celebração da Eucaristia, bem como se tornou o precursor imediato do Positivismo pela adoração da Virgem-Mãe. Além d'essa conclusão abstrata, as mesmas reflexões conduzem, porém, a consequências práticas, cuja consideração determinou mesmo a concepção e a redação deste opúsculo. É, pois, com a apreciação de tais consequências que devemos encerrar o presente escrito.

A primeira delas refêre-se às disposições simpáticas com que os verdadeiros católicos e, portanto, a totalidade da massa feminina e a maioria do proletariado, devem acompanhar os ensaios sociolátricos dos positivistas. Porque, reconhecendo que a liturgia católica se formou mediante a adoção de vestes, instrumentos, e cerimônias fetichistas, politeístas, e judaicas, nenhum crente sincero póde encarar como uma profanação do seu culto o fato de recorrermos às mesmas fontes. Os católicos fervorosos nos ficarão até gratos por isso, quando estiverem suficientemente esclarecidos a nosso respeito, porque o nosso exemplo lhes fornece os milhões argumentos contra o septicismo contemporâneo. Este ponto é bastante importante, para que insistamos sobre ele.

O Positivismo representa um grau de emancipação mental muito além daquele em que se achão os mais

ouçados ateus. Estes, como os deístas, não difereem filosoficamente dos católicos senão pelo fato de rejeitarem as conclusões dogmáticas que as *exigências morais e políticas* levirão espontaneamente S. Paulo e os seus sucessores a tirarem da *aplicação do método teológico-metafísico*. Preocupados *esclusivamente* com desvendar os *mistérios* da ordem cósmológica, como bem o caracteriza a denominação de *materialistas*, os ateus empregão, nesse intuito, o *mesmo processo lógico* que serviu de instrumento para construir o monoteísmo ocidental. Ora, o Positivismo rejeita qualquer concepção sobrenatural, justamente porque renunciou completamente ao *método metafísico*. E os nossos Fundadores fôrão levados a essa renúncia depois que a experiência secular da Humanidade tinha patenteado a inanidade de semelhante método em Cosmologia, e a sua inutilidade, como os seus desastres, em Política e Moral. Tal é, de fato, a explicação da inteira emancipação mental a que espontaneamente chegaram Augusto Comte, por um lado, e Clotilde de Vaux, por outro.

Pois bem, que melhor argumento pôde ser invocado, contra os ataques e as sátiras dos revolucionários quaisquer, do que o exemplo de espíritos totalmente libertados de preocupações extra-humanas? É em nome da *ciência*, envolta nas nebulosidades de uma metafísica individualista e portanto *egoísta*, que os materialistas e espiritualistas semi-emancipados agridem o Catolicismo. É em nome da *ciência*, despreendida de todos os entraves ontológicos, que o Positivismo sanciona as instituições políticas e morais inspiradas pelo mais puro altruísmo a S. Paulo e ao sacerdote mediévo, através dos negrumes da mesma metafísica. Refutando assim todos os sofismas sugeridos pelos nossos pendores pessoais, a Sociologia e a Moral positivas vêm sistematizar os ensinamentos da sabedoria católica, demonstrando irrevogavelmente que os estravios da inteligência se originão nas aberrações do coração. Uma e outra fazem ver que, si os revolucionários combatem hoje o Catolicismo, não é realmente porque este seja *absurdo*, visto como as quimeras do materialismo e do espiritualismo semi-emancipado não são menos absurdas do que os dogmas medievais. A verdadeira origem de tal opposição está, sem que muitos dos seus autores o percêbam aliás, nas sugestões egoístas contrariadas pelas prescrições altruístas de que o Catoli-



cismo se tornou órgão. Ora, não é possível que as almas honestas, sejam quais forem as suas predileções mentais, deixem de aceitar com gratidão um concurso tão precioso para a defeza das instituições religiôzas ameaçadas, mais do que nunca, de uma irremediável dissolução.

Consideremos agora os frutos que podem retirar, dos documentos reunidos neste opúsculo, aqueles que hoje se empênhão na propaganda da Religião da Humanidade. A mais calamitôza das mortes impediu que o nosso Mestre organizasse a liturgia da Religião final. Similhante construção devia naturalmente formar um dos objéto do seu duplo Tratado de Moral, teórica e prática. Essa irremediável fatalidade foi agravada pela impossibilidade em que Ele se viu de escolher um sucessor a quem confiasse o desenvolvimento sistemático do Positivismo. Desde então, o surto da regeneração social ficou entrêgue aos livres esforços dos que se fôsem convertendo à nova doutrina. E essa é a situação que infelizmente perdura.

Ora, seria inútil insistir sobre o lugar que deve caber à instituição do culto positivista no conjunto das nossas preocupações. Este opúsculo não é sinão um resumo e ao mesmo tempo uma aplicação dos ensinamentos do nosso Mestre sobre semelhante assunto. Quer se trate da existência privada, quer se trate da existência pública, o culto deve ser a base de toda a nossa ação. Porque é assim que conseguiremos, não só tornar-nos mais aptos para o cumprimento dos nossos deveres, mas também que asseguraremos mais eficazmente o nosso prozelitismo. Para dissipar qualquer hesitação a tal respeito, basta lembrar que, no plano traçado por nosso Mestre, como devendo dirigir a transição orgânica, o surto do culto positivo precede o ensino sistemático do dogma, e a instalação do régimen.

Mas não pôde existir culto sem um conjunto de instituições destinadas a traduzir esteticamente os nossos sentimentos, conforme já notamos. O culto íntimo mesmo não as dispensa, como o demonstram os ensinamentos e os exemplos do nosso Mestre. O culto doméstico as desenvolve; é, porém, no culto público que o cerimonial deve adquirir o seu maior esplendor. Pôde-se, entretanto, dizer que é sob esse aspecto que são maiores as nossas lacunas sociolátricas. De fato, os nossos sacramentos são conferidos com um ritual que, apesar da sua modéstia, é mais satisfatório

do que o cerimonial das nossas solenidades públicas. Entretanto, notando a influência capital que o culto público ezerce sobre a educação da primeira e da segunda infância, isto é, na época em que se fôrão os sentimentos e os hábitos, ninguém pôde deixar de perceber logo o prejuízo que da falta de uma liturgia pública rezulta para as novas gerações positivistas. Reflita-se, demais, nas reacções que as celebrações dos nossos sacramentos têm sobre os assistentes, mesmo alheios à nossa fé, e ver-se-á que a auzência de uma liturgia pública positivista lêza não menos os adultos do que as crianças.

O ezame da evolução da liturgia católica é bem apropriado para guiar-nos com segurança no esboço da solução desse capital problema. *Um problema não fica convenientemente posto sem uma solução qualquer*, — disse o nosso Mestre. Escrevendo à sua angélica Inspiradora, Ele caracterizava assim a nova doutrina: « trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao Positivismo, com melhoramentos radicais, tudo quanto o sistema católico da idade-média pode realizar ou siquer esboçar de grande e de terno. » (*Volume Sagrado*, 32.^a carta, de Augusto Comte a Clotilde.) Por outro lado, Clotilde, já emancipada do teogismo, escrevia no seu volume da *Journêe du Chrétien*: « Lembrança preciosa da minha mocidade, companheiro e guia das horas santas que soarão para mim, evoca sempre ao meu coração as cerimônias grandes e suaves da capella do Convento. » Finalmente, são dela também estas palavras: « A nossa espécie, mais do que qualquer outra, carêce de deveres para fazer sentimentos. » Reúnão-se todos esses textos, e chegar-se-á à conclusão de que o passado mediêvo nos fornece a saída do embaraço sociolátrico em que nos vemos. Porque eles nos levão logo a constituirmo-nos *critériôzamente* os herdeiros da liturgia católica, como o Catolicismo o foi dos ritos anteriores. Para isso, será sufficiente incorporar intimamente ao Positivismo, com os melhoramentos ao nosso alcance, tudo quanto vimos realizado ou siquer esboçado de *grande e de terno* nas cerimônias que Clotilde qualificou de *grandes e novas*.

No intuito de precizar millhór éssas indicações gerais, confrontemos uma dessas cerimônias com o tipo da oração positivista. Para isso, comecemos por caracterizar esta sufficientemente. O nosso Mestre dis, no seu *Catecismo*:



« Cumpre distinguir nesta (na oração) duas partes sucessivas, uma passiva, outra ativa, que respectivamente concernem o passado e o futuro unidos pelo presente. Nosso culto exprime sempre um amor motivado e desenvolvido por um reconhecimento crescente. Cada oração, *privada ou pública*, deve, pois, preparar nos a *efusão* pela *comemoração*; esta durará ordinariamente o dobro daquela. Quando uma feliz combinação de *sinais* e *indúgens* consegue reavivar assás os nossos sentimentos para com o ente adorado, nós os expandimos com verdadeiro fervor, que logo tende a aumentá-los ainda, e, portanto, a aproximar-nos mais da evocação final. » (*Cat.*, pg. 78, 1ª edição. Trad. brasileira.)

As explicações em que o nosso Mestre entrou, acerca do culto íntimo, bem como o seu exemplo, nos permitem conceber mais detalhadamente a oração pública. Encetemos pelo exame da Comemoração. Convem distinguir aí duas fases: a primeira tem por fim celebrar um dos aspectos particulares da existência da Humanidade, e recebe por isso o nome de *Comemoração especial*; a segunda honra o conjunto da evolução do Gran-Ser, e forma a *Comemoração geral*. As duas são precedidas de um *Préambulo* invariável, destinado a instituir a continuidade entre cada festa sociolátrica e a precedente. Assim constituído, um *Ofício* da Humanidade tende a despertar os sentimentos da mais vasta solidariedade e de eterna continuidade, mediante a recordação do seu Passado e a contemplação do seu Porvir, ligados um ao outro pelo espetáculo do seu Presente. Porque a comemoração glorificará os esforços contínuos da Prioridade, tendo em vista a Posteridade; ao passo que a efusão exprimirá o reconhecimento da Atualidade para com o Passado e a sua dedicação para com o Futuro. Esse *Ofício* caracterizará, pois, simultaneamente o nosso amor, a nossa fé, e a nossa esperança.

Semilhante instituição não conseguirá, porem, satisfazer o seu destino, si não for suscetível de reagir sobre ambos os sexos e sobre todas as idades; é só assim que ela pôde tornar-se um *ato completamente religioso*, na aceção positiva deste vocábulo. Tal ofício deve, portanto, ser constituído por uma combinação contínua de imagens e sinais capazes de despertar emoções altruístas em todos os assistentes. Compreende-se por aí que, para não falhar ao

seu alto destino, cumpre que simillhante liturgia recorra a todas as artes especiais, além da poezia propriamente dita. Não só é necessário utilizar as artes que se bazêião na audição e na vizão (música, pintura, escultura, e arquitetura), como também aquélas que se fündão, dirêta ou indirêta-mente, nos outros sentidos, sem escluir mesmo a *gustação*. Apenas, a participação dos sentidos tem de ser tanto mais indirêta quanto menôr for a sua ligação altruista. De sôrte que a *gustação*, pelo seu caráter dirêtamente pessoal, dêve apenas figurar *subjetivamente*, sem nenhuma realização, mesmo reduzida à mínima parte que lhe deu o culto católico, na Euearistia e no Batismo.

Convem igualmente notar que o conjunto dêssa instituição dêve, só por si, caraterizar a continuidade e a solidariedade humanas. Quanto à continuidade, é preciso que se perceba que ela é uma prática inaugurada pelo Fetichismo e sucessivamente dezenvolvida durante o Teologismo até atingir a sua fôrma positivista. No que respeita à solidariedade, ela dêve mostrar sempre a assimilação do Fetichismo no Positivismo, de módo a convir simultâneamente às crianças e aos adultos.

Isto posto, a nôssa fórmula sagrada basta para indicar que o *Predâmbulo* da grande adoração dêve ser constituído por um hino ao Amor. A *Comemoração especial*, variando com cada festa, requêr especialmente o uzo de monumentos esculturais ou pintados, que lhe sêjão aluzivos. É o que nos parêcem indicar as seguintes palavras do nôsso Mestre, referindo-se à glorificação de Santa Genovêva: « Quando a minha reclamação sistemática (do Panteon de Paris) vencer resistências empíricas, inaugurarei o primeiro templo da Humanidade pela digna glorificação da humilde vírgem do quinto século, que um nôbre monumento re-presentará prezervando a população eternamente colocada sob o seu santo patrocínio. » (SÍNTEZE, *Prefácio*, xv, xvi.) Também cremos que aí se colôca naturalmente o discurso comemorativo da solenidade.

Para estabelecer a *Comemoração geral*, convem lembrar que o conjunto da vida da Humanidade offerêe duas fazes suces-ivas. A primeira, já essencialmente realizada, é a *faze preparatória*, na qual predomina o aspêto dos *sacrifícios* feitos pela Humanidade para conseguir os elementos indispensáveis à expansão normal do altruismo.

Ela finda com o *advento espontâneo* da Religião da Humanidade, no venerdia 16 de Maio de 1845. A segunda é a *faze normal*, ou definitiva, na qual se realiza sistematicamente a existência caracterizada pela nossa fórmula sagrada, mediante a substituição da indústria e da siênea à guerra e ao teologismo, graças ao predomínio dirêto do Amor. Neste segundo período, os sofrimentos constituem acidentes cada vês mais excepcionais, tendo um caráter cada vês mais individual.

Na primeira faze, a dos sacrificios, isto é, das conquistas civilizadoras efetuadas entre cruéis torturas, convem distinguir dois períodos sucessivos. O período inaugural marca uma evolução na qual todos os aspêtos da natureza humana se desenvolvem sinteticamente sob o predomínio espontâneo do amor. Iniciado pelo Fetichismo, esse período vai até a dissolução das teocracias. O objetivo da Humanidade é então sempre desenvolver a felicidade na Terra; os tormentos são considerados como acidentes que ela tenta reparar ou evitar. Pôde-se dizer que as torturas são então involuntárias. O *calendário abstrato* concretiza esse período, quanto ao Fetichismo, nas festas: dos *Animais*, do *Fogo*, do *Sol*, e do *Ferro*. As duas primeiras assinalão o fetichismo espontâneo, primeiro *nômade*, e depois *sedentário*; os duas últimas mãreão o fetichismo sistemático, primeiro *sacerdotal*, depois *militar*. Quanto à Teocracia, é representada concretamente pela *feira das Castas*.

O segundo período começa com a dissolução teocrática da qual resultou a *evolução ocidental*, fonte inevitável da regeneração definitiva. Então os aspêtos da natureza humana evoluem *analiticamente*, isto é, *revolucionariamente*, uns com sacrificio dos outros. A noção do *sacrificio voluntário* vai se tornando cada vês mais sistemática, desde a lenda grega de Prometeu, martirizado pela sua dedicação aos homens na Terra, até a ficção católica do Deus tripartindo-se afim de se humanizar, para abrir aos homens as portas do Céu e ficar com eles durante a peregrinação deles na Terra.

Neste segundo período, convem discriminar assim tres fazes sucessivas, constituídas respectivamente pela evolução grega, a civilização romana, e o regimen católico-feudal. Na evolução grega, cumpre distinguir essencialmente uma

faze estética condensada nos Poétas,—Homéro, Ésquilo, e Fídias,—e uma faze teórica, resumida pelos Filózofos,—Tales, Pitágoras, e Aristóteles,—continuados pelos Sientistas,—Hipócrates, Arquimédes, Apolônio, e Hiparco.—A batalha de Salamina, personificada em Temístocles completado por Alexandre, caracteriza o esforço diretamente coletivo dêssa evolução, e fôrma o preâmbulo da civilização social peculiar aos Romanos. No seu conjunto, o povo grego dêve ser considerado como uma população sacrificada ao surto intelectual da Humanidade. O politeísmo social se resume em Sipião, Cézar, e Trajano, e assinala o pleno desenvolvimento da conquista. Graças a este destino, a guerra condus irrevogavelmente a pôr o problema da pás universal.

A solução dêsse problema necessitou, porem, uma última preparação, cuja glória coube ao regímen católico-feudal, mediante a sistematização do Monoteísmo. Êssa elaboração exige, pois, que se celebre primeiro o Monoteísmo teocrático ou judaico, personificado em Abraão, Moisés, e Salomão. Para mostrar a verdadeira natureza de tal glorificação, recordaremos a seguinte apreciação do nôsso Méstre:

« Além da vantagem de milhór iludir uma discussão insuperável, o Catolicismo achava-se, pelos antecedentes judaicos, dispensado de elaborar especialmente a concentração do politeísmo, realizada de antemão na construção do monoteísmo hebraico. Os livros judaicos fornecerão sempre à filozofia da história a milhór fonte para estudar a transformação dos deuses em anjos; porque esses nôvos ministros consêrvão aí uma importância que permite reconhecer neles antigos chéfes. Além dêssa incorporação deciziva, tal conexão facilitou a elaboração do culto católico, cujas principais festas emanarão do mozaismo, com a instituição da semana, que, apesar da sua universalidade espontânea, não foi verdadeiramente completa sinão na Judéia. O conjunto dos antecedentes hebraicos predispunha mesmo a conceber milhór a separação monoteica dos dois poderes, desde que os guerreiros tînham irrevogavelmente prevalecido sobre os padres, seis séculos após a fundação dêssa teocracia eccepcional. Porque os profétas assim surgidos oferecêão um tipo teórico mais conforme com a attitude católica do que o ezemplo dos filózofos gregos, enibôra estes

fôsem mais próprios para caracterizar a fisionomia normal do verdadeiro sacerdócio.

« Mediante essas diversas indicações, a nação judaica pôde ser historicamente comparada com a população grega como *fatulmente sacrificada* à evolução fundamental da Humanidade, uma em virtude do seu monoteísmo prematuro, a outra segundo a sua viciosa preponderância do espírito. Porquê a precocidade monoteica sucitou desvios, intelectuais e morais, que permanecem ainda apreciáveis nos membros quaisquer dessa corporação excepcional. Mas a degeneração judaica foi realmente menos profunda, e desde então mais reparável, do que a degradação grega. Todavia, esta correspondeu a serviços mais decizivos, pois que o conjunto da evolução especulativa se ligará sempre a eles; ao passo que esta modificou somente uma transição especial, que podia efetuar-se de outro modo. Todavia, a assistência hebraica merecia do Catolicismo uma gratidão que ela nunca obteve, e que só poderá proporcionar-lhe o Positivismo, órgão sistemático do reconhecimento do Gran-Ser para com os seus servidores quaisquer, individuais ou coletivos. » (*Política*, III, pgs. 407-408.)

Esta citação mostra, ao mesmo tempo, porque a glorificação do monoteísmo judaico deve ser feita após a comemoração do politeísmo grego-romano. Com efeito, foi só depois desta evolução que tal monoteísmo pode preencher a missão que os destinos supremos da Humanidade lhe reservavam. Mas, para conceber agora nitidamente o regimen mediêvo, do qual resultou diretamente a instituição da Religião definitiva, é preeizo representar-nos o mundo romano dividido entre o Catolicismo e o Islamismo. O primeiro se personifica em S. Paulo, Carlos-Magno, Alfredo, Hildebrando, Godofredo, e S. Bernardo; ao passo que o segundo se concretiza no seu incomparável fundador, Maomé. A adoração da Virgem-Mãe condensa então os tres monoteísmos rivais, — judaico, católico, e islâmico, — sob a preponderância da evolução ocidental.

Comêça logo depois a revolução moderna. Após dois séculos de dissolução espontânea do regimen mediêvo, o Ocidente se reparte entre o Catolicismo e o Protestantismo. No seio da anarquia resultante dessa fragmentação, e que marca o apogeu dos sacrifícios humanos, foi que se realizou a elaboração final. Dante, Descartes, e Frederico, perso-



nificação essa fazeste extrema. Mas as exigências sociolátricas requêrem que a sua comemoração seja precedida da solenização da batalha de *Lepanto*, personificada em D. João d'Austria, e que constitua o *termo das glórias militares*, como Salamina a sua *inauguração*.

Passa-se assim para a *época normal*, em que a Humanidade, consiente dos seus destinos, prossegue a sua evolução no seio da beatitude terrena. Esta foi directamente assinalada pela incomparável explosão franceza, inaugurando uma crise que constituiu antes a estreia da regeneração final do que a conclusão da vida preparatória. (*Apelo aos Conservadores*, pg. 117.) Sob esse impulso social, realizou-se a *união* dos esforços espontâneos que a Humanidade condensara em Augusto Comte e Clotilde. Mas a instituição sistemática da Religião universal só se realizou graças à expansão desse laço incomparável, quando a morte prematura da nossa divina Mãe Espiritual veio tornar puramente subjetiva a sua colaboração. Nessa dupla existência findou-se, pois, essencialmente o martírio, e começou a felicidade eterna da Humanidade. A comemoração do Passado, e a glorificação do Porvir, ficam assim separados e ligados pela união dos nossos santíssimos Fundadores.

Quanto à *efusão*, parece-nos que devemos também distinguir nela duas partes, uma relativa à festa do dia, e outra geral. Esta oferece naturalmente tres fazes. Primeiro, glorificamos directamente a Humanidade na Terra e envolvida com esta pelo Espaço, testemunhando a nossa gratidão pelos seus benefícios no período fetichista. Depois, celebramos a Humanidade em Paris, na Notre-Dame, agradecendo especialmente os dons outorgados durante o Teologismo. Esta efusão caracteriza, ao mesmo tempo, a nossa alegria pelo encerramento da fase preliminar da vida da Humanidade, lembrando a solenidade que ha de assinalar a conversão do Ocidente. Enfim, espandimos a plenitude do nosso júbilo e das nossas esperanças, contemplando a beatitude eterna, quando o predomínio espiritual de Constantinóla simbolizar a unificação religiôza de toda a Terra.

*
* *

As nossas festividades sociolátricas estão ainda longe de satisfazer a semelhante programa; e as nossas reuniões habituais do domingo ainda menos correspondem a ele. Em primeiro lugar, falta-nos um altar propriamente dito. No santuário do nosso pequeno templo está apenas erigida uma parte do monumento que deve esboçar o altar da Humanidade, seguindo as indicações do nosso Mestre. Para suprir essa lacuna capital, foram colocadas, no retábulo que enquadra a imagem da Virgem-Mãe, duas pequenas pedras, sobre as quais repôuzão o Santo Ramalhete e o Volume Sagrado. Mais tarde, as exigências dos nossos sacramentos levarão a juntar uma terceira pedra na coluna do nosso Mestre, para servir de mesa aos objetos que devem ser dados aos sacramentandos, como símbolos do alcance religioso de tais práticas.

Baldos de um altar, as nossas cerimônias sociolátricas têm de ser fatalmente acanhadas e estreitamente deficientes. Ficamos assim privados de um emblema do culto dos mortos, que desprende a Humanidade da Animalidade. Nem sequer nos é permitido comemorar a instituição do *Fogo* e da *Luz*, pela secular cerimônia das velas azeas. Muito menos podemos esboçar o desenvolvimento dessa adoração, mediante o uso, também imemorial, do insensamento, no qual a glorificação do *Sol* e do *Céu* se vem espontaneamente juntar à do *Fogo* e do *Ferro*, e, portanto, da *Terra*. O mesmo reparo se aplica à falta de qualquer celebração da *Água*, conforme acontece com os ritos fetichicos das *libações*, *abluições*, e *aspersões*. Todas essas cerimônias, o Catolicismo incorporou a si, como vimos; e o espírito eminentemente histórico da religião da Humanidade está indicando que elas devem ser mantidas para simbolizar as diversas fases da evolução social e moral. Entretanto, não se pôde dizer que o Fetichismo não é representado nas nossas solenidades, porque todo ato de culto, sobretudo de culto positivista, supõe uma incorporação espontânea e contínua do Fetichismo.

Quanto ao traje de que nos servimos nas nossas cerimônias, a sua adoção baseou-se nas seguintes passagens do nosso Mestre: *

* Este traje religioso foi mais tarde modificado entre nós. Manteve-se a capa apostólica de cor preta, mas a seda foi substituída pela lã. Além da mursa preta, adotaram-se mais duas, uma *branca* e outra *verde*, o tecido sendo



« Quanto ao traje sacerdotal, público ou privado, devo inibir a sábia reserva dos fundadores do Catolicismo e do Islamismo, adlando uma determinação cuja eficácia rezulta sobretudo da sua espontaneidade completa. Póde-se entretanto assegurar que o Positivismo sendo mais bem caracterizado do que nenhum teologismo, essa instituição receberá aí mais prontamente as modificações convenientes. *A forma das vestimentas lembrará que o sacerdócio, intermediário normal de ambos os sexos, tende mais para a mulher: a sua cor indicará que ele fala em nome do passado para o futuro.* Dezorganizando o vestuário, a anarquia moderna respeitou espontaneamente a distinção dos sexos, donde rezulta um germen de disciplina para com os cazos menos pronunciados. Essa reconstrução deve naturalmente começar no cléro, cujo caráter social é mais homogêneo e mais pronunciado do que o do patriciado ou do proletariado. (*Política*, IV, pgs. 256-257.)

« ... Quanto a indícios exteriores e permanentes, podem eles duplamente derivar da bandeira positivista, descrita no discurso preliminar de minha obra principal. Em primeiro lugar, todos os positivistas podem, quando o julgárem oportuno, trazer ao meio do braço a fita verde com que cinto o meu quando em minhas funções sacerdotais, contanto que eles a põhão no braço esquerdo, reservando aos padres o braço direito, o que basta para prevenir a confusão. Todos podem também pendurar ao pescoço ou sobre o coração uma pequena reprodução da estatueta da Humanidade que encima a aste da bandeira positivista,

de lan em todos os cazos, e não de seda. Essas mursas são bordadas de flores, especialmente rózas, nas principais solenidades. E nas celebrações menores, têm apenas duas rózas, uma de cada lado da gola. O laço verde do braço também deixou de ser de seda.

Nas festas da Humanidade (1º do ano), de Rozália Boyer, Mãe do nosso Mestre (19 de Molés—19 de Janeiro), da Virgem-Mãe (3 de Gutenberg—15 de Agosto), e dos Fundadores do Positivismo (1 de Descartes—8 de Outubro), serve a mursa branca matizada de rózas. Na festa geral dos Mortos, e nas comemorações fúnebres dos nossos Fundadores, serve a mursa preta matizada de rózas, perpétuas, amores-perfeitos, e saudades. Nos domingos e outras festas, serve a mursa verde, tendo simplesmente duas rózas bordadas aos lados da gola.

Nos sacramentos relativos à vida objetiva, serve a mursa branca, apenas ornada de duas rózas aos lados da gola. Nos sacramentos fúnebres, serve a mursa preta, ornada com a mesma simplicidade.

Esta modificação foi inaugurada na festa da Virgem-Mãe, no ano passado (1902).



sem inquietárem-se pela sua similhaça com a imagem da Virgem-Mãe dos católicos; pois que o culto desta deve servir finalmente de transição para o da nossa Deusa. » (*Cartas a Edger*, pgs. 31-32. Paris, 1889.)

O primeiro destes trechos não se refere evidentemente às *vêstes sacramentais*, e sim aos trajes ordinários, privados ou públicos, do sacerdócio. O exemplo do sacerdócio católico é bem característico a este respeito. Por isso também, o traje apostólico instituído entre nós para as nossas solenidades só pôde ser considerado satisfatório quanto à forma, por se aproximar das *vêstes femininas*. A cor preta geral só convém, porém, para as solenidades fúnebres. Nas outras festas, e também nos sacramentos, a cor devia ser escolhida de acordo com a celebração. Isto é, a exemplo do Catolicismo, devia haver no traje sacramental uma *parte fixa*, comum a todas as festas, e uma *parte variável* com cada festa. Para a parte fixa, podia ser mantida a própria *alva*, que é a veste comum de todos os sacerdotes, desde o Politeísmo, e mesmo o Fetichismo, e que foi adotada por Pitágoras. De sorte que ela se tornou o emblema histórico do poder espiritual. A cor branca fás parte do estandarte da Humanidade e constitui o matis simbólico do Espaço, tornando-se o emblema do Amor, que é o único dos atributos humanos comum aos membros da Trindade positivista, — Humanidade, Terra, e Espaço. — Para o *singulo*, poderíamos restaurar a forma antiga de *faixa*, adotando a cor verde, símbolo natural da Terra e da esperança. Assim, o traje fundamental reproduziria, nas suas cores, o estandarte positivista.

A parte móvel do traje sacramental podia ser constituída por um paramento análogo à cazula ou pênula antiga, cuja forma seria assim restaurada. O fundo, de cor variável, devia ser matizado de flores, sobretudo rózas, entremecendo por vezes os emblemas aluzivos à solenidade. Por exemplo, na festa do fetichismo astrolátrico, a cazula seria azul-celeste e reproduziria, com astros bordados, o aspéto da esfera sideral sobre o horizonte de Paris, em um momento dado, por exemplo, na manhã de 16 de Maio de 1845, advento do Positivismo religioso. Na festa do Fogo, o mesmo paramento seria cor de róza; no politeísmo militar, purpurino, etc. Nas festas da Humanidade, da Virgem-Mãe, ou da Mulher, a cor branca se impõe naturalmente. Essa parte móvel poderia

ser de um estofa mais artístico do que a *alva*, que convinha conservar de linho, conforme o uso tradicional. Cremos, porém, que devíamos banir o uso da seda nas vestes sacramentais, pelo menos até que a indústria permitisse fabricar semelhante tecido sem sacrificar os melindrosos animalinhos que lhe fornecem a matéria prima.

Enfim, o laço verde instituído por nosso Mestre, bem como a imagem da Humanidade pendurada ao pescoço, completariam os nossos paramentos sagrados. Conquanto feita de ouro, parece-nos que a imagem devia ser colorida; assim como conviria que a sua suspensão se fizesse por uma fita verde entretecida com fios de *fêro*, ou por uma corrente de *fêro* entretecida de verde. Assim combinava-se o metal de uso mais moral com o de aplicação mais industrial. O conjunto desses emblemas recordava, ao mesmo tempo, que a *liberdade reside no amor* que nos prende voluntariamente à Humanidade, à Terra, e ao Espaço.

Considerando agora as solenidades mais desenvolvidas que temos tido, poderemos melhor apreciar o que lhes falta para corresponder ao tipo da oração pública: Todas as nossas reuniões, mesmo as prédicas ordinárias de domingo e as nossas lições dogmáticas, começam pela invocação que Dante atribuiu a S. Bernardo no seu Paraíso, e que o nosso Mestre aplicou à Humanidade e à sua angélica Inspiradora. Ainda a exemplo do nosso Mestre, fizemos seguir semelhante hino da expressão do voto de Tomás de Kêmpis: — *Amem te plus quam me, nec me nisi propter te*. Nas grandes solenidades, como nas festas da Humanidade e da Virgem-Mãe, a essa prece do celebrante sucede, às vezes, um cântico por uma parte dos assistentes. Semelhante preâmbulo é completado por uma paráfrase positivista do capítulo em que Tomás de Kêmpis, traduzido por Cornille, celebra os *maravilhosos efeitos do Amor*. Toda essa parte é assistida de pé.

Vem em seguida a predica aluziva ao dia, que é feita e ouvida assentados todos. Esta predica corresponde principalmente à *Comemoração especial*; mas as circunstâncias a ligam naturalmente a um esboço mais ou menos completo da *Comemoração geral*. Ficamos então reduzidos, de ordinário, ao discurso, isto é, ao méro recurso dos *sinais*. Em algumas festas, aliás quasi sempre secundárias, o discurso tem sido assistido por imagens esculpidas (simples



bustos modestamente ornamentados com flores e bandeiras), ou painéis. A transição entre a Comemoração especial e a Comemoração geral não tem, pois, nenhum assinalamento. Porém, a parte final desta tem encontrado, por vezes, nas maiores solenidades, um esboço de representação estética.

Com efeito, na festa da Humanidade, por exemplo, em alguns dias, terminada a prédica que retracou a gloriosa evolução, o celebrante ergue-se, e, com ele, a assembleia. Uma das Senhoras que estão no santuário sobe à ária da Religião em que se acha a cátedra sacerdotal. Um grupo de crianças trazendo cestas com flores acompanha Aquela que representa o conjunto do sexo feminino. O celebrante vem ao seu encontro e dela recebe uma róza natural, para ser incorporada ao santo Ramalhete.¹ Nesse momento, uma outra Senhora canta a poesia de Clotilde *Les Pensées d'une fleur*.²

Findo o canto, o celebrante coloca a róza no santo Ramalhete. Tal é a cerimônia destinada a esboçar uma representação estética da inauguração da época normal, mediante a idealização de um episódio característico da incomparável união donde dimanou a fundação da Religião da Humanidade. Encerrada assim a *Comemoração geral*, começa a *Efusão* pela recitação de uma paráfrase positivista do Capítulo XVII do livro IV do Poema de Tomás de Kempis, segundo a tradução de Corneille. Acabada esta, o celebrante volta à cátedra sacerdotal; todos sen-

1 Este ano (1903), a cerimônia de que se trata recebeu um aditamento inspirado pela prática que o nosso Mestre instituiu para o casamento. Finda a prédica, um grupo de Senhoras, precedidas por crianças de ambos os sexos com cestas de flores, sobe à ária da Religião enquanto se canta a poesia de Clotilde *Les Pensées d'une fleur*. A decana dos positivistas, e na sua falta a Senhora de mais idade, oferece ao celebrante uma róza natural para ser incorporada ao Ramalhete. E, para caracterizar a veneração com que recebe esse símbolo inmemorial de tudo quanto de mais sublime encerra o coração humano e constitui o feliz apanágio do sexo feminino, o celebrante repete as seguintes palavras que o nosso Mestre, o Supremo Interpretar da Humanidade, endereçou à nossa terna e imaculada Mãe-Espiritual, sua santíssima Inspiradora, e melhor personificação da nossa Suave Deusa: « A admirável cavalaria da Idade-média, comprimida sob as crenças teológicas, não tinha podido elevar o culto da Mulher sinão ao segundo rango. Quando a sociabilidade moderna houver tomado o seu verdadeiro caráter, o joelho do homem não dobrará sinão diante da mulher. » (Ajoelha.)

2 O nosso hábil e modesto compatriota Agostinho Gouveia compôs uma música para esta poesia.



tão-se. Então, um grupo de crianças sóbe à ária da Religião, e toma as cestas de flores que lá se áchão desde o começo da festa. Assim munidas, elas derrãam-se pela assembléia, dando a cada assistente uma flor, ordinariamente uma róza. Enquanto dura éssa distribuição, que idealiza dirétamente o futuro normal da Humanidade, uma parte dos assistentes entoa um hino aluzivo. Terminada a cerimônia, o celebrante encerra a festa, repetindo as seguintes palavras:

« Nós vos distribuimos éssas flores como a expressão da nossa simpatia religiôza. Elas simbolizão ao mesmo tempo os nossos vótos e as nossas rezoluções. Os nossos vótos, porque recordão que não temos outro destino sinão a felicidade da Humanidade, na Térra e no Espaço; as nossas rezoluções, porque lembrão que só prevaleceremos mediante a livre sujeição dos corações e das inteligências. Oxalá esse apelo fraternal à concórdia humana ache eco em vóssas almas, e vos induza a juntar os vóssos esforços aos nossos para a obra da regeneração social! »

Algumas vezes, uma parte dos assistentes responde cutão em coro: *Amen*.

Recordando uma das nossas cerimônias sociolátricas mais complétas, quízimos precisar de alguma forma as precedentes indicações abstratas acerca da oração pública no Positivismo, e fazer sobresair, ao mesmo tempo, as nossas principais lacunas a tal respeito. Vê-se assim que as nossas práticas religiôzas offeréem uma grande penúria de *imagens* concrets adequadas para despertar as emoções altruístas. Limitamo-nos a traduzir os nossos sentimentos e as nossas concepções, recorrendo quázi escluzivamente a *palavras*; as instituições capitais da Humanidade, ou não são evocadas de todo, ou apenas são lembradas por um discurso. Ora, seja qual for a capacidade estética e filozófica do celebrante, uma prédica só pôde afetar profundamente à minoria dos espíritos que não são inteiramente destituídos de cultura sistemática. Mesmó então, o efeito de um discurso é imensamente multiplicado pela assistência das manifestações estéticas que formão a *linguagem natural*, espontâneamente entendida por todas as inteligências. Por isso também as nossas festas, na sua duração quázi total, nenhum encanto têm para as crianças, e bem poucos atrativos apresentão aos adultos, sobretudo aos

corações mais simpáticos e aos espíritos mais sintéticos. É sob esse aspecto que o exame da liturgia católica nos pôde fornecer proveitosas lições, como vamos tentar fazer ver.

Tomaremos para exemplo uma das grandes festas da Virgem-Mãe, porque é então que a liturgia católica se apresenta no seu pleno desenvolvimento. Imaginemo-nos em uma Igreja consagrada diretamente ao culto da Deusa Ocidental. No santuário, sobre um trono de muitos degraus, ornado de flores e luzes, ergue-se a estátua de uma Mulher tendo seu filho nos braços. A piedade católica esforça-se por ver naquella fisionomia suave e terna os traços da Judia excepcional em cujo seio Deus se incarnou. Mas, de fato, a ausência total dos documentos históricos acerca de Maria não permitiu senão a feitura de um ídolo puramente ideal. Nada impede, pois, que vejamos nele um emblema da Humanidade, conforme o santo apanágio do sexo feminino, cuja individuação só pôde afetar o grau de perfeição, sem alterar a natureza de tal símbolo.

Em plano bastante inferior, destaca-se, entre as flores e luzes do trono da Virgem-Mãe, um pequeno Crucifixo. Considerado como um emblema sintético, isto é, como sinal que resume uma apreciação religiosa da existência humana, tal símbolo é peculiar aos católicos. Mas, quanto a cruz, há muito que a linguagem ocidental fêz surgir, ao lado dêssa interpretação, uma significação restrita e emancipada de qualquer liga teológica. Com efeito, tal imagem é vulgarmente empregada para designação abstrata do martírio, ou sofrimento voluntário, com o fim de fazer triunfar o altruísmo. E, quanto à imagem do Redentor, é uma criação puramente ideal, à vista da completa ausência de dados históricos acerca do legendário Fundador do Catolicismo. Tudo nos leva, pois, a ver no Crucifixo apenas a representação plástica da concepção monoteísta de São Paulo. Por outro lado, o enorme contraste entre as manifestações estéticas decernidas respectivamente a esse símbolo e à imagem da Virgem-Mãe, patenteia que o primeiro assinala uma fase esgotada da história da Humanidade, ao passo que a segunda caracteriza um florescimento perene.

O terceiro plano é constituído pela meza do altar propriamente dito, cuja forma tumular nos recorda logo a fase inicial da Humanidade desprendendo-se da Animalidade



pelo culto dos mortos. Alguns degraus o separão do chão do santuário, que assinala o nível comum das Espécies animais superiores, donde a nossa se foi elevando, por esforço contínuo do seu inezaurível altruísmo. O conjunto d'essas espécies é mesmo muitas vezes representado por um Cordeiro e uma Pomba. Tal é o termo da sagrada decida que, diante de um altar católico da Virgem-Mãe, emblema espontâneo da Humanidade, nos fás ir até o Fetichismo primitivo, passando pelo Teologismo condensado no Mono-teísmo de S. Paulo. Depois de haver efetuado similhante peregrinação, o coração sente-se arrastado a remontar novamente ao estado normal, que é só onde o altruísmo pôde achar morada eterna. Mas então, o Fetichismo e o Pozitivismo sôbem indissolúvelmente unidos; de sorte que, no monumento em que o Teologismo apenas tem uma representação histórica, o Fetichismo e o Pozitivismo ostentão uma vida atual e infinda.

Assim, sem esforço, um verdadeiro positivista descobre em um altar católico da Virgem-Mãe um trono espontâneo da Humanidade. A sua veneração é, pois, naturalmente estimulada por similhante contemplação, e o colôca em perfeita unidade simpática com os mais fervorôzos católicos. Não é por méra deferência para com os seus similhantes que a sua attitude será respeitôza naquele recinto: o acatamento que ele demonstra lhe é inspirado diretamente pelos emblemas religiôzos que ali estão. Tudo aquillo é também, para o positivista, duplamente objêto de culto, não só pelas emoções e pensamentos que tais símbolos alimentarão outrôra nos nôssos mais eminentes predecessores, mas também pelo sentimentos e idéias que eles são aptos a entreter etérnamente nos cérebros emancipados.

Assistamos agôra à glorificação da Deusa Ocidental, célebrada pelo sacerdote católico, e vejamos a interpretação positivista que tal cerimônia compôrta. Nesse intuito, comecemos por abstrair da individualidade do oficiante, para ver nele um representante da faze cavalheiresca do culto medieval. Imaginemos, por ezeemplo, que temos diante de nós o vulto magestoso de S. Bernardo. As véstes sagradas que ele traja são, confôrme vimos, uma herança dos sacerdôcios antigos, e mesmo dos grandes filôzofos ocidentais. Para nós, não é, pois, simplesmente o Padre de uma religião particular que vai celebrar os mistérios de um culto



seu; é um ministro da Religião Universal que se prepara para glorificar a Humanidade *conforme esta se revelou até ali*.

Na variedade das liturgias católicas, escolhamos o *ritual romano*, qual se acha reorganizado, desde 1570, pelo papa Pio v. Ele já trás as reacções da insurreição protestante, de sorte que naturalmente nos evoca também a revolução moderna. E suponhamos que assistimos à festa da *Assunção da Virgem*, comemorada a 15 de Agosto, data também adotada por nosso Mestre para, durante a transição orgânica, celebrar a Mulher no tipo idealizado pela utopia positivista da Virgem-Mãe. Afim de facilitar o confronto desse officio com o tipo da oração pública no Positivismo, reproduziremos integralmente a cerimônia católica, cotejando-a com as observações que nos parecem oportunas. Devemos, porem, notar, desde já, que a falta de vistas sistematicas no sacerdócio católico não permitiu sinão esboçar empiricamente a distincção entre a Comemoração especial, a Comemoração geral, e a Efusão.

Missa no dia 15 de Agosto. Tipo da oração pública, segundo o Positivismo
Festa da Assunção da Santa Virgem Maria

Préambulo

(Comum a todos os dias)

O sacerdote paramentado (com as vestes do dia), chegando ao altar, feita a devida reverência, fás o sinal da cruz da frente ao peito, dizendo: — « Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito-Santo. Amen. »

Préambulo

(Comum a todos os dias)

O celebrante paramentado etc., dis: — « Em nome da Humanidade. » E fás o sinal positivista, colocando a mão esquerda no coração, e pouzando successivamente a direita nos três órgãos cerebrais do Amor, da Ordem, e do Progréso, dizendo a fórmula sagrada: — « O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progréso por fim. »

Depois, com as mãos postas sobre o peito, começa a antifona: — « Aproximar-me-ei do altar de Deus. » Os

ministros respondem: — « Do Deus que alegria a minha mocidade. »

Em seguida dis alternadamente com os ministros o salmo 42. *

« Julga-me, Senhor, etc. »

O sacerdote persigna-se, dizendo: — « O nosso socorro está no nome do Senhor. »

R. — « Que fêz o Céu e a Terra. »

Pôde-se imaginar um hino de amor. Seria fácil modificar as palavras atuais de modo a dar-lhes um caráter positivista. O trecho da epístola de S. Paulo que acima transcrevemos satisfaria, porém, muito milhór. Ainda mais conveniente nos parece uma paráfrase do capítulo indicado da *Imitação* sobre os *maravilhózos efeitos do Amor*.

Pôde-se considerar que aqui finda o *Predâmbulo*. Em vês, porém, de seguir-se a *Comemoração especial*, passa-se para a *Comemoração geral*, pois que as cerimônias e orações que vamos indicar referem-se evidentemente a uma celebração do Feticchismo espontâneo.

COMEMORAÇÃO GERAL

(PRIMEIRA PARTE)

Feticchismo espontâneo

I — Feticchismo nômade

Depois, com as mãos póstas e profundamente inclinado, o sacerdote fás a Confissão: — « Confesso-me a Deus todo Poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, etc. »

Os ministros respondem: — « Compadeça-se, etc. »

A Confissão com o que se sêgue pôde ser considerada como caracterizando a humildade inicial da Humanidade gemendo sob a sua posição e tentando elevar-se, durante o Feticchismo nômade, do conjunto da Animalidade.

* Omite-se este salmo, assim como o *Gloria Patri*, nas missas dos defuntos e durante o tempo da Paixão.

O sacerdote diz: — « Amen » e ergue-se.

Depois, os ministros repetem a Confissão, e onde o sacerdote disse « a vós irmãos, e vós irmãos, » os ministros dizem « a ti padre, tu padre. »

Depois, o sacerdote, de mãos postas, dá a absolvição, dizendo: — « Compadeça-se de vós, etc. »

R. « Amen. »

O sacerdote fás o sinal da cruz, dizendo: — « Que o Senhor onipotente, etc. »

R. « Amen. »

O sacerdote, inclinado, proségue: — « Deus, voltando-te para nós, etc. »

II — Fetichismo sedentário.

Estendendo e unindo as mãos, o sacerdote diz com vós clara — Oremus —, e subindo para o altar, diz em vós baixa: — « Arranca de nós, Senhor, etc. »

Depois, com as mãos juntas sobre o altar, diz: — « Nós te rogamos, Senhor, pelos méritos dos teus santos (beija o altar no meio), cujas reliquias aqui estão, e de todos os santos, que te dignes perdoar todos os meus pecados. Amen. »

Nas missas solenes, antes de ler o *Introito*, o sacerdote benze o incenso, dizendo: — « Serás abençoado (fás o sinal da cruz sobre o incenso)

Esta cerimônia caracteriza espontaneamente a passagem da faze nômade para a faze sedentária.

Culto dos *Mórtos*.

Festa do *Fogo*, é implicitamente do *Férro*.

por aquele em cuja honra serás queimado. Amen. » E tendo recebido o turíbulo do diácono, incensa o altar; sem dizer nada. Depois, o diácono recebendo o turíbulo do celebrante, incensa a este sómente. Em seguida, o celebrante, persignando-se com o sinal da cruz, começa o *Introito*.

A Comemoração geral é interrompida aqui pela Comemoração especial.

Introito

COMEMORAÇÃO ESPECIAL

(PRIMEIRA PARTE)

« Alegremo-nos todos no Senhor, celebrando um dia festivo em honra da bem-aventurada Virgem Maria, por cuja Assunção se regozijão os Anjos, e louvão o Filho de Deus. » Salmo 44.
« O meu coração, etc. »

Acabado este *Introito*, o celebrante, com as mãos póstas, diz alternadamente com os ministros: — « Kirie eleison, etc. »

Uma nóva faz da Comemoração geral intercala-se aqui, glorificando a faz a astrolátrica, isto é, o Feticchismo sacerdotal.

COMEMORAÇÃO GERAL

(SEGUNDA PARTE)

Felichismo sistemático

1 — Felichismo sacerdotal ou astrolátrico.

Depois, no meio do altar, estendendo e unindo as mãos e inclinando algum tanto a cabeça, o celebrante diz: — « Glória a Deus nas alturas, etc. »

Depois, beija o altar no meio, e voltado para o povo diz: — « O Senhor seja convosco. »

R. « E com o teu espírito. »

Festa do *Sol*.

Volta à Comemoração especial.

COMEMORAÇÃO ESPECIAL

(SEGUNDA PARTE)

O celebrante diz: — « Oremus. »

Collecta: — « Nós te suplicamos, Senhor, etc. »

Lição do livro da Sabedoria, Eccles. 24: — « Busquei o repouso, etc. »

Gradual (Salmo 44): — « Por cauza da verdade, etc. »

Aleluia, aleluia: — « Maria foi carregada para o Céu, regozija-se o exército dos anjos. Aleluia. »

COMEMORAÇÃO GERAL

Acabado isto, si a missa é solene, o diácono depozita o livro dos Evangelhos no meio do altar, e o celebrante abençoa o incenso, como acima:

Aqui continúa a Comemoração geral. O Evangelho pôde ser considerado como correspondendo à celebração da *Teocracia*, porque a fun-

depois, o diácono, de joelhos diante do altar, com as mãos póstas, dis: — « Purifica o meu coração e os meus lábios, Deus onipotente, que purificaste com um carvão inflamado os lábios do profeta Izaias: digna-te assim purificar-me com a tua misericordiôza graça, para que eu possa anunciar dignamente o teu Santo Evangelho. »

Depois, toma o livro do altar e, de novo ajoelhado, pede a bênção ao sacerdote, dizendo: — « Queira abençoar-me, Senhor. »

O sacerdote responde: — « Seja o Senhor no teu coração e nos teus lábios, para que digna e competentemente anuncies o seu Evangelho. Em nome do Padre, do Filho (fás o sinal da cruz sobre o diácono), e do Espírito-Santo. Amen. »

E tendo recebido a bênção beija a mão do celebrante: e com outros ministros, com o incenso e as velas acesas, subindo ao lugar do Evangelho, de pé, com as mãos póstas, dis: — « O Senhor seja convosco. »

R. « E com o teu espírito. »

E pronunciando « Sequência do Santo Evangelho, segundo Lucas, c. 10 », fás o sinal da cruz sobre o livro com o polegar da mão direita, no princípio do Evangelho, e depois na própria

ção fundamental do sacerdócio é o ensino. No ritual católico, esse ensino é aluzivo à festa do dia, como se vê.

Politeísmo teocrático

Festa das Castas

Segundo vimos, todas as cerimônias são tomadas aqui pelo Catolicismo ao Politeísmo e ao Judaísmo, que as receberam do Fetichismo. Só o que lhes dá cunho católico é o sinal da cruz.



têsta, na boca, e no peito; e enquanto os ministros respondem — Glória a ti, Senhor —, incensa tres vezes o livro, e depois proségue o Evangelho com as mãos póstas: — « Naquele tempo, etc. »

Terminado o Evangelho, o subdiácono leva o livro ao sacerdote, que beija o Evangelho, dizendo: — « Pelas palavras evangélicas sejam perdoados os nossos delitos. »

Em seguida, o sacerdote é incensado pelo diácono.

Depois, no meio do altar, estendendo e unindo as mãos, o sacerdote diz o *Crêdo*.

Politeísmo intelectual

I — Politeísmo teórico

* « Creio em um só Deus Pai onipotente, etc. »

É o símbolo de Constantinópla, que já foi transcrito acima.

O *Crêdo* caracteriza o politeísmo grego, embora imperfeitamente, incluzive pela sua constituição. Mas é força reconhecer aqui uma inversão, pois que o *Crêdo* assinala propriamente a evolução filozófica. A evolução estética é mais espontaneamente representada pelas *oferendas* que constituem uma representação simbólica, isto é, *estética*, da dedicação.

Depois, o sacerdote beija o altar, e voltado para o povo diz: — « O Senhor seja contigo. »

R. « E com o teu espirito. »

Depois dis « Oremus » e o *Ofertório*.

Ofertório: « Maria foi levada ao Céu; os Anjos se alegrão, e louvando em coro, bendizem ao Senhor. Aleluia. »

Dito isto, o diácono apresenta ao celebrante a patena com óstia, e aquele, oferecendo, dis: — « Recêbe, santo Padre onipotente, etc. »

II — Politeísmo estético

Como vimos, é uma cerimônia que o Catolicismo tomou ao Politeísmo, inclusive na forma da óstia.

Politeísmo social

Civilização militar

Depois, fazendo uma crus com a patena, depozita a óstia sobre o Corporal. O diácono serve o vinho, o subdiácono a água, e misturando a água no cálice, fás o sinal da crus sobre este, dizendo: — « Deus que formaste maravilhosamente a dignidade da substância humana, etc. »

Depois, toma o cálice, e oferece, dizendo: — « Nós te oferecemos, Senhor, o cálice da salvação, etc. »

Depois, fás o sinal da crus com o cálice, e o depõe sobre o Corporal, cubrindo-o com a pala; então, com as mãos juntas sobre o altar, e algum tanto inclinado, dis: — « Em espírito de humildade, etc. »

Com o corpo erguido, estende as mãos e, unindo estas elevadas para cima, levantando para o céu os olhos e logo os abaixando, dis: — « Vinde, santificador onipo-

Recordação simbólica do sangue e das lágrimas derramadas pela Humanidade.

Também vimos que é uma cerimônia tomada pelo Catolicismo ao Politeísmo, inclusive nos vasos empregados.

tente, eterno Deus (benze as oferendas, proseguindo) : e abençoa (fás o sinal da cruz sobre as oferendas) este sacrificio preparado para o teu santo nome. »

Depois, si celebrar solenemente, abençoa o incenso, dizendo: — « Pela intercessão do arcanjo S. Miguel, que está de pé à direita do altar do incenso, e de todos os seus eleitos, digne-se o Senhor abençoar (fás o sinal da cruz sobre o incenso) este incenso e o receber em odor de suavidade. Por Cristo nosso Senhor. Amen. »

E tendo recebido o turíbulo do diácono, incensa as oferendas, como está prescrito nas rubricas gerais, dizendo: — « Que este incenso abençoado por ti suba até a ti, Senhor, e deça sobre nós a tua misericórdia. »

Depois, incensa o altar, dizendo:

Salmo 140: « Que a minha oração, Senhor, se eleve para vós como o fumo do incenso, etc. »

Ao entregar o turíbulo ao diácono, dis: — « Acenda em nós o Senhor o fogo do seu amor e a chama da eterna caridade. Amen. »

Depois, o sacerdote é incensado pelo diácono, e em seguida os outros, por ordem. Nesse entretanto, o sacerdote lava as mãos, dizendo:

Salmo 25: «Lavarei as minhas mãos entre os inocentes, etc. — Glória ao Padre, etc.»

Monoteísmo teocrático

O que acima dissemos do verdadeiro destino social do Judaísmo explica porque a sua glorificação vem depois da da civilização romana. Esta cerimônia caracteriza a aspiração a renunciar a *guerra* e estabelecer a *pás*, mediante uma *religião universal*. A própria oração é aqui judaica.

Depois, algum tanto inclinado no meio do altar, com as mãos juntas sobre ele, dis: — «Recêbe, Santa Trindade, esta oblação, etc.»

Monoteísmo católico

Transformação dos sacrificios politeicos e judaicos, reproduzidos até aqui, no mistério da Eucaristia.

Depois, beija o altar, e voltado para o povo, estendendo e juntando as mãos, com vós um pouco elevada, dis: — «Orai, irmãos, para que o meu e vósso sacrificio se torne aceitável ao Deus Padre onipotente.»

R. «Receba o Senhor este sacrificio das tuas mãos para louvor e glória do seu nome, para a nossa utilidade, e para a de toda a sua santa Igreja.»

O sacerdote, em vós baixa, dis — «Amem.»

Depois, com as mãos estendidas, sem dizer — *Oremus* —, recita as orações secretas.

«Venha em auxilio da tua plêbe, Senhor, a oração da

Mãe de Deus, a qual, embora saibamos que pela condição da carne emigrou, sentimos que na celeste glória, junto a ti, intercede por nós. Pelo mesmo nosso Senhor. »

O sacerdote põe as mãos sobre o altar, eleva-as um pouco quando diz « Elevai os corações. » Junta as mãos diante do peito, e inclina a cabeça quando diz « Rendamos graças ao Senhor. » Depois, separa as mãos e as mantém separadas até o fim do *Prefácio*. Fim do este, torna a unir as mãos, e inclinado diz: — « Santo, etc. »

S. Por todos os séculos dos séculos.

R. Amen.

S. O Senhor seja convosco.

R. E com o teu espírito.

S. Elevai os corações.

R. Nós os temos elevados para o Senhor.

S. Rendamos graças ao Senhor nosso Deus.

R. Isto é justo e digno.

S. Verdadeiramente é digno, etc.

Estendendo, elevando, e unindo as mãos, levantando os olhos para o céu e logo os abaixando, profundamente inclinado para o altar, com as mãos postas sobre este, diz: — « Nós te suplicamos, pois, etc. »

Comemoração dos vivos.

— « Lembra-te, Senhor, dos teus famulos, etc. »



Comunhão e memória dos Santos. — « Participando a uma mesma comunhão, etc. »

Tendo as mãos estendidas sobre as oferendas, dis : — « Nós te pedimos, pois, Senhor, que recebas, etc. »

« Nós te pedimos, Deus, que faças em tudo esta oblação, etc. » (Persigna tres vezes as oferendas.)

Ditas as palavras da consagração, logo, genuflecto, adóra a óstia consagrada; ergue-se, móstra-a ao povo,* repõe-n-a sobre o Corporal, adóra-a outra vés, e não separa os polegares e os índices sinão quando tem de pegar na óstia, até a ablução dos dedos,

Então, descobrindo o cálice, dis : — « Do mesmo modo, etc. »

Proferidas as palavras da consagração, depozita o cálice sobre o Corporal, dizendo em vós baixa : — « Todas as vezes que fizédes isto, o fazeis em memória de mim. » Genuflecta, adóra, ergue-se, móstra-o ao povo,** depõe-n-o, cobre-o, adóra-o de novo. Depois, com as mãos separadas, dis : — « Eis porque, Senhor, etc. »

Profundamente inclinado, com as mãos juntas e póstas sobre o altar, dis : — « Nós te rogamos, etc. »

* Ésta é a cerimônia atribuída ao grande Hildebrando. — R. T. M.

** Idem.

Comemoração dos defuntos. — « Lembra-te também, Senhor, etc. »

Junta as mãos, ora algum tempo por aqueles defuntos por quem tenciona; depois, com as mãos estendidas, prosegue: — « Nós te deprecamos, Senhor, etc. »

Com a mão direita bate nos peitos, dizendo com a vós um pouco elevada: — « E a nós também pecadores, etc. »

« Por quem, Senhor, creias sempre todos esses bens (persigna tres vezes sobre a óstia e o cálice juntamente, dizendo): santificas, † vivificas †, abençocas †, e no-las das. »

Descobre o cálice, genuflexa, toma o Sacramento na mão direita, tendo o cálice na esquerda, persigna com a óstia tres vezes do lábio ao lábio do cálice, dizendo: — « Pelo mesmo †, e com o mesmo †, e no mesmo †, (persigna duas vezes entre o cálice e o peito), ó para ti, Deus Padre † onipotente, e na unidade do Espírito † Santo (elevando um pouco o cálice com a óstia, dis) toda honra e glória. » *

Repõe a óstia, cobre o cálice, ajoelha, ergue-se, e dis,

* Ésta é a única elevação que havia até a grande elevação attribuída a Hildebrando. — R. T. M.

cantando ou lendo: — « Por todos os séculos dos séculos. »

R. « Amen. »

S. « Oremus : Instruídos pelos preceitos salutareis, e conduzidos pela instituição divina, ousamos dizer com confiança : Padre nosso, etc. »

Monoteísmo islâmico.

O *Padre nosso*, pelo seu caráter *monoteico sem referência alguma à trindade e demais dogmas católicos*, pôde caracterizar o monoteísmo islâmico. O fato de tal oração ser atribuída a Jesus não impede esta assimilação, porque Maomé aceitou a continuidade com o Mozaísmo e o Cristianismo. Dante idealizou essa oração. *

* O eminente fundador da Igreja de Londres, R. Congreve, adaptou essa idealização ao Positivismo. Cremos mesmo que ele podia ter mantido o texto quasi integral. Com efeito, eis aqui as estrofes de Dante (*Purg.* XI), com as únicas alterações que um sentido positivo nos parece exigir:

*Ente Supremo che ne' cieli stai,
Nou circoscritto, ma per puro amore
Che ai primi effetti di lassu tu hai, (1)
Laudato sia il tuo nome e il tuo valore
Da ogni creatura, com' è degno
Di render grazie al tuo dolce vapore. (2)
Vegna ver noi la pace del tuo regno,
Che noi ad essa non potem da noi,
S'ella non vien, con tutto il nostro ingegno.
Come del suo voler gli angeli tuoi (3)
Fan sacrificio a te cantando Osanna,
Così facciano gll'nomini glè' suoi. (4)
Da oggi a noi la cotidiana manua,
Senza la qual la Terra è aspro deserto
E a retro va chi più di gir s'affanna.
E come noi lo mal che avem sofferto
Perdoniamo a ciascuno, e tu perdona,
Benigno, e non guardare al nostro merto.
Nostra virtù che di leggier s'adona,
Non spermentar con l'antico avversaro, (5)
Ma libera da lui, che si la sprona.*

(1) A Humanidade está, não circunscrita, mas por seu puro amor, em tudo que Ela tem criado, e, portanto, nos Céus, isto é, no Espaço, que constitua sua primeira instituição abstrata, e onde se achão os primeiros efeitos do seu gênio teórico: as concepções teológicas. (2) Gênio da Humanidade.

(3) Os anjos, no Positivismo, são, de um modo geral, as diversas personalidades da Humanidade, que incessantemente vêão sobre nós, e especialmente, para cada crente, sua Mãe, sua Esposa, e sua Filha.

(4) Religiosamente apreciadas, as mulheres, isto é os nósos principais anjos, são entes intermediários entre a Humanidade e os homens. (*Política Positiva*, II, pg. 63.)

(5) No sentido positivo, o antigo adversário é o egoísmo.

Depois, toma a patena entre o índice e o médio, e diz: — « Livra-nos, Senhor, de males passados, presentes e futuros, nós te suplicamos, e pela intercessão da bem-aventurada Maria, Mãe de Deus, sempre virgem, dos vossos bem-aventurados Apóstolos Pedro, Paulo e André (perigna-se com a patena da fronte ao peito), e todos os santos, dá-nos, por um efeito da tua bondade, a pás, etc. »

Surto especial do *culto de Maria* prezidindo o dos Santos.

Divisão do mundo romano entre o Catolicismo e o Islamismo

Mete a patena por baixo da óstia, descobre o cálice, genuflecta, ergue-se, toma a óstia, parte-a sobre o cálice, pelo meio, dizendo: — « Pelo mesmo Senhor nosso, Jezus-Cristo teu Filho. »

Põe sobre a patena a parte que está na mão direita.

Nem todos os ritos se pres-tam tão bem a essa interpretação. No rito mozárabe, por exemplo, a fracção da óstia fás-se por modo que a não comportaria tão espontaneamente. Eis como Pascal descreve tal cerimônia:

« Durante o símbolo, o celebrante parte a óstia em duas partes. Divide a primeira em cinco parcelas, que são chamadas a Inearnation, a Natividade, a Ceneizão, a Aparição ou Transfiguração, e a Paixão. A segunda é dividida em quatro partes; designadas pelos nomes Morte, Ressurreição, Glória, e Reino. » (Pascal, *Dicionário da Liturgia*, artigo *Missa*.)

Depois, da parte que fica na mão esquerda, toma uma partícula, dizendo: — « Que sendo Deus, contigo vive e reina na unidade do Espírito-Santo. »

Divisão do Ocidente entre o Catolicismo e o Protestantismo

Põe sobre a patena a parte que fica na mão esquerda, e tendo na mão direita a partícula sobre o cálice, e sustentando este com a mão esquerda, dis: — « Por todos os séculos dos séculos. »

Quêda do mistério eucarístico

R. « Amen. »

Resistência feminina

para salvar da revolução as conquistas morais da idade-média.

Com a mesma partícula persigna tres vezes sobre o cálice, dizendo: — « A pás do Senhor seja sempre convosco. »

R. « E com o teu espírito. »

Deixa cair a partícula no cálice, dizendo: — « Que essa mistura, etc. »

Monoteísmo metafísico

(Revolução desta)

Cobre o cálice, ajoelha, ergue-se, e inclinado para o Sacramento, com as mãos juntas, batendo tres vezes no peito, dis: — « Cordeiro de Deus, etc. »

Depois, com as mãos juntas sobre o altar, dis, inclinado, as seguintes orações:

« Senhor Jesus-Cristo, etc. »

Depois, beija o altar, e dis: — « A pás seja contigo. »

R. « E com o teu espírito. »

« Senhor Jesus-Cristo, etc. »

« Senhor Jesus-Cristo, que a recepção do teu corpo que, apesar de indigno, me propouho a tomar, etc. »

Genufléxa, ergue-se, e dis:

— « Tomarei o pão celéste, e invocarei o nome do Senhor. »

Depois, um pouco inclinado, toma ambas as partes da óstia entre o polegar e o índice da mão esquerda, e a patena entre o mesmo índice e o médio, e batendo com a mão direita no peito, elevando algum tanto a vós, dis três vezes, devôta e humildemente:—« Senhor, não sou digno, etc. »

Depois, persignando-se com a mão direita, com a óstia sobre a patena, dis:—« Que o corpo de Jezus-Cristo, etc. »

Toma reverentemente ambas as partes da óstia, junta as mãos, permanece algum tempo na meditação do Santíssimo Sacramento. Depois, descobre o cálice, genufléxa, reúne os fragmentos que existírem, limpa a patena sobre o cálice, dizendo nesse interim:—« ¿ Como retribuiria?, etc. »

Toma o cálice na mão direita, e persignando-se com ele, dis:—« O sangue do nosso Senhor, etc. »

Toma todo o sangue com a partícula. Depois dis:—« Faze, Senhor, etc. »

Nesse interim, apresenta o cálice ao ministro, o qual derrama aí um pouco de vinho, com que se purifica;

Grande crize

Destruição dos símbolos que representam o mistério eucarístico. Permanência da imagem da Virgem que representa a Humanidade.

EFUZÃO GERAL

depois proségue: — « O teu corpo, Senhor, etc. »

Lava os dedos, enxuga-os, toma a ablução, enxuga a boca e o cálice, que cõbre, e dobrado o corporal, colóca-o no altar como dantes, e depois proségue a missa.

Comúrio (Lucas, 10): — « Maria escolheu para si a parte ótima, que não lhe será tomada por toda a eternidade. »

S. « O Senhor seja convosco. »

R. « E com o teu espírito. »

S. « Oremus. »

Post-comúrio. — « Coparticipantes da meza celéste, imploramos a tua clemência, Senhor nõsso Deus, afim de que nós, que celebramos a Assunção da Mãe de Deus, sejamos libertados, pela intercessão d'ela, de todos os males iminentes. Pelo mesmo nõsso Senhor. »

S. « O Senhor seja convosco. »

R. « E com o teu espírito. »

S. « Ide, a missa está dita. »

O sacerdote inclina-se no meio do altar, e com as mãos póstas sobre este, dis: — « Seja-te grata, Santa Trindade, etc. »

Depois, beija o altar, e elevando os olhos, unindo as mãos, e inclinando a cabeça para a cruz, dis: — « Abençoe-vos o Deus onipotente. » E voltando-se para o povo,

EFUZÃO ESPECIAL

CONCLUZÃO

abençoando uma só vez, mesmo nas missas solenes, prossegue: — « Padre e Filho, e Espírito-Santo. »

R. « Amen. »

Na missa pontifical, abençoa tres vezes.

Depois, do lado do Evangelho, dito « Dominus vobiscum. »

R. « E com o teu espírito. »

S. « Começo do Evangelho segundo João. »

R. « Glória a ti, Senhor. »

Persignando o altar, ou o livro, e a si, como acinia no Evangelho da missa, lê o Evangelho segundo João: — « No princípio era o Verbo, etc. »

O que precede mostra como, assistindo uma Missa, segundo o ritual romano, qualquer positivista pôde abstrair da significação que lhe atribuem os católicos, para ver em tal cerimônia um *programa* da oração pública na Religião da Humanidade. Mas, para compreender o verdadeiro alcance de semelhante programa, convém recordar a apreciação do nosso Mestre, a esse respeito, na carta que, a 20 de Dante de 66 (4 de Agosto de 1854), dirigiu ao seu discípulo Henry Edger. Este lhe havia escrito, a 6 de Dante do mesmo ano (21 de Julho de 1854), o seguinte:

« Tenho ousado pensar que, ao menos aqui, onde a revolta metafísica e o sentimento anti-histórico são mais para temer-se do que qualquer retrogradação possível para o obscurantismo e a superstição, a missa católica podia ser utilizada para servir ao fim do culto positivista, como em outros lugares os templos católicos sofrerão uma transformação análoga. Eu o desejaria especialmente por cauza da música, a única música verdadeiramente religiosa que eu aliás conheço, ou ao menos a milhór, como a mais

aproveitável. As línguas mortas em que o ritual é calcado parece que ajudariam a essa metamorfose. Tenho pensado que, sem nenhuma desnaturação forçada das palavras, se poderia dar-lhes uma verdadeira interpretação positiva, que poderia fazê-las servir ao nosso fim, pelo menos no presente, admiravelmente. » *

Quando o nosso Mestre respondeu a esta carta, havia quatro dias que Ele terminara o IV tomo da *Política*, cuja publicação esperava dentro de tres semanas. Nessa resposta, Ele dizia:

« A vossa indicação sobre o culto católico acaba de provar-me que estais plenamente desprendido dos preconceitos irreligiosos ou metafísicos. Mas não penso que o vosso meio compôrte tal tentativa, por falta das erenças correspondentes. *Não é pela missa que o culto católico pôde PREPARAR para a adoração positiva. A TRANZIÇÃO fás-se milhór mediante a Virgem, que fornece às almas espanhólas, assim como às italianas, uma idealização espontânea da Humanidade, mediante a apoteóze da Mulher.* Seria, creio eu, possível instituir, sobretudo em italiano, com uma música apropriada, um verdadeiro officio positivista da Virgem, que seria muitíssimo útil para preparar o culto final. Todavia, tal transformação cõvem milhór à América do Sul do que à do Norte. Creio, pois, que esse projéto fás muita honra à vossa alma, mas que ele abortaria no vosso presente meio. »

As palavras que precedem não interdizem evidentemente uma utilização *qualquer* do cerimonial da Missa, na instituição da liturgia positiva. Tais ponderações apenas patentêiao que seria indispensável proceder de fôrma que o Officio da Humanidade caracterizasse a filiação diréta do Positivismo para com o culto da Virgem-Mãe, e não para com a adoração do Redentor.

Este módo de entender é corroborado pelas seguintes reflexões. A incorporação, na liturgia positivista, de tudo quanto for possível das práticas católicas, tem a inestimável vantagem de pôr-nos milhór em comunhão com os nossos mais caros predecessores. De fato, serão assim mantidas essencialmente *as grandes e suaves cerimónias* cuja recordação enlevava Clotilde, mesmo depois que Ela perdera

* Devemos o conhecimento desta carta inédita à obsequiosidade do nosso concidadão Sr. Léon Simon. — R. T. M.

a fé da sua infância e da sua adolescência. As nossas próprias emoções tornão-se por essa forma mais enérgicas e mais doces, graças à lembrança de que as mesmas práticas encantarão, e ainda hoje encantão, os corações mais térios.

Mas, para realizar essa incorporação, não bastaria uma cópia estreita, modificando as préces e as cerimônias da Missa, por uma supressão das iluminuras teológicas. Porque o conjunto da solenidade evocaria então de preferência, sobretudo aos que não fôsem positivistas, a celebração da Eucaristia, em vés de lembrar o culto da Virgem. Resultaria daí que as pessoas de origem católica que assistissem o Offício positivista tenderião a assimilar a Humanidade ao mito do Redentor, e não ao tipo da Deusa medieval. O exame que acabamos de fazer não teve, por isso, em mira indicar *exatamente* o modo de operar-se a *incorporação do ceremonial católico* no isto positivista. O seu fim foi tornar patente que, *à imitação do sacerdote médio*, devemos manter ou restaurar as diversas cerimônias fetichistas, politeístas, e católicas, adequadas à concretização das várias fazes das nossas celebrações sociolátricas. Mas é claro que essas cerimônias têm de ser desenvolvidas segundo uma mais completa inspiração histórica, e coordenadas, conforme a indole da Religião universal, mediante uma liturgia que faça prevalecer a imagem feminina. O regimen católico-feudal ficará aí naturalmente assinalado, não só nos séculos em que prevaleceu a Virgem, mas também na fase inaugural caracterizada pela Eucaristia. Isto será, porém, um detalhe absorvido pela solenidade, inteiramente dominada aliás pela figura da Mulher, representante espontâneo da Humanidade.

Por outro lado, o mesmo exame patenteia que a utilização dos antecedentes católicos concerne principalmente à *Comemoração geral*. Eles não fornecem aliás elementos sinão para a idealização da fase da evolução da Humanidade anterior à Grande Crize. A nutrição sendo em si mesma um ato profundamente egoísta, cremos que seria pouco compatível com a Religião da Humanidade manter qualquer lembrança explícita dele em uma celebração sociolátrica. Pensamos por isso que, apesar da extrema atenuação a que a evolução católica reduziu a comunhão, tal cerimônia está destinada a desaparecer. Os *agapes*



serão reservados, como já se aêhã, para as festas domésticas ou cívicas. A faze estrema da transição moderna e a inauguração do estado normal, pela construção da Religião final, requerem pois a instituição de um simbolismo novo, que dêve ser haurido nos epizódios relativos a tal periodo.

São esses os principais ensinios que a meditação da liturgia católica nos parêce fornecer para a instituição de um Officio da Humanidade. Oxalã tivéssemos a ventura de ver a propaganda da Religião final assás avançada para se resumir em um esboço sociolátrico dêssa natureza. Seja como for, eumpre reconhecer que, enquanto o preenchimento de similhante lacuna não estívêr assás esboçado, a concorrência entre o Positivismo e o Catholicismo não pôde assumir carâter decizivo, por não ser accessível à massa popular, e especialmente ao sexo feminino. Subzistirá, a' é então, uma neecessidade religiôza capital, que o Catholicismo satisfâs, embôra imperfeitamente, e a que os nòssos esforços apostólicos apenas atêndem em grau muitíssimo inferior. Urge, pois, que nos habilitemos a reparar similhante disparidade, collocando o nòsso culto público em condições de patentear, às almas femininas e proletárias, a superioridade que, sobre todos os cultos teológicos, o nòsso culto íntimo e o nòsso culto doméstico já tornarão irrecuzável. A primeira condição, porem, do culto sendo a existência dos sentimentos que ele é destinado a desenvolver, os nòssos vòtos são que este opúsculo contribua para afervorar o zelo dos positivistas no sentido de uma apossimação cada vês maior do tipo prescrito pela nòssa Religião e realizado pelos nòssos santissimos Pais-Espirituais.





